P. IRAN CORRÊA, S. D. B.

do Instituto Paulista de História e Arte Religiosa, da Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras, do Instituto Teológico Pio XI.

BIOGRAFIAS DOS PAPAS

(Guardiães Vigilantes dos Textos Sagrados através dos Séculos)

VOLUME XVII

Contendo os retratos e as biografias de todos os Romanos Pontífices, desde a fundação da Igreja até aos dias atuais.

EDITÔRA DAS AMÉRICAS
Rua General Osório, 90 — Tel. 34-6701
Caixa Postal, 4468
São Paulo

Visto pela Congregação Salesiana
São Paulo, 6 de Janeiro de 1952
P. Antônio Charbel S.D.B.

NIHIL OBSTAT

São Paulo, 11 de Fevereiro de 1952
P. Bonifatius Virg. Perd. C.P.
Censor

IMPRIMATUR

São Paulo, 11 de Fevereiro de 1952
† Paulo, Bispo Auxiliar

A

DOM BOSCO

QUE NOS LEGOU

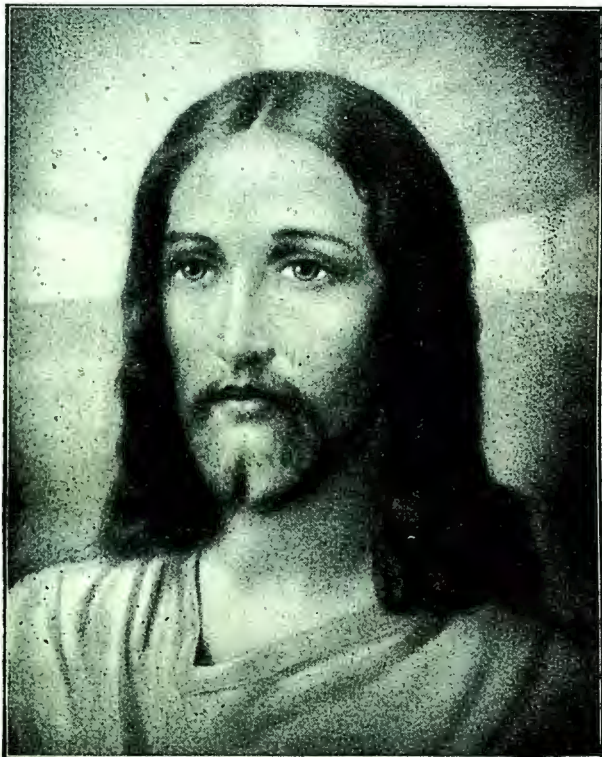
COM SEUS EXEMPLOS E PALAVRAS

ARDOROSA DEDICAÇÃO

AO ROMANO PONTÍFICE, —

FILIALMENTE

DEDICA

O AUTOR.

NOSSO SENHOR JESUS CRISTO

"Ide, pois, e ensinai a tôdas as gentes: batizando-as em nome do Padre, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a observar tôdas as coisas que vos tenho mandado, e estai certos que eu estou convosco, todos os dias, até à consumação dos séculos".

(Mt 28, 19-20)

INTRODUÇÃO

A vida da Igreja Católica, Apostólica, Romana, é inegàvelmente um esplêndido livro complementar do Novo Testamento.

A grandeza divina de seus ensinamentos, as árduas pelejas gloriosamente sustentadas e galhardamente vencidas; o sangue dos mártires em que se tingiu de púrpura na defesa, infalível, da Verdade; a mensagem divina de Justiça, de Salvação e de Paz, que ela vem firme e carinhosamente pregando, perpetuam-na assim como a Boa-Nova — um Evangelho vivo e imortal.

Bem o prometera o Filho de Deus: "E eis que eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos" (Mt 28, 20).

* * *

E a História da Igreja compendia-se na História dos Papas, — sua estrutura mestra.

É justo, pois, que, lidas as Escrituras Sagradas, se abram as páginas admiráveis (as históricas, não as romanceadas) da Vida dos Papas; e a convicção que para logo se apodera de nós é a de que, em verdade, os Papas "são os guardiães vigilantes da Bíblia Sagrada".

Daí o título dêste volume.

* * *

Longe de nós a pretensão de haver escrito uma história eclesiástica, desde que se nos deparem trabalhos monumentais nesse ramo do estudo. Nem sabemos como se poderia classificar êste nosso trabalho.

Nosso desejo é apresentar um resumo, modesto embora, dos fatos principais da vida dos sucessores de S. Pedro.

A basílica de S. Paulo *extra muros*, em Roma — uma das mais belas igrejas do mundo — ostenta, hierática, uma coleção de vistosos medalhões de fino mosaico.

Essa obra de arte representa, na medida do possível, as figuras, reais ou idealizadas, de todos os pontífices romanos.

Propusemo-nos, pois, como um amável "*cicerone*", a acompanhar o leitor destas páginas, diante dêsses medalhões, ilustrando as datas e os acontecimentos de maior relêvo do pontificado dêsses bispos de Roma.

Procuramos, dentro do exíguo espaço concedido, escrever com sincera limpidez e serena objetividade. Apoiamo-nos em autores habituados ao trabalho paciente e severo da indagação histórica, pois pode freqüentemente o historiógrafo correr o grave risco de usurpar o direito divino de julgar os mortos.

Fugimos assim das apologias fáceis e dos exageros, que reprovamos no espírito sectário, porque anti-histórico.

Usamos linguagem muito simples, acessível a todos — a exemplo das palavras do Divino Mestre.

Não se maravilhe em irrefletida surprêsa o leitor incauto, ao deparar deficiências humanas na pessoa de algum pontífice. No sólio romano assentaram-se 263 governantes, dos quais oitenta são canonizados e sete beatificados — fato que não se verifica em outro qualquer trono da terra. Muitos pontífices houve, virtuosíssimos, embora não elevados aos al-

tares. Se, pois, se encontram, esparsos, embora raros, resquícios de fragilidade humana, lembremo-nos de que alguma vez Jesus dormiu na barca de Simão durante a tempestade, Pedro negou três vêzes o Senhor, Cristo na cruz teve dilacerado o seu Corpo, enquanto sua divindade permanecia inatingível.

Na Igreja, acima dos defeitos humanos, pairam brilhantes e divinos os ensinamentos de Nosso Senhor. Êstes, pontífice algum jamais os falseou.

* * *

Aponta-se comumente o número de 263 como o total dos papas. Omitimos alguns pontífices, que, em louváveis e científicos trabalhos modernos, são considerados antipapas. Deixamos algum outro, que poucos dias sobreviveu à eleição.

* * *

Nosso agradecimento ao Sr. Savério Fittipaldi e filhos — da Editôra das Américas — de quem partiu a iniciativa da publicação dêste volume.

* * *

Abençoe a Virgem Santíssima Auxiliadora estas páginas: possam elas tornar mais conhecido e amado o sucessor de S. Pedro, o Vigário de Jesus Cristo na terra, o Santo Padre, o Papa.

S. Paulo — Natal de 1951.

29 de junho — SÃO PEDRO (42-67) — Apóstolo

São Pedro era um pobre pescador da Galiléia. Chamava-se Simão. Filho de Jonas, da tribo de Neftali, nasceu em Betsaida, às margens do rio Jordão, junto ao lago de Genesaré. Ignora-se a data de seu nascimento. Tinha família, e uma vez Jesus curou-lhe a sogra. Seu irmão André era discípulo de João Batista, mas, ao ver Jesus, correu logo a chamar o irmão, a quem o Salvador trocou o nome de Simão em Cefas, que significa *Pedra.* (Jo 1, 36-42).

Ao depois, foi-se confirmando o primado de Pedro, que, em muitas ocasiões, será por Jesus distinguido dos demais apóstolos.

Assim, é da barca de Pedro que Jesus evangeliza a multidão no litoral. É a Pedro que Êle dá ordem de lançar a rêde para a pesca milagrosa. É a Pedro que Êle sustém sôbre as ondas. A Pedro dirigiu Êle estas frases divinamente majestosas: "Tu és Pedro, e sôbre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas (poderes) do Inferno não prevalecerão contra ela. E dar-te-ei as chaves dos Céus, e o que ligares sôbre a terra será ligado também nos Céus, e o que desligares sôbre a terra será desligado também nos Céus". (Mt 16, 13-19). A Pedro foi confiada pelo Mestre a missão de apascentar os cordeiros e as ovelhas (Jo 21, 15-17) e a missão de confirmar seus irmãos na fé. (Lc 22, 31.32). Sòmente Simão Pedro teve prerrogativas especiais, pessoais.

Pelo que, o Príncipe do Apóstolos, logo depois da ascensão do Senhor, principia a exercer em tudo a sua autoridade suprema. Ainda no Cenáculo, levanta-se e faz a primeira alocução pontifical à assembléia, para a nomeação de S. Matias ao pôsto do Iscariotes. No dia memorável de Pentecostes, êle, por primeiro, fala à multidão, convertendo milhares de pessoas. Indo com João ao templo, cura um

aleijado, opera conversões inúmeras. Prêso, defende com assombrosa coragem o nome de Cristo e a Igreja nascente. Lança a pena de excomunhão contra o primeiro heresiarca, Simão Mago. Uma visão celeste leva-o a atravessar as fronteiras, até então intransponíveis, do Judaísmo, acolhendo os "Gentios", indo de Jafa a Cesaréia para batizar a família do centurião Cornélio. Prêso por Herodes, "tôda a Igreja reza sem interrupção por êle" e um anjo o livra. São Paulo, convertido, procura-o. (Gal 1, 18). É São Pedro quem, por primeiro, fala no 1.º Concílio em Jerusalém... Sempre e por todos, êle é considerado e em tudo se conduz como chefe supremo da Igreja.

Residiu sete anos em Antioquia. A tradição diz que S. Pedro governou a Cristandade, em Roma, por 25 anos, desde o ano 42. Na então capital do mundo pagão, o humilde pescador da Galiléia converteu ingente número de almas, ganhando os corações com sua bondade e alicerçando a brilhante Igreja de Roma, já tão célebre em sua vida, como o atesta Paulo em sua Ep. aos Romanos.

Há muitas piedosas recordações de S. Pedro em Roma: Sua prisão, com S. Paulo, no cárcere Mamertino; a Capela da Separação, onde os dois Apóstolos se despediram para o martírio; a milagrosa fonte em que batizara seus carcereiros S. Processo e S. Martiniano etc....

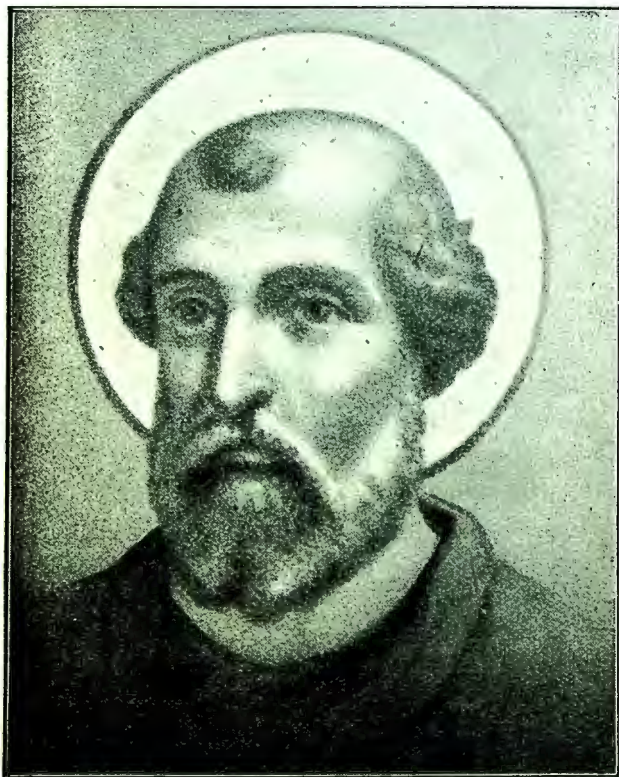
Mais conhecida a igreja do *Quo Vadis.* Contam que, a instâncias dos cristãos, Pedro fugia de Roma, quando lhe apareceu Jesus. À pergunta do discípulo: *Quo vadis, Domine?* (aonde vais, Senhor?) o Mestre respondeu: "Morrer com minhas ovelhas". Pedro compreendeu, voltou e sofreu o martírio na perseguição feroz de Nero, o qual, segundo diz o pagão Tácito, injustamente responsabilizara os cristãos pelo

colossal incêndio de Roma (que durou nove dias) e os tratou com espantosa crueldade.

S. Pedro e S. Paulo foram martirizados aos 29 de junho do ano 67. O convertido Saulo, por ser cidadão romano, foi decapitado. S. Pedro, condenado à cruz, rogou que o crucificassem de cabeça para baixo, por se julgar indigno de morrer da mesma forma que seu Mestre, a quem negara um dia... Foi sepultado no monte Vaticano, e seu sepulcro obteve, desde os primeiros séculos, grande veneração — sancionada pelo imperador Constantino Magno, que ali erigiu magnífica basílica.

A glória dêsse sepulcro aumentou de século em século, porque a primazia de Pedro passou a seus sucessores, visto como Jesus Cristo prometeu ficar com a sua Igreja até a consumação dos séculos, visto como os sucessores de Pedro exerceram a mesma autoridade, visto como, a êste respeito, a tradição tem sido sempre unânime e universal. Pelo que a Igreja de Roma foi constantemente, e continua a ser, chamada a Cátedra de Pedro, a Sé Apóstolica, a Cabeça da Igreja universal.

O bispo de Roma é pois o Sumo Pontífice, o Papa (pai), o legítimo sucessor de Simão Pedro, o chefe visível de tôda a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Na Idade Média, após ter salvo das trevas dos Bárbaros a civilização cristã — indiscutìvelmente a melhor civilização — a Roma de Pedro tornou-se o centro da História da Humanidade. Ainda hoje, sôbre o túmulo do Príncipe dos Apóstolos, a imensa cúpula de Miguelângelo encerra, na maior igreja do mundo, vinte séculos de fé invicta, de lutas pelo Bem e de vitórias para Deus. "Tu es Petrus...".

23 de setembro — SÃO LINO (67-76) — Mártir

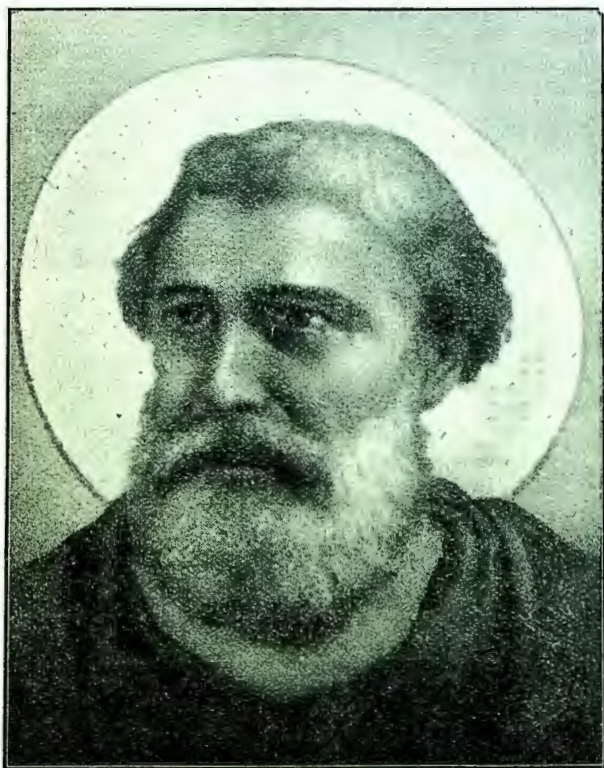
Não possuímos dados cronológicos exatos dos primeiros sucessores de S. Pedro, devido à pequenez inicial da Igreja e às perseguições dos pagãos. Os historiógrafos baseiam-se num antigo catálogo dos tempos do papa Eleutério, do ano 175.

São Lino nasceu em Volterra, na Etrúria. Assistiu às calamidades políticas que acompanharam as quedas ignóbeis dos imperadores Nero, Galba, Oto e Vitélio; viu ascender a "imperator" o grande Vespasiano, mas ecoaram em sua alma as dolorosas notícias de uma das maiores tragédias da Humanidade: a destruição de Jerusalém, predita por Jesus.

Defensor da sã doutrina, impugnou as artes de feitiçaria com que Simão Mago tentara adulterar a pregação apostólica. Prescreveu que as mulheres entrassem na igreja com a cabeça coberta. Em duas ordenações criou 15 bispos e 18 sacerdotes, transmitindo assim aquêles poderes sobrenaturais, recebidos de J. Cristo, por meio dos Apóstolos, para a conservação ininterrupta do sacerdócio "até a consumação dos séculos". Encontramos assim, já no 1.º século, o bispo (episcopus), os sacerdotes (presbíteros) seu auxiliares, aos quais se acresciam os diáconos, encarregados da mesa eucarística, dos ágapes, do cuidado dos pobres e da administração geral. Consta que Lino, como bispo pregara na França, e, como Papa, acrescentou ao Cânon da Missa a parte "comunicantes", instituiu o pálio e compôs as Atas de S. Pedro. Morreu mártir, decapitado por ordem do cônsul Saturnino, cuja filha entretanto curara. Sepultado provàvelmente no Vaticano, junto ao circo de Nero.

Escritores antigos, S. Irineu, S. Epifânio, S. Agostinho, atestam-nos que Lino foi o imediato sucessor de Pedro.

Sua festa celebra-se a 23 de setembro.

13 de julho — S. ANACLETO (77-88) — Mártir

13 de julho — *S. ANACLETO* (77-88) — Mártir

S. Anacleto era grego, ateniense. Por abreviação de seu nome, alguns autores julgaram haver outro papa com o nome de Cleto. Governou a Igreja por onze anos. Aproveitou os tempos de relativa paz concedida aos cristãos nos reinados de Vespasiano e de seu filho Tito. Êste, apesar de haver destruído Jerusalém e levado cativos os Judeus, foi um imperador brando, recebendo dos Romanos o título de "delícias do gênero humano".

Organizou então S. Anacleto, com mais tranquilidade, a Igreja, que crescia ràpidamente. Ordenou 25 sacerdotes em Roma, estatuiu que os clérigos fôssem iniciados nas ordens sagradas pùblicamente e pelo próprio bispo. Parece ter sido êle quem determinou serem necessários três bispos para conferir-se a sagração episcopal, e quem mandou se iniciassem as cartas pontifícias com a saudação: *Salutem et Apostolicam benedictionem.* Sancionou a veneração dos cristãos ao túmulo de São Pedro e crê-se ter sido êle mesmo quem fêz erigir um edifício sôbre a augusta sepultura.

Durante o pontificado de Anacleto caiu sôbre a Italia a inesquecível catástrofe da erupção do Vesúvio, que sepultou sob cinzas e lavas as cidades de Pompéia, Herculanum e Estábia.

S. Anacleto coroou sua vida com o martírio. Embora se contem por dez as perseguições aos cristãos, devemos lembrar que êles nunca tiveram completa paz. Repugnava aos costumes pagãos essa nova religião, tão diversa das demais, baseada no espírito de renúncia. Por isso acusavam os sequazes de Cristo de serem "inimigos da humanidade". Ademais, os imperadores queriam ser considerados como "deuses" — *dominus ac deus noster* — como exigia Domiciano, irmão e sucessor de Tito, e que desencadeou a 2.ª perseguição oficial, no ano 94, em Roma e nas províncias.

23 de novembro — S. CLEMENTE (89-98) — Mártir

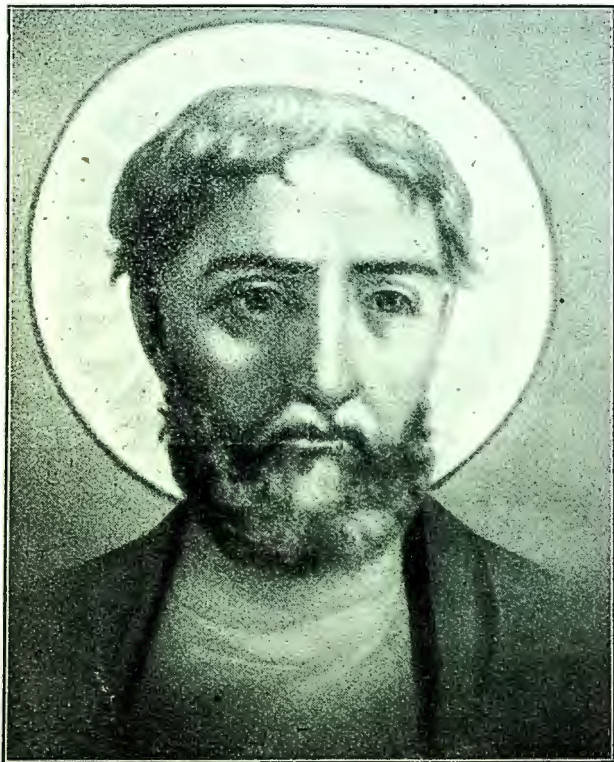
23 de novembro — *S. CLEMENTE* (89-98) — Mártir

O *Liber Pontificalis* diz ter Clemente nascido em Roma, mas uma tradição, corroborada por seus escritos, assegura que êle, jovem ainda, fôra convertido por S. Pedro em Cesaréia da Palestina. De grande erudição, escreveu muito e bem. Conhecida sua carta aos cristãos de Corinto, onde alguns neo-convertidos pretendiam introduzir inovações. A questão, é notável assinalar-se, foi levada espontâneamente à deliberação do pontífice de Roma, — ao sucessor de Pedro, e não às outras Sés apostólicas, nem mesmo à do apóstolo S. João Evangelista, ainda vivo e que chefiava as Igrejas da Ásia, vizinhas da Grécia! O Pontífice Romano fala com uma autoridade naturalmente reconhecida como emanada da sucessão legítima e ininterrupta de Pedro e de Cristo.

Neste pontificado ocorreu a 2.ª perseguição, sendo imperador Domiciano. Os cristãos haviam recusado pagar um leve imposto ao templo de Júpiter (a que estavam sujeitos os judeus). S. João Evangelista, já muito idoso, foi atirado a uma caldeira de óleo fervendo. Saiu ileso. Deportado para a ilha de Patmos, lá escreveu o seu terrífico Apocalipse.

Atestado da pujança da nova fé: — Domiciano condenou até parentes seus, entre os quais seu primo Tito Flávio Clemente (martirizado em 96) com a espôsa Flávia Domitila! S. Clemente escapou a essa perseguição, mas no princípio do reinado de Trajano foi desterrado para a Criméia, condenado ao trabalho nas minas. Tendo convertido muitos daqueles escravos, contam, foi atirado ao mar com uma âncora amarrada ao pescoço; o mar, porém, afastou-se e apareceu o corpo num pequeno oratório. Suas relíquias teriam sido trazidas, no século X, por S. Metódio.

S. Clemente é festejado em 23 de novembro.

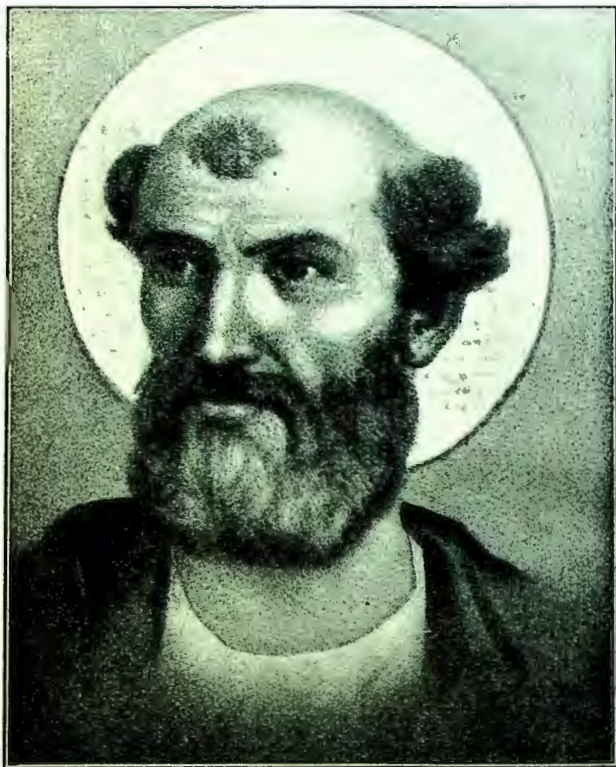
26 de outubro — S. EVARISTO (98-105) — Mártir

26 de outubro — S. *EVARISTO* (98-105) — Mártir

Filho de um judeu de Belém, nasceu S. Evaristo em Antioquia; era, pois, siríaco de nacionalidade. De seu pontificado temos notícias por meio de S. Irineu e de S. Epifânio. "Em três ordenações, havidas no mês de dezembro, criou 17 sacerdotes, 9 diáconos e 15 bispos, destinados a diferentes igrejas", é o que nos relata o *Liber Pontificalis.*

Atribui-se-lhe também a divisão de Roma em "títulos" ou paróquias com presbíteros incumbidos de seu cuidado (talvez o princípio da futura nomeação de cardeais-presbíteros). Também ordenou que sete diáconos acompanhassem o bispo, quando fôsse pregar, para realçarem a majestade de seu ministério e anotarem suas palavras e ordens.

Não há certeza de que S. Evaristo haja sido martirizadc porque a perseguição de Trajano teve início após o ano d 105. Entretanto sabemos que êsse imperador, que tivera outrora por companheiro de generalato (cônsul) o mártir senador M. Acílio Glabrione, assim que ascendeu ao poder, emanou leis contra as *eterias* (sociedades proibidas), atingindo os cristãos.

Desde os tempos de Nero, todo cristão prêso era logo morto pelo furor popular. Trajano abrandou um pouco essas leis, exigindo que os cristãos fôssem julgados, sendo condenados à morte apenas os que se recusassem a sacrificar aos deuses ou às estátuas imperiais. Punia, porém, os delatores falsos que, valendo-se da lei, queriam apossar-se de parte dos bens dos cristãos.

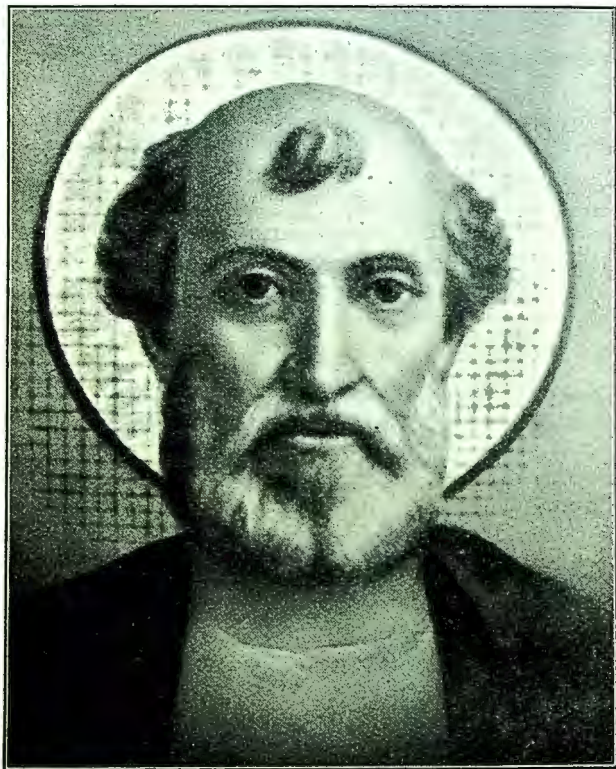
Durante o pontificado de Evaristo, cêrca do ano 104, faleceu em Éfeso São João Evangelista, o mais jovem dos Apóstolos, o único que permanecera junto à Cruz no Calvário, filho adotivo de Maria, relíquia sagrada a pregar a caridade de Cristo. — Festa de S. Evaristo: 26 de outubro.

3 de maio — S. ALEXANDRE I (106-115) — Mártir

S. Irineu e Eusébio de Cesaréia asseguram-nos que Alexandre foi o quinto sucessor de Pedro. Era romano e se lhe atribuem um acréscimo ao Cânon da Missa e o uso de conservar em casa a água benta com sal, para a aspersão.

Foi decapitado ao tempo de Trajano (98-117). Há freqüente confusão dêste papa com outro S. Alexandre, sepultado na Via Nomentana com os santos Evêncio e Teódulo. Freqüentes essas confusões de nomes, datas e locais, numa época em que os cristãos sofriam feroz perseguição, não tanto por parte dos imperadores, ocupados em guerras nas fronteiras, mas por parte do povo pagão, imensa maioria exacerbada pelo insopitável expandir-se do cristianismo. Pelo ano 112 Trajano escrevia a Plínio, governador da Bitínia:

"Não se devem procurar (os cristãos), mas se forem acusados e convictos, devem ser punidos. Se renegarem sua fé, sacrificando aos deuses (ídolos), sejam postos em liberdade. Não se aceitem denúncias anônimas". A carta de Plínio indica ter havido bom número de mártires: "interroguei-os até três vêzes se eram cristãos, ameaçando-os com o suplício, e como não o negassem, mandei-os executar". Indica também a vitalidade da Igreja de então, pois, embora acoimando a nova religião de "superstição prava e deforme", "havendo alguns semelhantes a dementes", afirma serem os cristãos numerosíssimos, sólidos na sua fé em Cristo, a quem cantavam hinos pela manhã, e que, em seus ensinamentos, proibiam o furto, o adultério e o perjúrio.

Sabemos hoje que a velha pretensão política da "divindade do Tirano" — um homem substituindo-se a Deus — foi o móvel principal das perseguições.

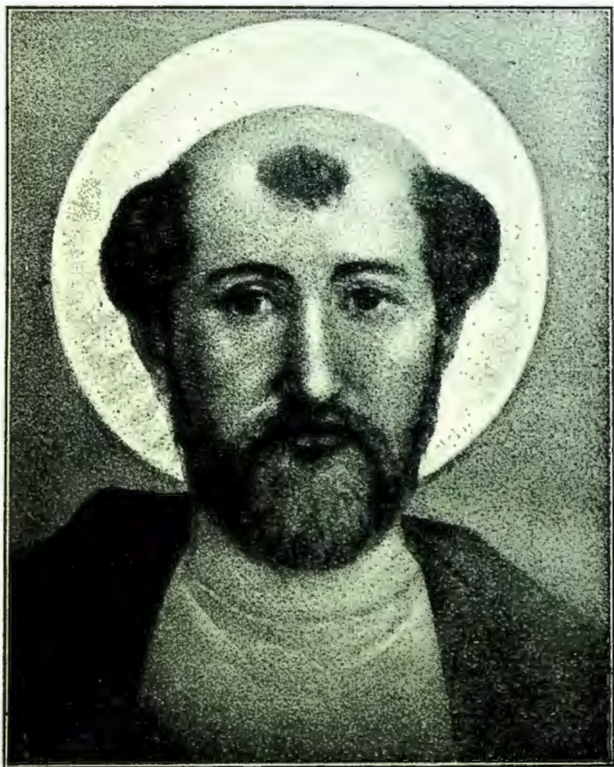
3 de abril — S. SISTO I (116-125) — Mártir

3 de abril — *S. SISTO I* (116-125) — Mártir

Da família romana de Pastor, S. Sisto I regeu a Igreja por dez anos. Morreu mártir. Sepultado na igreja de Alatri. Celebra-se sua festa aos 6 de abril.

O Martirológio apresenta-o supliciado sob Antonino Pio, mas vários autores afirmam ter êle morrido ao tempo de Adriano.

Reservou exclusivamente aos ministros do altar o poder de tocar nos vasos sagrados, embora persistisse por largo tempo, devido às perseguições, o uso de leigos transportarem até a S. Eucaristia.

São atribuídos a S. Sisto I o acréscimo do triságio *Sanctus, Sanctus, Sanctus* durante a Missa e a ordem de que os bispos não poderiam ser recebidos no lugar de sua jurisdição, senão com as cartas da S. Sé em saudação ao povo. Estas determinações, que nos indicam a já antiga preeminência de Roma na liturgia e na hierarquia, são, porém, anteriores a Sisto.

O primeiro ano de seu govêrno foi açoitado pela perseguição de Trajano. Triunfaram, então, gloriosamente pelo martírio muitos cristãos, notando-se S. Inácio de Antioquia e S. Simão de Jerusalém. O primeiro foi um dos principais discípulos dos Apóstolos, notadamente de S. João. Sagrado bispo de Antioquia pelo próprio S. Pedro, sucedeu-lhe após S. Evódio. Adotou o nome de Teóforo, "o que leva Deus". Floresceu tanto sua igreja, que parece ter tido aí início o nome de "cristãos" (que entre si se chamavam "santos"), notados por seu grande número. Prêso, enviado a Roma onde os cristãos o receberam em triunfo, foi condenado às feras: "Sou o trigo do Senhor, moído pelos dentes dos leões", exclamou o santo velho. Muito idoso também, S. Simão de Jerusalém, filho de Cléofas, parente de Jesus, foi pregado à cruz, por ordem do governador Ático.

5 de janeiro — S. TELÉSFORO (126-136) — Mártir

Telésforo era grego. Governou num período de paz oficial, ou seja, quando não estavam em vigor éditos de perseguição governativa. Os imperadores Adriano e Antonino foram condescendentes com os cristãos. O primeiro enviou até, um decreto ao procônsul Minúcio, da Ásia, proibindo aos juízes procederem contra os cristãos, levados apenas pelo sentimento hostil do povo. A Adriano, homem culto, foi enviada por Quadrato a primeira apologia do Cristianismo.

Os pagãos, porém, tumultuavam com freqüência, quer pela aversão às leis puras de Cristo, quer pelos boatos de "crimes monstruosos", a que a vida recolhida e misteriosa dos cristãos dava alguma consistência, quer também pela ganância de se apossarem dos bens dos acusados.

Com seus templos vazios, suas festas deslustradas, explodiam em furor os pagãos a qualquer pretexto, máxime nas calamidades públicas, responsabilizando os discípulos de Cristo pelas iras dos deuses. E o sanguinário grito: "*Christiani ad leonem*" (os cristãos às feras) iniciava a matança cruel nos anfiteatros, nas ruas, nas casas...

A S. Telésforo atribuem-se, errôneamente por serem anteriores ou posteriores, vários decretos: a) sôbre o jejum sete semanas antes da Páscoa, pois o jejum da quaresma é de origem apostólica; b) proibindo a celebração de missas depois das 3 horas da tarde, hora da morte do Senhor; c) ordenando o canto do *Glória* na missa, em parte ou todo; d) sôbre as três missas celebradas no Natal, porque só depois do ano 350 é que se encontram referências ao dia 25 de dezembro como natal de N. Senhor. É considerado, entretanto, como o instituidor da missa de meia-noite, a popular "Missa do Galo".

S. Telésforo morreu mártir e foi sepultado junto ao túmulo de S. Pedro. Sua festa celebra-se em 5 de janeiro.

11 de janeiro — S. HIGINO (137-140) — Mártir

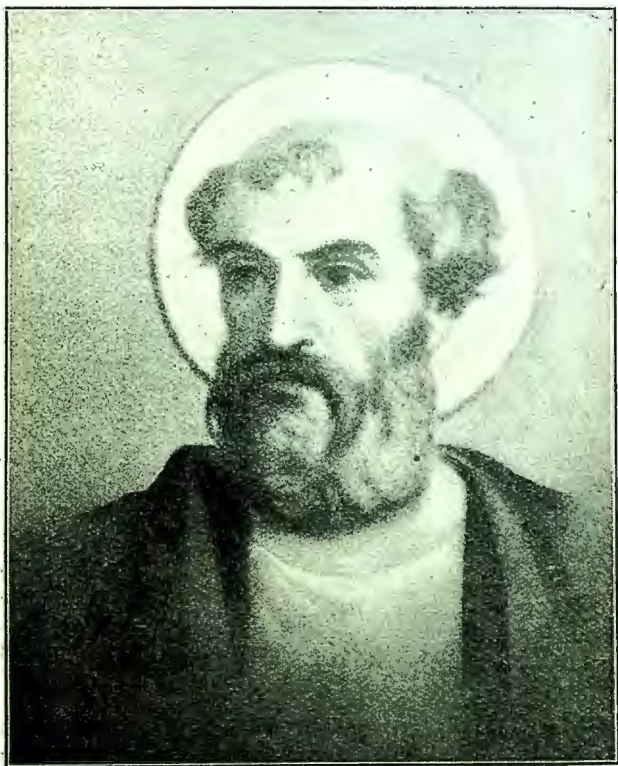
Tem o Senhor cumprido sua promessa de conservar e defender sua Igreja, suscitando homens oportunos nas diversas provações. Um dêstes foi Higino, filho de um filósofo pagão de Atenas. Embora reduzida pelas armas à condição de escrava da onipotente Roma, era a Grécia o centro da civilização antiga. Seus filhos foram os mestres de seus senhores. O grego era a língua corrente e em grego foram escritas muitas páginas do Novo Testamento.

S. Higino governou menos de 4 anos. Enviou 7 bispos a diversas regiões. Muito sofreu em seu pontificado, por causa das perseguições e das heresias, que já se manifestavam, a turvar com princípios errados e com discussões teológicas a caridade e a paz características dos primeiros cristãos.

Higino, portanto, condenou as doutrinas de Márcion, de Cérdon e de outros heresiarcas. Contou com o válido auxílio de S. Justino, filósofo brilhante de seu século, pagão convertido que terminou seus dias mártir de Cristo.

O santo pontífice dedicou-se também à determinação mais precisa dos graus da hierarquia. Já se achava esta constituída desde os tempos dos Apóstolos e por regulamentações sucessivas, mas a perseguição de Trajano havia trazido confusão. Talvez o papa tenha estabelecido as Ordens Menores, das quais não se tem notícia até então.

O nosso Santo estabeleceu também o costume de haver padrinho e madrinha no batismo; ordenou que se não erigissem templos sem ordem expressa do bispo e proibiu o uso profano de tudo o que servisse ao culto divino.

O Martirológio recorda o martírio dêste santo no dia 11 de janeiro, mas ficou desconhecido o gênero de sua morte.

11 de julho — SÃO PIO I (141-155) — Mártir

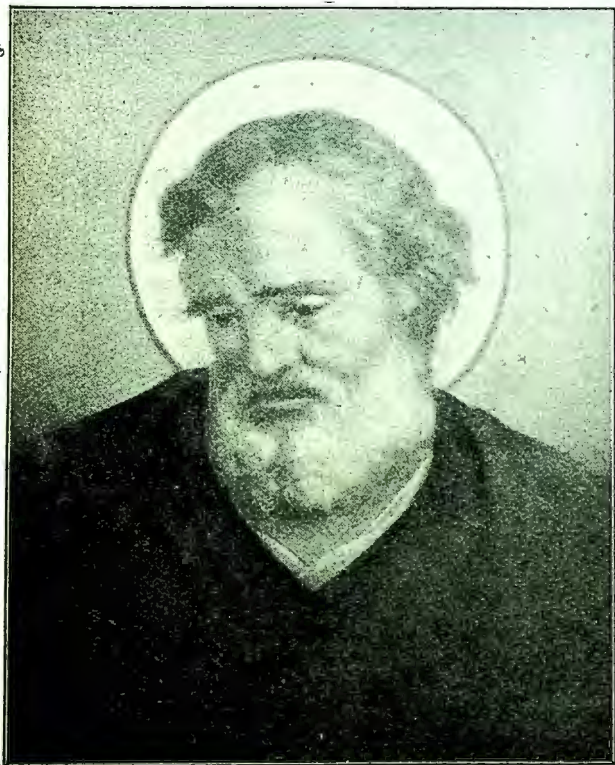
Com três dias de preces e jejuns pediram os fiéis de Roma, a Deus, que os iluminasse na escolha do novo pontífice. Foi eleito Pio, filho de Rufino, nascido em Aquiléia, norte da Itália. Houve então para a Igreja uma época de paz e os cristãos trouxeram à luz do sol a sua vida religiosa, desfazendo as calúnias de "mistérios tenebrosos" e ganhando os homens de boa vontade.

Como, porém, a Igreja, à imitação de Cristo, tem sempre perseguidores, apareceram as questões religiosas. Pio decretou que se aceitassem e se batizassem os judeus convertidos. Êstes, porém, relutavam em comemorar a Páscoa na data dos cristãos. Esta festa lembrava o livramento dos hebreus de seu cativeiro outrora no Egito. *Páscoa* significa passagem, recordando a passagem do anjo exterminador que castigara os egípcios e a passagem libertadora dos hebreus através do Mar Vermelho a pé enxuto: símbolos da passagem salvadora de Cristo, o Divino Cordeiro. Desde os tempos apostólicos celebravam os cristãos a Páscoa no domingo, em memória da ressurreição do Senhor. S. Pio generalizou a tradição apostólica.

Surgiram também os heresiarcas Valentim e, de novo, Márcion. O primeiro, inteligente e grande orador, pretendia "reformar" a Igreja; o segundo, ostentando humildade, pregava os êrros de Cérdon. Encontrando-se com S. Policarpo, que viera de Roma, inquiriu-o se o não conhecia, pois já se julgava bastante famoso. Recebeu a resposta dura e franca do velho batalhador:

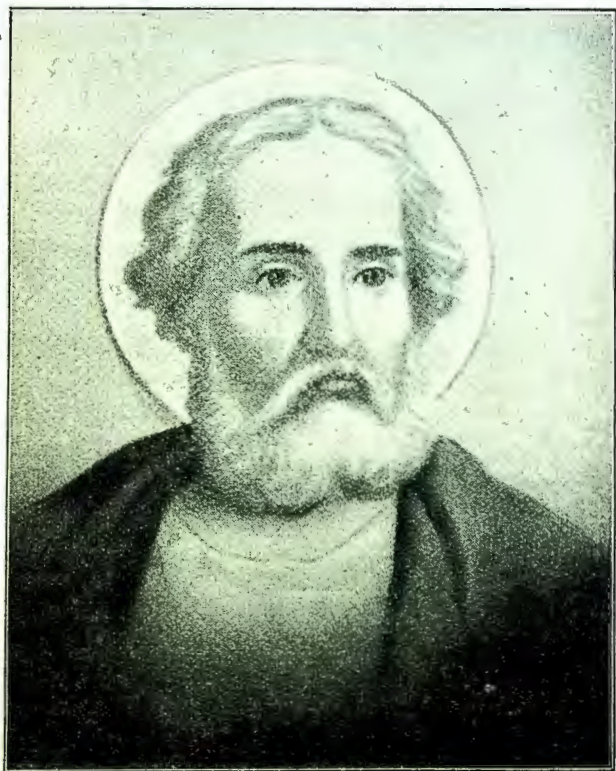
"Sim, eu te reconheço, primogênito do diabo".

S. Pio foi irmão do célebre Hermas, que escreveu o "Pastor" — obra das mais notáveis dos primeiros Padres. — Do martírio de S. Pio não falam os autores antigos. A Igreja celebra-o aos 11 de julho.

17 de abril — S. ANICETO (156-166) — Mártir

17 de abril — *S. ANICETO* (156-166) — Mártir

S. Aniceto, festejado em 17 de abril, nasceu na Síria, morreu mártir e foi sepultado no cemitério de S. Calisto nas Catacumbas. Proibiu ao clero cultivar o cabelo; não se trata aqui da tonsura, ou "coroa clerical", de uso mais antigo, mas sim da recomendação de se evitar o cuidado profano e vaidoso, recomendação já feita pelo Apóstolo. — Em seu tempo, S. Policarpo, bispo de Esmirna (Ásia Menor) veio a Roma, para tratar da questão de se fixar o dia da Páscoa. A visita de Policarpo e suas deferências para com Aniceto são índices da comunhão das Igrejas e da necessidade de se recorrer ao Bispo de Roma, mesmo em questões disciplinares. Veio também o escritor grego Hegesipo, talvez um judeu convertido, em visita às Igrejas do Ocidente. E' autor de cinco livros de comentários desde a Paixão de Cristo até seu tempo. Pena que se haja perdido obra tão preciosa; restam alguns fragmentos nos escritos de Eusébio. Por êle sabemos da sucessão Aniceto-Sotero-Eleutério e de sua fé na tradição apostólica como critério de catolicidade.

A Igreja de Aniceto atraiu muitos homens sequiosos de verdade. Justino, o filósofo, cansado das teorias estóicas, peripatéticas e pitagóricas, insatisfeito com o platonismo, abriu sua alma ao evangelho de Cristo, a Quem defendeu com seus escritos, fundou uma escola de filosofia cristã e encerrou gloriosamente sua vida no martírio. — Em 1604 o duque de Altaemps dedicou a S. Aniceto uma linda capela, com êste elogio: "Se a perfeita inteligência da Escritura, se a inocência e santidade de vida, se a glória do martírio, bastam, cada uma de per si, para a imortalidade, o que devemos pensar do mérito de S. Aniceto, que possuiu todos êsses dons?"

22 de abril — S. SOTERO (167-174) — Mártir

22 de abril — *S. SOTERO* (167-174) — Mártir

O pontificado de Sotero coincide com o govêrno de Marco Aurélio, o "imperador filósofo", sob o qual foram cruelmente perseguidos os Cristãos. Não só Roma fôi o teatro em que triunfou a paciência dos fiéis: todo o mundo conhecido foi testemunha e admirador de sua fé e coragem. Uns, enterrados vivos; outros, definhando em horrorosos calabouços, presos aos grilhões; outros, queimados; outros despedaçados pelas feras... Datam de então os gloriosos martírios de S. Felicidade, de S. Justino, de S. Policarpo, de milhares de fiéis. — De uma carta de S. Dionísio, bispo de Corinto, apreciamos a grande caridade de Sotero para com os perseguidos, seus cuidados paternais em época tão difícil.

Também êle foi martirizado. Sepultado no Vaticano, foi seu corpo mais tarde transportado para S. Calisto e finalmente para a igreja dos SS. Silvestre e Martinho.

Seu pontificado teve a doçura da caridade e a firmeza da fé. Opôs-se com vigor aos herejes montanistas. Coibindo um abuso que, por influência herética, ia-se introduzindo nas comunidades, proibiu que as mulheres tocassem nos vasos e ornamentos sagrados e que oferecessem incenso durante as cerimônias.

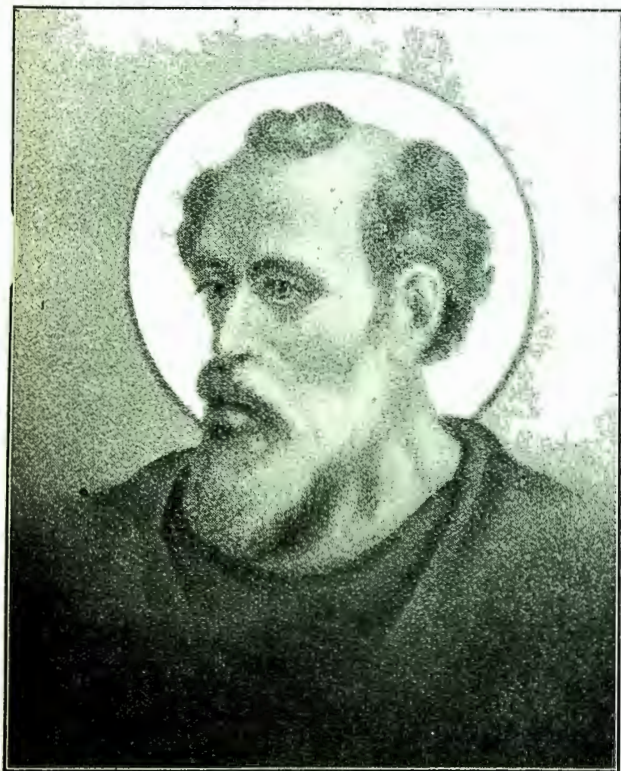
Suas cartas às demais Igrejas, eram guardadas e lidas com veneração, como atesta Eusébio ao se referir à resposta de Dionísio de Corinto: "faremos da mesma forma como ainda fazemos com a carta de Clemente (lida ainda após 70 anos) e assim nos aprovisionaremos com abundância de melhores ensinamentos". Roma instruia e confortava, e as outras Igrejas floresciam à sua sombra materna. — Festa de S. Sotero: 22 de abril.

26 de maio — S. ELEUTÉRIO (175-189) — Mártir

26 de maio — *S. ELEUTÉRIO* (175-189) — Mártir

Nascido em Nicópolis do Epiro (Grécia) E. Eleutério teve um pontificado pacífico no início. O imperador Cômodo, filho de Marco Aurélio, ficou célebre por suas extravagâncias que raiaram pela loucura; entretanto, odiado pela alta classe dominante, foi benigno para com os Cristãos, perseguidos e, em sua maioria, de condição humilde. Contam que Eleutério recebeu cartas de Lúcio, rei de uma parte da Bretanha, pedindo sacerdotes que o instruissem na fé cristã. Seria êsse o primeiro chefe bárbaro europeu a se converter ao Cristianismo. Não se pode, porém, provar històricamente essa conversão.

Êste papa resolveu a questão, de origem judaica, sôbre a distinção entre alimentos puros e impuros. (Certos alimentos, por ex. a carne de porco, não são usados pelos judeus até hoje). Prende-se esta questão às normas erradas de Montano. Êste herege pregava em Pepúcia (Frígia, Ásia Menor) um rigorismo exagerado, um novo reino milenário de Deus, e as "revelações" de duas mulheres como o "novíssimo testamento". Além disso os montanistas idealizavam um desapêgo completo, que consistia num jejum quase contínuo, na proibição total das artes, dos espetáculos, das festas, em restrições proibitivas do matrimônio, na necessidade do martírio para se conseguir o Céu etc... Nessa ocasião os fiéis de Lião (França) enviaram S. Irineu a Roma para tratar do assunto com o Papa.

Vemos, nesta questão de fé, que, dos pontos opostos do mundo então conhecido, a Cristandade recorre a Roma, ao Sucessor de Pedro. — Eleutério estabeleceu as normas mais antigas que se conhecem das festas da Páscoa. — Provável mártir, sua festa celebra-se em 26 de maio.

28 de julho — S. VÍTOR I (189-199) — Mártir

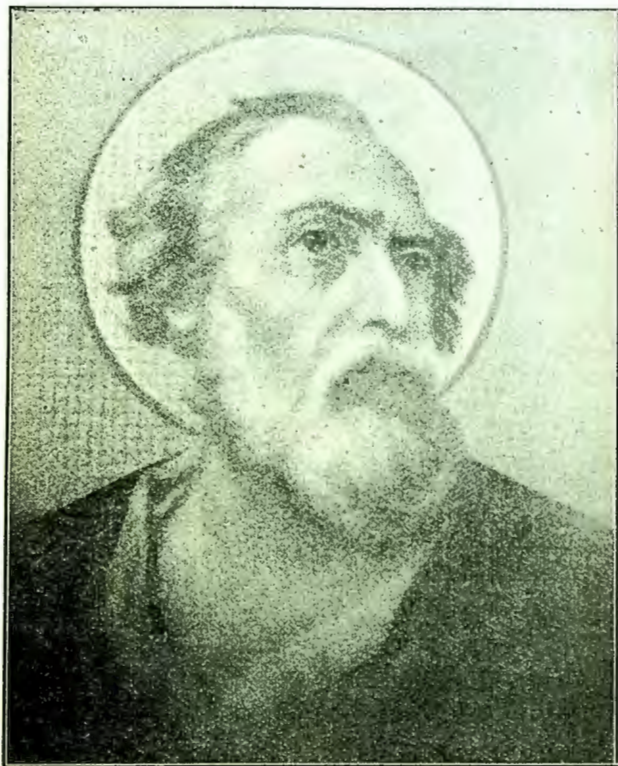
Vítor I, nascido na África, filho de Félix. É algo incerta a cronologia dêste papa. Alguns, segundo o historiador Eusébio, fazem-no reinar até o ano 202. Teria morrido mártir na 5.ª perseguição, que foi movida nesse ano pelo imperador Setímio Severo, ou então pouco antes, em uma sublevação de pagãos.

Declarou que água comum, de fonte, de poço, de chuva, do mar etc... pode, no caso de necessidade, servir para a administração do batismo. Isto prova que já era costume, em tempo de paz, usar-se a água benta com as cerimônias que usa a Igreja para a bênção das pias batismais.

Sob S. Vítor a questão da data pascoal, de novo agitada, deu mais brilho à supremacia do Bispo de Roma.

A Igreja conservara do ritual judaico o uso de se consagrarem a Deus vários dias de festas. O sábado (a festa semanal judaica) foi cedo substituído pelo *domingo* em memória do dia da Ressurreição do Senhor. As festas hebraicas cairam em desuso, menos Pentecostes e Páscoa. Por esta é que se estabelecia todo o calendário judaico-cristão. Na Ásia era a Páscoa celebrada no 14.º dia do plenilúnio de março. Em Roma pretendia-se que a festa fôsse sempre num domingo. Os Orientais e sobretudo a metrópole de Éfeso, com seu velho e enérgico bispo Polícrates aferrado às tradições dos antigos judaizantes, obstinavam-se na conservação do seu costume.

O Papa, examinando a opinião das demais Igrejas, fixou a Páscoa para o domingo seguinte ao 13.º dia do plenilúnio de março. Mais tarde, 130 anos depois, o memorável Concílio de Nicéia (325) deu plena razão a S. Vítor.

26 de agôsto — S. ZEFIRINO (199-217) — Mártir

26 de agôsto — *S. ZEFIRINO* (199-217) — Mártir

Após a morte de S. Vítor, levaram os fiéis de Roma onze dias na escolha de seu sucessor. Era grande a responsabilidade do futuro papa, porque negras nuvens de nova perseguição se adensavam sôbre a igreja de Deus. Nessa angustiosa expectativa recorreram à oração. Deus ouviu suas preces. Foi eleito Zefirino, romano de origem.

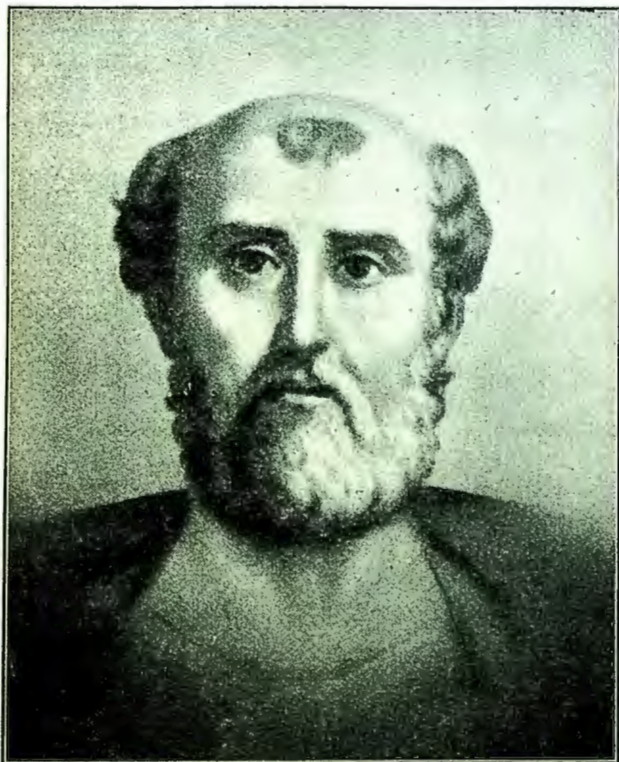
Decretou, entre outras coisas, o uso de patenas de vidro e que se consagrasse o Precioso Sangue em vasos de cristal, e não de madeira, como o faziam algumas comunidades pela extrema pobreza dos cristãos. Nomeou seu auxiliar a Ânzio Calisto, que foi depois papa. Encarregou-o de ampliar o cemitério de Via Ápia, onde se encontravam os túmulos de ilustres mártires como S. Pretextato e S. Domitila, parente do imperador Domiciano. Êste célebre cemitério, até hoje conhecido sob o nome de S. Calisto, tornou-se ilustre por sua extensão e por possuir local distinto para os sumos pontífices.

O imperador Severo, no décimo ano de seu govêrno, desencadeou furiosa perseguição (a 5.ª) aos Cristãos.

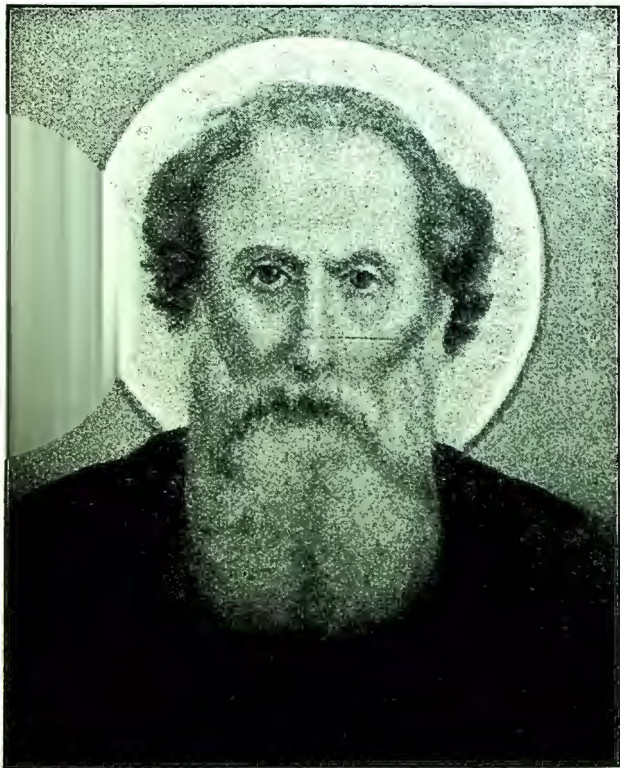
S. Zefirino foi heróico na confiança em Deus e no confortar os fiéis. "O sangue dos mártires é semente de novos cristãos" (*Semen est sanguis Christianorum*), exclamava Tertuliano, numa afirmativa inabalável até a consumação dos séculos.

Restituída a paz, morto Severo (Todos os perseguidores passam...) Zefirino empenhou-se em livrar a Igreja da heresia montanista, que reprovava ao Papa o perdão aos relapsos arrependidos... Veio a Roma o grande Orígenes, o fenômeno intelectual de seu século.

Não se sabe ao certo se Zefirino foi martirizado; sua festa é celebrada em 26 de agôsto e seu túmulo está junto ao de S. Tarcísio.

14 de outubro — S. CALISTO I (217-222) — Mártir

14 de outubro — *S. CALISTO I* (217-222) — Mártir

Filho de Domício, de antiga família romana, S. Calisto sucedeu a Zefirino. Por razões que desconhecemos teve por adversário Hipólito, autor dos "Philosophúmena", o qual atribuiu a Calisto doutrinas heréticas e até a condição humilhante de ter sido escravo na mocidade. Acusou-o, como também ao Papa Zefirino, de haver sido indulgente com os apóstatas arrependidos, de haver concedido o matrimônio aos clérigos de ordens menores. Hipólito, instigado pelo rigorismo montanista da época, chegou a declarar-se eleito "para reformar a Igreja", sendo assim talvez o primeiro antipapa. S. Calisto aumentou consideràvelmente o cemitério de seu nome e regulou o jejum das têmporas, estabelecendo-o em dia de sábado, três vezes ao ano em recordação do trigo, do vinho e do azeite, dons de Deus, tão celebrados desde o Antigo Testamento. Procurou tornar a legislação eclesiástica de todo independente da legislação romana, esforçou-se para minorar os sofrimentos dos escravos etc... Seu pontificado gozou de paz quase completa: era imperador Heliogábalo (218-222), o mais depravado dos césares romanos, que nem tempo tinha para pensar nos cristãos. Sucedeu-lhe Alexandre Severo (222-235) tão sensato e benigno, que se pensa quisesse fazer-se cristão. Sua mãe, Mamea, manteve correspondência instrutiva com Orígenes. Entretanto, durante uma tempestade em Roma, ausente Alexandre, dois raios incendiaram o Capitólio e o templo de Júpiter. Os pagãos atiraram-se às comunidades cristãs, culpando-as "pelas iras dos deuses". S. Calisto morreu atirado a um poço, que foi enchido de pedras. Nesse local foi construída a igreja de S. Maria em Trastéveres, ainda existente.

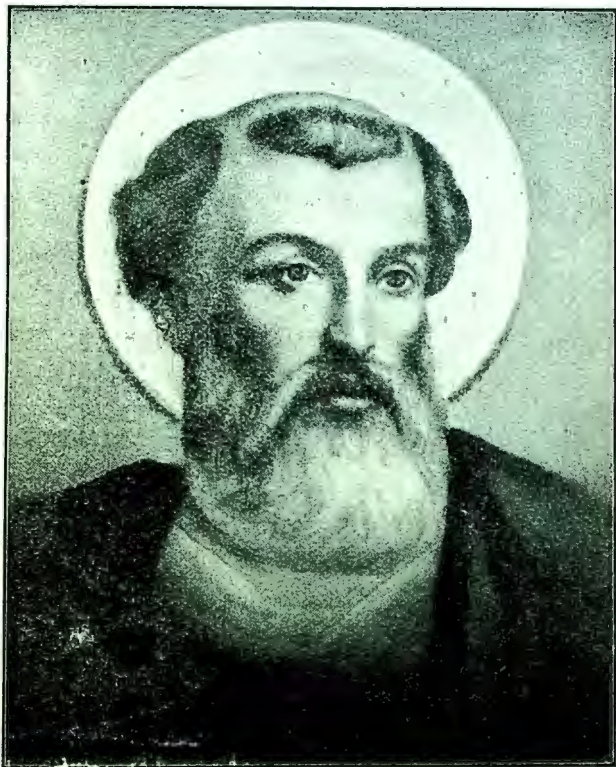
25 de maio — S. URBANO I (222-230) — Mártir

25 de maio — *S. URBANO I* (222-230) — Mártir

Santo Urbano nasceu em Roma e sucedeu a Calisto na Sé de Pedro. Era então imperador Alexandre Severo (222-235) e a Igreja gozava de paz, exteriorizando fora das catacumbas a sua grandeza — o que excitava o ódio dos corrompidos pagãos.

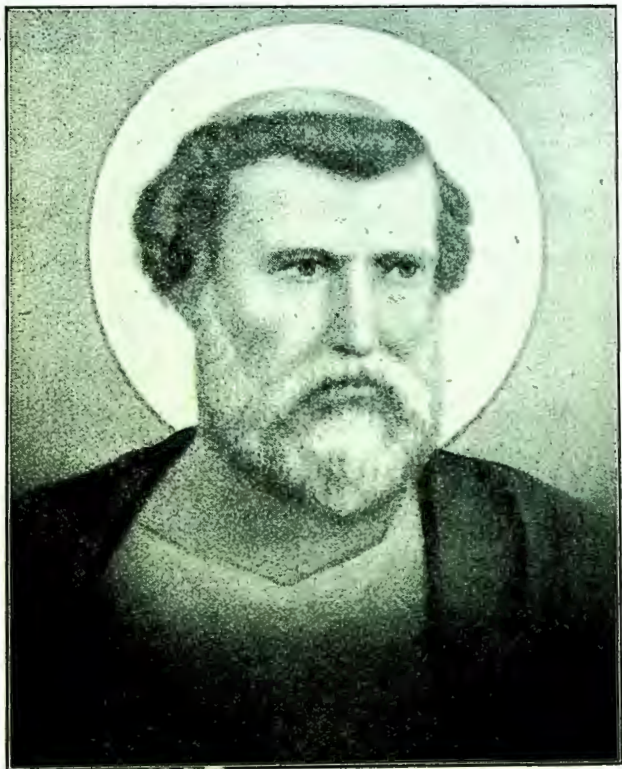
Estabeleceu que os vasos sagrados fôssem de prata e benzeu 25 patenas dêsse metal para as paróquias de Roma. Determinou que as esmolas e os legados ofertados à Igreja fôssem aplicados exclusivamente no sustento dos pobres e do culto divino.

A hagiografia apresenta geralmente como martirizados em seu tempo S. Cecília e companheiros. Entretanto, parece que o bispo Urbano, de que fala o martirológio, não era êste papa, mas, sim, algum homônimo seu, dos tempos de Marco Aurélio ou Cômodo (161-192). Santa Cecília foi primeiramente sepultada no cemitério de Calisto. A proximidade da cripta de Urbano I com o túmulo dessa Santa, fêz nascer a confusão do autor dos "Atos de S. Urbano", do século V.

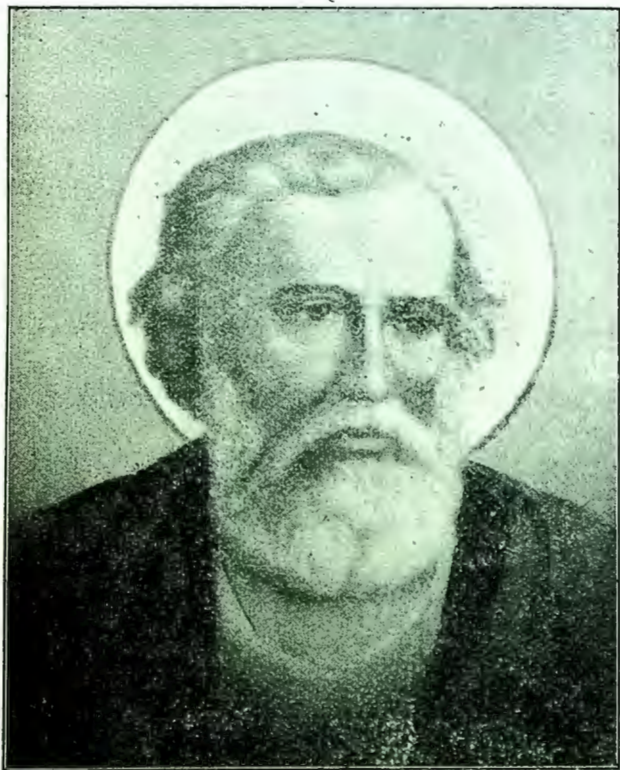
Bem ilustra a generosidade da fé cristã o martírio de S. Cecília. Pertencia ela a família muito nobre de Roma. Prometida em casamento a outro nobre, Valeriano, que era pagão, Cecília converteu o noivo e o irmão dêle, Tibúrcio, que se fizeram batizar pelo bispo Urbano. Fervia então a perseguição. Almáquio, prefeito de Roma, avocou a si o julgamento de personagens tão ilustres. Condenados e mortos os dois irmãos, o prefeito estendeu as mãos cúpidas à fortuna dêles. Cecília, porém, já havia distribuído aos pobres todos os bens de família. Foi então ferida à espada, em seu palácio, permanecendo viva ainda três dias, confortando os cristãos. — S. Urbano, papa, é festejado em 25 de maio.

19 de novembro — S. PONCIANO (230-235) — Mártir

19 de novembro — S. *PONCIANO* (230-235) — Mártir

A S. Urbano I sucedeu Ponciano, filho de Calpúrnio, natural de Roma. Governou a Igreja em paz por vários anos, porque o imperador Alexandre Severo inclinava-se cada vez mais em favor dos cristãos. Quando, porém, Maximino Trácio (235-238) assassinou e substituiu a Alexandre, recrudesceu a perseguição (6.ª). O Cristianismo já se havia fortalecido na sociedade e ao pontífice foi poupada uma morte imediata. S. Ponciano viu-se então desterrado para a Sardenha, condenado aos trabalhos forçados nas minas. Pode-se fazer uma idéia dos tormentos por que passou, na sua avançada idade, agrilhoado num trabalho de escravos broncos, de sol a sol, sob maus tratos de bárbaros feitores pagãos, em companhia dos piores criminosos.

Lá expirou num martírio prolongado. Ainda hoje é recordado seu nome na pequena ilha de Tavolara. — Admiráveis as vias do Senhor! Por essa ocasião, foi prêso também Hipólito, o celebrado autor dos *Philosophúmena,* acérrimo opositor dos papas S. Zefirino e S. Calisto, homem de grande valor intelectual, porém ambicioso, misto de heresia e de sinceridade. Hipólito, que se fizera antipapa, colhido nas malhas da perseguição, foi também enviado às terríveis minas da Sardenha. Lá encontrou-se êle com o papa verdadeiro, reconciliou-se, compartilhou generosamente daquela vida que era a morte lenta.... Também êle, "perseguidor da Igreja" como Saulo, terminou sua vida com a glória do martírio. — Em 238 o papa Fabiano obteve licença do imperador Gordiano e transportou os corpos dêsses mártires para Roma. — S. Ponciano, sepultado no cemitério de Calisto, é festejado em 19 de novembro.

3 de janeiro — S. ANTERO (235-236) — Mártir

Antero era grego de nascimento. Governou muito pouco tempo. O arqueólogo moderno Rossi encontrou seu sepulcro. Conta-se que Antero, movido pelas façanhas gloriosas dos mártires, instituiu notários ou amanuenses, que recolhessem os escritos sôbre os santos martirizados. Neste caso poder-se-ia intitular S. Antero protetor dos bibliotecários, abençoando os árduos trabalhos de pesquisas dos históriógrafos. Muito havia para se recolher. A literatura cristã, a princípio débil e escassa, já sobrepujava a outrora gloriosa literatura pagã. Sábios e ilustrados, tinha-os a Igreja em quantidade, apesar das perseguições. Basta citar a Escola Catequética de Alexandria (Egito), onde se ensinavam a filosofia, a gramática e a retórica, escola onde brilharam, por ex., o ateniense convertido Clemente de Alexandria e seu discípulo Orígenes (185-254). Êste, apelidado "adamantino", teve por pai um santo mártir, S. Leônidas. Em pequenino, quando dormia, seu pai lhe beijava o peito como "habitação do Espírito Santo". Prêso Leônidas em 202, a mãe de Orígenes deveu esconder as roupas do filho, para que êste não fugisse a acompanhar o pai no martírio. Orígenes foi a mente mais privilegiada de seu tempo. Atividade assombrosa. Trabalhava com seis secretários, usando seis textos diversos ao mesmo tempo. São Jerônimo diz que Orígenes escreveu mais que outros possam ler, quase 6.000 rolos. As famílias dos imperadores Alexandre e Felipe Arábico trataram-no com deferência e com êle trocaram cartas sôbre assunto religioso.

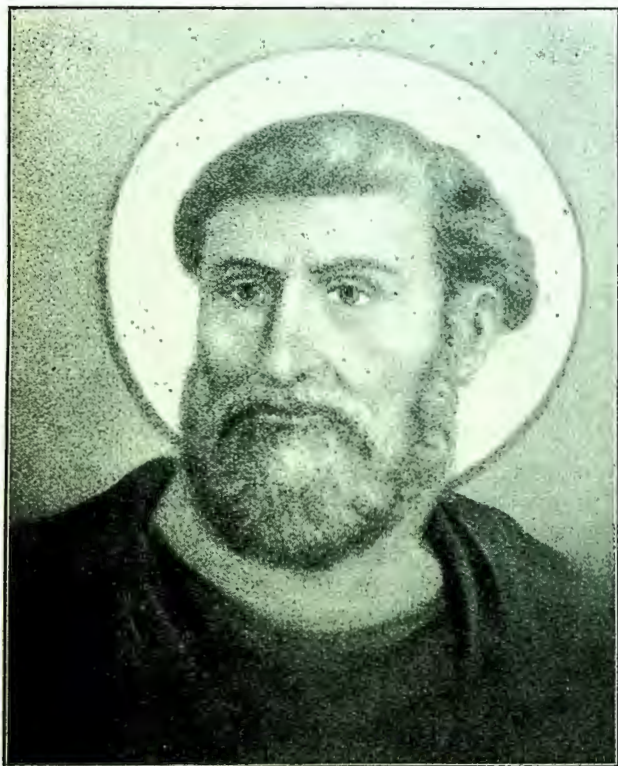
Morreu Orígenes aos 70 anos de idade; sua morte foi causada pelos tormentos sofridos em Tiro pelo nome de Cristo. — S. Antero é festejado em 3 de janeiro.

20 de janeiro — S. FABIANO (236-250) — Mártir

Conta-nos Eusébio que a eleição de Fabiano foi maravilhosa. Voltava êle de fora de Roma, com alguns amigos, quando a assembléia dos Cristãos deliberava sôbre a sucessão do papa S. Antero. Estavam divididos os votos e não se chegava a um acôrdo. Foi quando uma pomba branca, vinda não se sabe de onde, pousou sôbre a cabeça do admirado Fabiano, que mais admirado ainda ficou, quando, por unanimidade, os Cristãos romanos o apontaram como novo pontífice. Foi obrigado a obedecer. Recebeu ordens sagradas e tornou-se sucessor de S. Pedro.

Êste caso explicaria a diversidade de informações sôbre Fabiano: uns dizem-no estrangeiro, outros afirmam que era dè Roma, filho de Fábio.

Governou até à perseguição de Décio (7a.), em que conquistou a palma do martírio e foi sepultado em S. Calisto, onde se lê seu epitáfio.

Aproveitando um tempo de paz, edificara sôbre os cemitérios, fizera nova divisão administrativa de regiões (que durou séculos) e, com sua autoridade, depusera o bispo Privado, da África. A primeira expedição de missionários às Gálias (França e Bélgica) é atribuída a êste papa. Em seu tempo o Império Romano continuou em terríveis convulsões políticas, sucedendo-se, quase sempre pelo assassínio, diversos imperadores: Maximino Trácio, os dois Gordianos, Felipe e Décio. Felipe teria sido, de acôrdo com uma tradição, o primeiro imperador cristão, batizado por Fabiano. Mas sob Décio brilham os santos mártires Ábdon e Sênen, persas, Ágata, Apolônia e outros.

S. Fabiano é festejado em 20 de janeiro, juntamente com S. Sebastião, o qual, porém, foi martirizado mais tarde, em 288 provàvelmente.

16 de setembro — S. CORNÉLIO (251-252) — Mártir

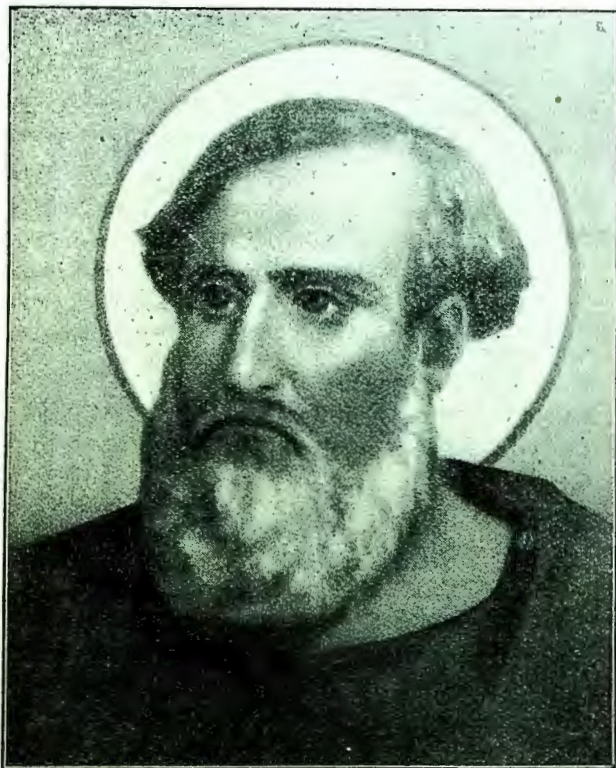
A Sé de Roma vagou 22 meses, por causa da perseguição de Décio. Temos minuciosas informações sôbre Cornélio, sucessor de Fabiano em um livro "Martírio de S. Cornélio", escrito, porém, muito mais tarde.

Melhores notícias encontramos no elogio que lhe fêz S. Cipriano, seu contemporâneo, louvando-lhe as virtudes e o excelente govêrno.

Cornélio foi papa no mais aceso da perseguição e teve ainda de lutar pela unidade da Igreja, ameaçada pelo cisma de Novaciano. Era êste, médico e padre, um inovador que ensinava ser a Igreja composta só de puros (*ói kátaroi*) e que quem houvesse caído em pecado grave depois do batismo jamais poderia ser perdoado e readmitido na comunhão cristã! De modo especial negava o perdão aos "lapsi" — os que na perseguição, por mêdo, haviam renunciado à própria fé, mas que já se arrependiam. Proibia também Novaciano novas núpcias aos que enviuvassem.

Tomado de orgulho pela admiração de seus adeptos, anunciou que havia sido eleito papa, "embora contra sua vontade". Foi, pois, oficialmente, o primeiro antipapa. S. Dionísio de Alexandria, S. Cipriano de Cartago, Luminares da Igreja, defenderam brilhantemente a autoridade de Cornélio. Houve ameaça de cisma por parte de um diácono Felicíssimo, que foi rejeitado com Novaciano num concílio.

Em 252 o novo imperador Gallo, após decretar sacrifícios ao deus Apolo numa epidemia, ordenou a 8.ª perseguição. S. Cipriano escrevia então "à Igreja principal, de Roma, donde emana a unidade sacerdotal". S. Cornélio foi exilado para *Centumcellae*.

É festejado em 16 de setembro. Seu sepulcro foi localizado ùltimamente por arqueólogos.

4 de março — S. LÚCIO I (253-254) — Mártir

Subiu Lúcio ao pontificado em circunstâncias mui difíceis. Êle havia sido desterrado juntamente com São Cornélio e tornou ao exílio, logo depois de elevado ao sólio pontifício.

Conseguiu voltar para junto do seu rebanho, não sabemos de que modo. S. Cipriano saúda-o entusiàsticamente numa carta, afirmando que a libertação do martírio não diminui os méritos do confessor de Cristo.

Escreveu mais que, com a volta do pastor, aumentou a autoridade do Papa, cuja figura será para os fiéis um exemplo de martírio. S. Lúcio governou menos de um ano e morreu em Roma.

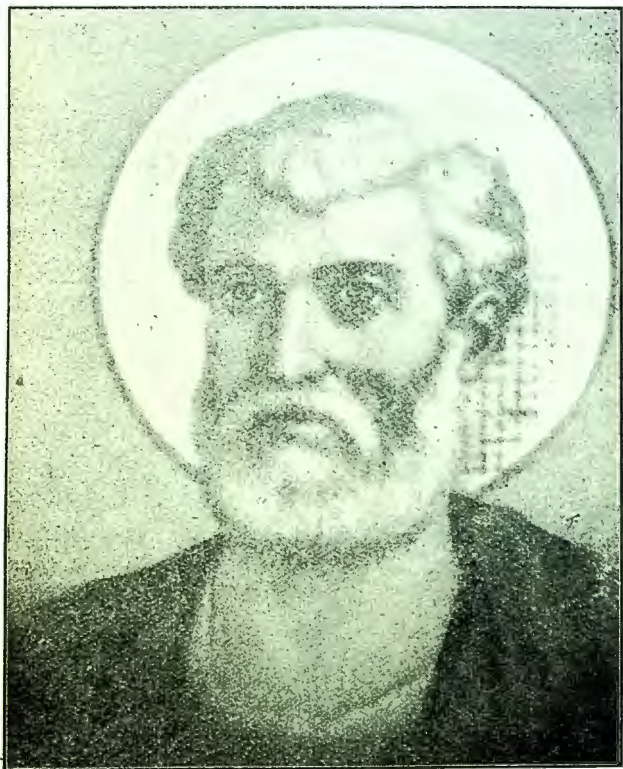
Em carta ao seu sucessor, papa Estêvão I, o bispo Cipriano dá a Lúcio o título de mártir e também assim o intitula o *Liber Pontificalis.*

O nome de mártir, porém, era freqüentemente aplicado aos confessores da fé — aos que viviam santamente e morriam de morte natural — porque realmente a palavra mártir significa "testemunha", com muita justiça aplicável aos que, pela santidade de vida, testemunharam a fé e os ensinamentos de Cristo.

O Catálogo Liberiano, mais antigo que o *Liber Pontificalis,* não faz menção do martírio de Lúcio, que foi sepultado no cemitério de S. Calisto e cuja festa é celebrada no dia 4 de março. Continuou êste papa, com os "lapsi" e com os novacianos, a mesma conduta de Cornélio: bondade com os pecadores e firmeza contra os erros.

Ignora-se o local do nascimento do Papa Lúcio: se era romano ou proveniente da cidade de Luca.

No breve tempo de seu pontificado sagrou vários bispos para diversos lugares. Insistiu também sôbre a obrigação de alguns eclesiásticos acompanharem sempre o pontífice.

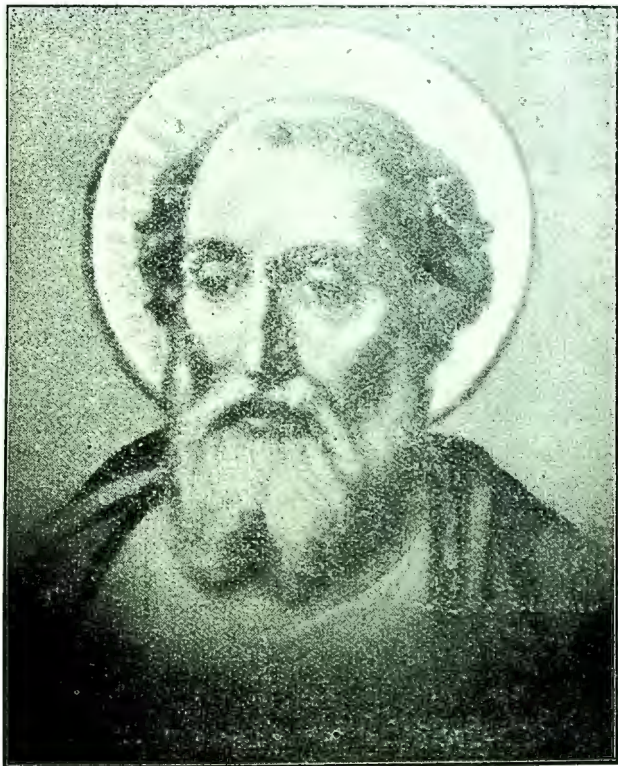
2 de agôsto — S. ESTÊVÃO I (254-257) — Mártir

2 de agôsto — *S. ESTÊVÃO I* (254-257) Mártir

Estêvão, como seus três predecessores, era romano. Em seu tempo uma calamitosa epidemia devastou o mundo conhecido. Usou êle, então, de infinda caridade, o que motivou numerosas conversões.

Seu pontificado foi agitado pela questão dos "lapsi". — Durante a perseguição, dois bispos espanhóis, Basílides e Marcial, haviam-se furtado ao martírio, aceitando um certificado falso de haverem sacrificado aos ídolos. Réus também de outros crimes, foram depostos. Basílides foi a Roma e, apresentando o caso a seu modo, logrou do papa sua reintegração, o que desgostou a um sínodo convocado por S. Cipriano na África. Curiosa figura, a dêste Santo, ilustre por seu saber e por seu imenso prestígio. De uma lealdade indiscutível para com o Papa, dotado porém de uma franqueza robusta, intervinha sempre e decididamente junto à "nutriz da unidade católica", como êle chamava a Igreja de Roma. Outra questão surgiu: se se devia, ou não, administrar novo batismo aos fiéis batizados por herejes e aos que, apavorados ante os tormentos, haviam apostatado. Alguns bispos, inclusive Cipriano, endurecidos pelos anos de provações, eram pelo rigorismo. Entretanto S. Estêvão manteve o uso dos Apóstolos, reafirmando ser Roma a fiel conservadora do ensinamento seguro: aconselhou a necessária penitência, sem novo batismo.

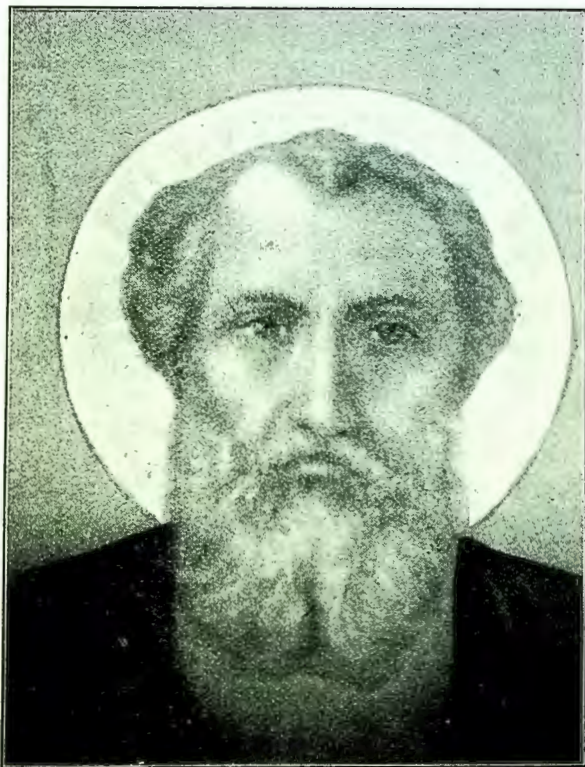
Ordenou também que as vestes de uso nas funções religiosas não fôssem usadas na vida civil (por serem iguais então). Foi S. Estêvão martirizado nas Catacumbas, junto à sua cátedra, por isso alguns confundem seu martírio com o de S. Sisto II.

A Igreja celebra a festa de S. Estêvão a 2 de agôsto.

6 de agôsto — S. SISTO II (257-258) — Mártir

6 de agôsto — *S. SISTO II* (257-258) — Mártir

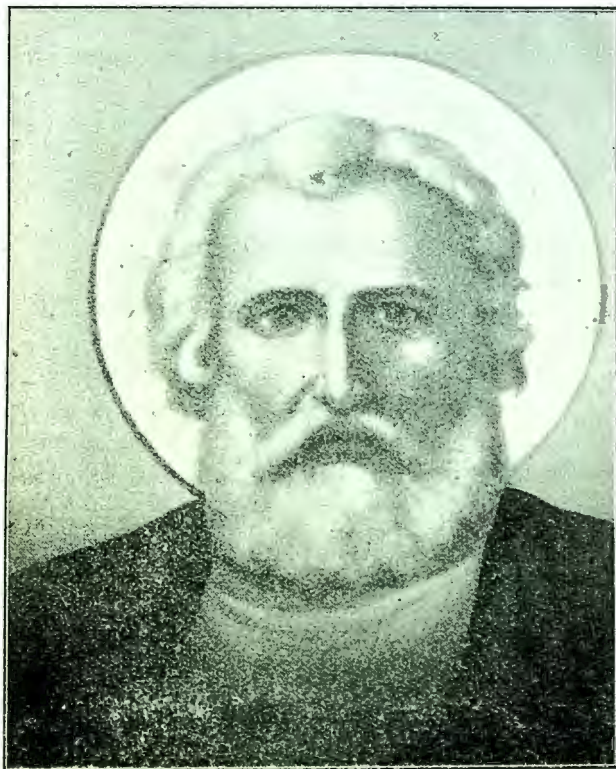
Sisto II era grego, de Atenas. Sendo diácono da Igreja romana, sucedeu ao papa Estêvão, durante a perseguição de Valeriano (9.ª). Êste príncipe, numa inopinada mudança em relação aos cristãos, passou a persegui-los ferozmente. Na África foi logo prêso S. Cipriano, sendo-lhe intimado oferecer incenso aos deuses. Ao ardoroso e belicoso S. Cipriano uma intimação destas!... Portou-se com sua habitual bravura no suplício extremo. Decapitaram-no com muitos de seus cristãos.

Em Roma ilustrou-se S. Tarcísio, o jovem que levava a Comunhão às prisões, morto na Via Ápia, a pedradas e pauladas. As Atas de seu martírio são dos melhores documentos do século dos mártires.

Com seus diáconos Agapito e Felicíssimo e com os subdiáconos Januário, Magno, Vicente e Estêvão, foi Sisto martirizado, a espada, quando celebrava as funções religiosas, havendo seu sangue banhado sua cátedra episcopal. Esta foi conservada junto ao sepulcro e estudos arqueológicos recentes confirmaram o fato. O diácono Lourenço, que assistiu a Sisto, lamentava: "Pai, por que ganhas o martírio sem mim?" — "Terás mais bela coroa dentro de três dias", respondeu-lhe o Papa. E Lourenço, distribuídos aos pobres todos os bens, foi, três dias depois, assado vivo sôbre uma grelha; e, num milagre espantoso, ainda zombava dos algozes! ("Já estou bem assado dêste lado; vira-me e prova"...) Magníficos templos atestam a devoção a S. Lourenço, sendo memorável sua igreja em Roma (uma das sete patriarcais e das sete estações) e o Escurial, imenso palácio-templo, construído por Felipe II, rei de Espanha. S. Sisto é festejado no dia 6 e S. Lourenço, no dia 10 de agôsto.

26 de dezembro — S. DIONISIO (259-268) — Mártir

Pouco se sabe da origem de Dionísio, sucessor de Sisto II, após uma vacância de um ano. "Fêz nova divisão dos cemitérios, das paróquias e das dioceses. Foi sepultado no cemitério de Calisto, na via Ápia, no dia 26 de dezembro". Estas frases, extraídas do *Liber Pontificalis,* indicam-nos que Dionísio já conhecia bem a constituição da Igreja, procurando melhorá-la.

Viu êle o término do sanguinolento reinado de Valeriano. Êste imperador, após perseguir cruelmente os Cristãos, empenhou-se em guerra contra os Persas. Foi derrotado e prêso — o primeiro imperador romano a cair em mãos de estranhos no campo de batalha! Sofreu humilhações incríveis no seu cativeiro, e, morto, foi sua pele empalhada e conservada para escárnio do potente exército romano! Seu filho Galieno tratou bem os Cristãos; mas o Oriente continuava convulsionado e o papa, conta S. Basílio, enviou socorros aos fiéis de Cesaréia, aprisionados pelos bárbaros. — Na cidade de Palmira, a enérgica rainha Zenóbia estendeu seu império, enfrentando corajosa as legiões de Roma. Apoiou ela o intrigante Paulo de Samosàta, eleito irregularmente bispo de Antioquia, mais tarde deposto com auxílio do imperador Auréliano, vencedor de Zenóbia.

Dionísio condenou também a heresia de Sabélio, escritor da Cirenaica, que negava a distinção das três pessoas divinas e reduzia a SS. Trindade a simples questão de palavras O papa Dionísio teve um esplêndido colaborador em outro Dionísio, bispo de Alexandria, discípulo de Orígenes e autor de preciosas obras.

30 de maio — S. FÉLIX I (269-274) — Confessor

Filho de Constâncio, Félix era romano, de antiga e conhecida família. Determinou de maneira mais precisa o rito, no uso antigo, de se celebrar a Santa Missa sôbre os sepulcros dos mártires.

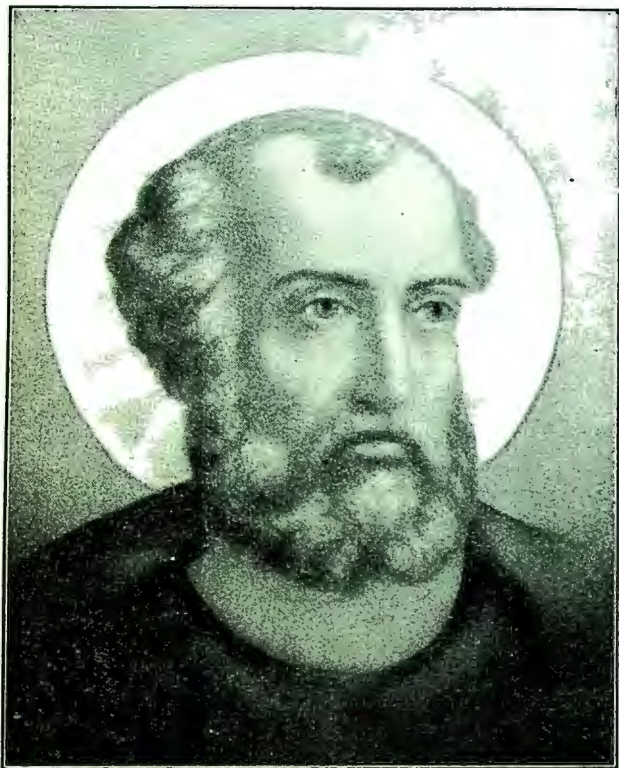
Agiu como Pontífice Supremo no caso da deposição de Paulo de Samosata, o intruso que se apossara da sede episcopal de Antioquia.

O sínodo, reunido nessa cidade, escreveu ao papa Félix sôbre a pessoa do hereje: "Orgulhoso de si mesmo, nêle tudo respira fausto e arrogância. Exerce mais encargos civis do que religiosos. Busca os aplausos como um ator teatral. Diz que o Filho de Deus não desceu do Céu"...

Félix I continuou com paciência e firmeza a contrastar o falso pastor. Cita-se uma sua carta dirigida ao bispo de Alexandria, Máximo, sucessor de Dionísio: "A nossa fé na Encarnação é a que nos foi transmitida pelos Apóstolos. Cremos que Jesus Cristo, Senhor nosso, nascido de Maria Virgem, é o Verbo, o Filho eterno de Deus, e não um homem elevado por Deus a essa honra, diverso de Deus. O Filho de Deus não escolheu um homem para a Êle se associar, de modo a haver duas pessoas em Jesus Cristo. O Verbo, Deus perfeito, encarnando-se no seio da Virgem, fêz-se também, perfeito homem".

Discutiram alguns autores a autenticidade dêsse documento, mas é certo que no Concílio de Éfeso (431) esta passagem do Papa Félix foi lida como documento valioso na controvérsia dogmática.

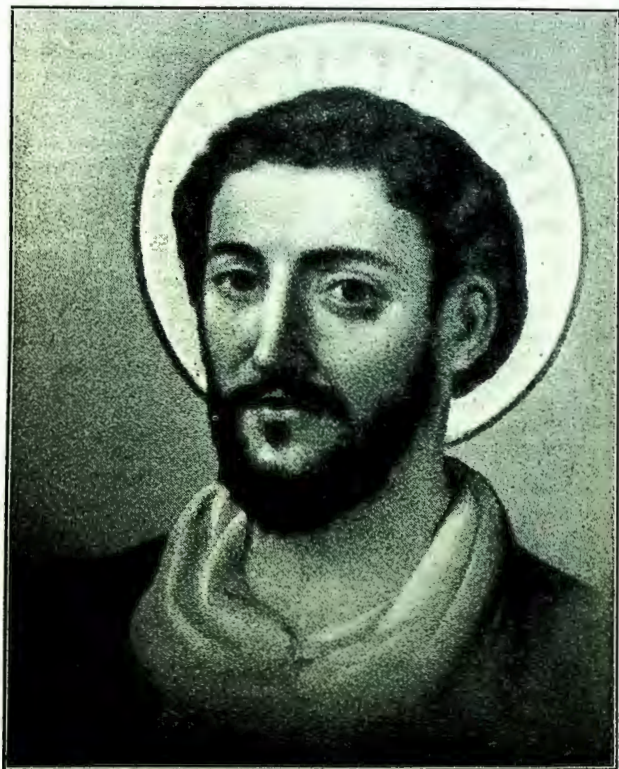
Êste papa não morreu mártir. A confusão de seu nome com Félix II criou a idéia de seu martírio. Êle repousa no cemitério de Calisto, e a Igreja festeja-o no dia 30 de maio.

7 de dezembro — S. EUTIQUIANO (275-283) — Confessor

7 de dezembro — *S. EUTIQUIANO* (275-283) — Confessor

Eutiquiano nasceu na Etrúria (Toscana), na cidade de Luni, seu pai chamava-se Marino. Ordenou que os corpos dos mártires fôssem sepultados em local honroso, revestidos de vestes preciosas. Teve cuidados especiais para com os mortos êste papa. Diz-se que êle, com suas próprias mãos, sepultou 342 mártires nas Catacumbas. Talvez êste número se refira aos anos anteriores à sua elevação ao pontificado, durante as 7.ª 8.ª e 9.ª perseguições, sob os imperadores Décio, Galo e Valeriano, pois seu pontificado corresponde à época de paz outorgada aos Cristãos antes da última e mais grave perseguição, a de Diocleciano. Entretanto êsse período foi de turbulências no Império — onde os pretorianos, soldados do palácio, elevavam e matavam imperadores: Tácito, Probo, Caro, Numeriano... e outros, aclamados, depostos e mortos. Esfacelava-se o poderoso Império Romano, mas a Igreja crescia, apesar de perseguida. Nestas convulsões políticas, não raro, o povo aproveitava-se da desordem para aumentar o número dos mártires.

Por êsse tempo propagou-se o Maniqueísmo — seita fanática fundada por Manés (214-275), um persa insano, que pretendia reunir num só sistema a religião de Zenda (persa), o Cristianismo e o Budismo, dizendo-se, a princípio, o Cristo e, depois, o Paráclito, Espírito Santo. — Esfolado e morto por ordem do pagão Bahran I, rei persa, deixou inúmeros discípulos que espalharam sua religião pela Pérsia e pelos domínios romanos, por séculos.

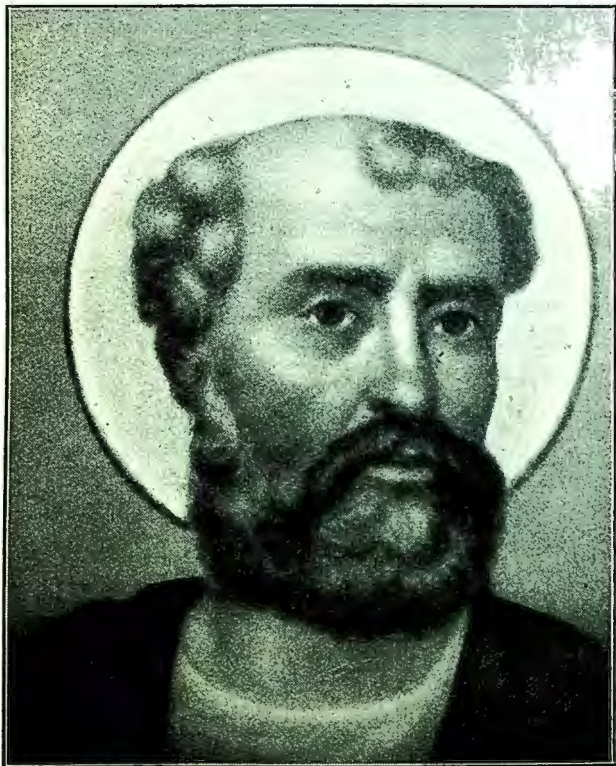
O sepulcro de S. Eutiquiano acha-se entre os dos papas; sua festa ocorre em 7 de dezembro; não há provas de que haja morrido mártir.

22 de abril — S. CAIO (283-296) — Mártir

22 de abril — *S. CAIO* (283-296) — Mártir

O túmulo de S. Caio, no cemitério de Calisto, é dos mais venerados. A sua festa ocorre a 22 de abril, mas não é certo, embora seja provável, que tenha morrido mártir. As notícias que possuímos a seu respeito nos são dadas por um escrito antigo, de autor desconhecido "Martírio de Santa Susana". — Era, pois, S. Caio natural da Dalmácia (hoje região da Iugoslávia). Era parente do imperador Diocleciano, o bravo soldado notável pela organização robusta que deu ao combalido Império Romano. Mas infelizmente perseguiu, mais que ninguém, os Cristãos, levado por seu genro Galério. Os fiéis ocultavam-se, quais feras acuadas, nos montes, nos bosques, nos desertos. Em Roma voltaram a refugiar-se nas Catacumbas. São estas uns labirintos de corredores subterrâneos, inicialmente feitos pelos escravos para obtenção de areia, depois ampliados pelos cristãos. São galerias extensas, com andares sobrepostos e entrecruzados. Há espaços maiores para salas de reunião e celebração da S. Missa. Aí os fiéis enterravam seus mortos; foram por isso chamados *koimeteria* (cemitérios, isto é, dormitórios). Os discípulos de Cristo queriam que seus corpos fossem enterrados, ao modo do Mestre, e não queimados como os dos pagãos. Aí se vêem as inscrições, no mármore, convidando o visitante a pensar mais em si, na Luz eterna, no Céu, do que pròpriamente a prantear o morto. Aí se mostra com luz brilhante naquelas sombrias câmaras sepulcrais todo o idealismo da nova religião: a mescla de idiomas e de raças, de classes sociais, desde o nobre patrício ao liberto, ao escravo, ao Bárbaro! S. Caio, dizem, foi martirizado por ter aconselhado a sua sobrinha Susana (mártir) a não se casar com um pagão.

26 de abril — S. MARCELINO (296-304) — Mártir

Marcelino foi papa durante a perseguição de Diocleciano, décima e última. Os sofrimentos foram tais, que os fiéis julgaram haver chegado o tempo da provação final, predito por Jesus. Os cristãos, devido ao anterior período de paz, eram numerosos e conhecidos. Sofreram a perda de bens, a prisão e a morte. Alguns, apavorados ante a crueldade dos tormentos, fraquejaram e entregaram os objetos do culto em troca da vida. Disto se aproveitaram os herejes donatistas, no século IV, para acusarem o papa Marcelino de apostasia. Afirmaram que êle entregou aos perseguidores os objetos da Igreja e que, levado ao templo de Júpiter, ofereceu incenso à estátua do deus imperial. (Diocleciano, imbuído de idéias orientais, exigia que o considerassem Jove, isto é, Júpiter — usava diadema na fronte, era saudado com genuflexão e criara uma guarda pessoal de soldados chamados "Jóvios"). O *Liber Pontificalis*, baseado na informação donatista, e um apócrifo "Sínodo de Simessa" contam-nos que Marcelino, arrependido, apresentou-se ao referido Sínodo — numerosa assembléia de bispos — que o acolheu, mas não ousou julgá-lo. Ambos os documentos afirmam que êle tornou a ser prêso e morreu mártir. É difícil saber-se ao certo o que aconteceu. Eusébio de Cesaréia, historiador dessa época, não fala dessa suposta apostasia. Alguns calendários antiquíssimos não estão de acôrdo. Marcelino foi sepultado no cemitério de S. Priscila, porque a perseguição impedia o sepultamento nas Catacumbas. Sabemos que desta feita, levados pela ambição da recompensa, muitos pagãos diziam-se catecúmenos (iniciados) para delatarem os fiéis e seus esconderijos. S. Marcelino é festejado em 26 de abril, com S. Cleto.

16 de janeiro — S. MARCELO I (307-309) — Mártir

16 de janeiro — *S. MARCELO I* (307-309) — Mártir

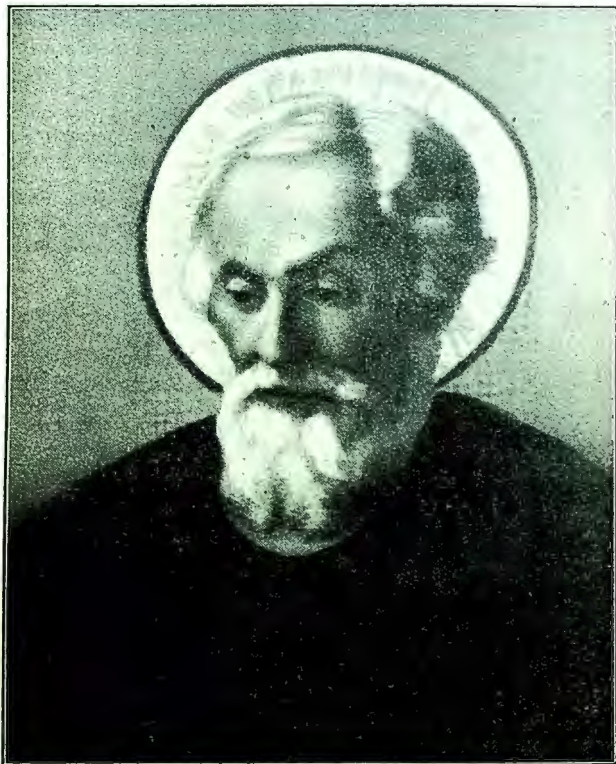
Três anos vagou a Sé de Roma, antes da eleição do Papa Marcelo. Diocleciano não conseguia "extinguir o nome cristão", como afirmou, pois até na família imperial havia cristãos, a imperatriz Prisca e sua filha valéria por exemplo. Diocleciano deixou um sistema hereditário por adoção. Continuaram assim seus sucessores a sua política. Com exceção de Constâncio Clo, que governava as Gálias e a Bretanha, os demais "Augustos" e "Césares" perseguiram os fiéis. "Todos os cristãos devem sacrificar ou morrer".

Renovaram-se então os heroísmos do passado. S. Sebastião, oficial da Côrte, S. Inês, jovem da aristocracia romana, S. Anastácia, S. Januário e tantos outros!... Diocleciano, adoentado, e Maximiniano, despeitado, abdicaram. Os "augustos" Galério e Max. Daza continuaram a verter o sangue cristão. Galério, prostrado por horrível enfermidade, revogou no leito de morte seus editos. Daza cedeu ante a pressão dos próprios pagãos, horrorizados ante tamanha crueldade, e "por especial doçura" condenou os cristãos "sòmente à perda do ôlho direito e mutilação do pé esquerdo, com trabalho forçado nas minas" (palavras do edito).

Outro imperador, Maxêncio, fêz prender o papa Marcelo, obrigou-o a trabalhar com os escravos nas cavalariças imperiais, onde o santo pontífice morreu de maus tratos.

Uma inscrição de autoria do Papa Dâmaso, descoberta nas Catacumbas, faz um breve mas eloqüente elogio de S. Marcelo, que em tanta atribulação ainda reorganizou as 25 paróquias de Roma.

A Igreja festeja S. Marcelo no dia 16 de janeiro.

17 de agôsto — S. EUSÉBIO (309-310) — Mártir

17 de agôsto — *S. EUSÉBIO* (309-310) — Mártir

Eusébio nasceu na Grécia, ou na Calábria (chamada Magna Grécia). Fôra enviado a Roma para tratar de assuntos religiosos, e de tal forma impressionaram aos fiéis suas acrisoladas virtudes, que o elegeram sucessor de S. Marcelo, na difícil época em que o Paganismo fazia seu último e desesperado esfôrço para derrotar o Cristianismo.

Além disso, havia o cisma interno. Um tal Heraclio, esquecido da caridade de Cristo, exigia que os "*lapsi*" (aquêles que por mêdo haviam apostatado) fôssem perenemente impedidos de voltar ao seio da Igreja, muito embora sinceramente arrependidos e após penitência!

Eusébio e Heraclio foram presos e exilados de Roma. O papa morreu logo na Sicília. Ignora-se, porém, o modo de seu martírio. Uma inscrição do papa Dâmaso diz:

"Heraclio sustentava a inutilidade da penitência para os "*lapsi*". O papa Eusébio, pelo contrário, ensinava a êsses infelizes chorar seu pecado. O povo dividiu-se e surgiu a discórdia, fomentada por apóstatas incitados pelo cruel tirano. Eusébio, defensor da fé da Igreja, foi pelos juízes exilado, e no exílio morreu nas praias da Sicília".

Morreu, ao certo, em 310, mas desconhecemos o dia. A data de 17 de agôsto, em que é comemorado pela Igreja romana, recorda o dia em que seu corpo foi deposto no cemitério de Calisto.

O Império despenhava-se no caos, havendo simultâneamente vários imperadores, com lutas e crimes. Surgiu então a figura grandiosa de Constantino, filho de Constâncio Cloro e de Santa Helena. Favorável aos Cristãos, iniciava sua marcha vitoriosa da Bretanha, através das Gálias, para a conquista de Roma e para a vitória final do Cristianismo.

10 de dezembro — S. MELQUÍADES (310-314) — Confessor

Melquíades, ou Milcíades, nascido na África foi o papa que viu o triunfo do Cristianismo. Constantino descia sôbre Roma contra o imperador Maxêncio, perseguidor dos cristãos. Um dia, narra Eusébio, seu contemporâneo, o jovem general, rodeado por seus oficiais, viu sobreposta ao sol, uma cruz maravilhosa, formada de raios, com a inscrição em grego: "Isto vence" ou "Com êste sinal vencerás". À noite um sonho misterioso veio corroborar a mensagem recebida por Constantino, diz Lactâncio. Fêz então o jovem comandante o *Lábarum,* estandarte com sinais cristãos, para suas tropas. Em Roma esperava-o Maxêncio, com fôrças superiores, mas foi derrotado e morreu na Ponte Mílvio (28-10-312). Constantino e seu cunhado Licínio, derrotado também Maximino no Oriente, emanaram o famoso edito de Milão (Fevereiro de 313), concedendo "aos cristãos plena e incontestável liberdade de praticar cada um a própria religião", restituindo-lhes os bens confiscados, os locais de reunião etc... "Assim, o favor divino, de que tivemos prova em circunstâncias tão graves, continuará a favorecer nossos sucessos para o bem público".

Além da liberdade, Constantino deu também apoio à Igreja contra os hereges. Em Cartago, um tal Donato, prelado fanático, apoiado nas riquezas da patrícia Lucila, chefiava um partido que pretendia invalidar a nomeação do bispo Ceciliano, acusando-o de fraqueza durante a perseguição. Por ordem de Constantino os Donatistas, que não queriam acolher o veredicto do papa, foram afastados, continuando embora em sua teimosia, característica dos hereges.

A Igreja celebra a festa de S. Melquíades na dia 10 de dezembro.

31 de dezembro — S. SILVESTRE I (314-335) — Confessor

O pontificado de Silvestre, romano, foi dos mais longos: 23 anos 11 meses, aproximando-se aos de S. Pedro, Pio IX e Leão XIII. Notícias suas são obtidas dos "Atos de S. Silvestre". Êstes atos recordam a visão de Constantino, sua visita a Silvestre no Monte Sorate, a cura da lepra concedida por Deus ao imperador.

Constantino fêz construir a basílica de S. João de Latrão, embelezou os túmulos de S. Pedro e de S. Paulo, ergueu santuários. Crê-se ter sido Silvestre quem determinou oficialmente que o dia após o sábado se chamasse Domingo (dia do Senhor) e os demais, férias. Também ordenou a unção com crisma aos batizandos. É pouco provável que tenha sido êle quem administrou o batismo a Constantino. A "doação de Roma" ao Papa é lenda criada no século VII. É certo, porém, que o Papa ficou sendo a Autoridade máxima na Cidade Eterna quando o imperador se retirou para Bizâncio, que engrandeceu e transformou em nova Roma, com o nome de Constantinópolis e onde sempre residiu.

Depois da Páscoa de 337, Constantino, sentindo-se adoentado, retirou-se para Aquirón, perto de Nicomedia, onde recebeu o batismo antes de morrer aos 22 de maio. Mereceu o título de Magno, embora haja páginas de sangue e de luto em sua vida ainda impregnada de paganismo. S. Silvestre combateu os erros dos Donatistas e dos Arianos. Celebrou-se o célebre Concílio de Nicéia (325), o 1.º Ecumênico, com a presença do imperador e de 300 bispos, alguns ostentando ainda sinais de martírios... Neste concílio foi condenada a heresia ariana, foi estendida a tôda a Igreja a data romana da Páscoa e seus cânones (leis) tornaram-se as fontes autênticas.

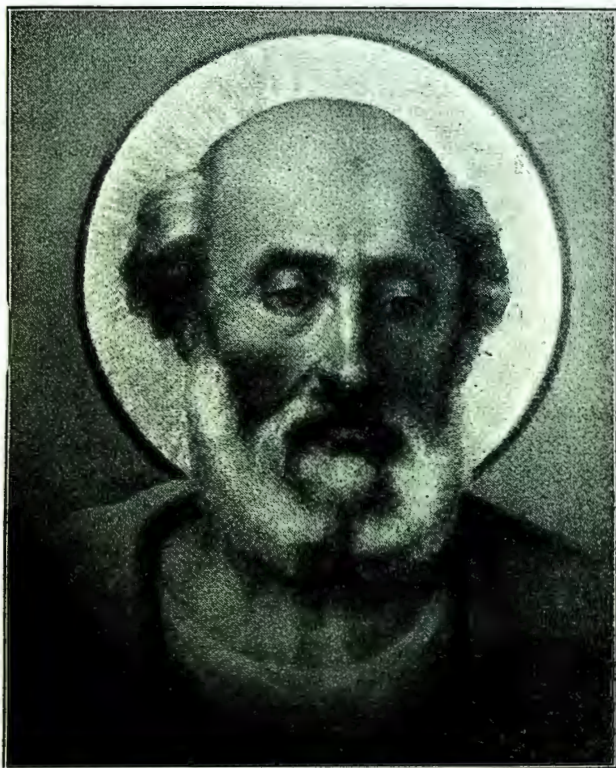
Célebre o Símbolo Niceno, o Credo. S. Silvestre morreu em 31-12-335.

7 de outubro — S. MARCOS (336) — Confessor

7 de outubro — *S. MARCOS* (336) — Confessor

Marcos, natural de Roma e filho de Prisco, governou a Igreja por oito meses, de janeiro a outubro. Em seu tempo sofria a Igreja rudes golpes dos sequazes de Ario. Êste, pároco em Alexandria, era grave e asceta, hábil dialético, mas de grande orgulho. Partidário da filosofia platônica, afirmava que Deus não pode operar imediatamente sôbre o mundo, pois êste não suportaria o Infinito, devendo então haver um intermediário, como o Logos de Platão ou o Demiurgo dos gnósticos. Assim, negava a geração eterna do Verbo e a igualdade de Sua Divindade com a do Pai. Um teísmo disfarçado. Obteve admiradores, entre os quais os bispos Eusébio de Nicomedia e Eusébio de Cesaréia, o excelente historiador. O Concílio de Nicéia definiu que o Filho é *homousios* (consubstancial) com o Pai. Recorreram então os "eusebianos" à palavra *homouiousios* (semelhante), sendo rejeitados. Questão de uma letra? Não. Sem o dogma da Trindade, a divindade de Cristo não teria inflamado os corações, os Bárbaros não se teriam convertido, por uma "criatura humana apenas" não teríamos os mártires, as Cruzadas, o Ocidente teria perecido. Os arianos submeteram-se aos imperadores (julgaram-nos superiores a Cristo?). Ario foi desterrado, mas voltou por influência de Constância, irmã do soberano, e morreu na véspera de sua reintegração, impenitente.

S. Marcos dispôs que o bispo de Óstia, encarregado de sagrar o papa, usasse o "*palium*". Trata-se de uma faixa de lã, tosada de cordeiros bentos na festa de S. Inês. Hoje usam-na os arcebispos. S. Marcos foi sepultado no cemitério de S. Balbina, não mais nas Catacumbas. Festejado em 7 de outubro.

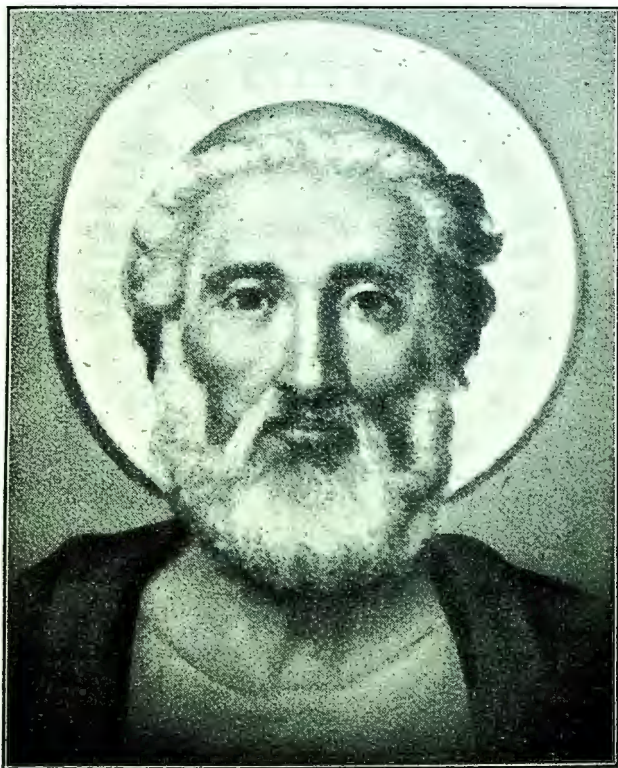
12 de abril — S. JÚLIO I (337-352) — Confessor

12 de abril — *S. JÚLIO I* (337-352) — Confessor

Júlio era romano e governou 15 anos agitados pela questão ariana. — Constantino, ao morrer, repartira o Império entre seus três jovens filhos, educados na verdadeira fé. O segundo, porém, Constâncio, a quem coubera o Oriente, tornou-se defensor do arianismo, que encontrou um potente adversário em S. Atanásio. Êste, que brilhara como diácono no concílio de Nicéia, era agora bispo de Alexandria. Chamavam-no "o dialético dos mistérios", pela sua aguda penetração dos elementos da fé. Durante 50 anos foi Atanásio o mais corajoso e sagaz defensor da fé verdadeira, e fêz mais pela Igreja do que todo o poder de Constantino. Cinco vêzes o ódio de seus inferiorizados adversários lançou-o fora de sua Sé; por 20 anos sofreu o destêrro; cinco vêzes voltou em triunfo, idolatrado pelo povo.

Caluniado de imoralidade, de assassínio e de magia, até de reter uma frota imperial portadora de trigo... confundiu seu detratores. Num concílio acusaram-no de haver morto Arsênio, bispo de Tiro, de quem teria guardado um braço para artes mágicas! Apresentaram o braço acusador, mas Atanásio apresentou Arsênio vivo, que fugira depois de seqüestrado pelos arianos.

O espírito grego, apaixonado pela dialética, fêz o povo empolgar-se de tal forma que S. Gregório Niseno escreve: "Perguntas ao padeiro o preço do pão e êle te responde que o Pai é maior que o Filho..."

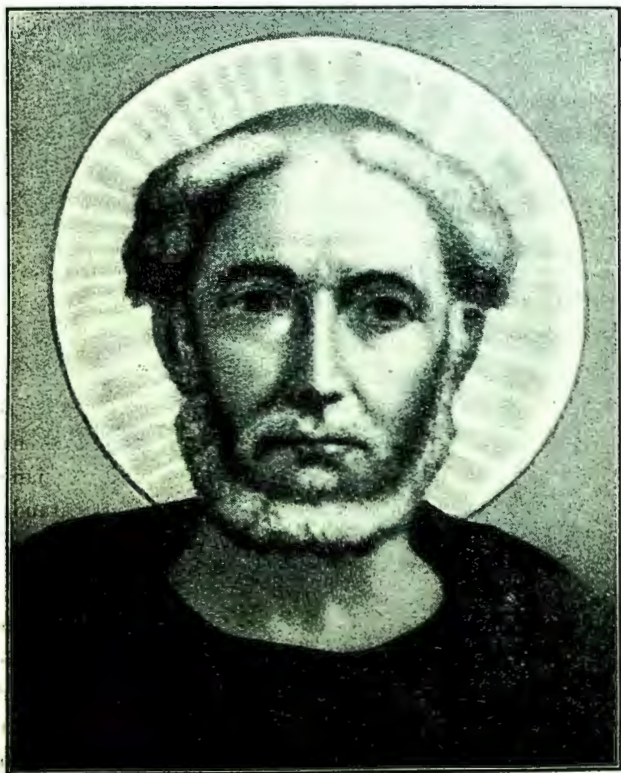
Em 340 morreu Eusébio de Cesaréia, pai da História Eclesiástica, escrita em grego (10 volumes).

O papa Júlio proibiu aos clérigos a participação em tribunais civis. Organizou os registros. Edificou muitas igrejas. Festejado em 12 de abril.

23 de setembro — S. LIBÉRIO (352-366) — Confessor

Atribulados os 14 anos do pontificado de Libério, romano, filho de Augusto, pelos Arianos e por Juliano. Libério defendeu com grande firmeza a fé, o símbolo de Nicéia (Credo) e S. Atanásio. Foi desterrado à Trácia pelo imperador ariano Constâncio. Foi até acusado pelos seus inimigos de haver firmado uma fórmula ariana. Os homens célebres de seu tempo elogiam-no muito: S. Sirício, S. Basílio, S. Epifânio, S. Ambrósio, Cassiodoro e o bispo Óssio de Córdova, exilado com 100 anos de idade...

O imperador Juliano foi chamado o Apóstata, porque, criado na religião cristã, tentou restabelecer o culto pagão. Instruído, apaixonado pela filosofia grega, perseguiu a Igreja sem martirizá-la em sangue, mas ridicularizando seus ensinamentos, tentando provar que Cristo era apenas "O Galileu..." Foi o último estertor do Paganismo apoiado na inteligência, na astúcia e no poder de um imperador. Juliano morreu combatendo os Persas (363). Diz-se que, atirando seu sangue contra o céu, exclamou: "Venceste, Galileu..." Seus planos, é certo, desfizeram-se com a neblina ao sol.

Durante o exílio de Libério, encontramos em Roma um Félix II, talvez um antipapa, talvez um representante de Libério, e que, à volta dêste, depôs o cargo, morrendo mártir mais tarde. — S. Libério fundou a grande igreja de S. Maria Maior, em Roma, ligada à lenda de haver nesse local caído neve em pleno verão (5 de agôsto). A construção foi custeada por um casal rico, mas sem filhos. O epitáfio de S. Libério chama-o "mestre da lei divina e coração sincero". Dia 23 de setembro celebra-se sua festa.

11 de dezembro — S. DAMASO I (366-384) — Confessor

11 de dezembro — *S. DÂMASO I* (366-384) — Confessor

Dâmaso foi nascido em Roma ou era "espanhol da Lusitânia" como consta alhures. Governou mais de 18 aons. Quando diácono, acompanhara o papa Libério no exílio. Em seu tempo aparece a palavra *pagão* (de pagus aldeia, tal era o número de convertidos nas cidades). Eleito, teve um competidor, Ursicino, que, aliado aos Arianos, perturbou a paz de Roma com tumultos e até com mortes. S. Dâmaso apoiou o velho batalhador S. Atanásio e, quando de sua morte (373), aprovou o candidato mais digno à sucessão, o bispo Pedro.

Para unir os fiéis na mesma fé, Dâmaso reuniu sínodos e aprovou, em parte, as resoluções do 2.º Concílio Ecumênico de Constantinopla (381), que estabeleceu "a precedência da igreja de Constantinopla logo após a de Roma". Contou com o precioso auxílio de S. Ambrósio, admirável bispo de Milão, na exegese escritural e com o de S. Jerônimo, que fêz o elenco dos livros santos, traduzidos sob o nome de *Vulgata*.

Em seu tempo sucederam-se os imperadores Valentiniano I, Valente, Graciano, Valentiniano II e Teodósio o Grande.

Quase octogenário, compareceu ao tribunal de Graciano, para confundir um seu detrator, o hebreu Isaque, que foi condenado. — Combateu os erros dos "apolinaristas", sequazes de Apolinário de Laodicéia, que afirmavam ter sido, em Cristo, a alma humana substituída pela Divindade; e os macedonianos, que punham o Espírito Santo entre os sêres criados. Dâmaso opôs-se ao prefeito Símaco, que pretendia erigir o altar da Vitória no Senado. Determinou a origem e a dignidade dos patriarcados. Embelezou os túmulos dos mártires, inclusive o de sua irmã S. Irene. Morreu em 11-11-384. Foi um grande papa.

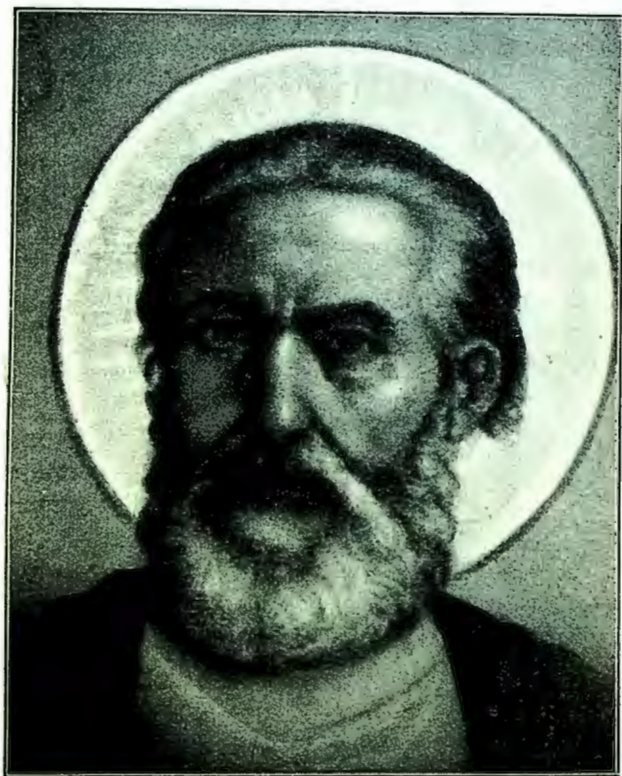
26 de novembro — S. SIRÍCIO (385-398) — Confessor

Uma carta de Valentiniano II (375-392) a Piniano, prefeito de Roma, informa-nos da satisfação do imperador pela eleição de Sirício "ótimo sacerdote, bispo de grande virtude, eleito por aclamação, sinal de sua probidade". Sirício era romano, filho de Tibúrcio.

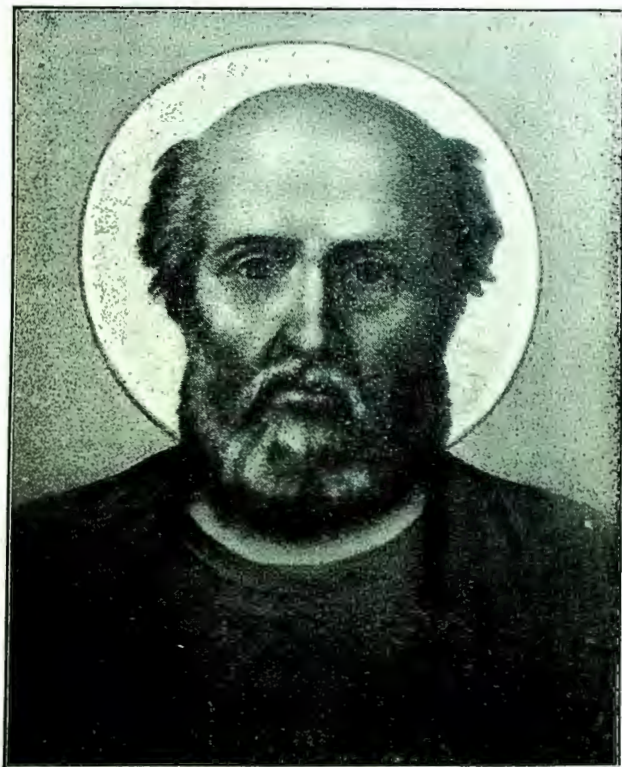
Enviou a diversos países as decretais, isto é, decisões pontifícias em matéria de disciplina e com fôrça de lei. A primeira decretal que conhecemos é de Sirício a Imério, bispo de Tarragona, na Espanha, reafirmando a praxe de Roma quanto ao batismo, ao celibato dos clérigos, aos interstícios para recepção das ordens sagradas e permitindo aos monges de vida ilibada o acesso ao sacerdócio.

Atribui-se-lhe a introdução da parte "Communicantes" no Cânon da Missa, na forma ainda hoje usada.

Também a Sirício se adjudica o uso do título de Papa (pai), reservado exclusivamente aos Soberanos Pontífices.

Na Espanha surgiu um movimento ascético especial: Prisciliano, homem rico e instruído, reuniu sequazes religiosos, que deram motivos a críticas. Repreendidos pelo bispo Idácio, revoltaram-se. A questão foi a Roma. O papa estudava o caso, quando o general Máximo se fazia proclamar imperador, em lugar do assassinado Graciano e, arrogando-se direitos sôbre a religião, condenou à morte Prisciliano. Papa Sirício, S. Ambrósio, S. Martinho de Tours, protestaram contra a brutal intervenção imperial. Durou, porém, a idéia priscilianista. Sirício moderou certos exageros do monaquismo. Em seu tempo (387) converteu-se à Igreja o grande S. Agostinho, discípulo de S. Ambrósio († 397). Celebra-se em 26 de novembro a festa de S. Sirício.

19 de dezembro — S. ANASTÁCIO I (399-401) — Confessor

Anastácio, no dizer de S. Jerônimo, era "um homem de riquíssima pobreza e de apostólica solicitude". Natural de Roma, filho de Máximo, o novo papa governou três anos e dez dias. A seu pontificado remonta a interdição das ordens sagradas aos portadores de alguns defeitos físicos, e a exigência das "cartas dimissórias", ou seja, da licença do bispo para os candidatos às ordenações. Decretou também que os sacerdotes e os fiéis permaneçam de pé, em sinal de respeito, durante a leitura do Evangelho na Missa. Construiu a basílica Crescenciana. O breve pontificado de Anastácio foi perturbado por lutas de opiniões dogmáticas entre o numeroso grupo dos discípulos de Orígenes e seus opositores. Era preciso escolher o que havia de são e útil nas obras do grande escritor e fazer reservas a certos pontos, por ex. sôbre a origem das almas, a restauração final, a ressurreição dos corpos. Intervieram na discussão, que veio trazer mais fôrça moral à Igreja, luminares de ciência, quais S. Jerônimo, Epifânio, Rufino e outros.

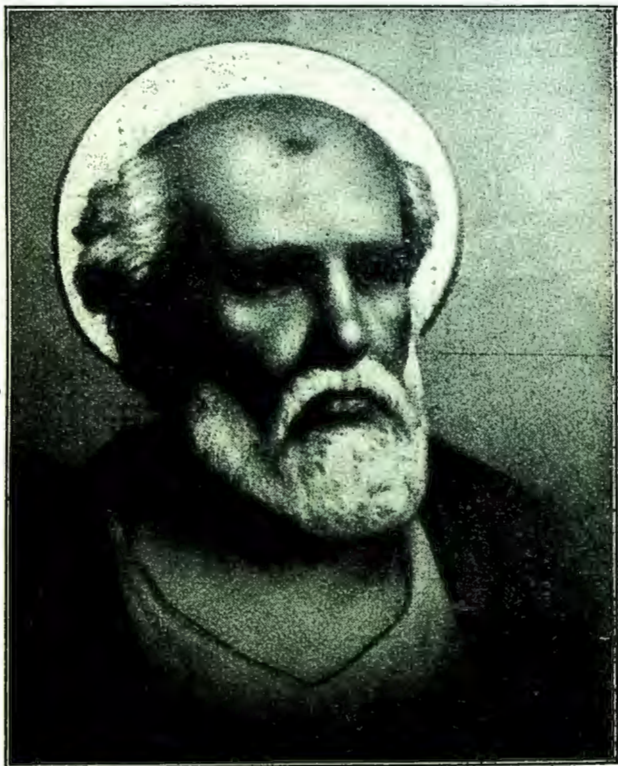
Faltava então o grande S. Ambrósio, falecido pouco antes (397). Êste santo, suave e forte, era arcebispo de Milão, capital do Ocidente. Ainda hoje os milaneses se consideram "ambrosianos". S. Ambrósio legou-nos o conhecido exemplo de firmeza pastoral: o imperador Teodósio, enraivecido porque num movimento político haviam derribado a estátua de seu pai, mandara massacrar a população da cidade de Tessalônica. Quando, mais tarde, pretendia entrar na Catedral de Milão, foi obstado por S. Ambrósio, que lhe exprobrou o crime. Teodósio, o Grande, teve a grande elevação moral de "imitar Davi penitente, quem seguira Davi pecador".

28 de julho — S. INOCÊNCIO I (401-417) — Confessor

Inocêncio nasceu em Albano, perto de Roma. Aos 42 anos foi elevado ao pontificado. Dirigiu a tôda a Igreja "constituições" sôbre a vida monástica, sôbre a admissão de catecúmenos, judeus e pagãos, sôbre o jejum nos sábados em memória do dia em que os Apóstolos aguardaram a Ressurreição. Procurou extirpar o Maniqueísmo e condenou a heresia de Pelágio e Celéstio. Dedicou em Roma a basílica dos Santos Gervásio e Protásio, reformou a igreja de S. Inês e consagrou 54 bispos. Suas cartas aos mais longínquos antístites resolvem controvérsias entre bispos, indicam o catálogo dos Livros Santos (mais tarde adotado pelo Concílio de Trento — 1563). Sua autoridade brilhou também em defesa de João, bispo de Constantinopla. Êste santo, chamado o "Crisóstomo" (bôca de ouro) pela sua eloqüência, aplaudido pelo povo, pregava contra os abusos locais: imoralidade e luxo desenfreado da Côrte, indisciplina do Clero, injustiças contra os fracos e pobres. O Crisóstomo foi expulso pela imperatriz Eudóxia e defendido com brilho pelo Papa Inocêncio, apoiado por S. Jerônimo e por S. Agostinho. Êste, após dois sínodos na África, declarava: "chegáram-nos as respostas da Sé Apostólica: está pois terminada a questão".

A caridade dêste papa culminou nos cuidados para com Roma, saqueada em 410 por Alarico, rei dos Visigodos.

Havia anos que as negras nuvens dos Bárbaros rondavam as fronteiras. O romano Estilicão fôra o escudo da pátria e o papa inùtilmente implorara providências aos dois imperadores incapazes, Honório e Arcádio.

Os Visigodos atravessaram o Império, da Grécia à Espanha, onde afinal se estabeleceram. Ruínas, miséria e pranto! Foi a Igreja a única autoridade a socorrer os infelizes.

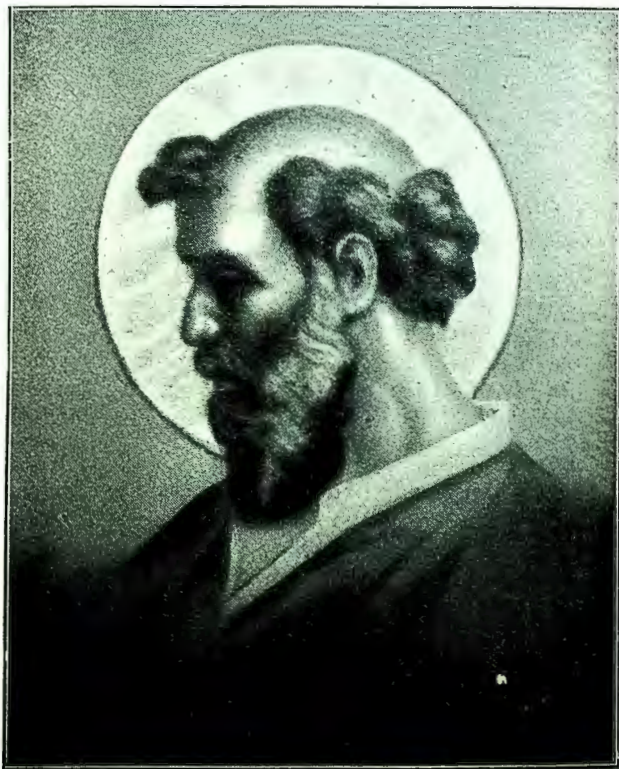
26 de dezembro — S. ZÓSIMO (417-418) — Confessor

26 de dezembro — S. *ZÓSIMO* (417-418) — Confessor

Seis dias após a morte de Inocêncio I foi eleito seu sucessor: Zósimo. O *Liber Pontificalis* diz que era grego, filho de Abraão. Estranhamos-lhe o nome do pai, nada helênico...

Na disciplina da Igreja Zósimo determinou que os diáconos, como em parte já era de uso, levassem ao braço esquerdo o manípulo de linho. Estendeu a tôdas as paróquias a faculdade de benzer o círio pascoal; proibiu aos clérigos freqüentar as hospedarias, devendo acolher-se em casa dos fiéis, quando não o pudessem fazer em casa de eclesiásticos.

O breve pontificado de Zósimo foi perturbado pela heresia. Pelágio, monge bretão de costumes austeros, e Celéstio, ex-advogado que se fizera monge e sacerdote, pregaram inovações, negando a existência do pecado original, negando também a necessidade da graça para se salvar, e mistificando o livre arbítrio. Condenada sua doutrina pelos bispos da África (411), os hereges recorreram ao papa.

Com tais artes se houveram, que se fizeram passar por leais à Fé e obtiveram do bondoso pontífice recomendações de brandura ao episcopado africano. A heresia foi, porém, brilhantemente confutada e vencida pelo admirável S. Agostinho, o enérgico e inteligente bispo de Hipona, o "doutor da graça".

Na Palestina os pelagianos encontraram viva oposição do grande S. Jerônimo, "o santo doutor das Sagradas Escrituras". Os arqueólogos indicam como sepulturas dos três papas, Zósimo, Sisto III e Hilário, às três arcadas que estão sob a basílica primitiva de S. Lourenço, a pouca distância do túmulo dêste mártir. — Festeja-se S. Zózimo no dia 26 de dezembro.

4 de setembro — S. BONIFÁCIO I (418-422) — Confessor

À morte do Papa Zeferino estavam os fiéis ainda inseguros quanto ao pelagianismo. A falta da imprensa e de comunicações retardava o esclarecimento do povo cristão. Andavam por isso divididas as opiniões. Foi o que se viu na eleição do novo papa. Um grupo precipitado de fiéis, proclamou eleito o arcediago Eulálio durante o entêrro de Zósimo. No dia seguinte, com calma, a maioria do clero e do povo melhor, na basílica de Teodoro, elegeu a Bonifácio, homem douto e prudente, antigo auxiliar do papa Inocêncio. Símaco, prefeito de Roma e cristão, era neto daquele Símaco, pagão, combatido por S. Ambrósio quando queria repor no Senado o simulacro da deusa Vitória.

Indeciso entre os dois partidos, Símaco recorreu ao imperador Honório, o qual ordenou que os dois pontífices se retirassem de Roma até que o sínodo de Ravena estudasse o caso. Bonifácio, para o bem da paz, manteve-se afastado. Eulálio, porém, voltou a Roma para impedir, pela fôrça, que o bispo Aquileu, de Espolêto, funcionasse na Semana Santa. Foi então prêso o intruso, e o povo exultante acolheu o eleito da maioria, o verdadeiro papa, Bonifácio.

Êste santo homem conseguiu com muita caridade e paciência fazer valer os direitos de Roma sôbre a Igreja de Constantinopla, cujo patriarca era apoiado pelo imperador do Oriente em querer impor-se aos bispos da África. Nessa questão o grande bispo S. Agostinho elogiou com magníficas frases, a prudência e mansidão de Bonifácio. Morria então na Palestina S. Jerônimo (30-9-420), a quem deve o Cristianismo esplêndido trabalho sôbre as Escrituras.

S. Bonifácio, papa, morreu no dia 4 de setembro.

27 de julho — S. CELESTINO I (422-432) — Confessor

A eleição de Celestino, filho de Prisco e natural da Campânia (sul da Italia), foi pacífica e de agrado geral, pelo que S. Agostinho escreveu ao novo eleito, congratulando-se com êle. Celestino era de família nobre, parente do imperador Valentiniano III e era homem de muito saber. Regulou no ofício divino o uso dos salmos de Davi. Consagrou e embelezou a basílica Júlia.. Preocupou-se com a questão dos "apelantes": eram êstes uns maus eclesiásticos africanos suspensos por seus bispos e que haviam "apelado" para Roma, apresentando o caso a seu modo e obtendo um perdão condicional... o que desagradou a seus prelados. Felizmente a África tinha por bispos a homens do valor de Agostinho, Alípio e Aurélio.

Gravíssima questão foi suscitada pela heresia de Nestório, eleito bispo de Constantinopla apenas por sua maravilhosa eloqüência. Imbuído do orgulho da grande metrópole não quis retratar-se de seus erros. Negava a Maria SS. o título de Mãe de Deus, caindo na heresia de Apolinário e de Teodósio de Mopsuéstia, que atribuiam a Cristo dualidade de pessoas. — Realizou-se então em Éfeso (431), sob a proteção do imperador Teodósio II (favorável, aliás, a Nestório), o 3.º Concílio Ecumênico, sob a presidência de S. Cirilo, bispo de Alexandria e representante do Papa. Estudadas e debatidas as teses, foi condenado o êrro de Nestório — e o povo, intensamente devotado a Maria, Mãe de Deus, acompanhou os conciliares numa memóravel procissão com milhares de tochas e velas. — Celestino enviou à Irlanda S. Patrício, o tradicional santo dessa Ilha, e Paládio, 1.º bispo da Escócia.

19 de agôsto — S. SISTO III (432-440) — Confessor

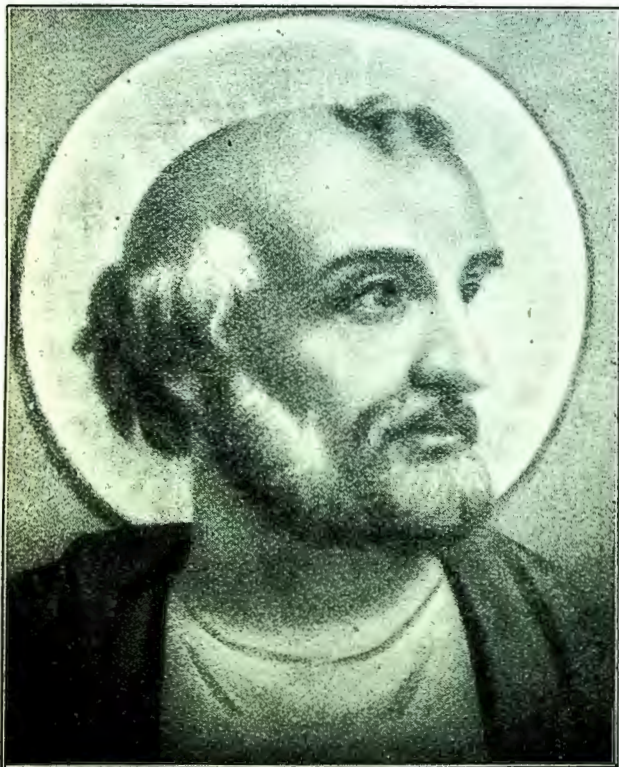
Sisto era um sacerdote romano, muito conhecido, pois a êle enviara S. Agostinho († 430) sua carta sôbre a questão da graça. De coração bondoso, ia-se deixando enganar pela falácia dos pelagianos, mas encontrou um excelente auxiliar em seu diácono Leão, o futuro grande papa.

Vencido o cisma de Nestório, Sisto celebrou essa vitória do dogma católico, reerguendo a antiga basílica Liberiana, dedicada a Maria Virgem, Mãe de Deus, o primeiro templo erguido à Santa Virgem, em Roma, chamado até hoje de Santa Maria Maior. São notáveis os mosaicos, com que o papa fêz adornar essa igreja, representando a Anunciação, a morte dos Santos Inocentes, a Fuga para o Egito e a Apresentação ao Templo. A ausência do Nascimento de Jesus é explicada pela existência de um nicho com figuras representando o Natal, um proto-presépio talvez.

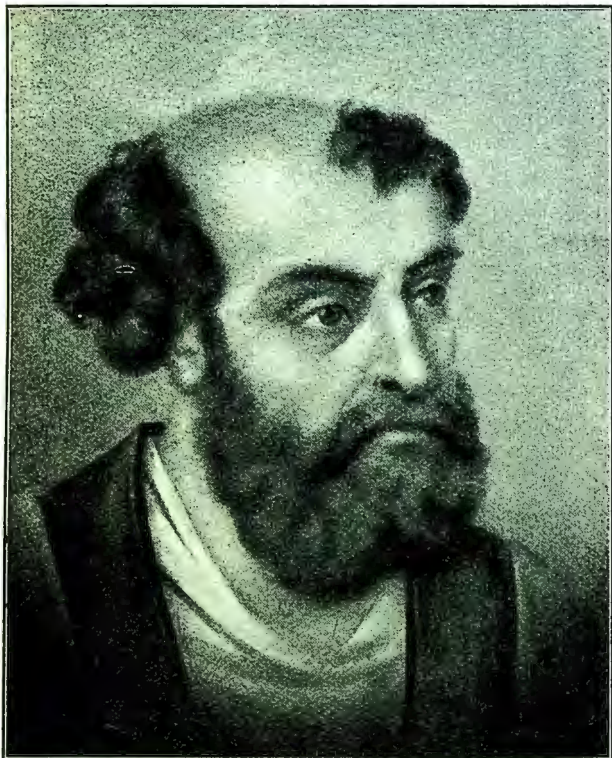
Belo o quadro, em mosaico, de Maria rodeada de mártires, com a dedicatória composta por Sisto: "Mãe de Deus, Santa Virgem, eis os teus mártires que pelo teu Filho sofreram, a ti ofertam suas coroas, tendo aos pés os instrumentos do seu martírio. Eis a espada e o fogo, eis as feras, o rio, o mortífero veneno. Diversa é a forma de morte que os colhe, a mesma, porém, é a coroa de glória".

S. Sisto seguiu com energia heróica os vestígios de seus antecessores, mantendo sã a doutrina, opondo-se às usurpações de jurisdição intentadas pelo patriarca de Constantinopla, defendendo a unidade da Igreja. S. Leão Magno louvou Sisto como "magnífico restaurador de templos e mais ainda das almas, cuja memória será indelével pelo bem que operou".

S. Sisto morreu no ano 440; ignora-se o dia.

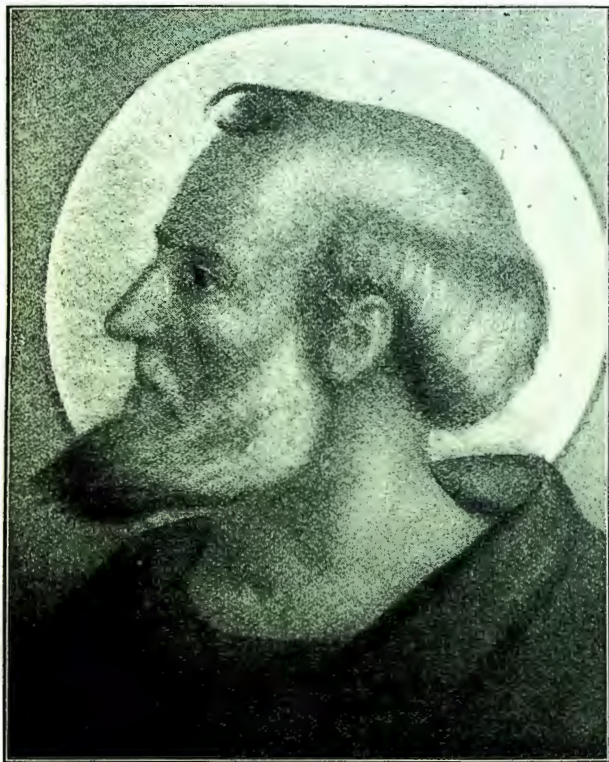
11 de abril — S. LEÃO I Magno (440-461) — Confessor

11 de abril — *S. LEÃO I* Magno (440-461) — Confessor

Leão, toscano, mereceu o título de Grande. Apesar de eleito por unanimidade, ausente nas Gálias, exclamou: "a dignidade de Pedro não sofre diminuição por indigno que seja seu sucessor". As vicissitudes fizeram brilhar seu valor. — Êutiques, arquimandrita de 300 monges, ensinava que em Cristo existe uma só natureza, a divina (monofisitismo). Reprovado por seu bispo de Constantinopla, foi apoiado pelo imperador, mas finalmente condenado pela exposição clara e precisa da doutrina papal, no 4.º Concílio Ec. de Calcedônia (449). Há remanescentes dessa heresia no Egito e Abissínia (Coptos) e na Síria e Mesopotâmia (Jacobitas). S. Leão criou representantes permanentes seus nas Côrtes, princípio das "nunciaturas". — Em 451, Átila, rei dos Hunos, "o flagelo de Deus", com suas hordas selvagens atacou o Ocidente. S. Genoveva salvou Paris. O Huno invadiu então a Italia "não crescendo mais a erva, onde seu cavalo pisara". O imperador romano fugira de Ravena para a aterrorizada Roma. S. Leão saíu então ao encontro do Bárbaro. Uma lenda, imortalizada num quadro de Rafael, diz da aparição de S. Pedro e de S. Paulo ameaçando Átila. O certo é que "o terror do mundo" retrocedeu, indo morrer na festa de seu casamento na Panônia (453). O papa salvara Roma! A cidade ingrata, porém, não ouviu seus conselhos, continuou no mal e suas discórdias atraíram Genserico, rei dos Vândalos, que a saqueou, levando até os vasos sagrados trazidos do Templo de Jerusalém por Tito. Pela preces de Leão, Genserico poupou maiores desgraças. S. Leão é célebre também pelas suas homílias. Logo após sua morte (11-4-461), teve culto de santo.

28 de fevereiro — S. HILÁRIO (461-468) — Confessor

28 de fevereiro — *S. HILÁRIO* (461-468) — Confessor

Hilário, filho de Crispim, nasceu na Sardenha. Sucedeu a Leão Magno em 12-11-461. Havia estado no conciliábulo eutiquiano, onde a custo salvara a vida. Fugitivo, trouxera a Roma o apêlo dos bispos depostos naquela ocasião. Como Papa, confirmou os concílios de Nicéia, de Éfeso e de Calcedônia, anatematizando Êutiques, Nestório e outros. Sustentou a autoridade da Sé católica, resolvendo questões de limites entre dioceses, de poderes entre arcebispos e bispos. As cartas dos mais distantes primazes e antístites testemunham a autoridade precípua do sucessor de S. Pedro. Enriqueceu de arte a basílica constantiniana. Instituiu mosteiros em S. Lourenço "ad balneum" e no pretório de S. Estêvão. Era muito devoto dêste santo protomártir, erigindo-lhe um belíssimo oratório em Latrão.

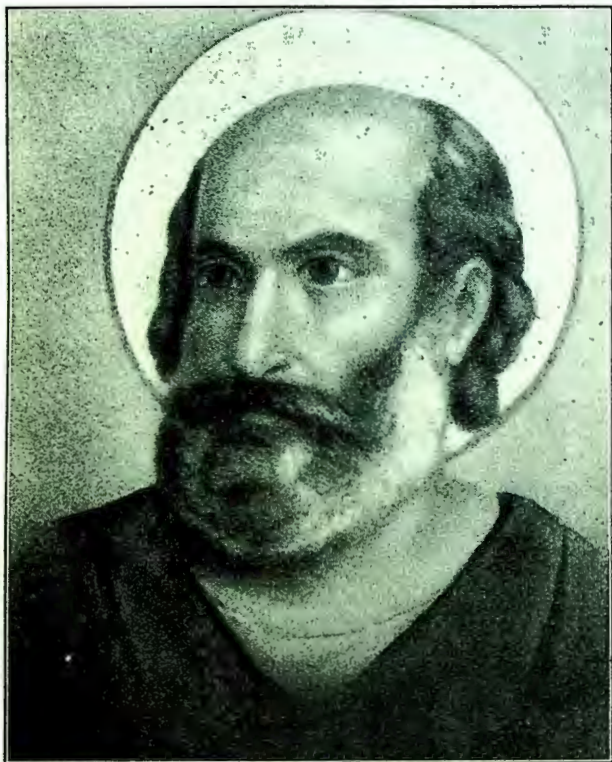
Notável também haver S. Hilário fundado duas bibliotecas nesse local. No tempo em que as invasões dos Bárbaros destruiam tôda civilização, e quando em livros nem se podia pensar ante as angustiosas calamidades, o Papa procurava salvar o que lhe era possível, da literatura. "A História é a mestra da Vida": nela deviam aprender os que levianamente acusam a Igreja de obscurantismo!

"Em uma ordenação, feita em Roma no mês de dezembro, impôs as mãos a diversos sacerdotes e diáconos e a vinte e dois bispos, destinados a diversos lugares", lemos de S. Hilário. Lemos também que êle combateu a heresia de Macedônio e protestou enèrgicamente ante o Imperador contra as "lupercais", festas tradicionais pagãs. — Celebra-se a festa de S. Hilário, papa, no dia 28 de fevereiro.

10 de março — S. SIMPLÍCIO (468-483) — Confessor

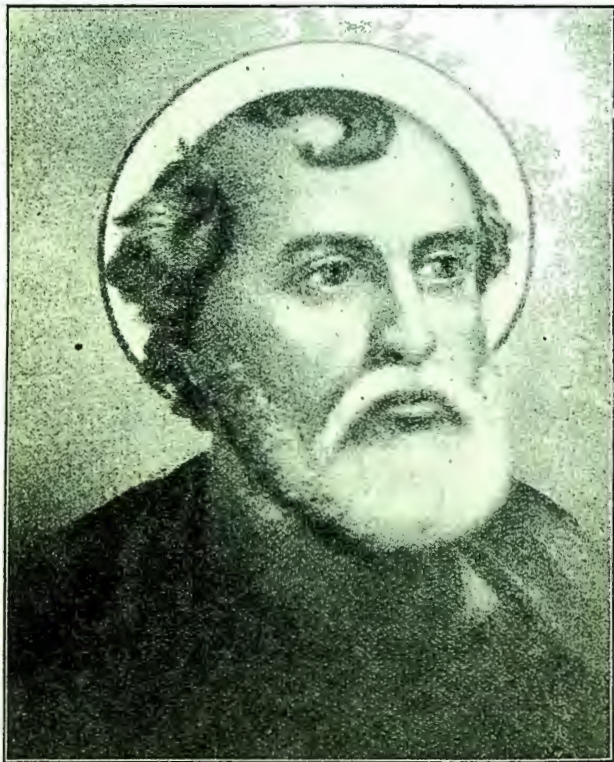
Oriundo de Tíbur (Tívoli), era Simplício filho de Castino, pertencente a antiga e fervorosa família cristã. Eleito por unanimidade, foi sagrado dia 5 de março. Em seu pontificado deu-se um fato importantíssimo na História: o ano 476 fixa a queda do Império romano do Ocidente, iniciando-se um período a que chamamos Idade Média. Odoacro, filho de um guerreiro de Átila, aclamado rei por seus audazes soldados germânicos, destronou em Pavia ao jovem Rômulo Augústulo, último imperador romano do Ocidente. Odoacro era bárbaro e ariano. Então Zenão, do Oriente, julgou-se único soberano cristão legítimo; imiscuiu-se em assuntos religiosos e caiu em eutiquianismo.

Favorecido por êle, Acácio, de Constantinopla, intentou submeter ao seu patriarcado as Sés de Antioquia e de Alexandria, violando os antigos cânones. Chegou a impor a Alexandria como bispo, um tal Pedro Mongo, o Tartamudo. Acácio chegou ao ponto de usar em seu favor, por dolo, da popularidade de S. Simeão Estilita (assim chamado porque vivia sôbre as ruínas de uma coluna), o qual, com sua vida santa e com suas prédicas, incitava o povo à penitência. Apesar de se ver sòzinho, como autoridade, ante a invasão dos Bárbaros, o papa Simplício usou de todo o vigor, até obrigar os imperadores orientais Zenão e Basilisco a reconsiderarem seus atos de exorbitância.

O papa Gelásio explicava mais tarde êstes acontecimentos pelo "proceder insensato dos hereges, os quais, tendo rejeitado a doutrina dos Apóstolos, apoiam-se em decisões doutrinárias de leigos; recusam os decretos dos sagrados concílios, mas põem sua esperança em asserções dogmáticas de gente do mundo".

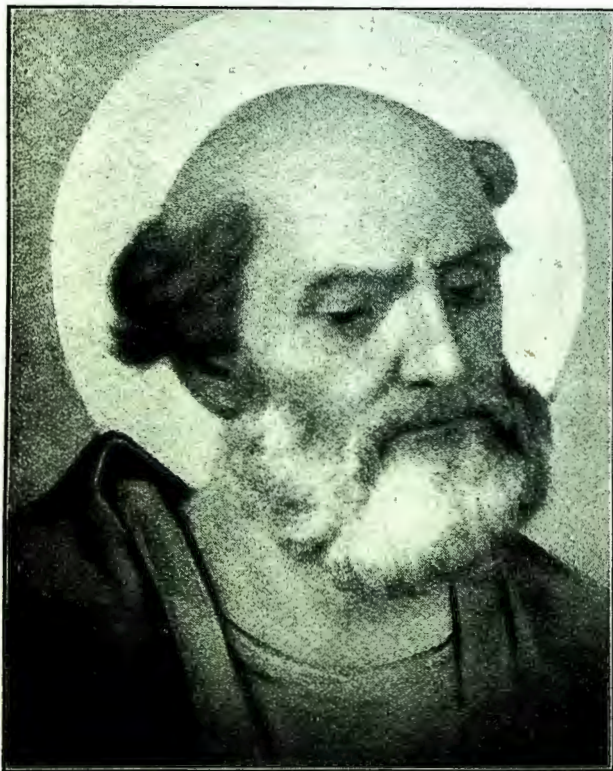
Aos 10 de março é festejado S. Simplício, papa.

1.º de março — S. FÉLIX III (483-492) — Confessor

O sucessor de S. Simplício leva o ordinal III em seu nome, porque por alguns autores é considerado papa legítimo S. Félix II, mártir do tempo de Libério.

Félix III nasceu em Roma. Fôra casado e um de seus netos tornou-se mais tarde S. Gregório Magno. Após enviuvar, Félix foi ordenado sacerdote, como acontecera com seu pai. // Nosso santo enfrentou logo o cisma de Acácio, Pedro Mongo e Pedro Fullon, apoiados pela Côrte de Constantinopla, a qual favorecia a insubmissão dos bispos bizantinos, em proveito próprio, chegando a corromper alguns enviados do papa. Félix III, após intimações caridosas, enviou a Acácio a bula de excomunhão. Como êste se recusasse a receber os enviados pontifícios, alguns monges audazes pregaram-lha no manto, durante as funções na catedral. Puniu-os o imperador: alguns foram mortos. Escreveu então o papa ao ímpio Zenão: "Escolhe, ó imperador, entre Pedro Mongo e Pedro Apóstolo"... Recorda ao ingrato soberano quanto os católicos haviam feito para sua reintegração, quando fôra expulso do trono. E Félix reivindica de César o que é de Deus... Em 491 morreu Zenão. Contam que, embriagado num banquete e dado por morto, foi sepultado vivo por ordem de sua mulher Ariadna, e que, voltando a si no túmulo, urrou desesperadamente até morrer. Ariadna fêz proclamar imperador a Anastácio, jovem oficial. // No Ocidente, Teodorico, rei dos Ostrogodos, venceu Odoacro, assediado três anos em Ravena, e se proclamou rei da Itália. Era ariano, Teodorico, mas protegeu os católicos, até ser atacado pelo Oriente. // S. Félix confortou os perseguidos (mais de 5.000) vítimas de Hunerico, rei dos Vândalos. // Félix III foi sepultado na igreja de S. Paulo (Roma), reconstruída por sua família.

21 de novembro — S. GELÁSIO I (492-496) — Confessor

Nascido na África, Gelásio governou ao tempo de Teodorico, rei ostrogodo da Italia, e de Anastácio, imperador do Oriente. Em um sínodo recebeu a retratação do bispo Miseno, readmitindo-o à comunhão da Igreja e restituindo-o à sua Sé. Caráter vigoroso, inteligência lúcida, escreveu trabalhos eruditos. Tratou com deferência imerecida a Anastácio, mas com firmeza defendeu o primado de Roma contra Constantinopla, que pretendia direitos sôbre os patriarcados de Antioquia e de Alexandria. O fato de ser a sede do govêrno imperial não concedia direito algum religioso a Constantinopla, assim como a sombra do palácio do imperador em nada aumentara o poder das Sés de Milão, Ravena, Sírmio ou Treveres, antigas capitais. Acusado pelo bizantino Eufêmio de haver faltado à caridade, defende-se Gelásio: "não se pode de modo algum fraquejar, em se tratando de defender as supremas verdades da Fé".

No Ocidente a Igreja lutava por civilizar a rudeza dos Bárbaros. Teodorico, por ex., matara um católico que, para lhe ser agradável, se fizera ariano. Afirmou o rei: "quem não é fiel a seu Deus, não o é a seu rei".

Gelásio regulou a disciplina eclesiástica quanto às ordenações e estágios; deu normas sôbre a profissão dos monges e a vida dos mosteiros; reuniu no livro "*Sacramentarium*" tôdas as missas do ano e as fórmulas dos Sacramentos. Muito trabalhou para atenuar a miséria e a fome causadas pelas guerras. Aboliu em Roma as "lupercais" (festa da Loba), recordação das obscenidades do paganismo e, parece, instituiu a festa da Purificação da Virgem Maria. — Atendeu tanto à pobreza que foi chamado "Pai dos Pobres".

19 de novembro — S. ANASTÁCIO II (496-498) — Confessor

19 de nov. — *S. ANASTÁCIO II* (496-498) — Confessor

Anastácio nasceu em Roma e reinou dois anos. Como seus predecessores, teve que se haver com os cismáticos orientais. Pensou que, com mais brandura, obteria a conversão dêsses transviados. Era amigo pessoal de Acácio, patriarca de Constantinopla, e quis atraí-lo por meio de Fotino, diácono de André de Tessalonica. Escreveu ao imperador, também chamado Anastácio, aceitando na Igreja os que houvessem sido batizados ou ordenados por Acácio.

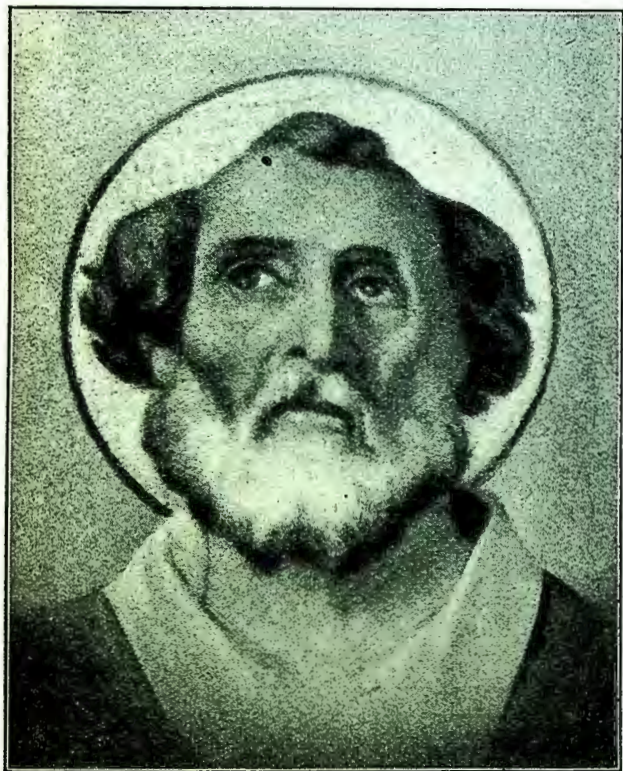
Essa condescendência levou alguns escritores, contemporâneos e posteriores, a condenarem a atuação dêste papa. Ainda mais: o imperador Anastácio terminou seus dias de maneira trágica: foi despedaçado e queimado por um raio; alguns escritores atribuiram também ao papa um fim tão miserando. O próprio Dante Alighieri coloca-o entre os precitos eternos: "Anastazio papa guardo, lo qual trasse Fotin della via dritta".

Anastácio viu a vitória dos cristãos da Armênia contra seus perseguidores da Pérsia. Em seu pontificado foi batizado Clóvis (Clodoveu), o valoroso rei dos Francos. Casado com Clotilde, católica e filha do rei-mártir da Borgúndia, Clóvis recebeu o batismo das mãos de S. Remígio, em Reims, cuja catedral se tornou o lugar tradicional da sagração dos reis franceses. À diferença dos demais povos bárbaros que eram arianos, Clóvis fundiu seus Francos com os católicos romanos das Gálias, num sólido bloco que fêz a grandeza da França. Esta gloriosa nação ganhou assim o título de "primogênita da Igreja". "Êste papa condenou a afirmação de que as almas humanas são criadas pela natureza e não por Deus". — Morreu Anastácio II em 19-11-498.

19 de julho — S. SÍMACO (498-514) — Confessor

19 de julho — *S. SÍMACO* (498-514) — Confessor

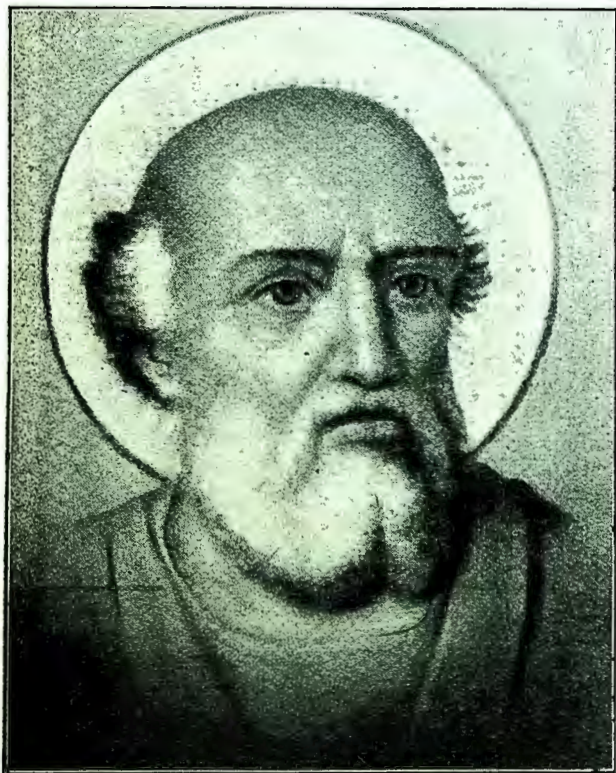
Natural da Sardenha, Símaco regeu a Igreja por mais de 15 anos. Reinava então na Italia, Teodorico, ostrogodo; e no Oriente, Anastácio. O primeiro era ariano. O segundo participava do cisma de Acácio. Pela Europa referviam as hordas dos Bárbaros em sua devastações. Para aumentar as dificuldades surgiu um antipapa. No dia da eleição de Símaco, uma minoria de clero e povo, açulada pelo Senado, escolheu a Lourenço. Ante os protestos da maioria, o Senado, interferindo em assunto religioso, recorreu a Teodorico, enviando a Ravena falsos documentos. O rei nomeou então Pedro, bispo de Altino, como "visitador" para Roma — o que era contra os Cânones. O papa Símaco reuniu um sínodo (sínodo "*ad palmam*") de 115 bispos e condenou a injusta intromissão real. Chegando-se a um acôrdo, Lourenço foi perdoado e feito bispo e Teodorico realizou esplendorosa visita a Roma. S. Avito, bispo de Viena das Gálias, escrevera ao Senado romano: "Quando se põe em questão a autoridade do Pai de Roma, não se atinge a um só bispo, mas a todo o episcopado do mundo".

No Oriente, Anastácio, insuflado pelos monofisitas, acusava o Papa de maniqueu! Êste escrevia-lhe: "Respeita Deus em nós, e nós respeitaremos Deus em ti. Vê, ó César, a longa série dos que perseguiram a Fé. Observa-os reduzidos a pó, enquanto a verdadeira Religião tanto mais refulge quanto mais é pèrseguida". Símaco fundou hospitais para os pobres e para os já numerosos peregrinos. Edificou as igrejas de S. Pancrácio, SS. Cosme e Damião, S. André... Sua festa é celebrada em 19 de julho.

6 de agôsto — S. HORMISDAS (514-523) — Confessor

Filho de Justo, nasceu Hormisdas em Frosinone, ao sul de Roma. Era viúvo e um seu filho foi mais tarde o heróico papa S. Silvério (537).

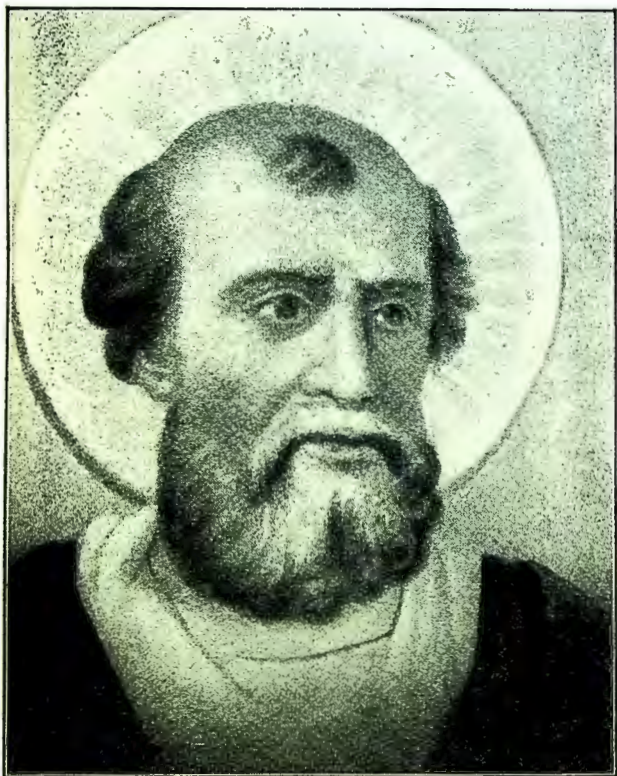
Hormisdas teve a consolação de terminar o cisma dos Eutiquianos. Receando pela pureza da fé, ameaçada por êsses hereges, estudou profundamente a doutrina da Encarnação e da SS. Trindade. No Oriente, o imperador Anastácio quase perdeu a vida numa sublevação de seus soldados. Premido pela necessidade, libertou os católicos, pediu o auxílio moral do Papa e o material do Senado romano, prometeu a reunião religiosa do Oriente com o Ocidente. Passado, porém, o perigo, escreveu com insolência ao papa e expulsou os legados pontifícios, fazendo-os viajar numa nau avariada para perecerem no mar. A morte colheu-o, a êle, de modo trágico: foi fulminado por um raio em seu palácio (518). Seu sucessor, Justino, fêz voltar os bispos exilados, restituiu-lhes as igrejas, pediu ao Papa enviasse legados que fossem presidir à reconciliação do Oriente com o Ocidente. Os enviados levaram a célebre "fórmula de Hormisdas", já aplicada na Espanha e nas Gálias e que obteve agora seu máximo triunfo. Numa Quinta-feira Santa do ano 519, o patriarca João de Constantinopla assinava a fórmula de união, baseada na frase de Cristo: "Tu és Pedro e sôbre esta Pedra edificarei a minha Igreja".

A família imperial bizantina, Teodorico, rei dos Visigodos, Sigismundo, rei dos Borgúndios, Clóvis, rei dos Francos, e muitos outros soberanos, enviaram dons e homenagens a S. Hormisdas, cuja festa celebramos no dia 6 de agôsto

27 de maio — S. JOÃO I (523-526) — Mártir

27 de maio — *S. JOÃO I* (523-526) — Mártir

João, filho de Constâncio e sucessor de Hormisdas, era natural da Etrúria (Toscana, ao norte de Roma). Seu breve pontificado demonstrou mais uma vez a firmeza da "rocha de Pedro", e culminou com o martírio por amor à Verdade.

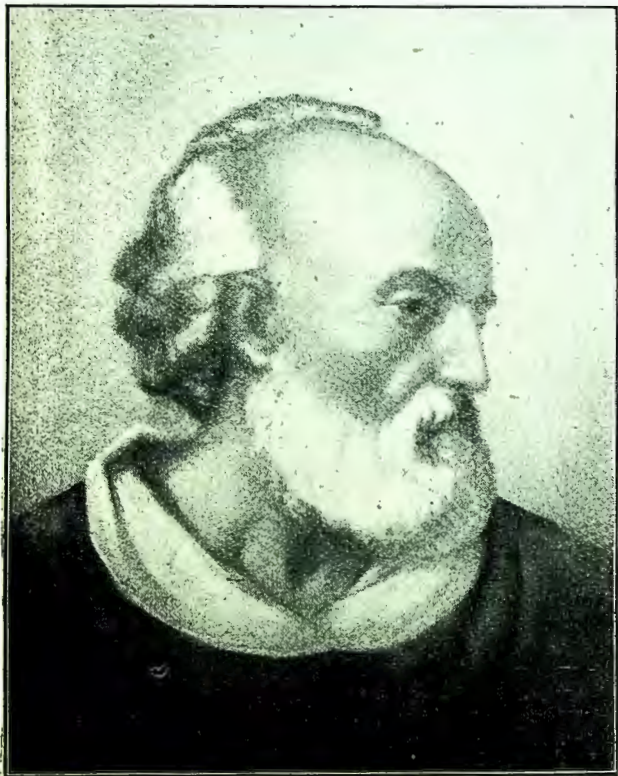
O imperador do Oriente, Justino, a fim de encerrar o período de discórdias em seu govêrno, publicou no ano 523 um edito contra os hereges. Milhares de Godos, que residiam no Oriente, eram arianos. Queixaram-se a Teodorico, rei n·· Ocidente, godo e ariano êle também. Suspeitoso como todo bárbaro, Teodorico imaginou, no referido edito, planos de conquista por parte de Justino. Perseguiu, pois, em represália, os católicos romanos. A primeira vítima ilustre foi Boezio, executado em 524, e que, no cárcere, escrevera a sua *Confessio Philosophias*, trabalho apologético imortal. Teodorico, com ameaça de maior perseguição aos fiéis, obrigou o papa a ir até Constantinopla modificar o ânimo de Justino.

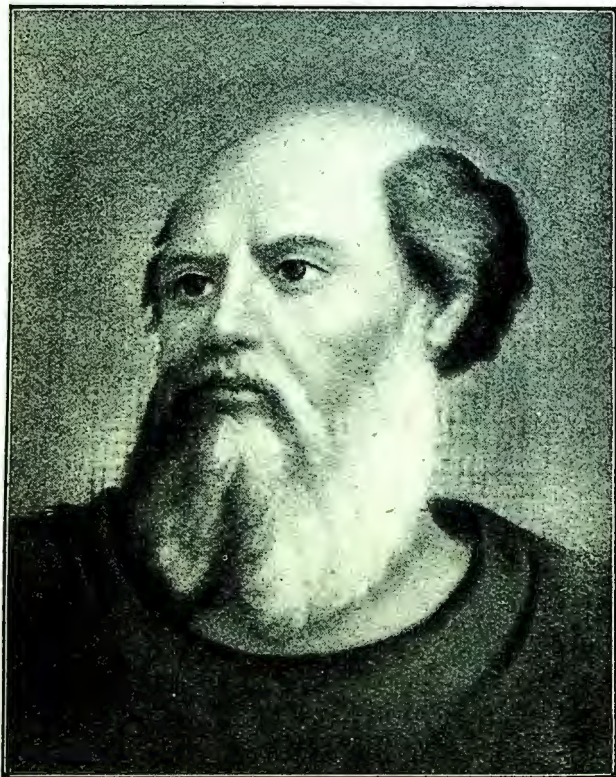
A visita do pontífice à deslumbrante capital bizantina foi um triunfo inigualável. O povo estendeu-se por doze milhas, para aclamá-lo. O imperador, ajoelhado, prestou-lhe honra como a Vigário de Cristo e foi por êle solenemente coroado. O papa foi o celebrante nas pomposas funções da Páscoa. Obteve João melhor tratamento de Justino para os arianos e sua caridade converteu a muitos dêles. Ao voltar, porém, foi aprisionado brutalmente por Teodorico e morreu na prisão entre maus tratos. Junto a seu féretro um energúmeno curou-se repentinamente, dias depois morria Teodorico. Fôra um grande rei, mas sua morte, entre remorsos, deu origem a lendas terrificantes.

22 de setembro — S. FÉLIX IV (526-530) — Confessor

Conhecida em Roma a morte heróica de João I, o clero e o povo elegeram a Félix, filho de Castório, nascido em Benevento. O rei Teodorico, interferindo indèbitamente na escolha, havia escrito ao Senado propondo o mesmo Félix. O ato real desagradou a muitos, mas Teodorico morreu naqueles dias e Félix foi aceito e consagrado. Atalarico, o novo rei, congratulou-se com a Igreja pela eleição de "um digno vigário de Cristo".

O jovem soberano, neto de Teodorico, governava sob a regência de sua mãe Amalasunta e com os sábios conselhos do historiador Cassiodoro. Roma engrandeceu-se nas artes e nas ciências, e Atalarico desfazia as injustiças do reinado anterior. Aos filhos do filósofo Boezio e aos do prefeito Símaco, executados por ordem de Teodorico, foram restituídos os bens paternos. Emanou um edito proibindo que os eclesiásticos apelassem para o poder civil em questões religiosas.

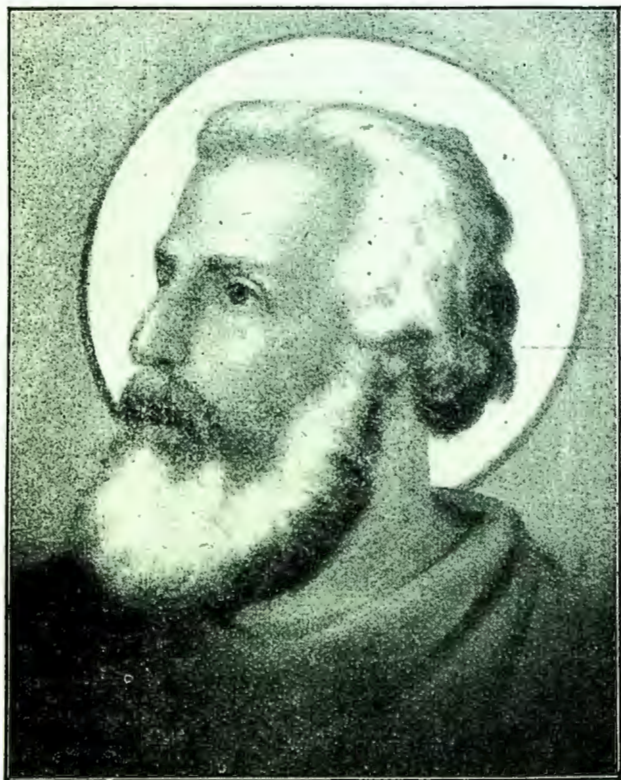
Félix IV, talvez devido à passagem de alguma epidemia, propagou muito a devoção aos Santos Cosme e Damião, erigindo em sua honra magnífica basílica, com belos mosaicos e dedicatória: "Aos gloriosos médicos mártires, em quem o povo deposita esperança de saúde". — Orientou, com os escritos de S. Agostinho, o arcebispo Cesário de Arles (França) na discussão sôbre a graça, e contra os semipelagianos no Concílio de Orange (529). Receoso de lutas pela sua sucessão, Félix, antes de morrer, nomeou seu sucessor a Bonifácio, diácono. Agiu em boa-fé, mas contra os cânones do sínodo de 465 (papa Hilário), por isso não deixou à Igreja aquela paz que pensava deixar.

BONIFÁCIO II (530-532)

BONIFÁCIO II (530-532)

Bonifácio, nativo de Roma, filho de Segisbaldo ou Sigismundo, reinou dois anos e dois meses, sendo Atalarico rei da Italia, e Justiniano imperador do Oriente. A precaução de Félix IV, pretendendo, contra os usos da Igreja, nomear seu sucessor, teve resultado oposto ao colimado. Talvez por influência de Justiniano, que já sonhava dominar a Italia tôda, talvez por ser Bonifácio de família ostrogoda, desagradando assim aos bizantinos — êstes, mui numerosos em Roma, elegeram um tal Dióscoro, a quem consagraram na basílica de Latrão. Era o cisma, a desunião: um antipapa! Entretanto, a morte de Dióscoro trouxe a paz. O seu partido, judiciosamente, não insistiu em outra escolha e submeteu-se a Bonifácio. Êste, porém, considerando os dissabores que no passado haviam causado à Igreja a diversidade de opiniões e a intromissão de governantes nas eleições pontifícias, quis reformar o uso cristão de eleição livre. Declarou, então, numa assembléia reunida na basílica de S. Pedro, que nomeava seu sucessor o diácono Vigílio. A oposição, porém, foi tão rápida e decidida, que Bonifácio reconheceu seu êrro (não se tratava de verdade da fé) e queimou pùblicamente seu decreto. Foi além: proibiu severamente a ingerência interessada de qualquer pessoa nas eleições. — Êste papa, de grande liberalidade, gastou somas ingentes para socorrer o povo num período de sêca e fome. — Recebeu homenagem dos bispos da França, como mestre e guia. — Em 531 declarou nulas as deposições de bispos da Ilíria, atingidos por decretos de Constantinopla. — Em 17-10-532 morreu Bonifácio. Seu epitáfio recorda sua simplicidade de vida e sua imensa bondade para com os pobres.

JOÃO II (533-535)

João II viveu no pontificado 2 anos e 4 meses, a começar de janeiro de 533. Nascido em Roma, seu pai chamava-se Projeto e êle, Mercúrio. Nomes curiosos. Provàvelmente sentira que seu nome mitológico, pagão, não lhe assentava bem; trocou-o ao se fazer eclesiástico. Havia sido sacerdote na basílica de S. Clemente, recordando-se seu nome num belo cibório. Em Roma introduzia-se o grave abuso de ganhar votos por influência de dinheiro ou de personagens da Côrte. Ao tempo de Félix IV já se haviam emanado ordens severas a êsse respeito. João II confirmou-as; porém o rei Atalarico pretendeu o direito de confirmar a eleição do Papa e, para êsse fim, fêz afixar um seu decreto, gravado numa lápide de mármore, à fachada da basílica vaticana.

O jovem Atalarico, preferindo aos conselhos de sua mãe as indicações de seus conselheiros que o queriam "um guerreiro godo e não um letrado romano", caiu nos vícios, tendo morte prematura (534). Sua mãe, Amalasunta, aliou-se a Justiniano do Oriente, mas foi assassinada e o imperador bizantino aproveitou-se do pretexto para invadir a Italia. A êsse tempo, Belisário, o mais célebre general de Constantinopla, destruía o reino ariano dos Vândalos no Norte da África e levava os sagrados troféus trazidos outrora de Jerusalém por Tito, no ano 70. Como, porém, um judeu fizesse notar que essas relíquias hebraicas haviam trazido a ruína a seus possuidores, foram elas enviadas a Jerusalém, onde se perderam nas invasões persas ou árabes. — João II condenou a heresia dos monges "acemitas" ("que não dormem"!). Foi pacífico e sofreu com as guerras e lutas, diz seu epitáfio.

22 de abril — S. AGAPITO I (535-536) — Confessor

22 de abril — *S. AGAPITO I* (535-536) — Confessor

Natural de Roma, Agapito, filho de Gordiano, pertencia a uma família nobre. Seus eleitores eram, em sua maioria, adeptos de Dióscoro, o candidato oposto a Bonifácio II. Procurou, pois, Agapito, cicatrizar as feridas da passada luta partidária. Teve a consolação de ver restituída à fé católica a África, terra gloriosa de Agostinho e de Cipriano. Havia sido destruído o reino dos Vândalos por Belisário. Esta conquista, porém, aumentou a ambição do católico Justiniano, imperador de Constantinopla, o qual, instigado por sua pérfida mulher Teodora, volveu seus olhares para a Italia. Neste país, a rainha Amalasunta, mãe do malogrado Atalarico, foi morta por seu segundo espôso Teodato. Justiniano, pretextando castigar êsse crime, fêz seus exércitos invadirem o reino ostrogodo, já malquisto por todos. O intrépido Belisário ocupou a Sicília. Teodato, então, obrigou o papa a dirigir-se a Constantinopla. Agapito acedeu, para evitar a guerra e para compor assuntos religiosos. Em sua viagem, diz S. Gregório Magno, curou um mudo paralítico. Foi recebido (2-2-536) com festas grandiosas pelo imperador e pelo povo. Convocou um sínodo para reafirmar pontos da fé e depôs o indigno patriarca Antimo, colocado por Teodora — substituindo-o pelo bispo Menna.

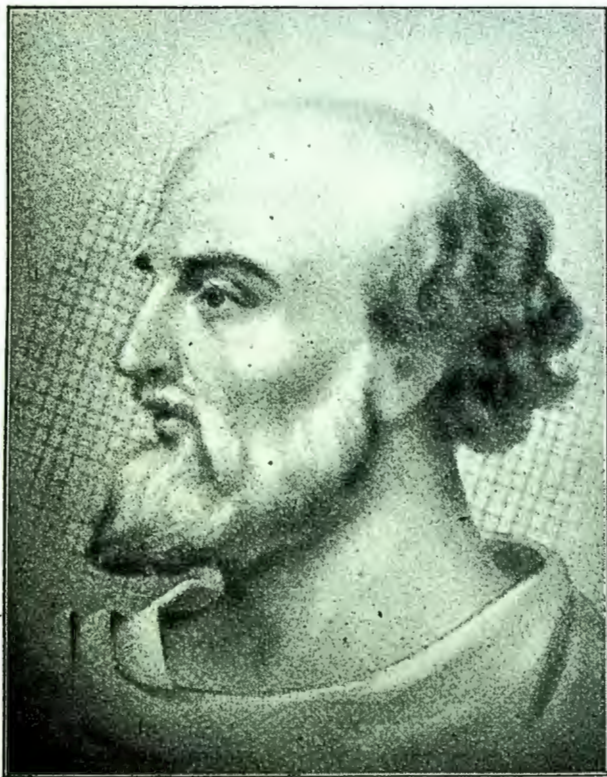
Não conseguiu deter a guerra, porque durante sua longa viagem, as tropas de Belisário já haviam desembarcado na península itálica. Além disso, atacou-o grave doença, de que morreu "sorrindo, enquanto os presentes choravam". Teve funerais grandiosos "como jamais alguém os teve". Seu corpo foi transportado para Roma. Também a Igreja Ortodoxa o venera.

20 de junho — S. SILVÉRIO (536-540) — Mártir

20 de junho — *S. SILVÉRIO* (536-540) — Mártir

O subdiácono Silvério, infeliz e heróico pontífice era filho de S. Hormisdas, que, após enviuvar, se fizera eclesiástico e ascendera a papa (514-523).

Na escolha de Silvério houvera sôbre os eleitores certa pressão por parte de Teodato, rei ostrogodo, que receava, e com razão, a investida dos exércitos de Justiniano sob o comando de Belisário. A imperatriz Teodora, inteligente, belíssima e ambiciosa (de artista de circo galgara o trono e dominava o grande Justiniano!) não perdoava ao papa anterior haver destituído da Sé bizantina o seu protegido, o herético Antimo, que rejeitava o Concílio de Calcedônia. Enviou, pois, o diácono Vigílio a Belisário, para que o general o fizesse papa! O valente comandante deixou-se vencer por sua mulher, Antonina, amiga e digna êmula de Teodora. Silvério foi acusado de traição (Belisário estava sitiado em Roma pelos Godos), levado à presença do general e de Antonina, despojado de suas vestes pontificais, vestido com um hábito de simples monge e desterrado a Pátara, na Lícia. O bispo dêsse lugar escreveu então a Justiniano: "Reis há muitos, mas só um Papa". Foi Silvério reconduzido a Roma, por ordem do imperador, mas a ímpia Teodora e seus áulicos, fizeram-no levar, prêso, à ilha Palmária, no mar Tirreno. Lá, as humilhações e privações conduziram-no ràpidamente à morte. Faleceu em dia ignorado, de maus tratos, provàvelmente de fome.

Uma relação contemporânea chama-o "intrépido confessor da fé" e afirma que muitos doentes, indo ao seu túmulo, recobravam a saúde. — A festa dessa ilustre vítima da prepotência e do despotismo irreligioso, celebra-se aos 20 de junho.

VIGÍLIO (540-555)

VIGÍLIO (540-555)

A violenta deposição de S. Silvério ocorreu em março de 537 e em 29 do mesmo foi sagrado Vigílio. Durante a vida de Silvério, porém, êle não foi reconhecido por todos como papa. Nascera em Roma, filho de um cônsul. As notícias sôbre seu pontificado são obscuras. É certo, porém, que havia sido um instrumento das intrigas políticas da Côrte de Bizâncio, mas, apenas ascendeu ao sólio pontifício, tornou-se um defensor da fé e adversário da mesma Côrte.

Justiniano teve um reinado brilhante. Imortal obra sua a Coleção dos Monumentos Jurídicos Romanos. Construiu a maravilhosa Igreja de Santa Sofia (564) etc... Com o tempo, porém, a influência de Teodora e a velhice tornaram-nc "teólogo". Quis impor suas opiniões. Encontrou decidida oposição em Roma por parte de quem fôra outrora criatura sua. O papa Vigílio foi prêso, arrancado ao altar onde estava celebrando, levado a Constantinopla (546). Doente, maltratado e abatido, assinou fórmulas que infirmavam o Concílio de Calcedônia (contrário ao absolutismo imperial). Reavendo-se pela oração, enfrentou Justiniano, a quem chamou de "Diocleciano" (o grande perseguidor), fugiu por uma janela numa noite fria de Natal (551) e navegou numa barquinha até Calcedônia, de onde escreveu a todo o orbe cristão. Morreu Teodora. Tótila, novo rei dos Godos, ocupou Roma. Justiniano então chegou a um acôrdo pela "Pragmática Sanção". Vigílio morreu em Siracusa (7-6-555) em viagem para Roma, onde foi enterrado, após 10 anos de ausência, no cemitério de Priscila, que êle mesmo fizera outrora restaurar nas Catacumbas devastadas pelas guerras dos Godos.

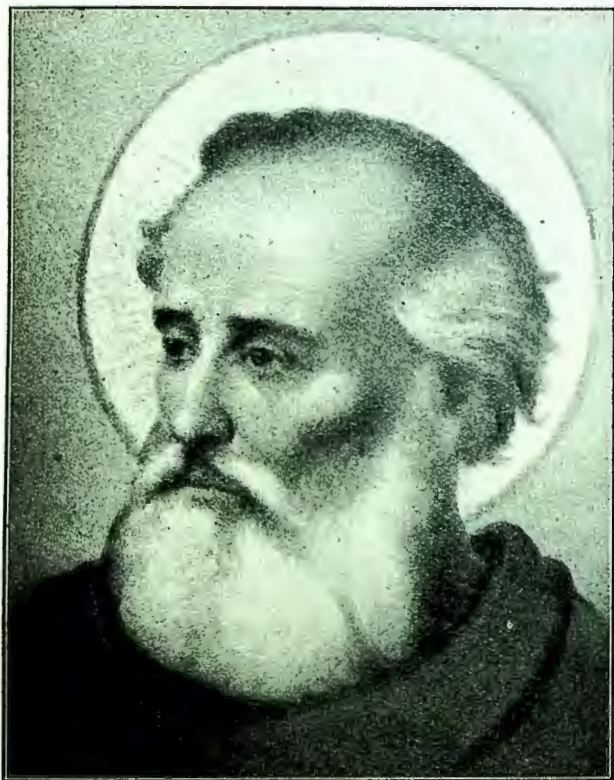
PELÁGIO I (556-561)

PELÁGIO I (556-561)

Alguns meses após a morte infeliz de Vigílio, subia ao trono pontifício Pelágio, filho de João Vicariano, alto oficial administrativo grego na Italia. Pelágio fôra outrora adversário da política de Vigílio e, portanto, do imperador Justiniano, tendo estado prêso em rígida cela de monges em Constantinopla. Encontrou, porém, válido auxílio em Narsés, o general digno sucessor de Belisário e obteve então o apoio de Justiniano. Foi consagrado no dia de Páscoa, 16-4-556. Estavam ainda divididos os ânimos nas questões religiosas bizantinas. Pelágio viu-se obrigado a punir recalcitrantes, recorrendo até às fôrças imperiais para a deposição de intrusos em algumas dioceses. Teve por isso inimigos, que o acusaram de heresia. Pelágio, em diversos escritos e numa solene procissão de Páscoa, em S. Pedro, jurou sôbre os Evangelhos sua dedicação à verdadeira fé de seus antecessores, afirmando com S. Agostinho: "Prefiro ser meu próprio censor, antes que diminuir um mínimo à verdade".

As guerras haviam reduzido a Italia à miséria e o papa pediu auxílio às Gálias, para os pobres; "Até famílias nobres vagueiam mendigando pelas cidades", diz um cronista da época.

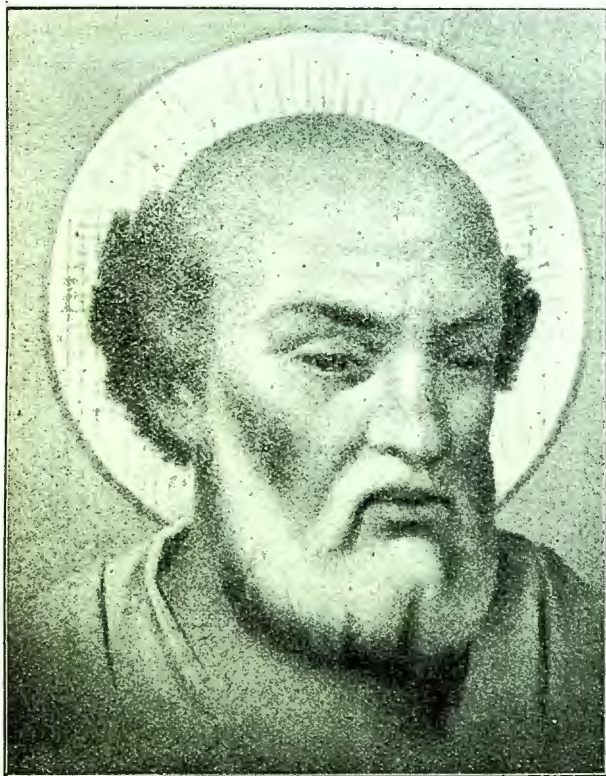
As hordas de bárbaros, Godos, Francos, Alamanos, assolam as grandes cidades. Detém-nos a espada de Narsés, mas a miséria é grande e o Senado romano, existente só de nome, envia a Constantinopla uma embaixada, que de fato é a do Papa, a pedir socorros.

Pelágio morreu em 3-3-561. Seu epitáfio, no pórtico de S. Pedro, recorda seus méritos de restaurador material e espiritual: "redentor dos prisioneiros, protetor dos pobres, afligia-se com os aflitos".

JOÃO III (561-573)

João III, romano, chamado Catelino, era filho de um nobre de nome Anastácio. Há poucas notícias do período doloroso e confuso de seu pontificado. Sabemos, porém, que êste papa cuidou muito das Catacumbas.

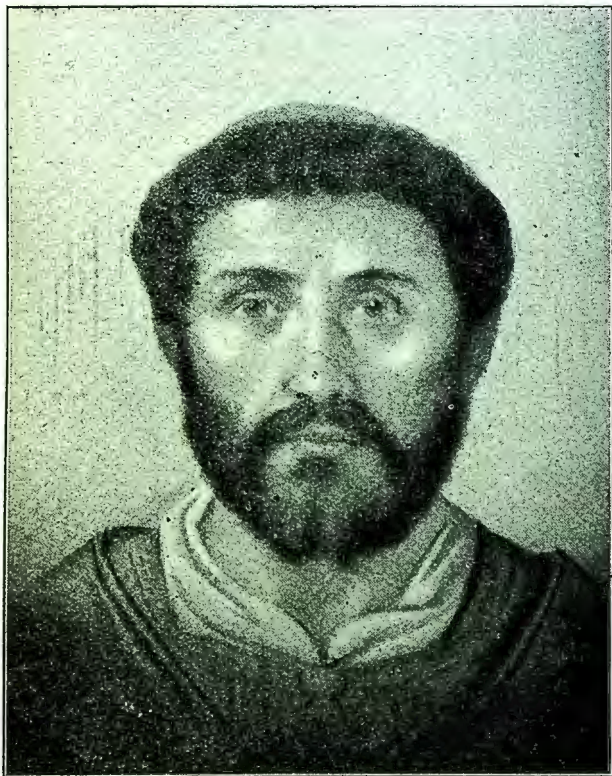
Começavam os fiéis a visitar, com mais frequência aquêles lugares sagrados, que encerravam as relíquias dos heróis cristãos dos primeiros séculos. Seus cuidados foram desde a restauração e desobstrução de muitas galerias, até a determinação de que as oblatas, as ampolas e as luzes destinadas a essas mesmas catacumbas fossem fornecidas pelo próprio palácio lateranense. Continuou a construção da bela basílica de S. Felipe e S. Tiago, iniciada pelo papa Pelágio.

"Dêsse modo, escreve Gregoróvius, Roma, caída na extrema miséria após a guerra gótica, animou o cultivo das artes... preservando através de uma época escura, os monumentos da arquitetura e escultura cristãs, os desenhos de mosaico e a pintura a fresco".

Novas desgraças desabaram sôbre Roma. Residia na cidade Narsés, que, envelhecendo, trocara a gloriosa espada pela paixão em acumular ouro. Revoltaram-se os romanos contra as exações do grego. Fizeram-no fugir, afirmando que preferiam os Bárbaros... A Imperatriz Sofia, aproveitando-se da oportunidade, insultou o eunuco, chamando-o a Bizâncio "para fiar e tecer junto às mulheres". O papa acalmou o velho general, mas já era tarde. Diz uma versão que Narsés, por vingança, chamara os Longobardos. Êstes bárbaros, chefiados por Alboíno, devastaram Milão, Pavia, Espolêto, avançando contra Roma! O papa João encerrou-se rezando nas Catacumbas, onde morreu em 573. Havia imposto as mãos a 61 bispos.

7 de julho — S. BENTO I (574-578) — Confessor

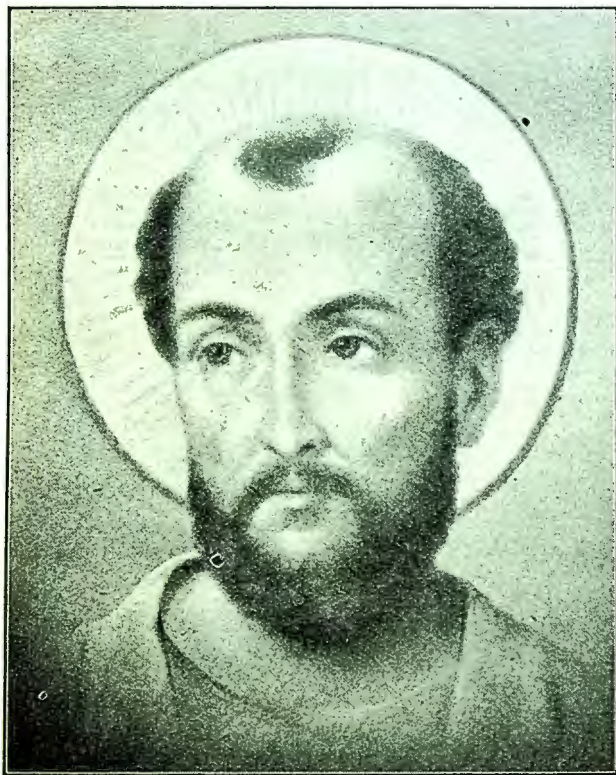
Após a morte de João III a Sé Romana ficou vaga por mais de dez meses: a invasão dos Longobardos, que traziam a ferro e fogo o norte e o centro da Itália, impedia a paz e tranqüilidade em Roma para a eleição de novo pontífice. Além disso vigorava o costume de se apresentar o nome do candidato ao imperador de Constantinopla, que era então o único sustentáculo humano do pontificado. Qualquer comunicação, porém, com Bizâncio, estava impedida pelo assédio dos novos e terríveis bárbaros. Assim mesmo foi eleito, de acôrdo com o que nos conta o *Liber Pontificalis*: "Bento, nativo de Roma, que reinou quatro anos, um mês e vinte e oito dias".

Em seu tempo o flagelo da guerra trouxe a praga da fome: "houve tão grande miséria, que muitas fortalezas se renderam aos implacáveis bárbaros, só para haverem um pouco de alimento. Deus teve pena de tanta calamidade e o imperador Justino II fêz mandar do Egito muitos navios carregados de trigo. Nessas aflições morreu o venerando pontífice, que foi sepultado na sacristia da basílica de S. Pedro". Há quem relate haver Bento I "morrido de susto ao saber da invasão dos Longobardos". Mais acertado é que haja sucumbido a um colapso, por sentir a miséria do seu povo e as condições aflitivas da indefesa e desesperada Roma. A "Cidade Eterna", grandiosa ou humilhada, foi sempre alvo de carinhoso e paternal afeto dos Sucessores de S. Pedro.

Bento I confirmou o V Concílio Contantinopolitano de 533, como consta de uma carta de Gregório, por êle nomeado arcediago e que foi mais tarde o papa Gregório Magno. Bento I é festejado como santo no dia 7 de julho.

PELÁGIO II (578-590)

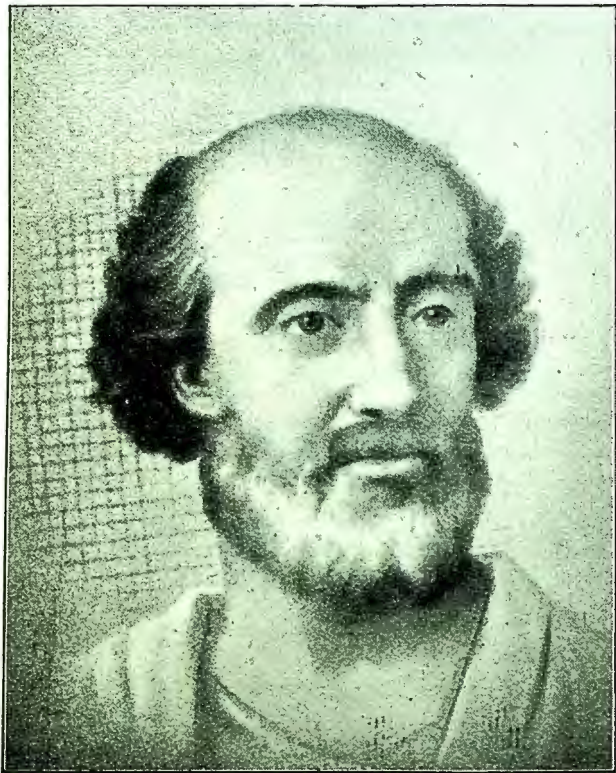
As difíceis condições em que se encontrava Roma, exigiram uma rápida eleição do pontífice, único chefe. Foi eleito Pelágio, nativo de Roma, filho de Unigildo. A guerra devastava a Itália, invadida pelos Longobardos. A fome dizimava a população. Novas calamidades: "Chuvas torrenciais, lembrando um novo Dilúvio" e a peste aterrorizadora. O papa pediu socorros ao imperador, soberano legal da península e uma embaixada de senadores e sacerdotes levou o pedido a Bizâncio com a oferta de 300 libras de ouro obtidas dos míseros habitantes. Mas Bizâncio estava assoberbada pela guerra contra os Persas e seus soldados apenas mantinham Ravena, como uma ilha em meio à maré bárbara. Zotto, duque longobardo, atacou e destruiu a célebre abadia de Monte Cassino. Os monges, com seu abade Bonito, fugiram levando apenas alguns livros preciosos, entre os quais o volume da Regra, escrito pelo Santo Fundador S. Bento. Foram acolhidos por Pelágio em Roma e fundaram, próximo à basílica de Latrão, um mosteiro em que habitaram cassinenses por 130 anos. Pelágio recorreu a Childeberto, rei dos Francos; morreu, porém, em 7-2-590, de peste e foi sepultado em S. Pedro.

Sustentara o primado católico contra João Jejuador, patriarca de Constantinopla, o qual, com o favor da Côrte, pretendia julgar e punir um bispo. Reedificou, de modo notàvelmente artístico, a basílica de S. Lourenço.

Em seu tempo, na Espanha houve grande perseguição aos católicos, permitida por Leovigildo, rei ariano, que sacrificou até o próprio filho, Santo Hermenegildo, convertido por sua espôsa, princesa franca (585). Recaredo, irmão de Hermenegildo, conduziu a Espanha ao catolicismo.

12 de março — S. GREGÓRIO I Magno (590-604) — Confessor

Gregório, o Grande, estava bem preparado para ser pontífice. Mente vasta e profunda. Extraordinária energia. De família antiga, era filho do romano Gordiano, que mais tarde ingressou no estado eclesiástico, e da nobre Sílvia, que por sua vez terminou seus dias num retiro em obras pias. Um dos antepassados de Gregório foi o papa S. Félix III.

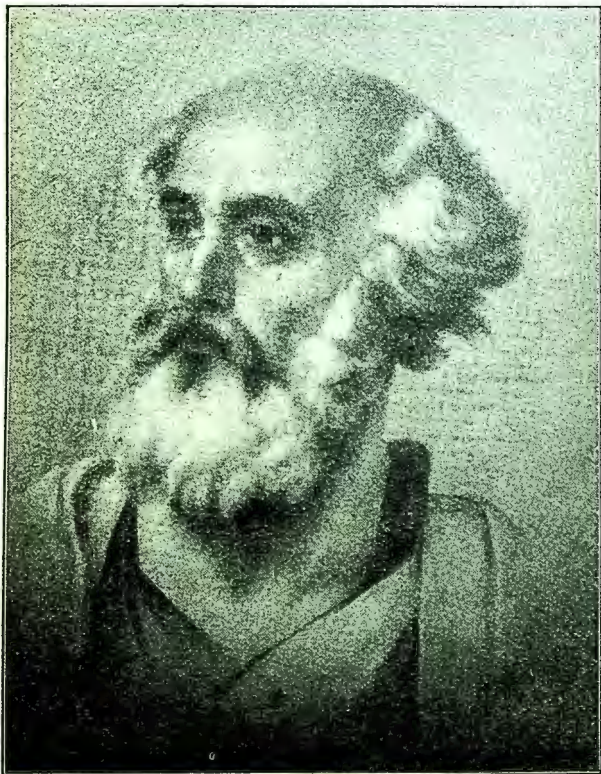
Gregório estudara Direito e ocupara altos postos civis. Um dia, deixou tudo; distribuiu sua imensa fortuna aos pobres, vestiu-se de monge e transformou seu palácio em mosteiro. Enviado à corruta Bizâncio, a todos assombrou com suas virtudes e ciência. Eleito papa, foi felicitado com alegria pelo imperador Maurício e pelo povo, tendo algumas pessoas afirmado que viram, nos céus, um anjo embainhando a espada: e realmente a peste declinou até desaparecer.

Gregório introduziu a fórmula "*Servus servorum Dei*" (servo dos servos de Deus), como título dos papas. Gregório com excelente reforma atingiu a bispos, padres, mosteiros, ao cântico (Canto Gregoriano), às funções religiosas (Sacramentário, Estações ou rezas populares, Missal) etc... Foi escritor exímio: 900 cartas, os Diálogos, as Morais de Jó etc.... Foi um lutador: em defesa de seu povo e da fé; combateu contra Agilulfo longobardo, contra João Jejuador cismático, contra a simonia, a incontinência, o jogo... Foi apóstolo: enviou o monge Agostinho (Austin), que converteu a Inglaterra ("*angeli, non agli*",); voltaram ao catolicismo os Visigodos (Espanha); os Longobardos abandonaram o arianismo; na Córsega e na Sardenha extinguiu-se o paganismo; conseguiu-se a paz entre Oriente e Ocidente. Gregório morreu em 12-3-604. O protestante Gregoróvius chama-o "o maior homem de seu século".

SABINIANO (604-606)

Muratori nos seus "Anais", chama de grave perda para tôda a Cristandade a morte de Gregório Magno.

Até a Natureza agravou essa perda com uma sêca persistente que produziu miséria e fome. O próvido Gregório havia fornecido outrora muito trigo grátis aos pobres. Reinava também certo descontentamento no clero romano pelo seguinte: Gregório, em seu entusiasmo monacal, nomeara para auxiliares seus a muitos monges, mas Sabiniano, seu sucessor chamou para junto de si eclesiásticos do clero secular romano. — O *Liber Pontificalis* indica-o pela frase: "encheu a Igreja de Clero".

Essas dificuldades amargurararam o pontificado de Sabiniano, filho de Bono e natural de Volterra na Toscana. Estivera antes em Constantinopla, como núncio, mas Gregório o chamou porque se mostrava indulgente por demais com o patriarca bizantino, João, que se dizia "ecumênico" (universal).

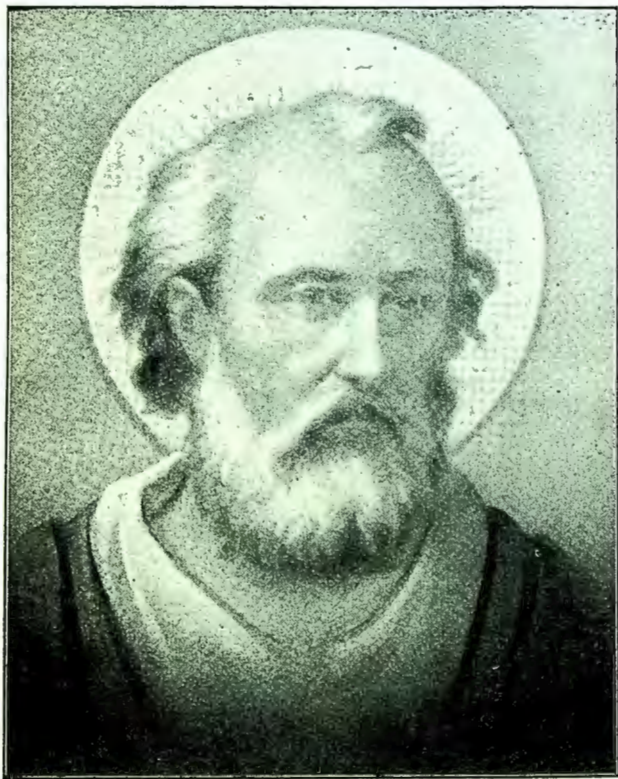
O ressentimento de um mau monge, Paulo Diácono, pretendeu dar veracidade a uma lenda, repetida pelo cronista Sigberto: "Gregório apareceu em sonho a Sabiniano, reprovando-lhe docemente as modificações introduzidas. Duas vêzes mais repetiu-se o sonho. Pela quarta vez, Gregório apareceu severo e com o báculo, que trazia na mão, feriu seu sucessor na testa. Alguns dias depois expirava Sabiniano..." A lenda não seria menos desfavorável ao grande Gregório do que ao seu sucessor! O certo é que a carestia trouxe mau humor contra o pontífice, que não teve tempo de sanar as dificuldades. É-lhe atribuída a introdução dos sinos nas igrejas, afirmando, porém, alguns que êsse uso foi iniciado no século V, por S. Paulino de Nola, na Campânia, daí os nomes de campana, campanário...

BONIFACIO III (607)

Após um ano de vacância, a Sé Apostólica recebeu novo pastor: Bonifácio III, romano de família grega. Seu pai chamava-se João Kataudiokes.

A demora na eleição explica-se pelo cumprimento de certas formalidades: um reconhecimento público por parte do imperador de Constantinopla, cujas suscetibilidades eram bem conhecidas. As viagens até a antiga Bizâncio exigiam muito tempo.

Bonifácio era amigo de S. Gregório Magno, que o havia enviado como apocrisiário (núncio) à Côrte imperial com valiosos elogios. — Reinava então no Oriente o repugnante Focas. Era êste um antigo centurião, de corpo deformado e monstruoso, chefe da sedição militar que derribara o bravo imperador Maurício e executara, ante o olhar paterno, os cinco príncipes... Focas engolfava-se cada vez mais no sangue. Obrigou pela fôrça milhares de judeus ao batismo, medida injusta que lhe acarretou a guerra com Córsoas, rei da Pérsia — o qual, por represália, fêz morrer 90 mil cristãos entre tormentos.

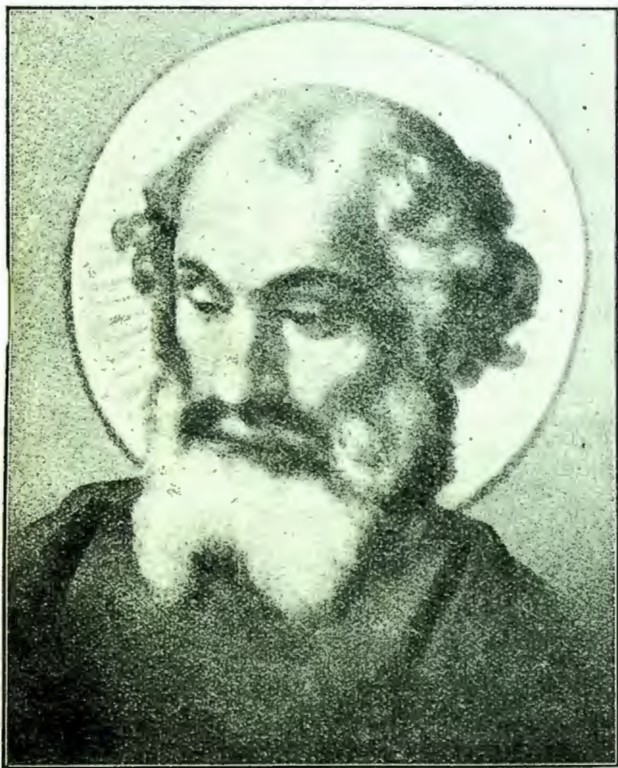
Bonifácio, em seu breve pontificado de dez meses, tentou abrandar Focas, com paciência e boas palavras, obtendo até que êle pusesse fim à controvérsia com o patriarcado bizantino e declarasse num edito: "ser a Sé de S. Pedro a primeira de tôdas as Igrejas, tendo primazia também sôbre a Sé de Constantinopla".

Celebrou êste papa um concílio em Roma, com 72 bispos. Entre outras determinações ficou estabelecido que só três dias após a morte de um papa ou de um bispo, se poderia tratar da escolha do sucessor. Sôbre seu túmulo em S. Pedro lêem-se estas palavras: "guarda da justiça, paciente, benigno, eloqüente e piedoso". Morreu em 10-11-607.

8 de maio — S. BONIFACIO IV (608-615) — Confessor

Em agôsto de 608, dez meses após a morte de Bonifácio III, foi eleito Bonifácio IV, nascido em Valéria e filho de um médico. Governou a Igreja por seis anos em meio à desolação geral deixada pelas inundações, pela fome e pela peste. Roma oferecia um quadro entristecedor. O vasto campo de Marte guardava as ruínas do antigo esplendor da cidade — seus monumentos antigos, que o tempo derruira ou os Bárbaros arruinaram, jaziam agora esverdinhados pelo musgo. Restava incólume sòmente um. Era o monumento de Agripa, que por 600 anos resistira às inundações do Tibre, o Panteão, dedicado outrora a todos os deuses. O magnífico vestíbulo ,com as 16 colunas de granito e capitéis de mármore branco, estava ileso. As armações do teto, com zimbório de 46 metros de diâmetro, formada de traves de bronze dourado, triunfara das intempéries.

Bonifácio IV aproveitou êsse milagre de arte para transformá-lo em magnífica igreja. "O papa pediu então ao imperador o templo chamado Panteão, dedicando-o a Maria Virgem e a todos os Mártires". A nova igreja foi solenemente consagrada em 13 de maio de 609. De lá irradiou-se para todo o mundo cristão a doce veneração por Todos os Santos — festa mais tarde fixada, por Gregório IV, em 1.º de novembro.

O Papa salvou assim o belo monumento da devastação das guerras ou da cobiça de algum nobre a transformá-lo em fria fortaleza.

No Oriente os Persas devastaram Jerusalém e arruinaram a igreja do S. Sepulcro. Essas notícias magoaram profundamente o piedoso Bonifácio, que morreu em maio de 615, venerado como santo.

8 de novembro — S. ADEODATO I (615-618) — Confessor

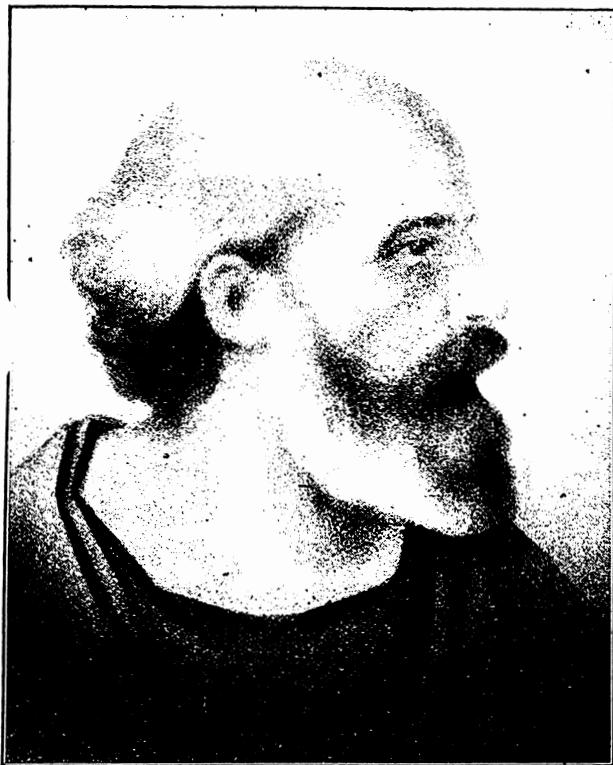
Adeodato I ou Deusdedit (dado por Deus), filho de Estêvão, nascera provàvelmente em Nápoles.

No Oriente terminara tràgicamente seus dias o cruel imperador Focas; em seu lugar reinava o piedoso Heraclio. No norte da Itália, sob a regência da nobre rainha Teodolinda, o pequeno rei longobardo Adalealdo inspirava tranqüilidade e paz.

O nosso pontífice dedicou-se ao cuidado do clero secular, restituindo-lhe os postos que seu antecessor, discípulo de Gregório Magno havia conferido aos monges. Não é certo que Adeodato tenha ordenado a celebração de uma segunda missa em cada basílica. A fonte histórica, donde se pode inferir essa ordem, refere-se provàvelmente ao ofício litúrgico da tarde.

Em agôsto de 616 um grande terremoto abalou Roma seguido de uma epidemia tão violenta que desfigurava horrendamente os cadáveres. O papa desenvolveu extraordinária caridade, a tal ponto que se conservou uma lenda (talvez fato real) de ter êle curado os empestados beijando-lhes heròicamente as chagas.

Morreu Adeodato em novembro de 618, sendo sepultado na basílica de S. Pedro e tendo logo culto de santo. Seu testamento estipulou uma gratificação em prata aos clérigos, costume seguido por outros pontífices. Dêste papa conservamos o mais antigo sêlo (sigilo) pontifical conhecido: uma placa de chumbo, tendo a figura do Bom Pastor com suas ovelhas, com o Alfa e o Ômega, símbolo de Cristo, princípio e fim de tôdas as coisas. No reverso lê-se: Deusdedit Papa.

Embora não conste seu nome em alguns martirológios. Adeodato é festejado como santo em 8 de novembro.

BONIFÁCIO V (619-625)

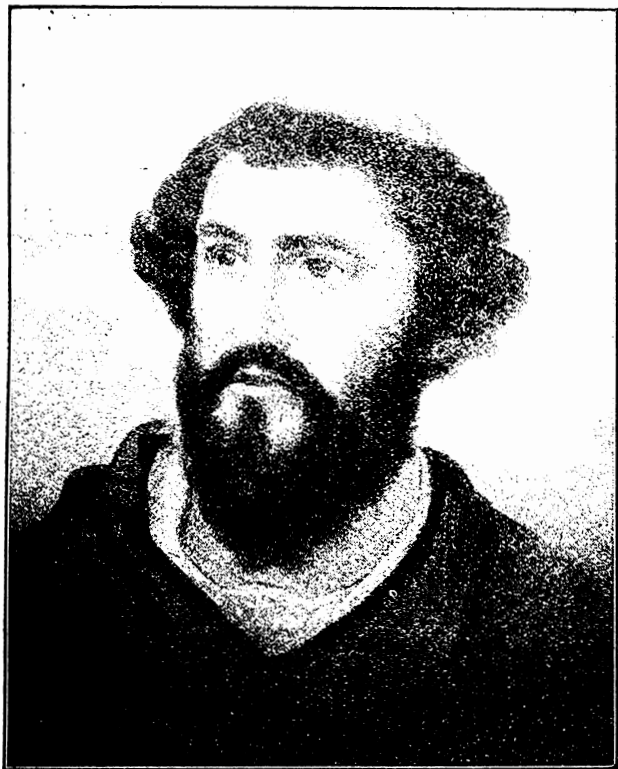
BONIFÁCIO V (619-625)

Bonifácio V, natural de Nápoles. Estabeleceu que os testamentos, até então feitos a notários eclesiásticos, obedecessem às formas civis também. Confirmou o direito de asilo aos lugares sagrados. Proibiu a quem não tivesse ordens sacras tocar nas relíquias dos mártires, porque nas Catacumbas em ruínas exumavam-se corpos dos santos. Bonifácio restaurou a catacumba de S. Nicomedes (descoberta de novo em 1864).

No Oriente, o pio imperador Heraclito bateu finalmente Cósroas, rei persa perseguidor dos Cristãos, e reconquistou mais tarde a Cruz de Cristo, que êle levou humildemente aos ombros em Jerusalém (festa da Exaltação da S. Cruz) (629).

Bonifácio incrementou a difusão dos Cristianismo na Inglaterra, onde contou com o auxílio da rainha Edilberga para a conversão do rei Edwin. Êste, na Páscoa de 627, em uma igreja de madeira construída por suas próprias mãos, renunciou solenemente ao paganismo. Beda Venerável conservou-nos a carta entusiasmada que, com o pálio, o papa enviou a Justo, bispo de Cantuária.

Durante êste pontificado iniciou-se na Arábia o movimento político-religioso que viria abalar o mundo: a fuga (hégira) de Maomé, da cidade de Meca para Medina, em 16 de julho de 622, marcou a era muçulmana. Como a tempestade que se forma despercebida no deserto, erguia-se o turbilhão que avassalaria a Terra — cedendo só depois de um milênio, ante a Rocha invencível do Cristianismo. Bonifácio morreu em 25-10-625.

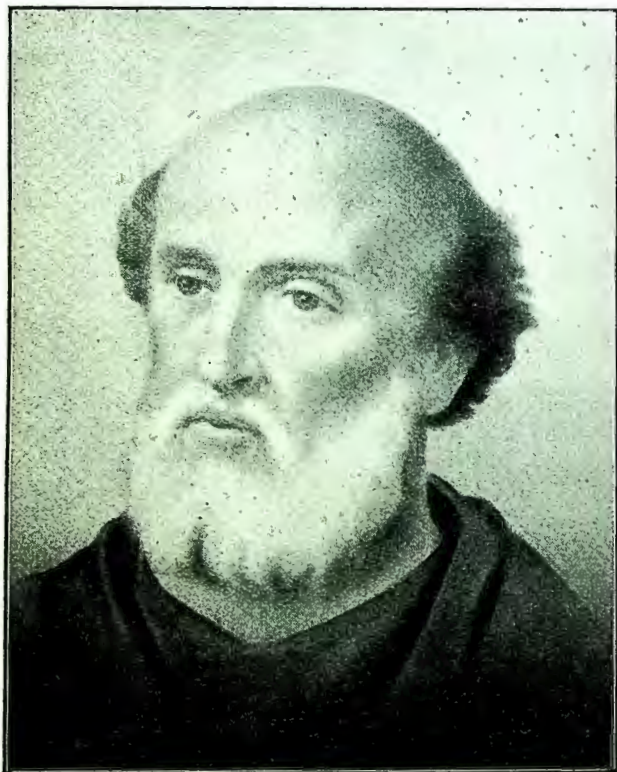
"Era brando e misericordioso, amou o clero e protegeu-o. Deixou seus bens aos pobres. Consagrou vinte e nove bispos".

HONÓRIO I (625-638)

HONÓRIO I (625-638)

Honório I, romano, era filho do cônsul Petrônio.

Aprovada pelo exarca imperial Isaque, então em Roma, e pelo povo exultante com um papa descendente de antiga família romana, a escolha de Honório causou intensa alegria.

Entretanto Honório teve logo apreensões. No reino longobardo, após o assassínio do rei Adaloaldo, o Papa teve que destituir o intruso patriarca de Grado (perto de Veneza).

Surgiu depois a acirrada questão monotelita, sôbre "as vontades de Cristo". A sofística grega das fórmulas teológicas envenenou a controvérsia, envolvendo até o nome do imperador Heraclio, que, combatendo persas e árabes, queria a união de seu povo. Os Orientais, afeiçoados à disputa, chegaram a acusar o papa de heresia, porque Honório propôs uma fórmula conciliadora! Apesar destas agruras, Honório "cuidou carinhosamente do clero"; realizou muitas obras úteis e belas, como a restauração do aqueduto de Trajano, destruído pelos Bárbaros. Renovou a basílica de S. Pedro, sendo célebre a "porta de prata", com finos trabalhos de cinzel, e que foi roubada pelos Sarracenos em 843. Construiu a linda capela de S. Apolinário, patrono de Ravena, e assim agradou àquele povo orgulhoso de seu patriarca bizantino. Reedificou a jóia de arte que é a igreja de S. Inês, a jovem mártir da pureza, morta aos 13 anos, em 21-1-303; por causa do seu túmulo havia magnífica afluência às Catacumbas. Restaurou Honório também a igreja de S. Pancrácio, jovem frígio de 14 anos, martirizado ao tempo de Diocleciano, e cujo sepulcro era meta de numerosas peregrinações. Zelou pela conversão dos Anglo-Saxões, escrevendo ao rei Osvaldo e ao monge S. Aidan.

SEVERINO (640)

Severino succedeu a Honório I. Governou pouco tempo, assim mesmo entre tribulações. O imperador Heraclio, apesar de devotado e benemérito, não escapou à tendência bizantina de se imiscuir em controvérsias religiosas. Encorajado pela mal-entendida condescendência do papa Honório, o imperador promulgou uma confissão monotelita, a *Ektésis* (exposição de fé), preparada por Sérgio, patriarca de Constantinopla e apoiada por Macedônio, a quem Sérgio empossara ilegalmente na Sé de Antioquia. — Em Roma o edito imperial encontrou oposição. Heraclio então negou-se a reconhecer a eleição de Severiano. Êste, porém, não cedeu em questão de fé. Foi perseguido: Isaque exarca (governador imperial) de Ravena aproveitou a oportunidade, fêz amotinar-se a guarnição de Roma, saqueou a basílica de Latrão e exilou grande parte do clero. Isaque, temendo depois a desaprovação de Heraclio, ou para encobrir seu roubo, proclamou-se enviado do imperador para reconhecer oficialmente o novo papa. Havia, porém, decorrido o longo período de 18 meses de provações para Severino e humilhações para a Igreja.

Severino foi solenemente consagrado em 28 de maio de 640, morrendo em agôsto do mesmo ano.

Ao longe desencadeava-se a tempestade muçulmana: o *tukbir* (grito de guerra) ressoava terrível: "Alá é Deus, e Maomé o seu Profeta"; os exércitos árabes destruiam o império persa; o Califa Omar ocupava Jerusalém (637) e o general Amru precipitava-se para o Ocidente e conquistava o Egito. Lutas, escravidão e lágrimas aguardavam os fiéis por séculos, máxime para o cismático e irrequieto Império do Oriente.

JOÃO IV (640-642)

Filho do escolástico Venâncio e nascido na Dalmácia, foi o papa João IV consagrado em 28-12-640. Era diácono na Igreja de Roma. Na resposta enviada aos bispos da Escócia sôbre a data de Páscoa, êle assina: "João, diácono eleito em nome de Deus". Aguardava provàvelmente o reconhecimento por parte do imperador. Em seu tempo foram as regiões balcânicas devastadas pelas tribos dos Eslavos, ainda pagãos. João enviou o santo abade Martinho com grandes somas para redimir os escravos.

"Construiu, junto a Latrão, uma igreja dedicada aos santos Venâncio, Anastácio e Mauro, cujas relíquias mandou buscar à Dalmácia. // Impôs as mãos a 18 bispos destinados a diversas igrejas". Essas as lacônicas informações que haurimos no *Liber Pontificalis.*

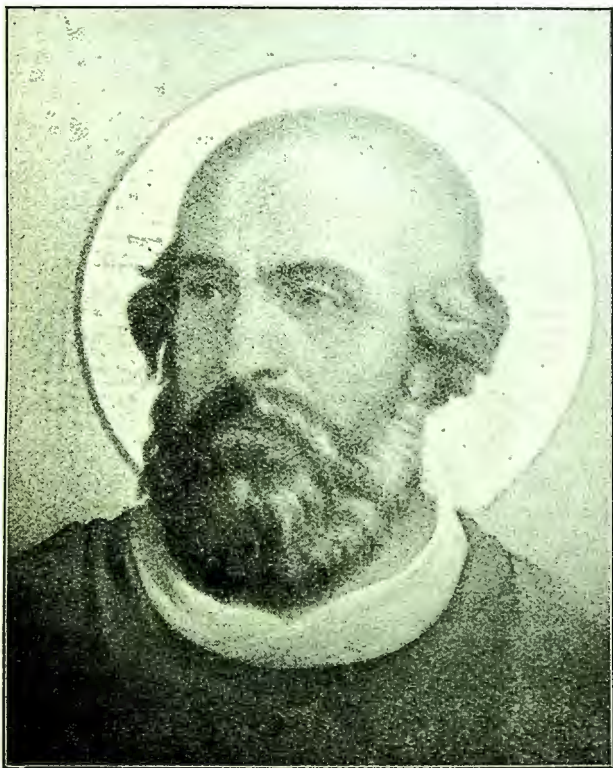
A capela de João IV existe ainda; seus mosaicos representam muitas figuras de santos, entre os quais se fêz incluir cìnicamente o arquiteto...

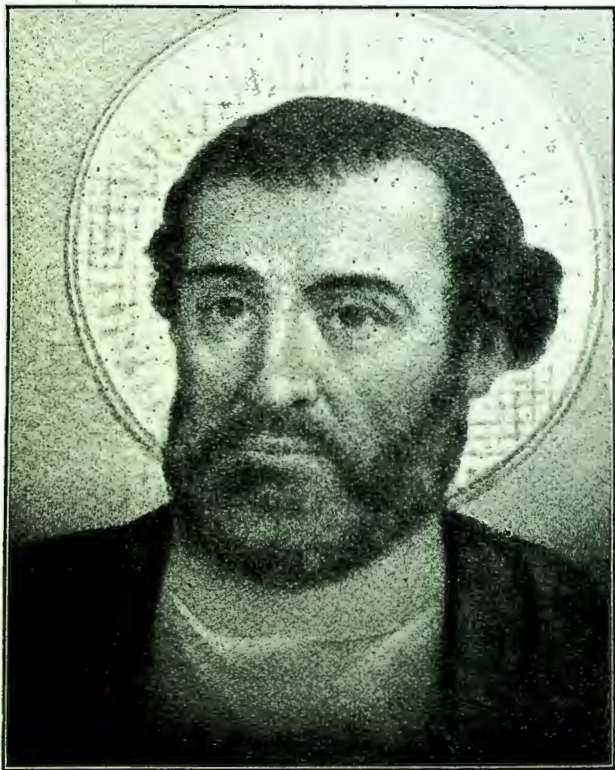
João atendeu ao ministério sacerdotal e às artes, aproveitando um raro período de paz em Roma. Ao longe, porém, rugia a guerra. No norte da Itália, Rotares, rei longobardo, esmagava o exército grego do exarca de Ravena. Na África e na Ásia os muçulmanos avançavam sempre mais. Em Constantinopla a família imperial passava dias trágicos: morto Heraclio (641), sua segunda mulher, Martina, mandou matar o herdeiro Constantino III, colocando no trono o próprio filho Herácleon; o povo revoltou-se, elevou Constante, filho do assassinado e fêz cortar o nariz a Herácleon e a língua a Martina. A essa Côrte favorável à heresia João IV escreveu a "Apologia de Honório, papa", em defesa da Fé e do nome do seu antecessor. // João morreu em 12-10-642.

TEODORO I (642-649)

Grego de origem, nascido em Jerusalém, Teodoro foi eleito em 4-11-642. Reconheceu-o logo o exarca de Ravena, na esperança de que um papa grego favorecesse o movimento herético sôbre a "única vontade de Cristo". Enganou-se. Também Teodoro se opôs ao monotelismo. Respondendo à carta, em que Paulo, patriarca de Constantinopla comunicava sua nomeação, Teodoro insiste contra a heresia e não reconhece o mesmo Paulo.

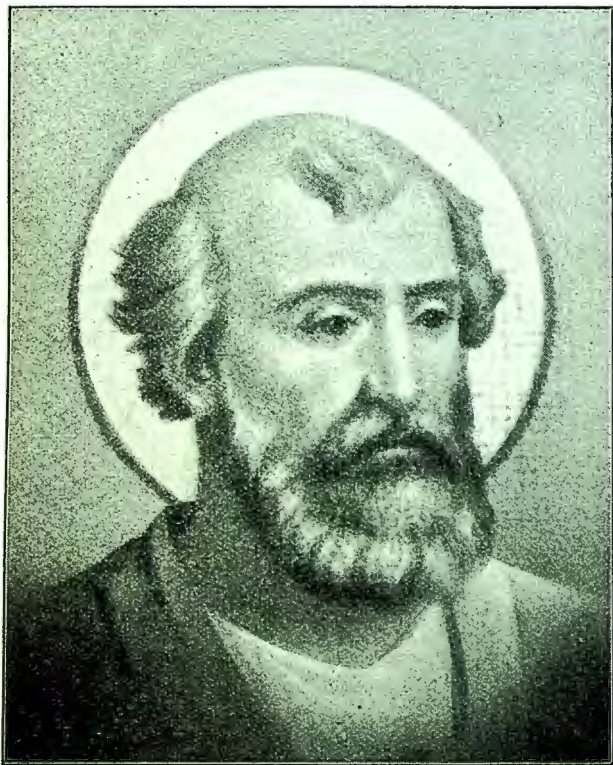
Surgiu então no Oriente mais um campeão da fé: S. Máximo, ex-secretario do imperador Heraclio, que se fizera monge. Com seus excelentes escritos levou a maioria dos bispos a se dirigirem a Roma "fonte indefectível para tôda a Cristandade, cujas águas irrigam tôda a Terra". — Novamente a Côrte interferiu, e, como sempre, indèbitamente, em assunto religioso. O imperador Constante publicou um edito, o *Tipo*, proibindo qualquer opinião, o que favorecia o êrro, equiparado assim à verdade. A oposição do papa trouxe-lhe angústias, mas seus inimigos viram-se punidos. Isaque exarca responsável pela pilhagem de Roma, foi atacado pelo seu sócio de roubos, o "cartulário" Maurício. Houve cruel guerra civil. Maurício, traído por seus soldados, foi morto e sua cabeça foi levada a Isaque — o qual, porém, morreu sùbitamente. — "O povo viu nestes fins trágicos a mão de Deus, que tarda mas não falha", diz um cronista.

Papa Teodoro fez retirar das Catacumbas os corpos dos mártires Primo e Feliciano. Terminou a construção da igreja dos mártires S. Valentim e S. Mário. Construiu o oratório de S. Sebastião, que foi chamado depois basílica de Teodoro. Morreu em 13-5-649, deixando a seu sucessor a luta de Constante II, monotelita.

12 de novembro — S. MARTINHO I (649-655) — Mártir

O papa Teodoro morreu sem ter tido tempo de combater o *Tipo*, edito herético do imperador Constante II. Êsse espinhoso dever coube a Martinho, nascido em Todi, na Úmbria. O novo papa, de caráter indomável, era profundo conhecedor das insídias da Côrte bizantina, onde residira longos anos como apocrisiário (núncio). Sua eleição não foi submetida ao reconhecimento imperial. Apenas eleito, convocou uma reunião de 150 bispos, os quais, apoiados nas decisões dos cinco primeiros maiores concílios, condenaram os editos heréticos *Ektésis* e *Tipo*, dos imperadores Heraclio e Constante II. A esperada reação bizantina foi brutal. Constante enviou um seu comissário, Olímpio, para matar o papa. Deus, porém, cegou o assassino quando empunhava a arma. Veio então o próprio exarca Calíope, governador de tôda a Itália, com muitos soldados. O papa, velho e enfêrmo, apresentou-se-lhe na igreja de Santa Maria Maior, transportado num leito. O povo gritava: "Excomungado seja quem julgar Papa Martinho capaz de trair sua fé". À noite, porém, e às escondidas, os gregos levaram pelo Tibre prêso numa barca o velho papa. Meses e meses viajou êle pelas ilhas do Mediterrâneo, chegando a Constantinopla sòmente em 654. Julgado em praça pública, manteve sua dignidade. Não reconheceu autoridade em seus juízes. Não respondeu. Foi despido de suas vestes pontificais e, quase desnudo, conduzido acorrentado pelas ruas da cidade. Exilaram-no depois para a Criméia, onde então se prendiam os escravos e os assassinos condenados ao mortífero trabalho das minas. De lá S. Martinho escreveu ao Romanos duas nobres cartas, em que narra seu martírio causado pelas enfermidades e pelo abandono. Lá morreu em 16-9-655.

2 de junho — S. EUGÊNIO I (654-657) — Confessor

Faltam-nos dados históricos que elucidem como foi eleito o romano Eugênio, ainda em vida de Martinho, aos 10-8-654. Eugênio havia sido núncio em Constantinopla; conhecia bem as insídias bizantinas. Era homem de grande valor moral e intelectual. O papa Martinho, em sua última carta aos Romanos, faz dêle grande elogios. Atesta o *Liber Pontificalis*: "Foi benévolo, doce, cheio de mansidão, afável com todos. Favoreceu os pobres, deixando-lhes seus bens, após ter-lhes feito muitas esmolas".

Íntegro na fé, teve atritos com os monotelitas. Em 650 o novo patriarca de Constantinopla, Pedro, enviou-lhe, como de costume, o aviso de sua ascensão àquela Sé importante, com sua profissão de fé. Tinha êste documento um sentido ambíguo e o papa contemporizou em subscrevê-lo. Influíram na questão os monges de S. Máximo, que chegaram ao ponto de exigirem que o papa não celebrasse mais em S. Maria Maior, enquanto não se rejeitasse o documento bizantino. Receavam os monges que Eugênio, eleito com o beneplácito imperial durante a vida de Martinho, caísse nas tramas de Constantinopla. Eugênio, porém, mostrou-se à altura das circunstâncias, reprovando o êrro e mantendo a unidade da fé. Morreu santamente em 2-6-657. Havia cuidado muito dos mosteiros da França.

Os Árabes, entretanto, sob o Califa Otmã, arrasaram Alexandria e passaram a fio de espada os habitantes de Cartago, onde o patrício Gregório e sua bela e valente filha pereceram heròicamente na defesa da gloriosa cidade (654); ocuparam Rodes, destruindo o célebre Colosso, cujos destroços, vendidos a um judeu de Edessa, carregaram 900 camelos.

27 de janeiro — S. VITALIANO (657-672) — Confessor

Nasceu Vitaliano em Segui, perto de Roma. "Consagrou-se aos estudos sagrados com tal dedicação, que chegou a ser um dos sábios do seu tempo. Aos 25 anos foi elevado ao sacerdócio, havendo-se no ministério do modo exemplar". Seu pontificado assinalou-se logo de início por uma transformação inesperada nas atitudes do imperador Constante, o algoz de S. Martinho. Aproximou-se êle do pontífice, sonhando talvez residir na "eterna Roma". O novo eleito enviou a Constantinopla legados, que foram recebidos com grandes honras, até pelo patriarca herético Pedro.

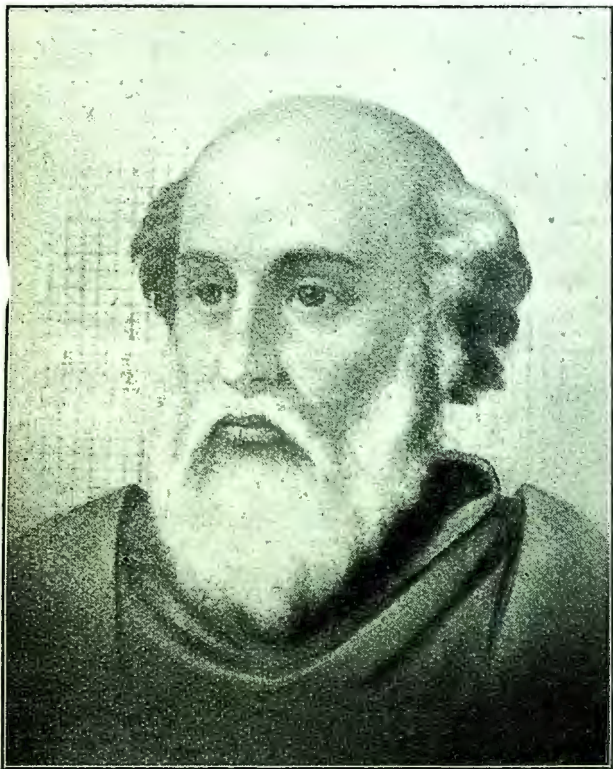
O espírito conciliativo e caridoso de Vitaliano chegou a receber em Roma a visita do imperador, na esperança de que a idade e o remorso houvessem modificado a índole de Constante.

Êste, porém, não era sincero. Recebido com festas memoráveis, pois havia 200 anos que Roma não via um imperador, Constante abusou de seus direitos. O ódio de seus súditos, devido às suas exações, e o remorso de família, por haver trucidado seu irmão Teodósio, fizeram-no mais cruel. Saqueou quanto pôde nas ruínas de Roma. Até as telhas douradas do Panteão já transformado na igreja de *S. Maria ad Martyres*, foram levadas. Ao voltar para Bizâncio, morreu na Sicília: durante o banho um escravo esmagou-lhe o crânio com um vaso de bronze roubado em Roma. Seus furtos caíram depois nas mãos dos Sarracenos.

Vitaliano ocupou-se com zêlo da Inglaterra, escreveu longas cartas à França, à Espanha e ao rei Oswin dos Saxões (Alemanha). Condenou os "monges-andantes", pseudos monges que viviam de esmolas e até de roubos, chamando-os "filhos de Satanás". — // Morreu em 27-1-672.

ADEODATO II (672-676)

Adeodato (Deusdedit, Doado por Deus), beneditino, foi papa em 11-4-672. Poucas notícias temos de seu pontificado. Morrera o ambicioso Mauro de Ravena, já reprovado pelo papa Vitaliano. Levando ao túmulo seus sentimentos cismáticos, deixou Mauro ao seu clero a ordem de eleger um seu sucessor, que recebesse o pálio (símbolo do poder) das mãos do Imperador, não do Papa. No Oriente, o imperador Constantino Pogonato (o Barbudo) lutava contra a revolução suscitada pelas crueldades de seu assassinado pai, Constante. Os Sarracenos, terríveis piratas muçulmanos, atacaram a Sicília, cuja população exterminaram, levando os sobreviventes como escravos. O papa dedicou-se com fervor à libertação dos infelizes vendidos no mundo muçulmano.

Adeodato "nasceu em Roma, filho de Joviniano; reinou quatro anos. Foi admirável por sua grandeza de ânimo, por sua incomparável doçura, que indistintamente recebia os grandes e os pequenos, e por uma caridade infinda para com os pobres, os estrangeiros e os peregrinos". Havia sido monge no convento de S. Erasmo e, elevado a papa, restaurou aquêle célebre claustro do Monte Célio, hoje desaparecido. Restaurou também diversas igrejas. Parece ter sido êle o primeiro a usar a fórmula: "*Salutem et apostólicam benedictionem*" nos escritos pontifícios. Conservam-se duas cartas suas, uma à abadia de Cantuário (Inglaterra), outra ao mosteiro de S. Martinho de Tours (França) — provas do cuidado universal (católico) do sucessor de S. Pedro para com todos os fiéis, não só do Bispo de Roma, mas do Pai de tôda a Cristandade. // Morreu Adeodato II em 26-6-676, "num dia de pavorosa tempestade".

DONO (676-678)

DONO (676-678)

Dono, filho de um nobre chamado Maurício, foi eleito em 2-11-676. Governou pouco mais de um ano. A história de Roma nesse tempo é muito pobre em documentos. O novo papa teve a alegria de ver terminado o cisma da cidade imperial de Ravena, capital civil da Italia, dependente do Império Grego do Oriente. O novo bispo, Reparato, fêz jus ao seu nome reparando o cisma promovido por seu antecessor Mauro. Reconheceu a supremacia do Papa e voltou à unidade da Igreja. Isto influiu certamente no ânimo do imperador Constantino Pogonato, o Barbudo, para a completa união das Igrejas.

Êste imperador terminara em 678, com felicidade, um período de lutas e de perigos extremos. Os Ávaros, povo bárbaro do Norte, e os Árabes, haviam atacado o império grego. Os Muçulmanos sitiavam Constantinopla, que resistiu por seis anos, graças ao "fogo grego", (que não se extinguia com água), inventado então por um monge sírio. Firmada uma paz vantajosa com os inimigos, Pogonato escreveu respeitosas cartas ao Papa, pedindo-lhe enviados extraordinários para uma reunião que aclarasse as dúvidas e convencesse a todos da verdade. Prometia garantias e todo o seu auxílio. Assim, redimia em parte sua dívida moral para com Roma, o filho daquele cruel Constante, algoz do papa S. Martinho. Quando êsse convite imperial chegou a Roma, Dono já havia falecido. Morrera aos 11-4-678.

O *Liber Pontificalis* diz que o papa Dono restaurou muitas igrejas, sendo célebre o pavimento do átrio de S. Pedro. Brilhou êste pontífice por suas virtudes, sendo por vários autores considerado santo.

10 de janeiro — S. AGATON (678-681) — Confessor

Ágaton nasceu em Palermo, na Sicília. Fôra, por muitos anos, tesoureiro da Igreja. Pela sua humildade, pelo seu caráter e pela santidade de vida, bem mereceu ocupar o sólio pontifício. Contando com a boa vontade do imperador Pogonato, extinguiu o cisma monotelita. Convocou o VI Concílio Ecumênico em Constantinopla, de novembro de 680 a setembro de 681, e chamado *Trulano* por se realizar no palácio imperial num salão sob esplêndida cúpula (*troullion, trullum*). A presidência honorária coube ao imperador e a efetiva aos legados do Papa. Estavam presentes todos os patriarcas, pessoalmente ou por delegados: ao todo 174 conciliares. A grande maioria acolheu as cartas do Papa com palavras de confiança: "O Chefe supremo dos Apóstolos, por seu discípulo e sucessor na mesma Sede, ilustrou com suas cartas os mistérios de Deus. Uma confissão escrita pelo dedo de Deus foi-nos dada pela antiga Roma; uma luz esplêndida brilhou-nos do Ocidente. Aqui vemos uma fôlha escrita, mas foi Pedro quem falou por bôca de Ágaton". E o imperador repetia: "Pedro falou por bôca de Ágaton". Uns poucos re calcitrantes pretenderam envolver o nome do papa Honório como monotelita também, mas a maldosa pretensão não vingou.

// Atestam-nos outras cartas de Ágaton, que êle cuidou muito da disciplina nos mosteiros. // O arcebispo Vilfrido, injustamente privado de sua sede (York, Inglaterra), recorreu ao papa. Êste, convocado um sínodo, reconduz o prelado à sua Sé.

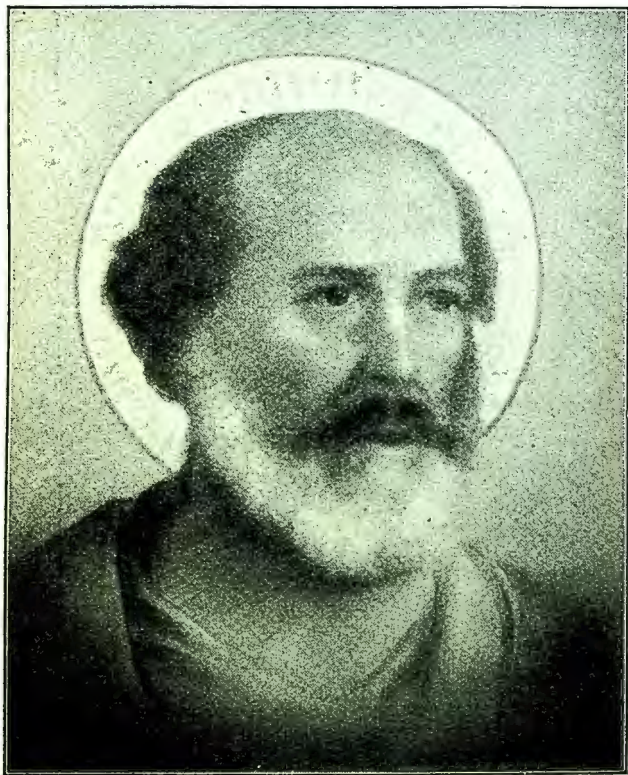
Em 680 voltou terrível o flagelo da peste. "Passava o anjo do mal batendo às portas das casas e, quantos golpes dava, tantas pessoas lá morriam", afirma um cronista, que diz haver passado a epidemia após uma promessa a S. Sebastião.

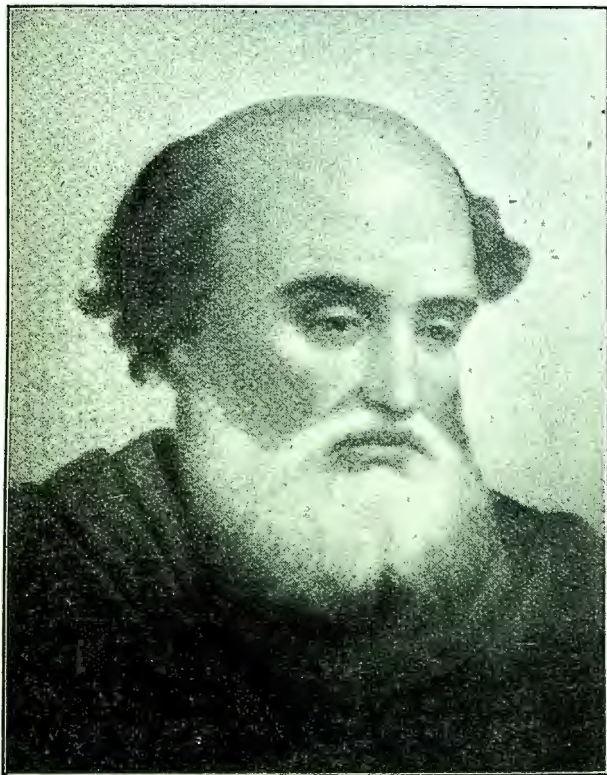
3 de julho — S. LEÃO II (682-683) — Confessor

3 de julho — *S. LEÃO II* (682-683) — Confessor

Em 17-8-682 subiu ao trono Leão II. Tenta-se explicar a demora de sua coroação de dois modos: por se esperar o reconhecimento imperial ou por estar ainda acesa a disputa sôbre a atuação do papa Honório na questão monotelita. No antigo biógrafo (*Lib. Pont.*) lemos que Leão era siciliano, jovem e forte; reinou dez meses; era eloqüentíssimo, instruído nas Escrituras, bom conhecedor das línguas grega e latina era perito em canto e salmodia. Habituara-se, como mestre que fôra, à elegância da palavra e à perfeição do estilo. Guiava ao bem e à ciência a sua grei e prodigalizava aos pobres farto socorro espiritual e temporal.

Confirmou o VI Conc. Ecumênico, de seu antecessor, e apenas procurou atenuar as acusações feitas ao papa Honório, para conservar a paz com os Orientais. Deu prescrições acêrca do "ósculo da paz", de origem antiqüíssima, pois os fiéis se beijavam na igreja em sinal de perdão das ofensas. Regeu também o uso da aspersão da água benta sôbre o povo. Acolheu com paternal afeto a muitos hereges arrependidos. Obteve do imperador que o exarca não mais influísse na escolha do arcebispo de Ravena, o qual ficou devidamente sujeito a Roma. Venerou de modo especial êste papa aos mártires S. Sebastião e S. Jorge, protetores dos militares. Restaurou a igreja de S. Bibiana, em que guardou os corpos de S. Simplício, de S. Faustino e de S. Beatriz (Viatrix, a que viaja), que jaziam no bosque dos Arvais, famoso no tempo do paganismo. Leão morreu após um célebre eclipse da lua, que, dizem as crônicas, durou tôda a noite de Quinta-feira Santa. Festejado como santo em 3 de julho.

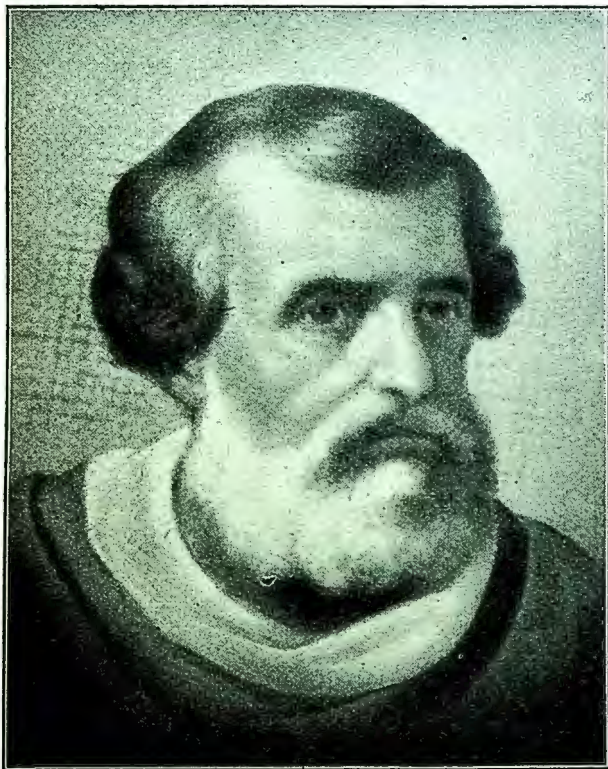
8 de maio — S. BENTO II (684-685) — Confessor

8 de maio — *S. BENTO II* (684-685) — Confessor

Roma foi a pátria de Bento II, consagrado onze meses após a morte de Leão II. A demorada viagem a Constantinopla, a fim de informar o imperador, causava essa irregularidade. Vinham os pontífices lutando contra essa nefasta prepotência imperial. Dela conseguiu Bento II livrar a Igreja. Obteve de Constantino Pogonato um edito, com o qual "o clero e o povo de Roma deviam proceder sempre, e sem demora, à eleição e consagração do Papa". Foi realmente uma generosa renúncia de Constantino aos direitos antigos, e êle agiu alegremente em fôrça de seus sentimentos religiosos sinceros. Com o passar dos tempos, porém, seus sucessores tentarão retardar a consagração... O imperador mandou ao papa uns cachos de cabelos de seus filhos Justiniano e Heraclio: segundo o costume, significava que os príncipes eram adotados pelo papa, — algo semelhante a um apadrinhamento. Em Roma todos receberam com grande alegria êsses sinais de concórdia. Na Páscoa de 685 o papa distribuiu cargos e recompensas a diversas ordens do Clero. Morreu pouco depois, em 8 de maio, ou em 26 de junho. Deixou 30 libras de ouro ao Clero, aos mosteiros, às diaconias e aos mansionários. Eram êstes os leigos encarregados do serviço das igrejas, talvez os nossos atuais sacristães. Bento enviara à Espanha as resoluções do VI Concílio Ecumênico. Foi celebrado então o Concílio de Toledo e o clero hispânico deu inteiro acatamento ao Papa, embora com palavras altivas, próprias da rudeza e orgulho do povo visigodo. — Bento passara a infância no serviço divino, era versadíssimo nas cerimônias, nas Escrituras e no canto religioso.

JOÃO V (685-686)

JOÃO V (685-686)

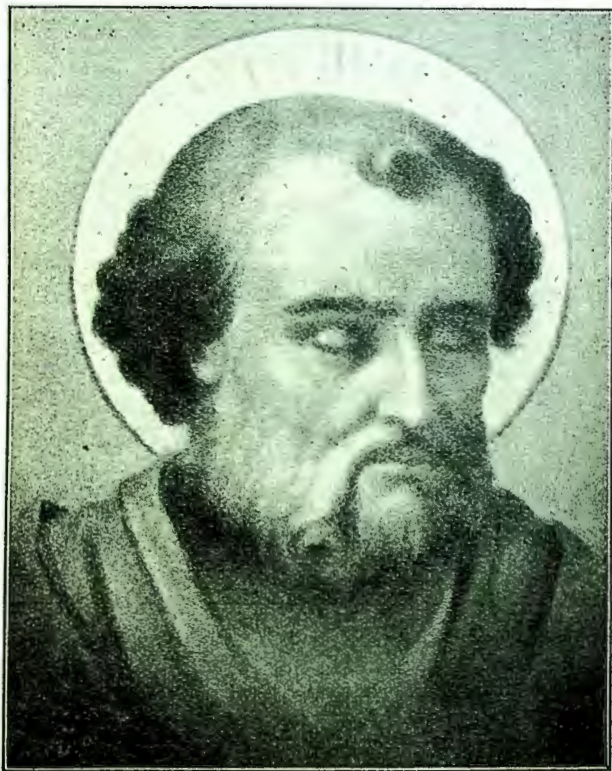
Promovido ao pontificado, João V governou apenas um ano. "É um fato surpreendente a rapidez com que nesse tempo se sucediam os papas. Os pontificados de 13 anos ou mais, como os de Gregório Magno, de Honório I e de Vitaliano, constituem uma exceção. Que êsses homens fôssem eleitos em idade muito avançada? ou havia outras causas para duração tão breve?" Não nos é possível responder a tais perguntas, em vista da pobreza de notícias e de fontes históricas. João era sírio, filho de Ciríaco, natural de Antioquia. Com êle tem início uma série de papas Sírios ou Gregos, o que mostra a influência bizantina na eleição do pontífice, também devida à reaproximação do Imperador ao Papa. — Quando diácono, João havia sido enviado ao VI Concílio Ecumênico como legado pontifício e voltara como administrador imperial da Calábria e da Sicília. — Foi consagrado, como Leão II, pelos três bispos de Óstia, Porto e Velletri.

Também na Côrte houvera sucessão: em 685, por morte de Constantino Pogonato, subiu ao trono Justiniano II, seu filho. Jovem de 16 anos, o novo soberano deixou-se levar por maus conselheiros. Rompeu a paz com os Árabes, o que acarretou aos cristãos a perda definitiva da África, preparando-se assim a invasão moura da Espanha. João V exigiu seu direito de nomear os bispos na Sardenha, direito usurpado por Citonato, metropolita de Cágliari, condenado no Concílio Trulano de 680.

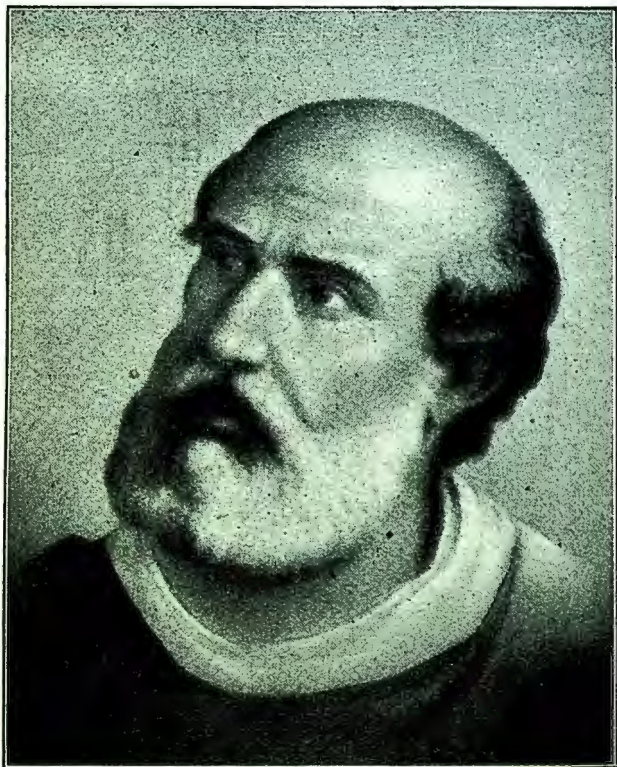
O papa sofria de grave enfermidade, pois "a custo podia consagrar os bispos". Morreu em agôsto de 686. Em seu testamento ordenou fôssem distribuídos 1900 soldos de ouro aos mosteiros, diaconias e "mansionários".

CÓNON (686-687)

Morto João V, voltou o imperador Justiniano a interferir na eleição do pontífice. Nesse sentido deu instruções ao seu representante na Itália, o exarca de Ravena. Como conseqüência vemos aparecer em Roma o "partido militar", pretendendo que se elegesse um tal Teodoro. O clero opôs-lhe o arcediago Pedro, mas os imperiais fecharam à fôrça a basílica de Latrão, para impedirem a entrada dos votantes adversários. Após longa controvérsia, o Clero desistiu de Pedro e escolheu Cónon, que também foi aceito pelos juízes e pelos chefes dos soldados, ou seja, pela nobreza. A eleição realizou-se em Latrão. O exarca de Ravena aprovou-a, o que significa que os bizantinos não haviam renunciado de todo às suas pretensões.

Cónon era natural da Sicília, mas de família vinda da Trácia, na Grécia; era idoso e se mantivera afastado de cargos importantes. Sua escolha foi um modo de conciliação e a bondade do pontífice levou-o a nomear alguns ambiciosos. Um dêstes, Constantino, administrador dos bens da S. Sé na Sicília, foi tão exigente e mau, que suscitou contra si uma revolta popular, terminando seus dias numa prisão.

Em 687, sob a presidência dos legados do Papa, houve uma grande assembléia de eclesiásticos e leigos, dando-se leitura às atas do VI Conc. Ecumênico (Trulano), contra os assertores de uma só vontade em Cristo. Justiniano II escreveu então ao papa, mas êste jazia moribundo. O exarca, entretanto, intrigava em Roma, pretendendo determinar um seu amigo, de nome Pascoal, para suceder a Cónon. Êste morreu santamente em 21-11-687.

8 de setembro — S. SÉRGIO I (687-701) — Confessor

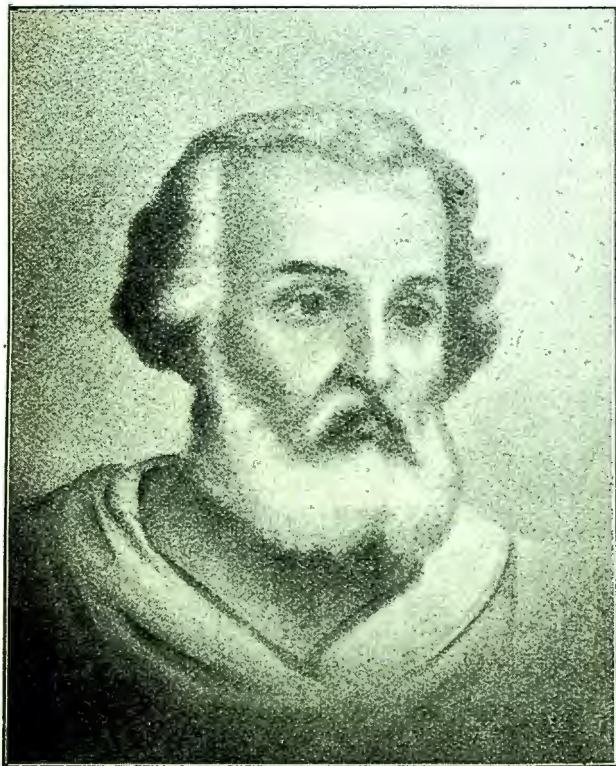
"À morte de Cónon, houve dois candidatos, Teodoro e Pascoal. Finalmente, por graça de Deus, foi eleito um terceiro, o venerando Sérgio". Assim conta-nos o *Lib. Pont.* acrescentando que Teodoro reconheceu humildemente o novo papa, enquanto Pascoal se arvorou em antipapa, reclamando o auxílio do exarca de Ravena. Êste ocupou Roma, não ousou depor Sérgio, estimado pelo povo, mas saqueou as igrejas de seus vasos sagrados e preciosas lâmpadas.

Papa Sérgio nasceu na Sicília, de família síria. Viera jovem para Roma, onde se impôs por seu agudo engenho. Como papa foi defensor inabalável da fé. Justiniano II reuniu um concílio, o II Trulano, para infirmar o primeiro. Sérgio rejeitou enèrgicamente essa intromissão. Justiniano então mandou, com tropas, o seu cortesão Zacarias, homem cruel e temido, para que levasse prêso o papa a Constantinopla. O povo romano, porém, levantou-se em armas. Zacarias viu-se derrotado e perdido, chegando a esconder-se sob o leito do papa, que lhe salvou a vida da fúria dos populares. Meses depois (695), em Bizâncio, o iníquo imperador era deposto numa sedição militar e levado ao hipódromo, onde bàrbaramente lhe deceparam o nariz e as orelhas. Em 689 veio a Roma, para ser batizado, Cadual, rei dos Saxões e em 696 o papa consagrou o bispo inglês S. Vilibrordo, apóstolo da Frísia. Roma tornava-se, cada vez mais, a meta de peregrinações. Papa Sérgio instituiu procissões para as quatro principais festas de Maria SS.: Natividade, Anunciação, Purificação e Assunção (chamada dormítio, sono). Mandou também que se cantasse o *Agnus Dei* na Missa. É festejado S. Sérgio I em 8 de setembro.

JOÃO VI (701-705)

JOÃO VI (701-705)

João VI era grego e não desconhecia quão afastados se achavam os Latinos da sujeitação a Constantinopla. Foi eleito em 30-11-701. Era então imperador Tibério Apsimares, que derrubara e cegara Leôncio, o cruel destronador do iníquo Justiniano II...

Apsimares também pretendeu dar ordens a Roma. Enviou o exarca Teofilato, o qual, também êle, só escapou com vida pela generosidade do papa, que o defendeu do furor popular. Entre as correrias bárbaras dos Longobardos e as exações dos insaciáveis governadores bizantinos, os povos da Italia reconheciam como única salvação a autoridade mansa do Romano Pontífice. No sul, o longobardo Gisulfo, duque de Benevento, invadiu a Campânia, fazendo muitos prisioneiros e chegando às proximidades de Roma. Não foi o Senado da cidade, nem o exarca imperial, quem tratou com o invasor: "o desarmado papa enviou alguns sacerdotes que, em seu nome, resgataram os prisioneiros e induziram o bárbaro a retroceder". Êste episódio é um dos preliminares da questão entre bizantinos e longobardos, de que resultou a interferência dos Francos e a conseqüente criação de um Estado independente pontifício.

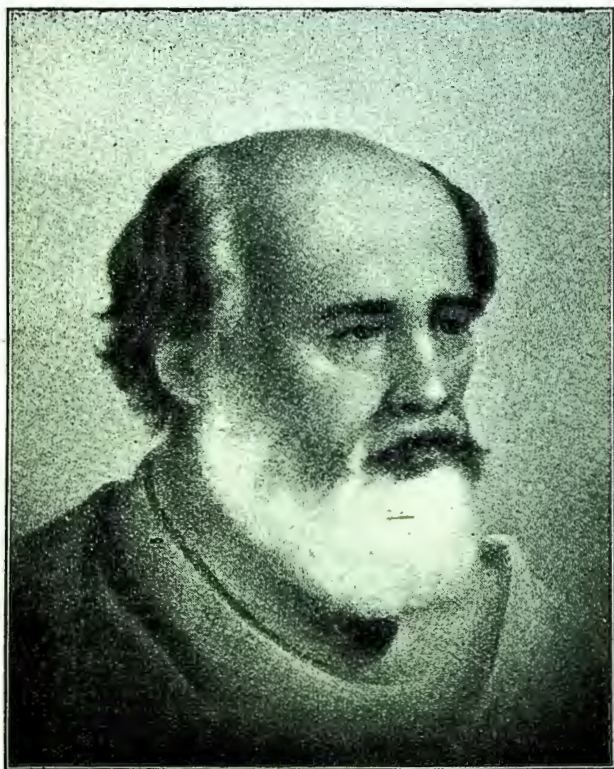
Sob o pontificado de João VI, o rei Alfredo de Northumberland, na Inglaterra, expulsou da Sé de York o bispo Vilfrido, depois de fazê-lo condenar por Bertwald, arcebispo de Cantuária. Recorreu o deposto a Roma. Sua causa foi examinada por um sínodo de 70 eclesiásticos e, julgado inocente, foi pelo Papa restituído ao seu cargo. De João VI sabemos que procedeu a cuidadosas restaurações nas basílicas de S. Pedro, de S. Paulo e de S. Marcos, e consagrou vários bispos. Morreu em janeiro de 705.

JOAO VII (705-706)

JOÃO VII (705-706)

Era grego o sucessor de João VI, seu homônimo. Era filho de um tal Platão, nome conservado em seu epitáfio, composto pelo próprio papa. — Sofreu João VII com a Côrte de Bizâncio. Justiniano II, o imperador deposto e mutilado em 695, voltou a Constantinopla apoiado no exército dos Búlgaros. Vingou-se então terrìvelmente. Passou a usar nariz e orelhas de ouro no rosto mutilado, e, — conta Agnelo de Ravena — tôdas as vezes que ajustava o nariz metálico, meditava algum assassínio. Houve execuções, aos milhares. Os imperadores Leôncio (cego) e Apsimares foram torturados e mortos pùblicamente. O patriarca Calinico teve os olhos arrancados, sendo depois enviado a Roma.

Justiniano, o feroz filho do piedoso Pogonato, não esqueceu que o papa Sérgio rejeitara o falso 2.º concílio Trulano (de *trullum*, zimbório que cobria a sala das sessões). Mandou, pois, as atas dêsse concílio para que João VII as aprovasse. O papa, sabendo tratar com um soberano cruel e exasperado, procurou ganhar tempo, reenviando os emissários imperiais sem nada resolver. O *Lib. Pont.* desculpa essa atitude do pontífice dizendo ser êle "tímido por humana fragilidade". Justiniano II insistiu depois com o papa Constantino.

Em 706 o rei longobardo Ariberto deu uma prova de sua consideração para com a S. Sé. Mandou-lhe um edito "de restituição, escrito em letras de ouro", de umas terras, pertencentes à Sé de Pedro, e que haviam sido ilegalmente ocupadas por senhores feudais longobardos, seus súditos.

Em Roma êste papa celebrizou-se pelos magníficos mosaicos, admiráveis para aquela época. Restaurou o mosteiro de Subiaco, destruído em 601. Morreu em 18-10-707.

SISÍNIO (708)

SISÍNIO (708)

Dêste pontífice, cuja passagem pelo sólio pontifício foi das mais breves, temos poucas notícias. A época obscura e confusa de então e a exiguidade de tempo de pontificado, dificultam as notas históricas. Sabemos, entretanto, que Sisínio tinha planos previdentes para os perigos que ameaçavam Roma. Diz o *Liber Pontificalis*: "Sisínio, sírio, filho de João, ocupou a Santa Sé por vinte dias. Atormentado pelas dores da enfermidade, padecia tolhido de tal forma nos movimentos, que não podia usar das próprias mãos, nem mesmo para comer. Não fraquejou, porém, em sua admirável energia, pois demonstrou grande solicitude em assegurar a tranqüilidade dos habitantes. Mandou construir fornos de cal, a fim de restaurar os muros da Cidade. Foi, porém, prematuramente roubado pela morte. Havia consagrado um bispo para Córsega. Foi sepultado em S. Pedro".

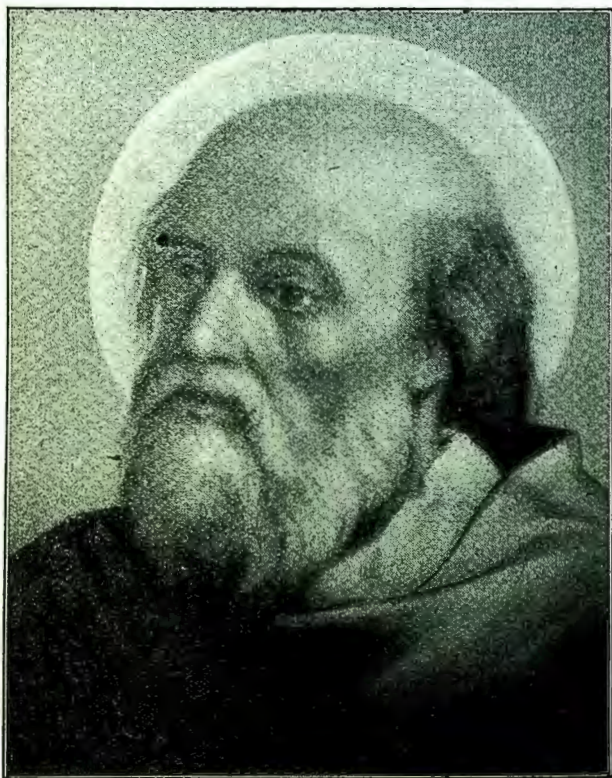
Estas rápidas notícias referem-se, de certo, ao perigo iminente representado pelos vizinhos Longobardos e, mais ainda, pelos Sarracenos. Assim se chamavam os muçulmanos do norte da África e das ilhas do Mediterrâneo. Hábeis marinheiros, ousados piratas, atacavam de surprêsa as cidades litorâneas, tudo saqueavam, aprisionavam cristãos, que eram depois vendidos como escravos. Sua audácia, fortalecida pela incúria do govêrno bizantino, levou-os às proximidades da mesma Roma. Era, pois, de necessidade urgente restaurar os muros da cidade, na qual se refugiavam as populações assustadas. A morte, porém, impediu a realização dos sábios planos do papa Sisínio.

Consagrado em 18 de janeiro, morreu aos 7 de fevereiro.

CONSTANTINO (708-715)

CONSTANTINO (708-715)

O sírio Constantino, filho de João, governou sete anos. Não se deixou atemorizar pelos graves acontecimentos dêsse período. O povo de Ravena revoltou-se contra o imperador, e Justiniano mandou uma expedição que puniu ferozmente a cidade. O arcebispo Félix, que no seu orgulho se separara de Roma, — foi levado a Constantinopla, cegado e exilado. O imperador, temendo a indignação universal por seus crimes, pretendeu unir o seu povo, terminando o cisma monotelita, que êle havia reiniciado. Para tanto, convidou o Papa a ir a Constantinopla. O corajoso pontífice aceitou o convite. Partiu em outubro de 710, com numerosos bispos, por Nápoles e Sicília. Recebido com grandiosos festejos na capital do Oriente, foi o último papa que Bezâncio viu! Tratado com muita deferência pelo imperador, que se ajoelhou a seus pés, Constantino conseguiu, com bondade e firmeza, evitar que se reconhecessem os artigos heréticos do falso 2.º Concílio Trulano. Em outubro de 711 voltou a Roma. Aí foi amargurado pelas notícias da invasão da Espanha pelos Árabes e pelas atrocidades cometidas em sua ausência pelo governador bizantino. — Meses depois Justiniano II foi destronado poı Filépicos Bardane, que lhe cortou a cabeça e a mandou a Roma "para que os Romanos se alegrassem com a morte do tirano". A cabeça do perseguidor fêz, ao contrário, a viagem que um dia fizera o perseguido papa S. Martinho I. — A embaixada de Filépicos, monotelita, encontrou em Roma, um quadro em que eram historiados os seis primeiros concílios ecumênicos! Êste papa escreveu a Chilperico, rei dos Francos, para obter as relíquias de S. Bento. Morreu Constantino em 9-4-715,

11 de fevereiro — S. GREGÓRIO II (715-731) — Confessor

11 de fevereiro — *S. GREGÓRIO II* (715-731) — Confessor

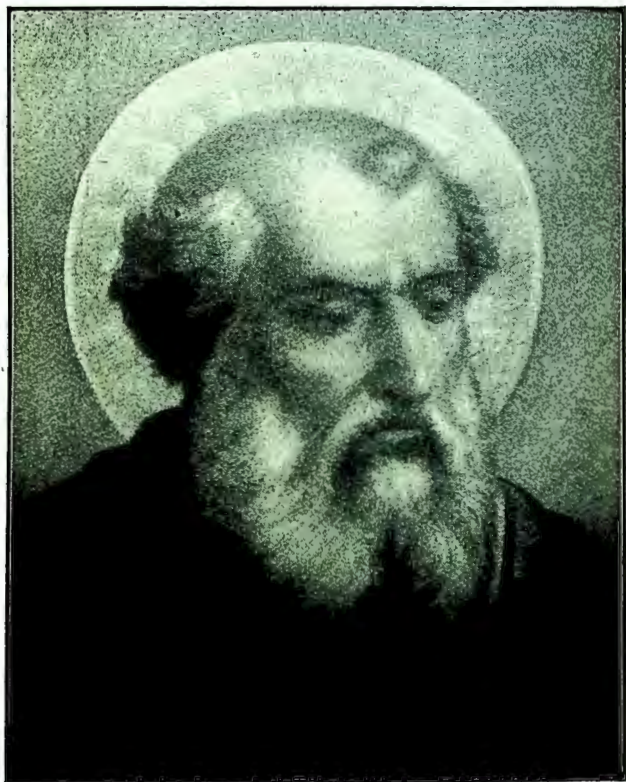
Gregório II era romano. Precioso auxiliar, acompanhara seu antecessor a Constantinopla. Retomou os projetos do papa Sisínio para restaurar os muros da cidade. Reuniu muitos bispos num sínodo para reforma da disciplina. Reconstruiu a célebre abadia de Monte Cassino (719), destruída outrora pelos Longobardos. Foi generoso com as vítimas de uma inundação do rio Tibre "que durou oito dias". Pagou o resgate de inimigos, capturados por aliados seus! Em Bizâncio reinava um ex-soldado, Leão III, o Isáurico. Rude e ignorante, o imperador Leão pretendeu batizar, à fôrça, os Judeu (722) e depois (726) suprimir o culto das imagens (iconoclastia), a fim de "tornar mais espiritual a religião e atrair os hebreus e os muçulmanos". O patriarca Germano foi exilado e substituído por um leigo, amigo de Leão.

Foram destruídos quadros de valor, quebradas imagens, incendiados mosteiros... pois os monges e o povo se opunham à destruição. Em Ravena o povo enfurecido abateu as estátuas do imperador . Aos argumentos do papa, o Isáurico respondeu: "Sou Imperador e Sacerdote". E a perseguição continuou, fazendo muitos mártires. Três emissários imperiais tentaram matar o papa, mas o primeiro ficou paralítico, o segundo morreu combatendo em viagem contra os Sarracenos e o terceiro, o exarca Eutíquio, foi salvo das mãos do povo, por Gregório, pessoalmente. Êste papa aplacou o rei longobardo Liutprando — o qual depôs espada e coroa sôbre o túmulo de S. Pedro. Enviou Gregório à Alemanha o monge anglo-saxão Winifried, chamado S. Bonifácio o Grande, cujo apostolado é um livro de manso heroísmo (bem diferente do ódio notável nas palavras e obras de Lutero...)

10 de dezembro — S. GREGÓRIO III (731-741) — Confessor

Gregório III foi digno dos seus antecessores do mesmo nome. Estava ainda viva a questão das imagens. Mandou Gregório seus enviados ao imperador Leão Isaúrico, reafirmando a fé da Igreja de Roma, com as declarações de um imponente sínodo: "Seja excluído da Igreja quem tirar, insultar ou destruir as imagens de Cristo, de Sua imaculada Mãe, dos Apóstolos, dos Santos"... Os diversos enviados foram todos presos, um após outro, condenados, enquanto Roma acolhia os artistas bizantinos. Os quadros e as imagens são a leitura dos que não sabem ler, e a arte, que é o cultivo do belo, fala aos corações e eleva à prece. O protestante Gregorovius diz: "A luta dos Papas contra Bizâncio salvou a arte no Ocidente".

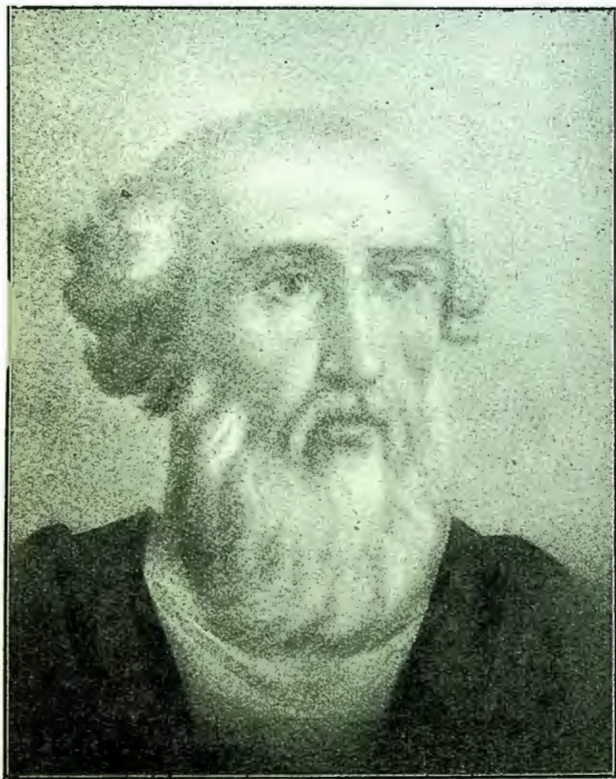
Leão enviou contra Roma uma esquadra, que o mar tragou. — Gregório opôs-se também às pretensões do rei Liutprando, que desejava anexar Roma aos seus domínios. Cercado por gregos e longobardos, Gregório pediu auxílio a Carlos Martel, general dos Francos. O ilustre filho de Pepino de Heristal salvara a Europa, na gigantesca batalha de Poitiers (732) vencendo os Árabes, que senhores da Espanha, em torrente avassaladora vinham conquistando o mundo. Gregório, porém, morreu em 27-11-741, seguido de perto por C. Martel e um ano após a morte de Leão Isáurico, o Iconoclasta. Durante o pontificado de Gregório morreu também Beda Venerável, o primeiro dos "bárbaros" que conquistou o título de "doutor da Igreja"; viera a Roma completar sua História Eclesiástica da Inglaterra.

As notícias do apostolado de S. Beda entre os inglêses e de S. Bonifácio entre os alemães, alegraram os últimos dias do glorioso S. Gregório III.

22 de março — S. ZACARIAS (741-752) — Confessor

Zacarias, eleito quatro dias após a morte de S. Gregório III, foi o último papa sírio-grego. De sólidas virtudes, vasta ciência, foi habilíssimo nos negócios do govêrno. Era imperador Constantino Coprônimo (coprônimo significa imundo), pior que seu pai Leão Isáurico. Esfacelava-se o império grego na anarquia. Liutprando, rei longobardo, ocupou então Ravena, Benevento, Espolêto, e ambicionava Roma. Mas Zacarias foi ao encontro do rei e o venceu com persuasão, tal, que a lenda enfeitou de milagres (nuvens brilhantes) a viagem do papa.

Operava então prodígios de apostolado na Alemanha S. Bonifácio, fundador do célebre convento de Fulda. S. Zacarias enviou-o como legado a Carlomano, filho de Carlos Martel, no sínodo de Soissons, cujas leis foram reconhecida pelo Estado. Em 747 Carlomano fez-se monge em Monte Cassino. Lá foi encontrá-lo Ratchis, antigo rei longobardo, que também se fez monge, enquanto sua espôsa Tásia e sua filha Rotrudes encerravam-se num convento. Papa Zacarias, comovido, benzeu as vestes monacais a tantos príncipes. Carlomano passou a cuidar das cabras e Ratchis da vinha. Os Francos, seguindo o costume dos Bárbaros, elevaram nos escudos a Pepino, irmão de Carlomano e o fizeram rei. Zacarias, para bem da nação, confirmou o novo rei, que S. Bonifácio coroou. Unidos fizeram-se fortes os Francos, garantia da ordem cristã, da civilização na Europa.

O papa Zacarias cuidou dos arquivos da Igreja, trabalho precioso para o futuro. Cuidou da agricultura. Beneficiou muito a abadia de Monte Cassino.

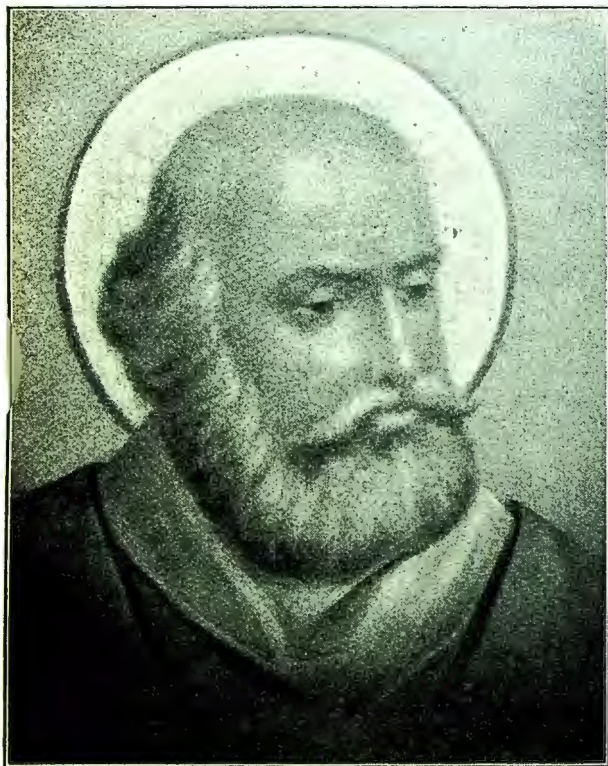
Morreu com fama de santidade em 14-3-752.

ESTÊVÃO II (752-757)

ESTÊVÃO II (752-757)

Estêvão II foi eleito em 26-3-752, doze dias após a morte do papa Zacarias. Fôra eleito antes um sacerdote romano, também, chamado Estêvão, que porém, faleceu três dias depois, sem haver sido consagrado, não sendo, por isso, contado por todos como papa. Estêvão II era romano, filho de Constantino. Órfão desde tenra idade, foi educado na escola patriarcal de Latrão. "Ânimo adatado à grandes emprêsas", iniciou para Roma um novo período. Astolfo, rei longobardo, extinguira no norte a tirania bizantina.

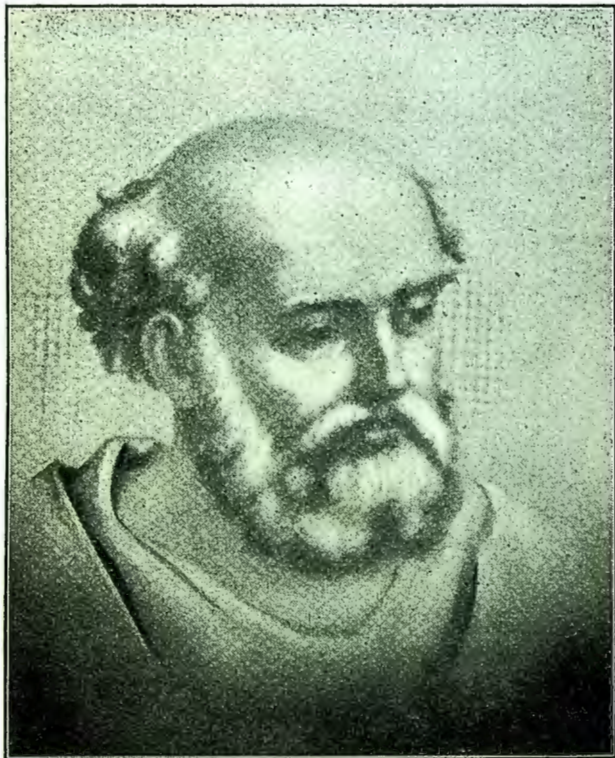
De posse da grande Ravena, cobiçava Roma. O papa recorreu a Constantinopla, mas a Côrte grega preferia perseguir monges e destruir imangens! Astolfo sitiou Roma. Papa Estêvão então realizou solene procissão, que acompanhou de pés descalços e com a cabeça coberta de cinza, levando-se uma grande cruz, da qual pendiam os tratados de paz violados por Astolfo. Assim mesmo o ambicioso rei ameaçou passar a fio de espada todos os Romanos. Estêvão então recorreu a Pepino, rei dos Francos, o qual desceu com um grande exército, libertou Roma, sitiou Astolfo em Pavia e lhe arrebatou Ravena com outras cidades ex-bizantinas, que entregou ao Papa, para sua independência política (Tratado de Quierzy). Foi a confirmação do Poder Temporal dos Papas, ou o Estado Pontifício.

Roma, que os Pontífices haviam conservado contra a cobiça dos Bárbaros, era incontestàvelmente pontifícia. Curiosa uma carta escrita então a Pepino por Estêvão "como se a escrevesse S. Pedro". Em 755 morria em Dockingen, aos 75 anos, o grande apóstolo da Alemanha, S. Bonifácio, martirizado por uma tribo que êle tentava converter. O papa Estêvão morreu em 24-4-757.

28 de junho — S. PAULO I (757-767) — Confessor

28 de junho — *S. PAULO I* (757-767) — Confessor

Paulo I era irmão de Estêvão II. Pela primeira vez temos dois irmãos papas. No século XI encontraremos outro caso: Bento VIII e João XIX.

Eleito, Paulo escreveu logo ao rei Pepino, dos Francos, comunicando sua nomeação "por unânime escolha do povo". Pepino respondeu com palavras encomiásticas e lhe enviou um cacho de cabelos de sua filhinha Gisela, irmã do futuro Carlos Magno, pedindo ao Papa que aceitasse ser padrinho da pequena princesa. Os duques e condes romanos acolheram com entusiasmo a proteção do rei franco, que de longe os deixava tranqüilos sob o govêrno pontifício, e lhes era uma garantia contra a barbárie dos Longobardos. O novo rei dêstes, Desidério, saqueava as cidades e talava os campos. A êle se aliaram os Bizantinos, e a devastação foi enorme. Paulo I deu provas de grande habilidade e muita paciência, conseguindo abrandar Desidério. O grego Constantino Coprônimo, valente só em destruir as imagens, espalhava boatos de terríveis esquadras e ingentes exércitos que estava preparando para ocupar Roma.

Paulo I celebrizou-se por sua caridade sem alarde. Visitava à noite os cárceres, libertando, com seu direito de indulto, os condenados à morte. Fazia pagar às escondidas os débitos dos que jaziam presos por insolvência, e colocar víveres e roupas à porta das casas dos pobres. Em 761 fundou com monges gregos o convento de S. Silvestre, ainda hoje existente no local dos antigos e famosos jardins de Lúculo. Terminou a capela de S. Petronila (errôneamente tida como filha de S. Pedro), iniciada por seu irmão, e chamada capela dos reis francos. S. Paulo I morreu em 28-6-767.

ESTÊVÃO III (768-772)

ESTÊVÃO III (768-772)

À morte de Paulo I seguiram-se graves ocorrências em Roma. O principado temporal dos Papas excitou a cobiça do poder na aristocracia romana. Acirrou-se a luta entre os dois partidos: o franco e o longobardo. Assim, o duque de Nepi, com fôrça armada, invadiu o palácio de Latrão e, com violência, entronizou seu irmão Constantino, que nem era clérigo. Reagiu o duque Gracioso. Com apoio do rei longobardo Desidério e do "primiciero" Cristóvão, atacou Roma, depôs Constantino e cometeu crimes execrandos, inclusive o de cegar o infeliz antipapa e, por traição, ao próprio Cristóvão. O clero romano, porém, elegeu corajosa e regularmente ao padre siciliano Estêvão, da igreja de S. Cecília (7-8-768). Seu primeiro cuidado foi o de acalmar a cidade, convocando um sínodo, do qual participaram 12 bispos francos. Nesta reunião condenaram-se: os atos do antipapa Constantino, a heresia iconoclasta e a elevação de um leigo a papa.

Morrera entretanto Pepino, rei dos Francos (24-9-768). Seu filho Carlos, mais tarde chamado Carlos Magno, casou-se por mero interesse político do rei Desidério, com a filha dêste, a longobarda Desiderada. O Papa, embora reconhecendo que seu único auxílio provinha da forte Côrte do rei dos Francos, protestou enèrgicamente contra essas núpcias, pois Carlos Magno já estava casado com Himiltrude. O casamento, afinal, só trouxe mal ao ambicioso Desidério: Carlos Magno repudiou Desiderada para se casar com a linda Hildegarda de Suábia (Himiltrude já havia falecido então) e moveu guerra ao sogro. Estêvão III morreu em fevereiro de 772. Viveu em tempos difíceis à vida espiritual.

ADRIANO I (772-795)

"Adriano I foi um grande papa e um grande rei, digno de ser o amigo do maior gênio político da Idade Média. A figura de Adriano I não empalidece ante a figura de Carlos Magno", diz Chantrel. — Órfão de pequenino, foi Adriano educado à sombra da Igreja. Eleito papa em 1 de fevereiro, teve de enfrentar a má fé de Desidério e de Leão IV. — Por morte de Carlomano, irmão de Carlos Magno, queria Desidério que o papa coroasse o filho de Carlomano menor ainda. Seria a guerra civil. Desidério subornou uns nobres e atacou Roma. O papa Adriano recorreu então a Carlos Magno, que desceu à Italia, visitou Roma com fervor religioso (Páscoa de 774), renovou a doação de territórios, feita por Pepino, seu pai e se proclamou "rei dos Lombardos" e "patrício romano". Desidério, vencido (774) e prisioneiro, retirou-se para o convento de Corbeia (a espôsa fêz-se monja). Conta-se que, terminando seus dias em vida santa, o convertido ex-rei operou milagres.

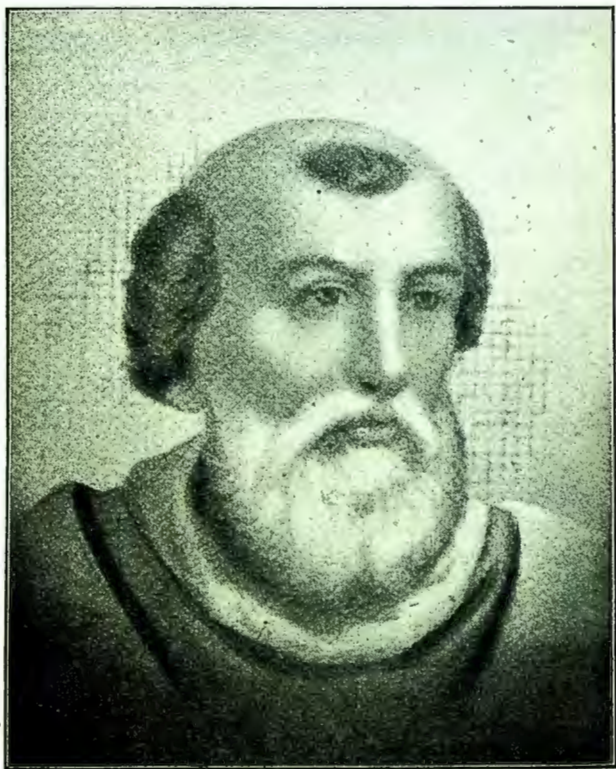
No Oriente, Leão IV, filho do Coprônimo, continuava a feroz perseguição às imagens, até a morte. A imperatriz Irene amenizou as leis iconoclastas e reuniu o 7.º Concílio Ecumênico (Nicéia, 787), com 300 bispos, presidido pelos legados romanos. Foi restituído o culto das imagens, com imenso júbilo dos fiéis. Paulo, o patriarca herético bizantino, converteu-se, tornou-se monge.

Adriano guiou a Igreja com firmeza na disciplina e na fé. Condenou o "adocianismo" de Elipando, bispo de Toledo, que ensinava ser Jesus apenas filho adotivo de Deus. Reconstruiu os muros de Roma (380 tôrres) e os aquedutos, protegeu as artes e a agricultura. Morreu no Natal de 795, após 23 anos de glorioso reinado.

12 de junho — S. LEÃO III (795-816) — Confessor

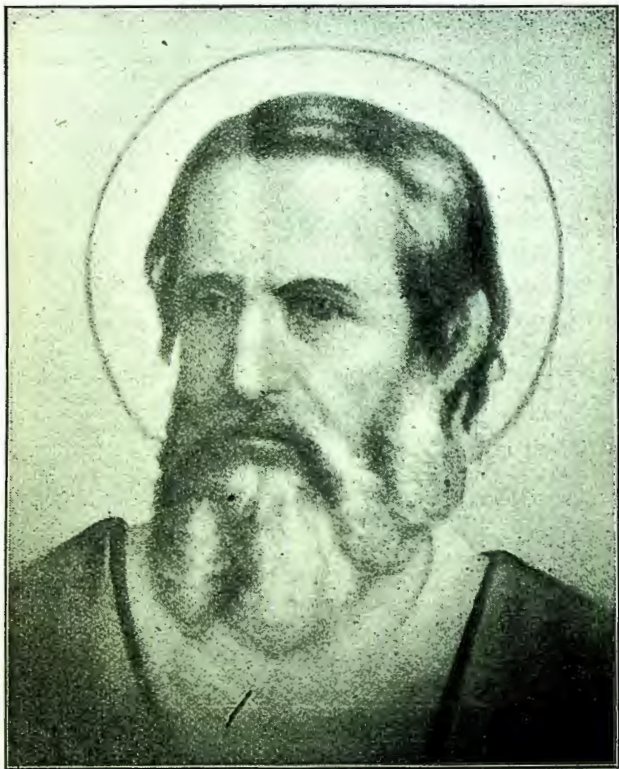
Leão III, romano, cardeal de S. Susana, era filho de Azúpio. Eleito um dia após a morte de Adriano I, com agrado geral. Enviou a Carlos Magno as chaves de S. Pedro e a bandeira do patriciado. Por querer reprimir abusos do partido aristocrático, foi atacado numa procissão de S. Marcos e tratado brutalmente. Pretenderam arrancar-lhe a língua e os olhos. Salvo pelo duque Vinichi, fugiu para a Alemanha, onde foi recebido com grandes honras no acampamento de Carlos Magno, então em guerra contra os Saxões. O exército todo dobrou três vezes os joelhos ante o martirizado pontífice. O atentado de Roma comoveu tôda a Cristandade. Uma comitiva de bispos e nobres, chefiados pelo rei Pepino, filho de Carlos, reconduziu a Roma o papa, acolhido festivamente em tôda a parte. Leão reprovou a heresia adocionista de Elipando e Félix, êste, bispo de Urgel na Espanha.

No ano 800 Carlos Magno desceu novamente à Italia. Em S. Pedro, a pedido do papa, reuniu-se um concílio para acolher as acusações contra o mesmo Leão, mas ninguém ousou julgá-lo. Seus detratores, condenados à morte, tiveram a pena comutada para exílio em Bizância (a maravilhosa cidade), a pedido de Leão. Na noite de Natal de 800, Leão coroou Carlos Magno, imperador do Ocidente — fato importantíssimo na História. Em 808 Leão acolheu Ardurlo, rei de Northumberland, na Inglaterra, que pôde reaver seu trono. Leão confortou Carlos Magno em seus tristes últimos anos, em que o grande imperador perdeu vários filhos.

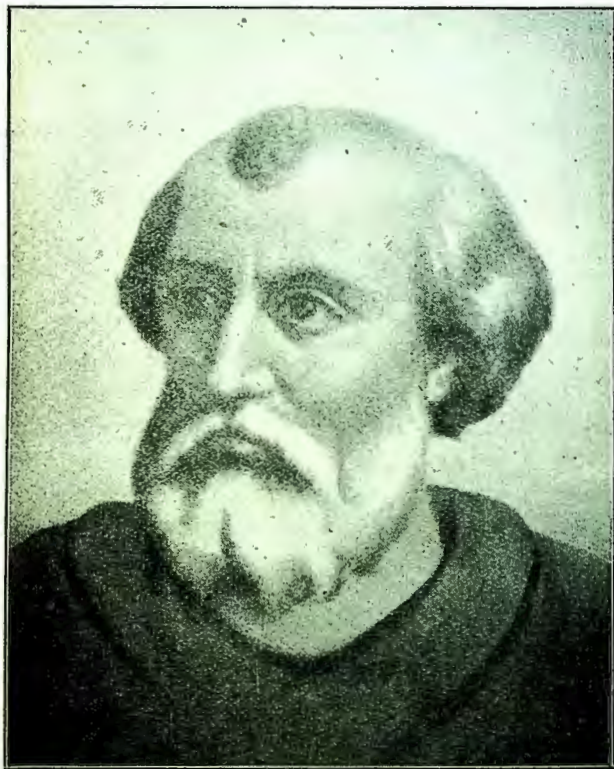
O restaurador do Império Romano do Ocidente morreu aos 71 anos em 28-1-814 e Leão, em 12-6-816. Surgia então no Oriente a controvérsia dogmática sôbre o *Filioque* — O Espírito Santo procede do Pai e do Filho.

ESTÊVÃO IV (816-817)

ESTÊVÃO IV (816-817)

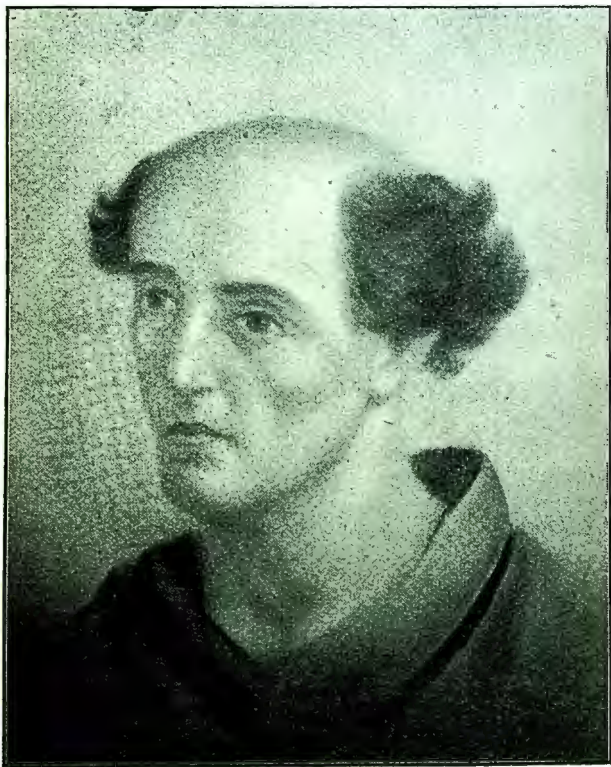
Após a morte de Leão III, a Sé romana ficou vaga dez dias. Foi eleito Estêvão, de Roma, filho de Marino. Reinou sete meses. Fôra educado na escola de S. João de Latrão e muito estimado pelos papas Adriano e Leão. Nomeado pelo Clero e pelo povo com voto unânime, comunicou sua elevação ao rei Ludovico, o Pio, filho de Carlos Magno. Era o primeiro pontífice a ser eleito depois da restauração do império ocidental. O novo papa, sem admitir a ingerência imperial na sua confirmação, reconhecia o novo e eficiente poder civil, que unia os povos cristãos. Fêz mais: viajou até a França e, na catedral de Reims, em setembro de 816, sagrou imperador o rei Ludovico. Tratou com êle assuntos eclesiásticos do Império, renovou a aliança dos reis carolíngios e obteve confirmação das antigas doações do Estado Pontifício. Obteve também o perdão para todos os exilados ao tempo do seu antecessor e, acompanhado filialmente por êles, voltou a Roma. No Oriente piorava a situação religiosa. A imperatriz Irene, após destronar seu filho, a quem cegaram na rebelião (797), foi deposta (802) por Nicéforo, incapaz de se alçar à altura de seus contemporâneos Carlos Magno e Califa Harun-al-Raschid. Em 813 subiu ao trono bizantino Leão V, o Armênio, novo e feroz inimigo das imagens. Milhares de monges, então, chefiados pelo abade Teodoro, fiel a Roma, desfilaram pelas ruas de Bizâncio com seus quadros e imagens, apesar do martírio de centenas dêles, aos quais o Armênio fez cortar nariz e orelhas. O papa Estêvão IV reedificou igrejas, entre as quais a de S. Helena, em Roma.

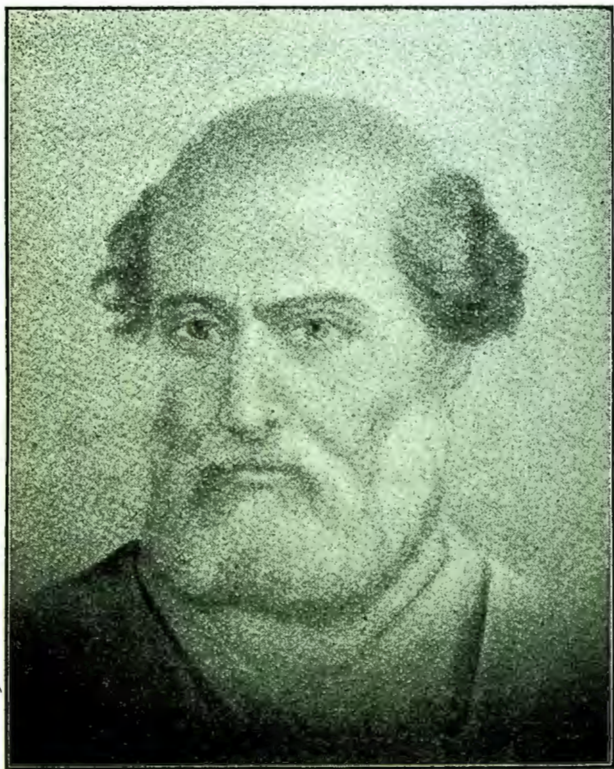
Morreu em 24-1-817.

11 de fevereiro — S. PASCOAL I (817-824) — Confessor

Pascoal, romano, filho de Bonoso, eleito dois dias após a morte de Estêvão IV. Muito erudito, conhecia bem as Escrituras, as leis canônicas. Piedoso e de imensa caridade. "Tudo o que possuia, dava-o aos pobres". Com os monges insistia muito na observância do jejum, das vigílias, dando êle mesmo o exemplo. "Sempre abençoado pelos peregrinos, que acorriam numerosos a Roma". Em seu tempo começou a ser usado oficialmente o título de Cardeal. Sofreu desgostos com a Côrte dos Francos. Em 822 o imperador Ludovico associou a si o filho Lotário. Rebelaram-se os outros príncipes. Bernardo, sobrinho do imperador, foi vencido, cegado e morto. O papa levantou a voz contra tanta crueldade (em bora comum nessa época) e Ludovico, mais tarde, fêz peni tência pública. Em Roma o partido dos nobres, aproveitando-se da guerra civil, tumultuou. Foram cegados e mortos dois partidários de Lotário. O sepultamento de Pascoal, falecido na primavera de 824, retardou-se por causa dêsses tumultos. No Oriente, no Natal de 820, o iconoclasta Leão, o Armênio, perecia assassinado, na igreja, por inimigos que êle condenara à morte. Morreu defendendo-se desesperadamente com um grande Crucifixo, êle (ironia!) que em vida fizera destruir tantas imagens!...

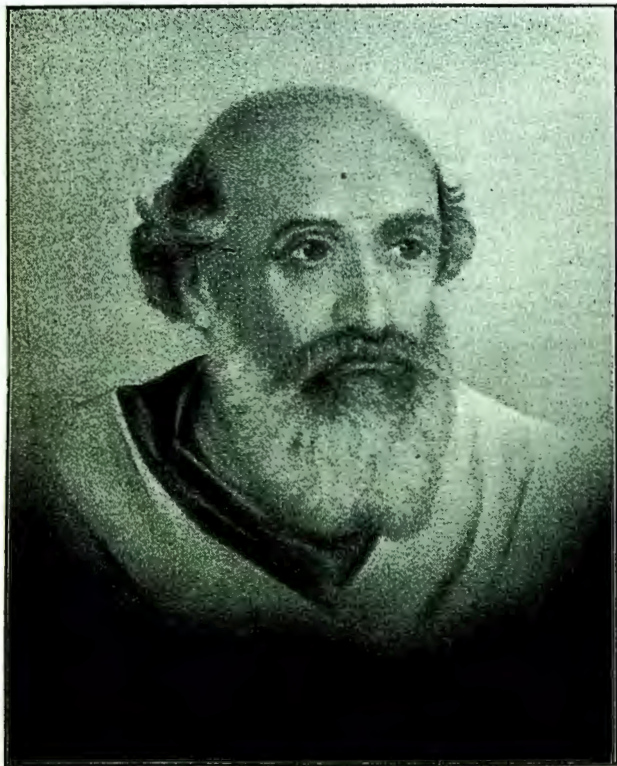
O santo pontífice Pascoal I reedificou a basílica de S. Cecília. Num sonho viu a Santa indicando-lhe o local onde se encontrava seu corpo, nas Catacumbas. Pascoal achou-o envolto em panos bordados a ouro, junto ao corpo de S. Valeriano, o jovem mártir espôso de S. Cecília.

EUGÊNIO II (824-827)

EUGÊNIO II (824-827)

De Eugênio II pouco se sabe pelo *Liber Pontificalis*. Conhece-se algo mais por meio dos "analistas" francos. À morte de S. Pascoal I, houve dois candidatos, porque em Roma já se temia a demasiada influência dos Francos. Eugênio foi consagrado em junho de 824 e o imperador Ludovico enviou seu filho Lotário para examinar a situação em Roma, reafirmar a autoridade imperial e exercer justiça onde fôsse preciso. Realmente o príncipe estabeleceu, de acôrdo com o papa, ótimas disposições, civis e religiosas. Destas, dois exemplos: ninguém poderia impedir ou retardar a eleição do Pontífice e a essa eleição deviam concorrer todos que tinham direito ao voto. Infelizmente permaneceu a dualidade de aplicação do Direito: o romano para os locais e o germânico para os estrangeiros, o que ocasionou depois muita confusão e mal-estar. Em 824 Ludovico tentou reconciliar Roma e Constantinopla: entrou em entendimentos com o imperador bizantino, Miguel III, o qual enviou uma embaixada ao papa, a fim de resolver a controvérsia sôbre o culto às imagens. Em 825 reuniu-se em Paris uma assembléia de doutos bispos e teólogos, com permissão do Papa. Não sabemos, porém, dos resultados, por se haverem perdido as atas. Houve um iconoclasta no Ocidente, Cláudio de Turim, que retirou de suas igrejas os quadros, imagens e cruzes, reprovou o culto das relíquias, as romarias e até o culto dos Santos. Foi rejeitado por um concílio de 63 bispos, dirigido por S. Medardo, em Roma, quando se tratou também da disciplina dos cônegos, dos claustros anexos às catedrais, da eleição e dos deveres dos bispos etc.

VALENTIM (827)

O papa Valentim era romano, da região de Via Lata. Seu pai chamava-se Leôncio. O novo papa era homem de grande santidade, repleto do espírito de Deus, como atesta o *Lib. Pont.* Pontificado muito breve — talvez de 1.º de setembro a 10 de outubro, apenas algumas semanas. Sua eleição, porém, fôra recebida com geral agrado e entusiasmo. Educado por ótimos mestres, distinguira-se desde jovem por sua prodigiosa memória, sabendo de cor todos os preceitos escolásticos, especialmente das Sagradas Escrituras. Parece ter sido de modos reservados, algo taciturno, por motivo talvez da sua pouca saúde. Prudente, cuidadoso, de muita bondade e grande doutrina. Estimado por Pascoal I, auxiliara seu antecessor a criar, junto a cada catedral ou convento, escolas (as únicas de então). Talvez a estima e venerada memória de Pascoal tenham levado os Romanos à escolha de Valentim. Conta seu biógrafo que, nesta eleição, houve uma revelação extraordinária: durante a reunião no Palácio Lateranense ouviu-se uma voz belíssima a clamar: "Valentim, santo arcediago, é digno da Sé Apostólica". Valentim achava-se nesse instante longe, rezando na basílica de S. Maria Maior, de onde foi arrebatado pelo povo para ser consagrado em S. Pedro. Valentim fêz muitos donativos aos pobres, foi generoso com o Senado, anistiou os presos e deu ao povo um grande banquete como era do costume. "Ornado de belas virtudes, oprimido, porém, pelas enfermidades corporais, teve morte preciosa", diz-nos o *Liber Pontificalis.* Sua eleição não teve a confirmação imperial, devido provàvelmente à falta de tempo.

GREGÓRIO IV (827-844)

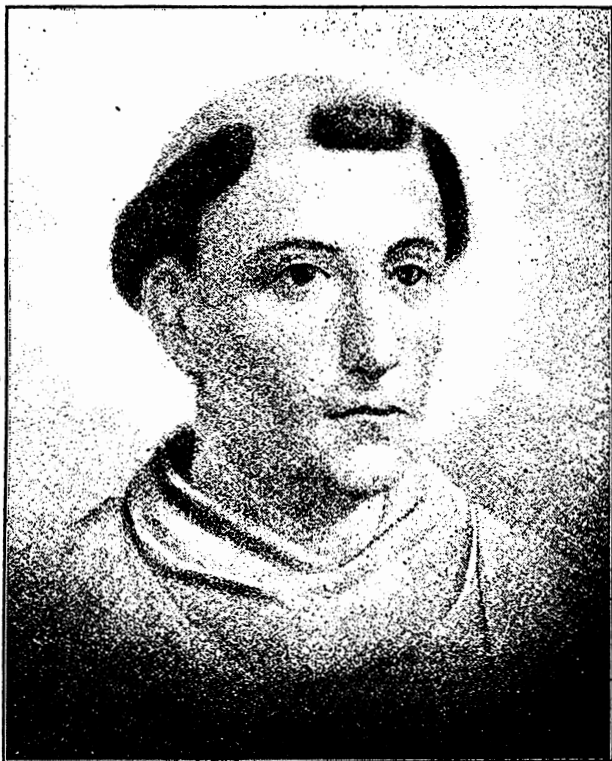
GREGÓRIO IV (827-844)

Chamava-se João o pai do papa Gregório IV, romano. O sucessor do papa Valentim, precocemente falecido, fôra também muito estimado por Pascoal I. Era titular da basílica dos mártires S. Cosme e S. Damião, aonde andaram a buscá-lo, quase à fôrça, os eleitores. Alegava o escolhido seu temor à responsabilidade e sua pouca saúde. Tal escolha teve pleno assentimento imperial, o que devia ser uma garantia contra a turbulenta aristocracia romana. Garantia, aliás, muito fraca então, porque a jovem monarquia de Carlos Magno desmoronava espetacularmente. Judite, a segunda espôsa de Ludovico, dominou o ânimo do imperador, levando-o a uma nova repartição do Império em favor de Carlos, o Calvo, filho de Judite. Rebelaram-se então contra o pai os príncipes mais velhos. O papa correu ao campo da luta, a fim de impedir a monstruosa guerra, mas Lotário, no "campo da mentira" usou de traição: o velho soberano foi aprisionado; julgaram-no, humilharam-no e o filho de Carlos Magno viu-se encerrado num convento. O papa ergueu a voz em prol do imperador deposto, ameaçando de excomunhão os filhos rebeldes. Êstes desavieram-se logo. Pepino, Luís e Carlos uniram-se contra o irmão mais velho Lotário, derrotaram-no e libertaram o pai. Finalmente o Tratado de Verdun (843) repartiu o poderoso Império nos atuais países de França, Alemanha e Italia. — Aproveitaram-se dessas discórdias os Sarracenos para ocuparem a Sicília (831), ameaçando Roma, salva por Gregório. Êste papa tornou universal a Festa de Todos-os-Santos em 1.º de novembro, festa associada à história do Panteão. Restaurou o aqueduto da antiga "acqua Traiana". Morreu em 25-1-844.

SÉRGIO II (844-847)

SÉRGIO II (844-847)

Sérgio, filho de um nobre romano também chamado Sérgio, era homem de muita prudência e erudição. Ordenara-o sacerdote do título de S. Silvestre o papa Pascoal e nomeara-o arcipreste Gregório IV. Sua eleição andou perturbada pela interferência de um antipapa João — a quem um grupo de facciosos queria, à fôrça, entronizar no palácio de Latrão.

Vencidos os intrusos, João teve a vida salva por intercessão de Sérgio. Nesse dia caíu muita neve, coisa rara em Roma. A consagração de Sérgio realizou-se sem o consentimento imperial, e Lotário, julgando-se ofendido, enviou à Italia seu filho Luís II com um exército, que cometeu muitas atrocidades. Sérgio conseguiu amansar o jovem príncipe, que se lhe tornou amigo, juntamente com Siconulfo, príncipe longobardo de Benevento, que saqueara o mosteiro de Monte Cassino e sitiara Roma. Outro flagelo ameaçou a capital da Cristandade. Em 846, havendo já ocupado a Sicília, os Sarracenos entraram pela foz do Tibre, chegaram até Roma, pilharam as basílicas de S. Paulo e de S. Pedro, roubando até as portas de bronze e os mármores do pavimento! O duque Guido de Espolêto bateu-lhes o exército em terra e uma terrível tempestade afundou-lhes as fôrças restantes no mar. Deixaram, entretanto, imensa desolação. Seguiu-se um período de miséria e fome, em que o papa foi incansável pela sua caridade. — O manuscrito *farnesiano* fala-nos de profundos desgostos causados a Sérgio II por um seu irmão. — Angustiado por tanto sofrimento, êste papa faleceu em 27-1-847. "Foi sepultado naquela mesma igreja, cujo saque e ruína lhe haviam partido o coração de dor".

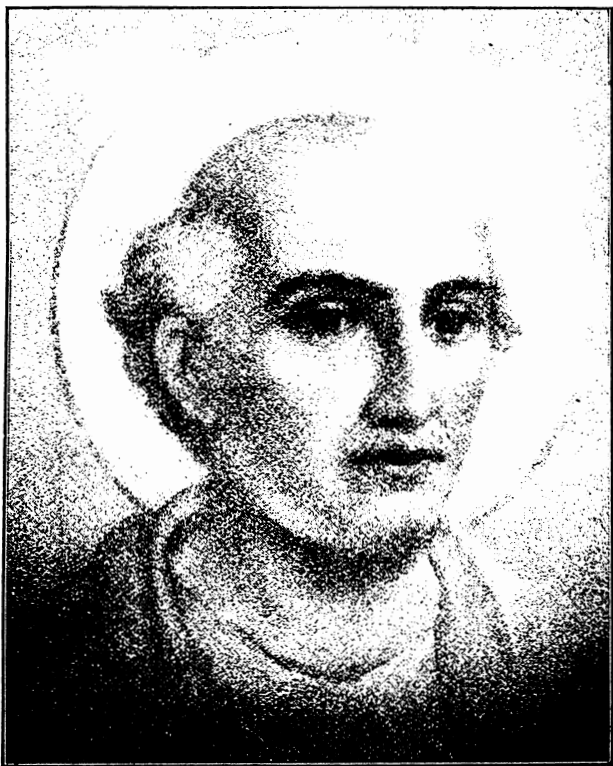
17 de julho — S. LEÃO IV (847-855) — Confessor

17 de julho — *S. LEÃO IV* (847-855) — Confessor

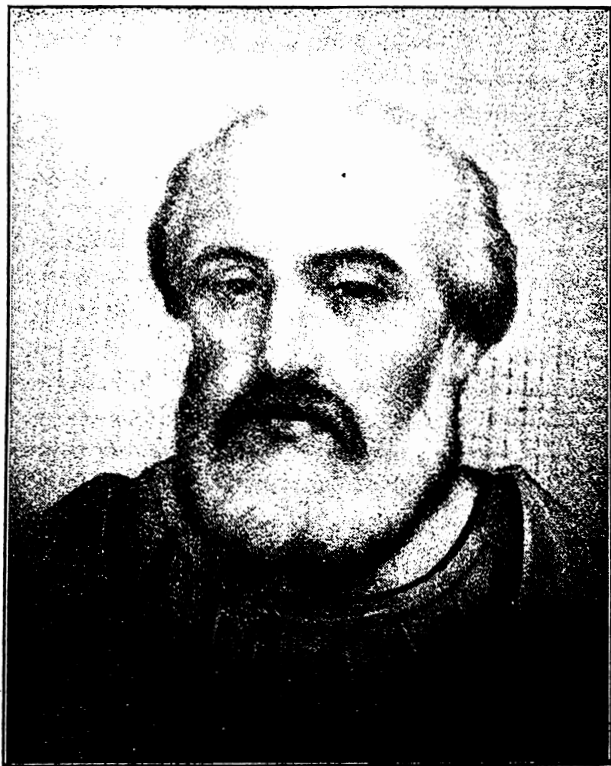
Leão IV, romano, era cardeal dos Santos Quatro Coroados. De grandes virtudes e ciência. Foi consagrado sem grandes festas, devido à urgência em se acudir à invasão dos Sarracenos, que voltavam a novo saque de Roma. Ao apêlo de Leão correram ao Tibre as tropas de Nápoles, Amalfi e Gaeta, ajudando a derrotar os temíveis muçulmanos.

Um grande incêndio, que se seguiu a um terremoto, ameaçou destruir Roma, havendo cenas impressionantes. Mais tarde o grande pintor Rafael imortalizou o milagre, atribuído a S. Leão IV, de haver extinto o fogo com o sinal da cruz, como também pintou o quadro da vitória sôbre os Sarracenos. Em quatro anos Leão realizou um projeto gigantesco: edificou a fortificada Cidade Leonina, uma parte de Roma encerrada atrás de poderosos muros que abrigavam a igreja de S. Pedro também. Reedificou Ostia, Porto, Civitàvecchia e outras cidades. Restaurou igrejas, embelezando-as com preciosas obras de arte. Em 850 Luís II foi pelo papa coroado imperador do Ocidente, em Roma. Nesse mesmo tempo estêve em Roma, para ser ungido, o rei Etewulf com seu filho Alfredo, o futuro grande rei da Inglaterra. Permaneceram um ano na cidade papal e reergueram ali a colônia dos Anglo-Saxões. O jovem príncipe guardou sempre vivíssimas impressões de Roma. Em 17-7-855 morreu Leão IV, verdadeiro herói de dedicação patriótica e religiosa. "A Igreja deu-lhe a coroa dos Santos e até os inimigos do papado, sem excetuar-se Voltaire, não puderam recusar-lhe o tributo de seus louvores e de sua admiração".

BENTO III (855-858)

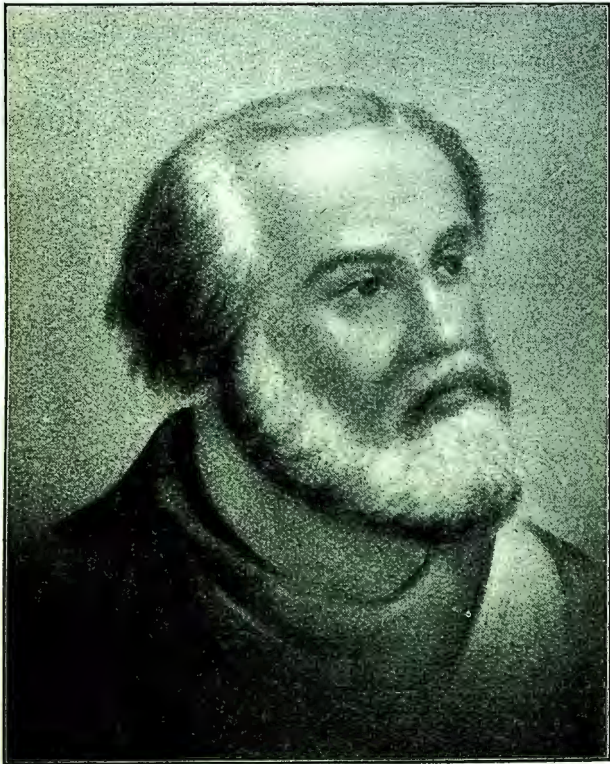
BENTO III (855-858)

Bento III, romano, estava rezando tranqüilo em sua igreja, quando o povo foi buscá-lo em procissão e trouxe-o, relutante, para ser papa. Apareceu depois um antipapa, Anastácio, já afastado por Leão IV, mas que voltava agora, apoiado pelo conde de Vubbio. Bento foi prêso, despojado de suas insígnias e maltratado, mas o povo repudiou o intruso, que, vencido e prêso, teve válido defensor no manso e humilde Bento. A população tôda, espontâneamente, fez um jejum de três dias em desagravo a Deus. Penitência também fazia o imperador Lotário, filho de Ludovico, o Pio, e neto de Carlos Magno: roído pelo remorso de haver guerreado e humilhado o próprio pai, encerrou-se como monge beneditino no mosteiro de Prüm († 28-9-855). Ao tempo de Bento III colocam alguns escritores a existência da "papisa Joana", uma mulher que, disfarçada em monge e por dolo, teria sido elevada ao sólio pontifício. Lenda grosseira, apoiada apenas em listas posteriores de 400 anos (crônica de Martim Polono, 1278), foi desfrutada, como era natural, pelos protestantes depois do ano 1500. Sua origem liga-se talvez às acusações de inimigos, que zombavam da pouca energia do papa João VIII, ou liga-se porventura ao período do século em que as mulheres da aristocracia romana tiveram demasiado ascendente sôbre os pontífices seus parentes. Uma estátua antiga, de sacerdotisa pagã, erigida numa rua (por onde não passavam procissões, por ser estreita), com a misteriosa inscrição Pa. P.P.P.P. não é prova histórica. Bento III foi benquisto nas côrtes de França e de Inglaterra, até pelos gregos, mas defendeu com energia a validade do matrimônio no caso da princesa Ingeltrude. Morreu em 7-4-858.

13 de novembro — S. NICOLAU I o Grande (858-867) — Confessor

Belo homem, física e moralmente, o romano Nicolau. Eleito por aclamação. Fugiu da assembléia, voltando trazido pelo povo em cortojo triunfal, acompanhado pelo imperador Ludovico II, então em Roma. Nicolau foi "o grande lutador". Dominou as autoridades de Ravena que, em assunto religioso, pretendiam independência de Roma. Lutou em defesa de Inácio, patriarca de Constantinopla, que condenara o casamento ilegal do tirano Bardas e a tentativa de Miguel III de internar num convento a própria mãe Teodora com as filhas. Teodora, quando regente, terminara a questão iconoclasta (destruição das imagens), restituindo o culto às mesmas imagens (Festa da Ortodoxia, 842). Miguel III então depôs Inácio e elevou em seu lugar o ambicioso Fócio, um leigo eruditíssimo. Os legados do papa deixaram-se enganar por Fócio, e Nicolau excomungou-os, reunindo então um concílio para defesa da fé e da disciplina. Recebeu na Igreja os Búlgaros, cujo rei Bóris enviou a Roma o próprio filho. O papa ministrou-lhes conselhos e leis que são um monumento de sabedoria. No Ocidente, árdua foi a luta: O rei Lotário II, para se casar com uma dama da côrte, Valdrada, expulsou a espôsa Teutberga. Esta recorreu ao pontífice, o qual, apesar de cercado pelos exércitos imperiais, obrigou Lotário, sob excomunhão, a receber a legítima espôsa. Recebeu Nicolau a Dinamarca, convertida por S. Ansgário e os Eslavos, pelo zêlo dos irmãos S. Cirilo e S. Metódio, verdadeiros iniciadores da literatura eslava. Nicolau morreu em 13-11-867, coroado de imensas vitórias como homem, como rei e como papa.

ADRIANO II (867-872)

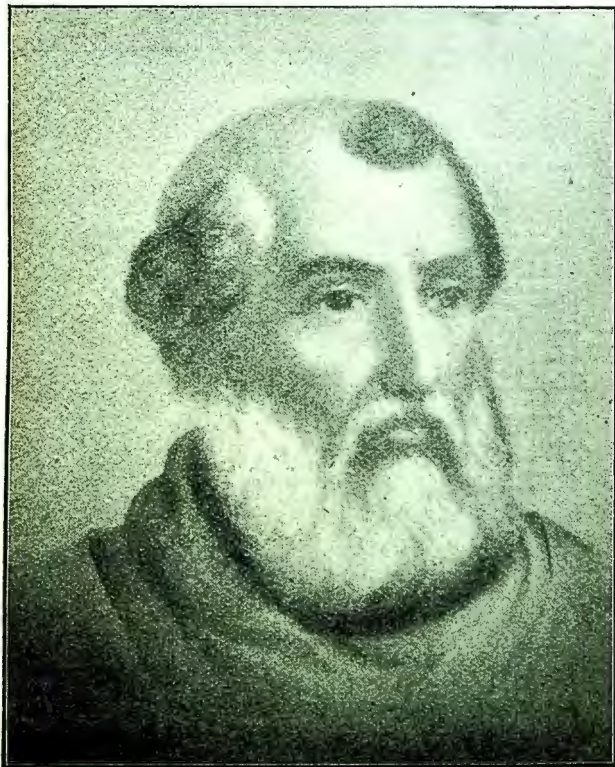
ADRIANO II (867-872)

Em 14-12-867 o clero e o povo elegeram Adriano, filho de Talaro, da família dos papas Estêvão IV e Sérgio I. Tinha Adriano 75 anos. Vivera em estado matrimonial e, anos atrás, sua espôsa se retirara para um convento e êle ingressara no estado eclesiástico. Inaugurou seu pontificado com uma anistia geral, fazendo voltar do exílio até o antipapa Anastácio — gesto de bondade que lhe trouxe desgostos. Continuou Adriano a luta contra o divórcio do rei Lotário II. O papa Nicolau obrigara êste soberano a receber sua legítima espôsa Teutberga, que o rei expulsara para se casar com Valdrada. Lotário, porém, chamou de novo Valdrada e maltratou de tal forma a rainha, que a infeliz fugiu da Côrte. Após a morte do papa Nicolau, Lotário escreveu cartas humílimas a Adriano, mas o novo papa não se deixou enganar. Então Lamberto, duque de Espolêto, invadiu e saqueou Roma. Houve a interferência do imperador Ludovico II, em favor de seu irmão Lotário, o qual foi encontrar-se com o papa em Monte Cassino, jurou pùblicamente separar-se de Valdrada e foi absolvido da excomunhão. Não era sincero e morreu perjuro logo depois. Valdrada e Teutberga entraram para o convento, morrendo Teutberga com fama de santidade, sempre generosa e fiel à memória do péssimo marido. No Oriente um concílio em Constantinopla condenava o astuto Fócio e reconhecia a supremacia de Roma sôbre as demais Igrejas.

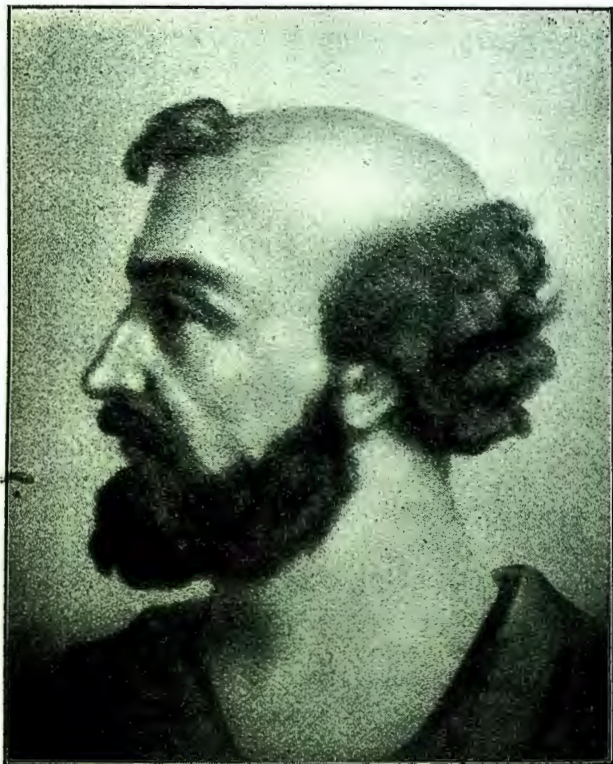
Manteve Adriano II amizade com o imperador bizantino Basílio, embora discordando quanto à pretensão grega de nomear bispos para os Búlgaros. Adriano, velho e manso, teve fôrças magníficas para lutar com galhardia pelos direitos de Deus.

JOAO VIII (872-882)

JOÃO VIII (872-882)

João VIII, romano, filho de Gundo, era de origem longobarda. Inicia-se com êste papa um período pobre em informações históricas . O monge Pedro Guilhermino, bibliotecário do mosteiro de S. Gil escreveu em 1142 as vidas dos papas, de S. Pedro até Adriano II. Seguem-se catálogos inferiores. João VIII afligiu-se ante a luta dentro da família imperial. Em 875 coroou imperador a Carlos, o Calvo. Formaram-se então partidos em Roma, tendo nêles parte importante Formoso, futuro papa. Um partido chegou a aliar-se aos Sarracenos, obrigando o papa a fugir para a França (878), de onde depôs príncipes e bispos rebelados contra seu soberano. Voltando a Roma, João sofreu vexames e humilhações; nunca, porém, cedeu em seus direitos e deveres.

No Oriente morreu (877) Inácio, patriarca de Constantinopla. O astuto Fócio, que já usurpara uma vez a Sé patriarcal, conseguiu obter as boas graças do imperador e livrar-se da prisão, mediante um ardil: inventou uma árvore genealógica, segundo a qual o soberano (simples soldado que ascendera ao trono), era descendente de antiga família real armênia. Fócio apossou-se da Sé vacante e usou de todos os ardis para se conservar no pôsto e até ser considerado "maior que o Papa". João VIII apoiou a admirável missão dos santos irmãos Cirilo (morto em Roma, 869) e Metódio, apóstolos dos Eslavos, aprovando o uso da língua vulgar na liturgia e a jurisdição do arcebispo S. Metódio († 886). João VIII morreu em 15-12-882. Os Anais de Fulda dizem que foi envenenado por um seu parente. Viveu, inquebrantável apesar de seu gênio bondoso, entre homens e tempos muito adversos.

MARINO I (882-884)

MARINO I (882-884)

Marino I gozara da confiança dos quatro papas precedentes. Fôra missionário na Bulgária, tão estimado, que os neo-convertidos pediram-no ao pontífice como arcebispo dêles. Adriano II, porém, preferiu enviá-lo a presidir o VIII Conc. Ecumênico de Constantinopla, onde se julgava a conduta ilegal do intruso Fócio. Várias viagens fez Marino à capital bizantina, para desfazer as tramas do hábil Fócio, que protegia as artes, as letras e a ciência, incrementava as missões, enfim, com uma atividade esplêndida, mascarava a heresia e o cisma. Marino estivera em Nápoles, conseguindo trazer à obediência o arcebispo Atanásio, o qual, por ser grego, se aliara aos Sarracenos. Marino fôra feito bispo de Cere, sendo, pois, sua elevação a bispo de Roma, o primeiro caso de transferência de diocese. Seus primeiros atos como papa foram de generosidade. Perdoou a Formoso, do partido anti-franco que fôra deposto por João VIII. Entendeu-se òtimamente com Alfredo, o Grande, rei da Inglaterra. Defendeu os Eslavos neo-convertidos, por S. Metódio, contra o predomínio germânico. Recebeu a obediência de Folco, sucessor do altivo e inteligente arcebispo Hincmaro de Reims. Para defender Roma dos Sarracenos e a Italia das arbitrariedades de Berengário, marquês de Friul, e de Guido, duque de Espolêto, Marino viajou até Nonântula, a encontrar-se com o imperador Carlos, o Gordo, sem nenhum proveito, porém, por culpa do indeciso soberano. Os Sarracenos, fortificados no Garigliano (sul da Italia), incendiaram o célebre mosteiro de Monte Cassino e degolaram o abade Bertário aos pés do altar. Marino morreu em março de 884. Seu enérgico passado prometia muito.

ADRIANO III (884-885)

ADRIANO III (884-885)

Adriano III subiu ao trono pontifício na primavera de 884. Era romano, filho de Bento. Temos poucas e incertas notícias de seu breve pontificado. Certamente houve então em Roma vários tumultos, resultado da situação decadente do poder civil, pois Carlos, o Gordo, imperador, não possuía energia. O govêrno da península itálica estava sendo disputado pelo marquês Berengário de Friul, pelo duque Guido de Espolêto, pelos Gregos, pelos Sarracenos. O Oriente agitava-se sob a insistente pressão do heresiarca Fócio. Assim mesmo Adriano conseguiu um acôrdo com o imperador bizantino, embora as cartas dêsse soberano fôssem redigidas pelo próprio Fócio. Pouco se conserva dos decretos de Adriano. Dúbia a autenticidade de dois decretos a êle atribuídos: um estabelecendo que a eleição do pontífice fôsse independente de qualquer ingerência imperial, e outro estatuindo que, após a morte de Carlos, o Gordo (sem descendentes) a coroa de imperador passasse a Guido de Espolêto. Morria, entretanto, numa caçada, Carlomano, rei de França; e Carlos, o Gordo, reunia sob seu fraco cetro todo o antigo domínio de Carlos Magno. Desceu então à Italia.

O papa foi ao seu encontro. Adriano, porém, adoeceu na viagem, morrendo em fins de 885, perto da abadia de Nonântula, onde foi sepultado. Mais tarde, diz Muratori, os monges confundiram o pontífice, sepultado no seu templo, com Santo Adriano I: daí o figurar Adriano III como santo em alguns calendários. O breve pontificado de Adriano III viu Roma e imediações infestadas por excecional praga de gafanhotos, pela sêca e pela fome.

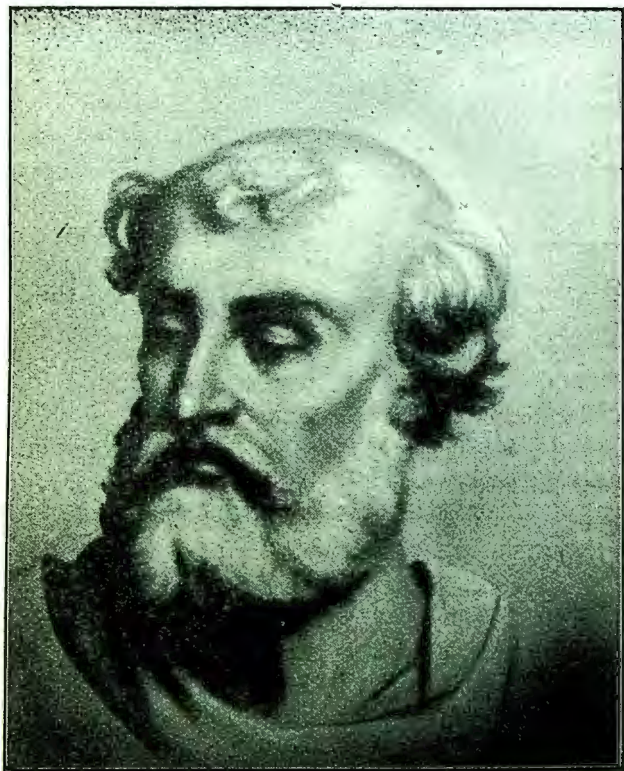
ESTÊVÃO V (885-891)

ESTÊVÃO V (885-891)

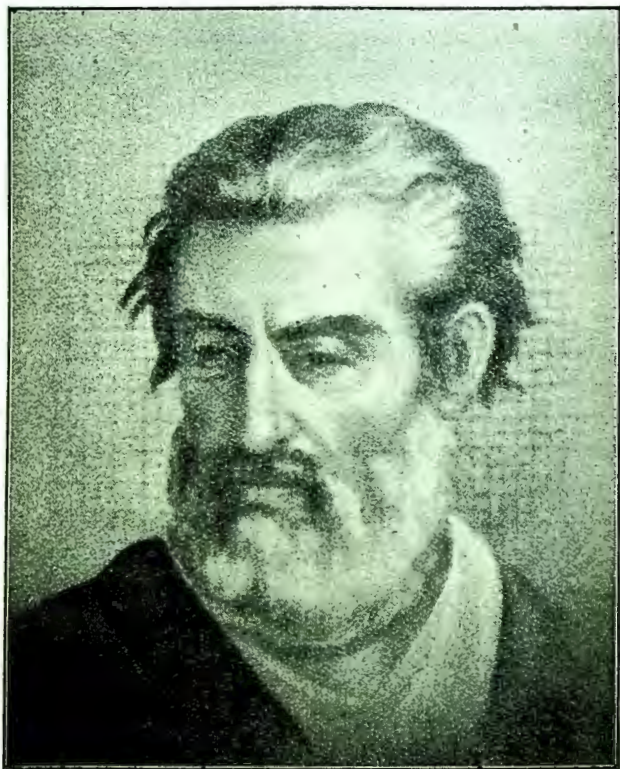
Estêvão era filho de um nobre romano, chamado Adrianò, do bairro aristocrático de Via Lata. Seu pai teve longa vida, pois em 916, vinte e cinco anos após a morte do filho, foi um dos signatários da aliança entre o papa João X e os príncipes da Italia meridional.

Estêvão foi educado e instruído pelo bispo Zacarias, de Anagni, bibliotecário-mor da Sé Apostólica. Estêvão foi nomeado cardeal por Marino I. Deu-se sua eleição em setembro de 885. Foi sagrado pelo bispo Formoso de Porto, o que desagradou ao imperador, mas os legados do papa convenceram-no de que se devia respeitar, acima de tudo, a escolha legal e canônica feita pelo clero e pelo povo.

Estêvão encontrou a administração de Roma na maior pobreza, vazios os celeiros, o povo aflito. Socorreu então os pobres com sua fortuna de família, desfazendo-se de seus bens. Estabeleceu o prêmio de cinco moedas a quem trouxesse uma "medida" de gafanhotos, praga que ainda infestava a região. No dia de sua coroação caiu abundante chuva, que pôs fim à prolongada sêca e prognosticou feliz pontificado. Reconciliou-se com a S. Sé o duque Guido de Espolêto, único "homem forte" que auxilou o pontífice nas lutas contra os Sarracenos, os Gregos, Berengário de Friul e os inquietos partidos romanos. No Oriente caiu Fócio, o heresiarca que, com suas maneiras hábeis e seus escritos sofísticos, enganava o mundo cristão: o imperador Leão VI expulsou-o da Sé bizantina e prendeu-o num convento, onde morreu em 891.

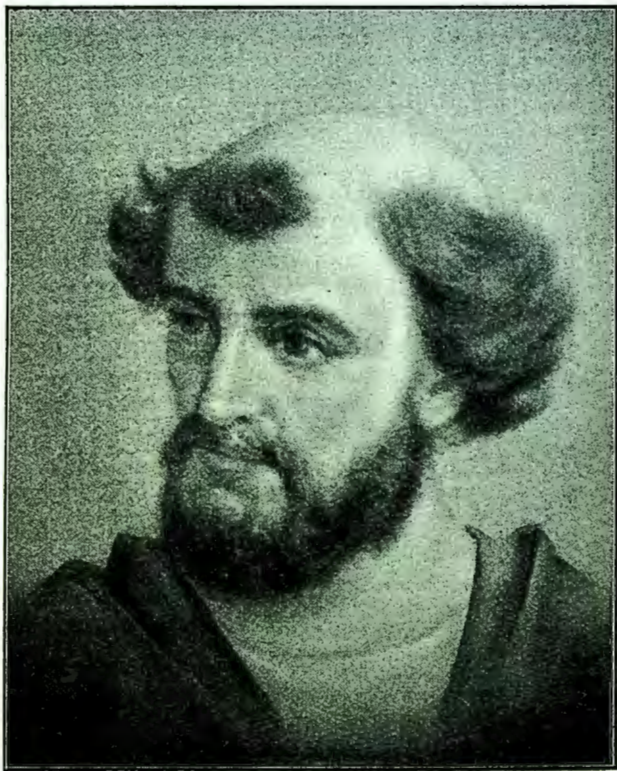
Papa Estêvão, mais feliz que seu antecessor, viu prosperidade e paz em Roma; morreu em 14-9-891.

FÓRMOSO (891-896)

FORMOSO (891-896)

O biógrafo de Nicolau I chama Formoso de "bispo de grande santidade, de exemplares costumes". O próprio Liutprando de Cremona, o maldizente escritor da época, louva-lhe a piedade e a ciência das coisas divinas. Entretanto, a figura de Formoso, denegrida pelas turvas paixões políticas de um século rude, passou à História com sombras de ambição, que obscurecem a integridade de sua vida e sua inflexível têmpera. Era romano. Seu pai chamava-se Leão. Nomeado em 864 arcebispo de Porto (perto de Roma) por Nicolau I. Legado e missionário entre os Búlgaros, conquistou a amizade daquele longínquo povo, cujo prínncipe pediu-o ao papa para seu arcebispo. Foi, porém, enviado a Constantinopla para combater o cisma de Fócio. Legado também de João VIII para convidar o rei Carlos, o Gordo, a vir receber em Roma a coroa imperial. Deixou-se então atrair pelo partido germânico em Roma, sendo deposto por João VIII e perdoado mais tarde por Marino I. Mortos Carlos, o Gordo, e Guido de Espolêto, papa Formoso coroou imperador ao jovem Lamberto, filho de Guido. Assustado depois pela desmesurada ambição da irrequieta Ageltrudes, mãe de Lamberto, chamou a Roma e coroou também imperador a Arnolfo, rei da Alemanha. Êste discutido ato político fomentou vinganças contra Formoso, que morreu em 4-4-896, suspeitando-se haver sido assassinado. Em meio às suas provações, Formoso ainda conseguiu cuidar das artes, embelezando basílicas com magníficos mosaicos. Um dêles representava o papa com Bóris, rei dos Búlgaros, sua antiga Missão. Formoso foi pacificador entre Hamburgo e Colônia (Alemanha) e entre Carlos e Odon, (França).

ESTÊVÃO VI (896-897)

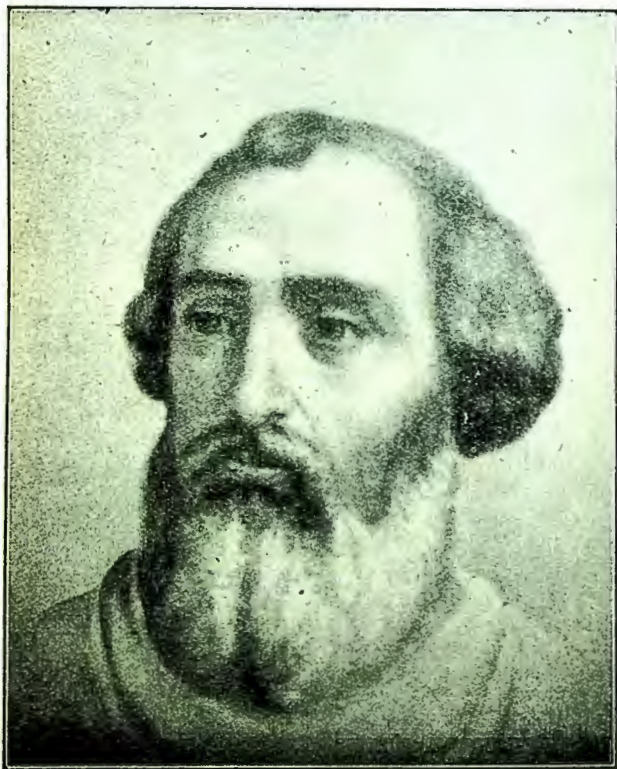
ESTÊVÃO VI (896-897)

Morto Bonifácio VI, o partido dos duques de Espolêto, elevou ao trono pontifício o romano Estêvão, filho de João. Com êle entrou em Roma o poder de Lamberto de Espolêto. A mãe dêste, a terrível Ageltrudes, fêz com que Estêvão reconhecesse como único imperador a Lamberto, reprovasse os atos do finado papa Formoso, que coroara Arnolfo da Alemanha. Abusando da condescendência de Estêvão, os partidários de Lamberto instituiram um tribunal, que passou à História com o nome de "sínodo cadavérico". À presença de Lamberto e da imperatriz-mãe, rodeados de eclesiásticos, foi trazido o cadáver mumificado de Formoso, retirado sacrìlegamente de seu ataúde. Foi o corpo assentado num trono e acusado do grande crime (!) de haver aceito ser papa (bispo de Roma), quando já era bispo de Porto. A vingança política buscou êsse frágil pretexto! Intimado a se defender (sic), foi o morto julgado criminoso, despojado das insígnias pontificais; cortaram-lhe os dedos da dextra que abençoara as multidões; o corpo foi depois atirado ao rio Tibre, que, mais piedoso, o depôs junto à igreja de Porto. Os tempos eram de ferocidade inaudita, mas nas poucas notícias dêste caso, devemos dar grande desconto às palavras parciais de Liutprando, relator dessa época e feroz inimigo de Estêvão e Lamberto.

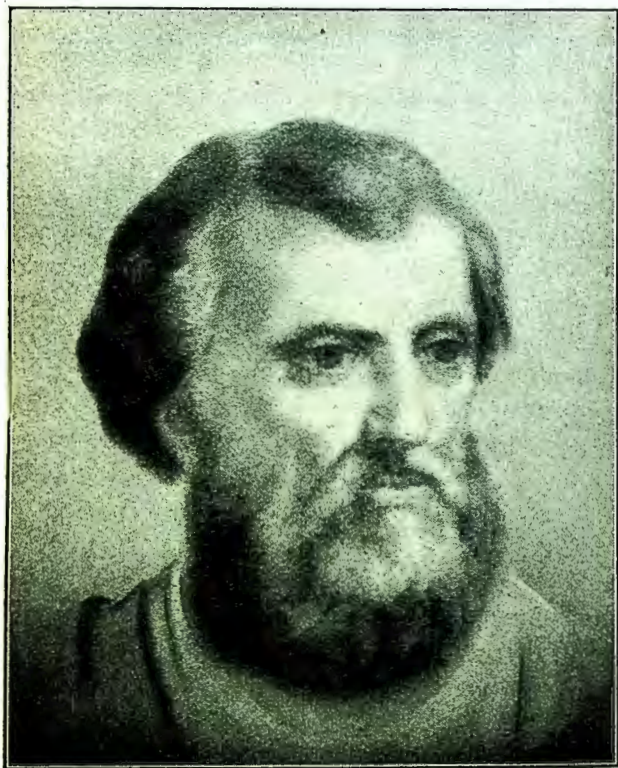
Estêvão, aliás, acabou seus dias, aprisionado por seus ex-amigos e estrangulado. Papa Sérgio erigiu-lhe um mausoléu, com uma inscrição em que se conta seu trágico fim devido exclusivamente à ingerência de partidos políticos civis. Quanto a Formoso, seu maltratado corpo foi sepultado entre papas, por Teodoro II; sua memória foi defendida plenamente por João IX,

ROMANO (897)

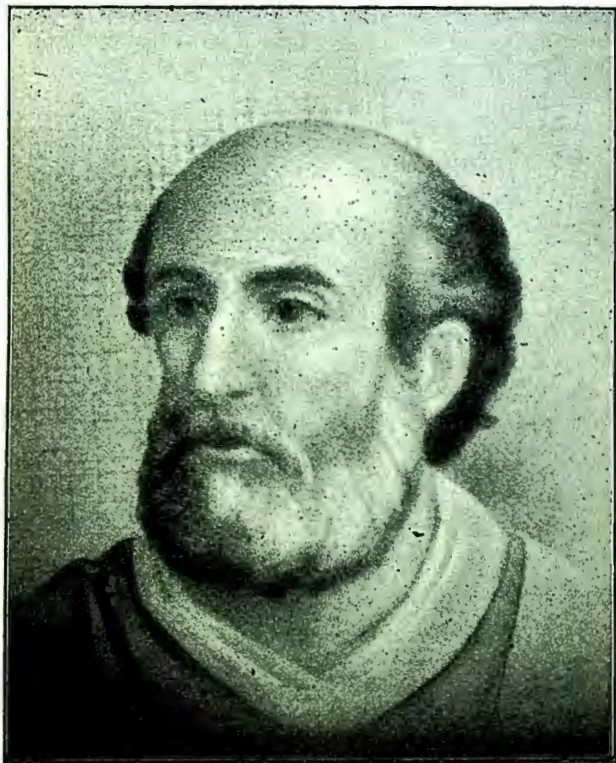
ROMANO (897)

Bem tristes eram as condições de Roma, após a morte de Estêvão VI, deposto e estrangulado na prisão por civis exaltados. A sucessão não era, pois, coisa das mais agradáveis. Com receio, portanto, recebeu a nova de sua eleição, Romano, natural de Gallese. Foi consagrado em julho de 897. Pouco se sabe dêste "meteoro pontifical", que governou a Sé de Pedro apenas quatro meses. Apontamentos de catálogos antigos fazem-nos crer que Romano condenou a conduta de Estêvão VI no rumoroso julgamento do papa Formoso; provàvelmente por ser de Gallese, conterrâneo portanto de papa Marino, que fôra grande amigo de Formoso. Certamente Romano deveu sua eleição ao partido germânico. Isto explicaria uma anotação marginal, encontrada em dois códigos antigos, a qual afirma que Romano se tornou monge. Foi deposto e encerrado num mosteiro? Ou, atribulado pelos turbulentos romanos, renunciou ao sólio? Nada sabemos, e as circunstâncias de seu fim estão ocultas em densas trevas, apesar dos louváveis esforços dos historiadores. Discute-se um privilégio, com o qual Romano agregou as linhas Maiorca e Minorca à diocese de Gerona, na Espanha. Tal documento é apócrifo, nascido da confusão de "pontífice romano" com "Papa Romano".

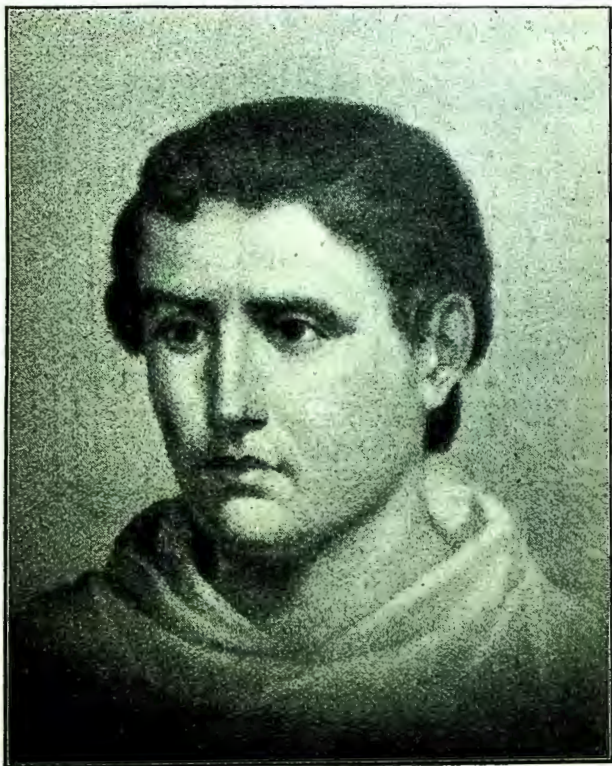
Em seu tempo tomaram ímpeto as incursões dos Húngaros (Magiares), ainda pagãos e selvagens, devastadores do centro da Europa. Lutaram contra o imperador Arnolfo, contra os Eslavos e Búlgaros (já convertidos), estabelecendo-se afinal na antiga Panônia, atual Hungria. Por um século foram o terror das países vizinhos, até se converterem ao tempo de seu glorioso rei S. Estêvão (1000).

TEODORO II (897)

TEODORO II (897)

Sucedeu a Romano, Teodoro II, nascido em Roma, filho de um grego Fócio. Governou apenas vinte dias. Pontificado brevíssimo, que podemos fixar em novembro e dezembro de 897, porque então Teodoro celebrou um concílio, para se rever a causa de julgamento do papa Formoso, e as atas dêsse concílio foram-no conservadas pelo sínodo de 898 sob João IX. Em Roma continuava a luta pelo poder, entre os dois partidos civis: o germânico, do imperador Arnolfo, e o nacionalista, favorável aos interêsses do duque de Espolêto. Teodoro, sabemos, tinha um irmão bispo, chamado Teodósio; há quem afirme serem gêmeos. Teodoro fôra ordenado por Estêvão V, e sua eleição, deveu-a êle aos votos do partido germânico. Ganhou, pois, a inimizade dos "espoletanos", cujo chefe era o duque Adalberto de Túscia (Toscana). Êste duque lutou para depor Teodoro e eleger em seu lugar a Sérgio, seu amigo. Apesar, entretanto, de sua boa vontade e de suas virtudes, o papa Teodoro não conseguiu restabelecer a paz entre homens que, cegados pela ambição, arruinavam a Igreja para engrandecerem suas famílias. A Igreja precisava, porém, de liberdade, para agir como mãe universal. De fato, na Inglaterra, o grande rei Alfredo lutava valorosamente contra os dinamarqueses, invasores pagãos. A França e o norte da Alemanha eram atacados pelos temíveis Normandos (homens do Norte) que tudo destruíam nas cidades cristãs. Os Húngaros continuavam pagãos e ferozes. Os Árabes dominavam a Espanha e a África. Em Constantinopla medrava a erva daninha da heresia de Fócio. Entretanto floresciam na Igreja sábios e santos: João Scott Eriúgena, Hincmaro de Reims e humildes e santos missionários, heróis, davam sua vida por Cristo!

JOÃO IX (898-900)

João IX era beneditino. Consagrado em abril de 898. Empenhou-se logo em realizar o que seus antecessores, Romano e Teodoro, não tiveram tempo de fazer: purgar a Igreja da ignomínia com que a maculara o "sínodo cadavérico". Anulou-se solenemente o malfadado concílio e suas atas foram atiradas ao fogo. Os eclesiásticos que dêle participaram imploraram perdão, alegando que agiram sob coação. Foram excomungados os criminosos que, com intuito de roubo, haviam violado o túmulo de Formoso e atirado seu corpo ao rio. Confirmaram-se as ordenações ou nomeações feitas por Formoso. Confirmada também a coroação imperial de Lamberto, duque de Espolêto. Deve-se admirar aqui a firmeza apostólica do papa João IX, que, sendo de origem alemã e eleito pelo partido germânico, antepunha o bem da Igreja Universal a quaisquer considerações partidárias e particulares. Com 74 bispos e com Lamberto, reuniu João um concílio em Ravena, dando úteis determinações. — Logo depois, porém, o imperador Lamberto morreu numa caçada, por queda de cavalo ou assassinado por um seu pajem, conde Hugo de Milão, cujo pai fôra morto outrora por ordem de Lamberto sob acusação de rebeldia. Morto o esperançoso imperador, o duque Berengário de Friul impôs-se pelas armas aos demais nobres da Italia, mas foi derrotado pelos bárbaros húngaros, que de novo invadiam a península. Correu então a Roma para cingir a coroa imperial, Luís, rei da Provença, em disputa com Berengário. Vendo desmoronar-se seu sonho de esperanças, morreu João IX na primavera de 900. Empenhara-se muito para reunir a Igreja Grega à Latina.

BENTO IV (900-903)

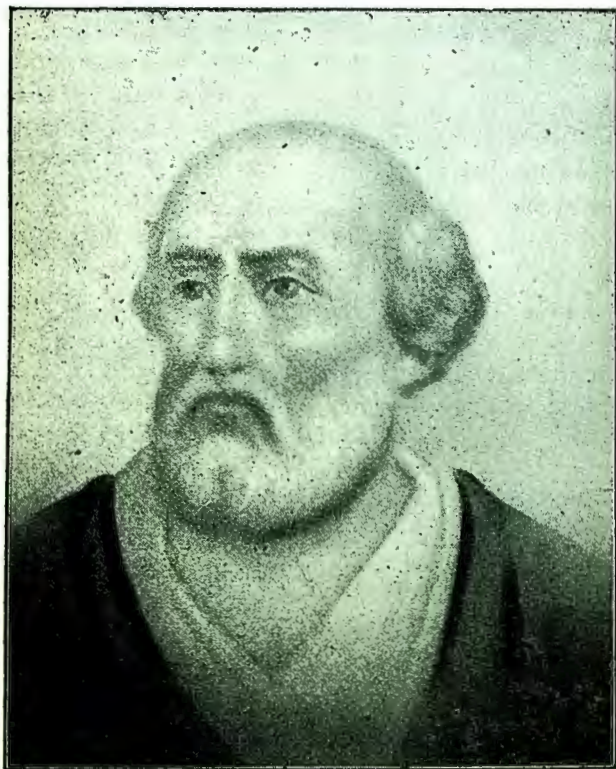
BENTO IV (900-903)

Filho de um tal Mâmolo, Bento IV era romano. Abre-se neste pontificado o X século, que alguns historiadores têm julgado muito severamente. // O mundo cristão estava todo convulsionado, e o mundo árabe também. (Mal da época...). Normandos, Húngaros e Sarracenos atacavam em tôdas as partes da Europa. Na França lutavam vários soberanos. A Alemanha tinha por rei um menino, Ludovico, filho de Arnolfo. A Italia, morto Lamberto e derrotado Berengário (pelas hordas húngaras), era invadida por Luís III, rei da Provença (Sul da França). // Roma tivera sua história absorvida pelos pontífices e pelos imperadores. No século X, no meio da anarquia geral, surgem famílias nobres, romanas, que dominam e profanam a santidade da Igreja. Resultado dos mais lamentáveis dessa época: é a falta de informações históricas fidedignas. // Sabemos apenas que Bento IV preferiu Luís III a Berengário, por julgá-lo mais idôneo a rechaçar os Sarracenos e os Húngaros. Luís III foi coroado imperador em Roma (fevereiro de 901), mas, derrotado depois viu-se coagido por Berengário a jurar que nunca mais voltaria à Italia. // Guerras e mais guerras, que destruíam cidades e mosteiros, devastavam os campos, dizimavam as populações! Bento IV lutou sòzinho, desamparado dos príncipes desta terra; chegou até a ajudar os Orientais contra os poderosos muçulmanos. // Erigiu vários mosteiros. // Era homem manso e humilde, de piedade sacerdotal. O cronista Flodoardo, bispo de Tournay, louva sua memória. Morreu em 903, durante o verão, época das célebres e perigosas febres romanas. Foi sepultado em S. Pedro.

LEÃO V (903)

LEÃO V (903)

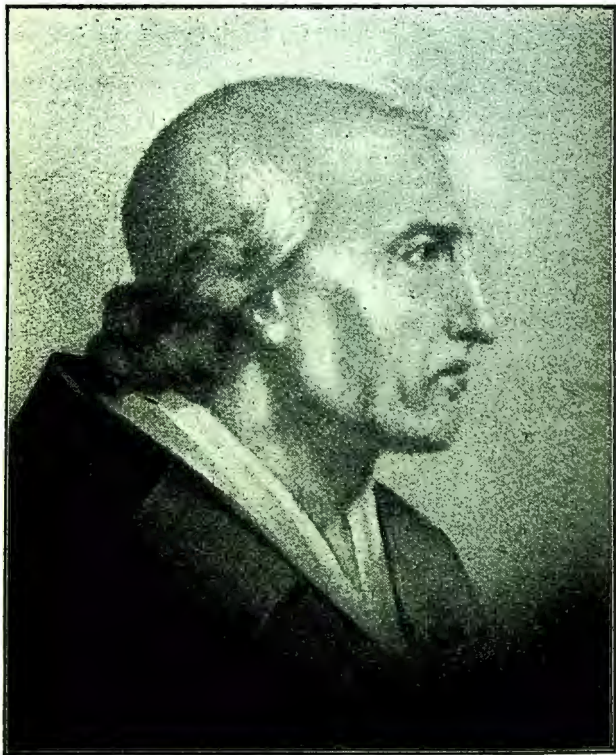
Em agôsto de 903 foi consagrado Leão V. sucessor de Bento IV. Era da "campanha romana", isto é, das planícies adjacentes a Roma. Julga-se que haja nascido em Priapo, perto de Árdea. Segundo um catálogo antigo era êle "padre forasteiro": não pertencia, pois, a nenhuma das igrejas cardinalícias da cidade. Não possuímos dados seguros sôbre sua origem. O fato, todavia de não pertencer a nenhuma das principais igrejas de Roma, prova que era homem de extraordinário valor, elevado no conceito geral, e que foi escolhido para conciliar divergências.

Realmente as facções em Roma estavam em ebulição. Leão V governou a Igreja menos de dois meses. Um dos partidos, não satisfeito com a escolha de Leão, insurgiu-se, tumultuou pelas ruas da cidade, e, nessa desordem, o pontífice foi prêso, arrastado a uma prisão e morto miseràmente. Estas são as notícias dadas por alguns contemporâneos e repetidas, dois séculos mais tarde, por Sigberto de Gembloux, que escreveu as "Vidas dos Papas", desde S. Pedro até Leão VII. O cronista Flodoardo não fala de rebelião, prisão e morte; apenas faz suceder a Leão o pontífice Cristóvão. Os tempos, porém, eram tão bárbaros, que subsiste como provável o fim trágico dêste papa, terminando seus dias como muitos príncipes. Em seu breve e agitado pontificado não foi, pois, anotado qualquer fato importante em Roma.

No resto da Europa, entrementes, fervilhava a luta incansável e heróica: armas, ciências e virtudes do Cristianismo vencendo o Barbarismo e estabelecendo as bases da brilhante civilização cristã.

CRISTÓVÃO (903-904)

CRISTÓVÃO (903-904)

Subiu ao trono pontifício Cristóvão, romano, sacerdote do título da igreja de S. Dâmaso. Seu pai chamava-se Leão. Esteve no pontificado de outubro de 903 a janeiro de 904. Segundo algumas fontes históricas, Cristóvão foi deposto pelo partido que elevou Sérgio III e obrigado a se fazer monge. Segundo outros, foi encarcerado, depois morto numa rebelião popular. Muitos autores não consideram Cristóvão verdadeiro papa, mas, sim, um perigoso antipapa que se apoderou sacrìlegamente do poder após a morte de Leão V. Havendo poucas notícias dêsse período obscuro, não ousamos julgá-lo e preferimos conservar-lhe a memória entre as figuras dos pontífices.

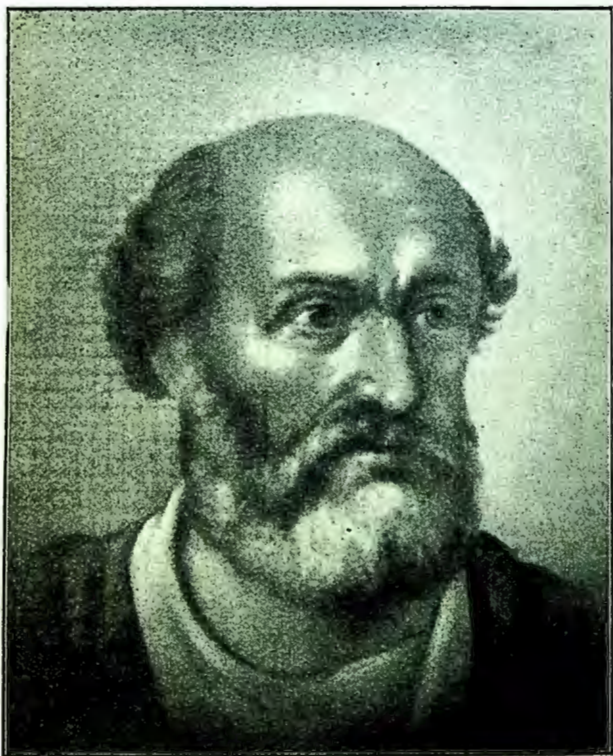
Há um epitáfio de seu sepulcro em S. Pedro, que assegura "aqui repousam seus piedosos membros". Os tempos eram de violência e crueldade. A bondade cristã lutava para penetrar em corações bárbaros. Um exemplo: Os nobres Adalberto de Toscana, Alberico de Espolêto e Adalberto de Ivréa rebelaram-se contra o duque Berengário de Friul, que reinava no norte da Italia. De novo, acorreu então o rei Luís III, da Provença, à Península, (apesar do juramento feito anos antes). Venceu a Berengário, tirou-lhe a capital Verona, mas foi aprisionado à traição e teve os olhos vazados por ser perjuro... Voltou à França e passou à História com o nome de Luís, o Cego. A ambição dos príncipes, maus cristãos, favorecia o avançar contínuo dos Sarracenos e as correrias dos Húngaros, ainda não convertidos, que se transformaram em flagelo de metade da Europa. O desaparecimento de Cristóvão, segundo conta Eugênio Vulgário, não abrandou a ira dos partidos.

SÉRGIO III (904-911)

SÉRGIO III (904-911)

Sérgio III, de nobre família romana, já auxiliar de diversos papas e nomeado bispo de Cere por Formoso. Em 898 foi sério candidato, na eleição de João IX. Peregrinou, então, por seis anos. Elevou-o ao trono pontifício a influência da família de Teofilato, do partido tusculano. Emerge então essa família, célebre por meio século na história de Roma. Teofilato, sua mulher Teodora e a filha Marózia apoderam-se da administração da cidade, com grande dano do nome de Papa Sérgio III, a quem os adversários políticos acusam de enormes delitos. O maior acusador, porém, é Liutprando de Cremona, inimigo despeitado de Roma, vendido ao partido germânico (o imperador subiu-o a bispo de Cremona e embaixador em Constantinopla). Sua habilidade consistiu em recolher e ampliar as anedotas obscenas da rua para compor a sua "história". Chega ao ponto de fazer suceder Sérgio imediatamente a Formoso, omitindo assim oito papas (!), a fim de acusar Sérgio da exumação e do julgamento do cadáver de Formoso! O cronista Flodoardo afirma que Sérgio voltou a Roma, chamado pelo povo. Um êrro administrativo, não dogmático, de Sérgio foi o de anular antigas nomeações feitas por Formoso, o que lhe acarretou acres acusadores. Barônio e Duchesne, bons historiadores, acreditaram piamente nessas acusações — hoje desfeitas por estudos mais acurados e à vista de melhores informações. Sérgio reedificou a grande basílica de Latrão, a veneranda igreja de Constantino Magno. Trabalhou para debelar o cisma de Fócio. Interferiu a favor do imperador bizantino Leão VI, que pretendia casar quarta vez, o que repugnava aos Gregos. Criou novas dioceses na Inglaterra.

ANASTÁCIO III (911-913)

ANASTÁCIO III (911-913)

Anastácio III, filho do nobre Luciano, nasceu em Roma. Flodoardo louva-lhe em alguns versos, a bondade e a retidão. Pouco sabemos de sua vida anterior, no ambiente agitado das orgulhosas famílias patrícias. Como seu antecessor, tratou da disputada primazia entre as cidades alemãs de Hamburgo e Colônia, e da questão do 4.º casamento do imperador bizantino Leão VI. Êste havia desposado Zoe Carbonopsine, em quartas núpcias, o que era contra o costume grego, embora não fôsse contra nenhuma lei geral da Igreja. Como o único filho de Leão era dêsse matrimônio, o papa confirmou a união, a fim de se conservar a dinastia. Nicolau, patriarca de Constantinopla, contrário ao imperador, escreveu, defendendo-se, a Anastácio, o qual, porém, morreu em agôsto (tempo das febres de verão) de 913. Em seu pontificado converteram-se os terríveis "homens do Norte", os Normandos. Sob o comando de Rolón, haviam os destemidos guerreiros devastado parte da França e ameaçado Paris. Por intermédio do arcebispo de Reims, Rolón converteu-se ao cristianismo, foi batizado, casou-se com Gisela, filha do rei Carlos, o Simples, e se tornou famoso como Duque da Normandia. Deu-se nessa ocasião o divertido incidente: um guerreiro normando devia, em nome do novo duque, beijar o pé do rei Carlos, mas fê-lo sem se ajoelhar, dando tremendo tombo ao gordo soberano. De sua exclamação: No, bi Gott (não, por Deus), nasceu a palavra "bigotto", aplicada depois aos afeiçoados à igreja, porque os convertidos Normandos foram fervorosos católicos. O Papa Anastácio III foi sepultado na basílica Vaticana.

LANDON (913-914)

LANDON (913-914)

Landon, sucessor de Anastácio, era da Sabina, região central da Itália. Filho de Taino. Seu pontificado durou apenas meio ano, de agôsto de 913 a março de 914, mês em que morreu. São poucas as notícias do seu breve govêrno. Flodoardo faz-lhe alguns elogios, chamando-o "pontífice exemplar". Há também as costumeiras acusações de Liutprando, que o apresenta como protetor do amigo da família de Marózia, o futuro João X.

Mostrando a vitalidade da Igreja apoiada por Deus, deviam ressoar de modo estranho no ambiente das degeneradas famílias romanas, as novas glórias cristãs: as conversões dos diversos grupos de Normandos. O sucessor de Pedro podia regozijar-se com a sinceridade dos convertidos. Respiravam tranqüilas as populações cristãs, livres dos terríveis piratas, sendo em muitos casos até resguardadas e bem defendidas pela valorosa espada dos neo-convertidos. Rolón aplicou na Normandia, com seu vigor, as leis cristãs. Por ex. proibiu o furto. Conta-se até que deixou um bracelete de ouro pendurado a uma árvore, à beira do caminho: três anos mais tarde ainda lá estava o bracelete. As antigas devastadoras mortandades feitas em nome do deus pagão *Thor*, foram substituídas, aos poucos, pelos atos nobres em defesa dos oprimidos — atos que levaram ao heroísmo das Cruzadas e à criação do código de honra cristão da Cavalaria.

A Providência Divina sempre compensou o que possa ser franqueza humana, em alguma parte de sua Igreja, com o bem e novas conquistas em outras partes. Na Igreja não triunfam os homens: quem triunfa é Deus.

JOAO X (914-928)

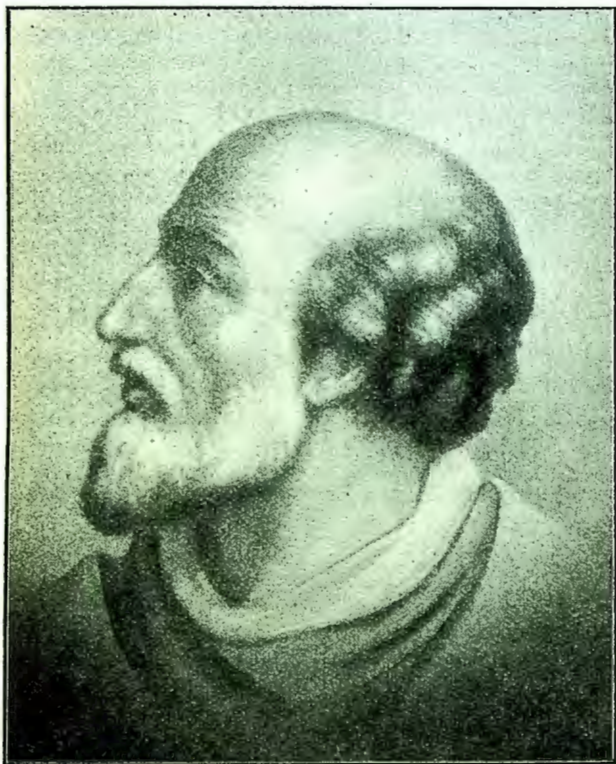
JOÃO X (914-928)

João X, nascido em Ímola, era arcebispo de Ravena. Sua eleição foi influenciada por Alberico I, conde de Túsculo e espôsa de Marózia, genro, portanto, de Teofilato e Teodora, que dominavam em Roma. Dessa circunstância aproveitaram-se os inimigos, notadamente Liutprando, (e, informados por êle, alguns outros) para infamarem a amizade existente entre João X e essas mulheres (as quais, realmente, não eram nada virtuosas). João X foi um papa enérgico e independente. Havia já 30 anos que os Sarracenos desolavam o sul da Italia. Destruíram os grandes mosteiros de Subiaco e de Farfa, êste defendido heròicamente sete anos pelo abade Pedro. Assaltavam os peregrinos, que iam a Roma, vendendo-os como escravos. Nem o rei Berengário, nem os duques conseguiam expulsar os infiéis. João X coroou Berengário imperador, em Roma (915), armou uma poderosa liga entre os duques e, auxiliado pela esquadra bizantina, expulsou os Sarracenos para sempre. O ambicioso Alberico I, que comandara as tropas, excitou uma revolução, na qual morreu combatendo. O rei da Borgonha atacou Berengário e os Húngaros invadiram de novo a Italia. Marózia casou com Guido de Túscia, com cujas tropas atacou Roma, fez trucidar o comandante pontifício, Pedro irmão do papa, ante os olhos dêste!...

O enérgico pontífice foi atirado a uma prisão, onde um ano depois morreu de fome ou estrangulado pelos partidários de Marózia, a cujos planos ambiciosos contrastara. Sua morte, embora mísera, é um desmentido às calúnias de Liutprando. João X, apesar das lutas, cuidou muito da conversão dos Bárbaros, da reconstrução de mosteiros e da pureza da fé.

LEÃO VI (928-929)

Ao infeliz João X sucedeu Leão VI, certamente eleito sob influência do partido de Marózia, que então dominava em Roma. Pouco se sabe dêste pontífice, que reinou apenas sete meses. De um pontificado tão breve e em tempos tão obscuros, é natural que se tenham poucas e imprecisas informações. Nem mesmo o contemporâneo Liutprando faz menção de seu nome, do que se pode concluir que o maldizente cronista escreveu para a história como o único fito de se vingar de seus adversários, cego pelo ódio partidário e pela ambição contrariada. Leão escreveu uma encíclica aos bispos da Dalmácia, para induzí-los à obediência devida ao metropolita, João, arcebispo de Spalato e exortando-os a que não ultrapassem os limites da própria jurisdição. No escrito de Guilherme, o Bibliotecário, lemos que Leão VI era filho de um tal Cristóvão, talvez de origem grega. Nesse tempo, um seu homônimo, o imperador Leão VI, de Constantinopla, continuava em luta contra o clero grego, por causa da questão do seu 4.º casamento. Os bizantinos reprovavam as terceiras núpcias, quanto mais um quarto matrimônio! O papa Anastácio III havia confirmado essas novas núpcias do Imperador, porque as três espôsas anteriores haviam morrido sem filhos.

O papa Leão VI teve pouca interferência nesse caso do imperador Leão VI, porque faleceu em fevereiro de 929. Flodoardo, cronista dessa época, diz que êle foi um homem bem intencionado, muito bondoso e pacífico, zeloso pela religião.

ESTÊVÃO VII (929-931)

ESTÊVÃO VII (929-931)

Como sucessor de Leão, foi eleito Estêvão VII, romano, filho de Teutemundo. Em algumas listas encontramos êste pontífice como sendo VIII de nome. Já vimos que em 752 foi eleito um sacerdote chamado Estêvão, falecido três dias após a eleição, sem receber a consagração episcopal. Por êsse motivo não o incluímos nesta relação, de acôrdo, aliás, com eminentes autores. Estêvão teve a eleição garantida, mas o pontificado perturbado pela ação nefasta e impertinente do partido Tusculano, da célebre Marózia. Esta ambiciosa mulher se casara com Alberico I, marquês de Espolêto, cidade a nordeste de Roma. Tinha dois filhos: Alberico II, futuro senhor de Roma (de 932 a 954) e João, que mais tarde foi papa (931-936). Alberico I morreu combatendo em Orta (925). Marózia casou-se logo com Guido de Toscana (falecido em 929). Senhora pois, de tôda a Italia central, impôs-se em Roma, com seu filho Alberico II e assinava "senadora e patrícia". Nestas tristes condições da Cidade é que subiu à Sé de Pedro o nosso Estêvão VII. Reinou dois anos e dois meses e, segundo atesta Flodoardo, era digno do pontificado e demonstrou possuir grandes virtudes.

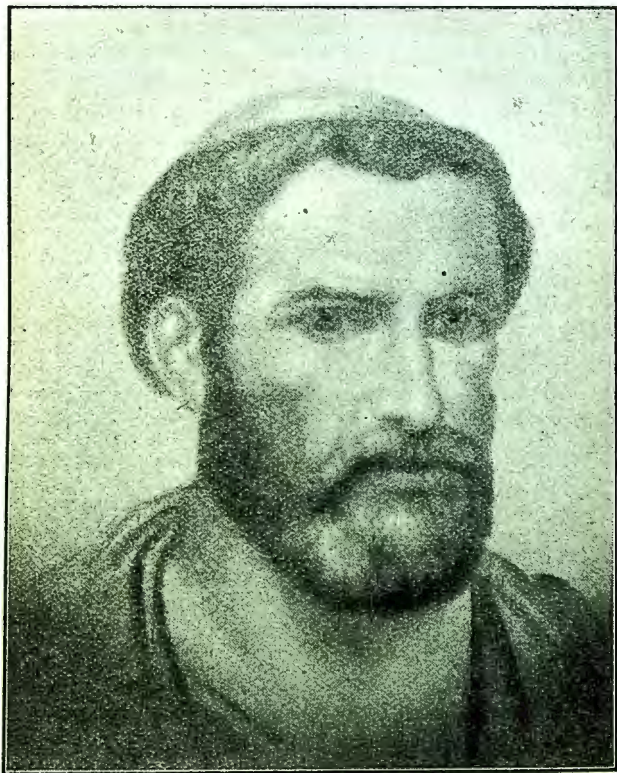
Conservamos apenas a memória de alguns privilégios, concedidos por êste pontífice aos mosteiros de S. Vicente, de S. Maria de Brogne e de outros dois cenóbios na França. Sendo naqueles tempos os mosteiros o refúgio sólido do espírito religioso, é louvável a atuação dêste papa para com essas casas santas. Foi tão virtuoso que alguns cronistas supõem-no ter sido envenenado, por se opor aos projetos loucos do partido tuscolano.

JOÃO XI (931-936)

JOÃO XI (931-936)

João XI era filho do duque Alberico I e da célebre Marózia. Seu pai havia sido um homem corajoso e enérgico, comandante das tropas que expulsaram os Sarracenos da Itália. Sua mãe, ao invés, de péssima fama, pertencia a uma família prepotente e odiada. Daí nascerem calúnias sôbre a origem de João XI. Muito reprovável a intromissão de Marózia em fazer eleger seu filho; natural na ambiciosa mãe. João tinha apenas 25 anos. Sabemos, porém de muitos santos bispos jovens: S. Remígio de Reims com 23 anos, S. Carlos Borromeo, o grande cardeal-arcebispo de Milão aos 22... João XI não desmereceu. Sofreu até muito por ser pontífice. Marózia, sonhando ser imperatriz, pretendeu casar-se com Hugo, rei de Pavia, e fazê-lo coroar imperador pelo filho papa. Hugo (muito elogiado pelo cronista Liutprando...) fêz cegar seu irmão Lamberto, para apoderar-se de seus territórios, e partiu para Roma. Casou-se com Marózia, mas Alberico II, esbofeteado pelo padrasto num banquete, revoltou-se. Os Romanos atacaram Hugo, que escapou do castelo S. Angelo por uma corda, "deixando a espôsa, a coroa e a honra". Alberico II dominou então em Roma e, para se livrar da perfídia de Marózia (pois Hugo voltara com exércitos a assediar Roma), manteve presos a mãe e o irmão papa.

João XI ficou, pois, restringido ao labor espiritual, o que certamente foi um bem para sua alma. Viveu sob a severa vigilância do irmão. Roma teve em Alberico II um grande e benemérito governador.

João XI morreu em janeiro de 936, deixando de si uma lembrança triste, não por sua vida de que se não conhecem pormenores, mas por sua desolada inércia e por sua infeliz família.

LEÃO VII (936-939)

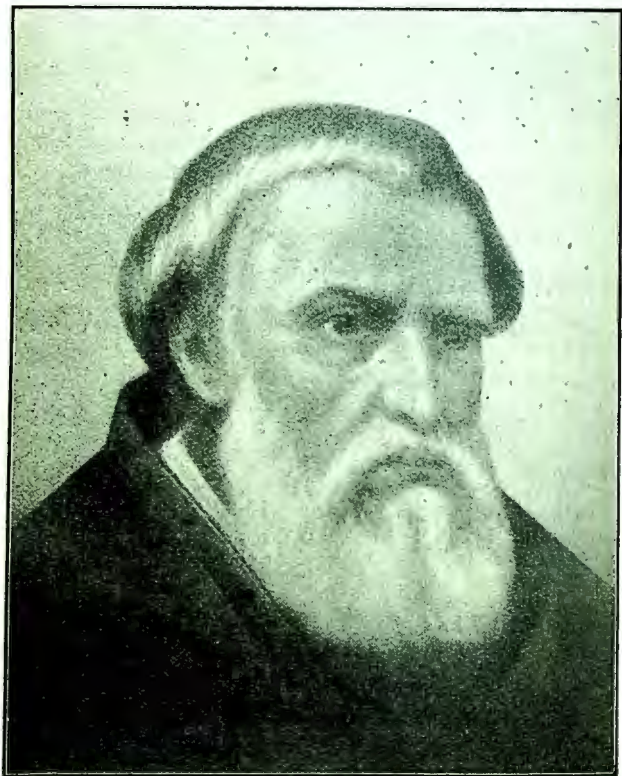
LEÃO VII (936-939)

Um monge beneditino sucedeu a João XI com o nome de Leão VII. Era romano. Contam ter sido Pedro o seu nome de família; trocara-o, porém, para Leão, ao se fazer monge, em respeito à memória do Príncipe dos Apóstolos. Talvez um pressentimento no coração do futuro pontífice. Como sabemos, nenhum pontífice assumiu o nome de Pedro, o primeiro Papa. Leão foi consagrado ao alvorecer do ano 936. Era de ânimo humilde e conciliativo. Conseguiu restabelecer a paz entre o rei Hugo, que assediava inùtilmente Roma, e o príncipe Alberico II, com grande proveito para o povo, que padecia os horrores da guerra. Contou com os preciosos conselhos do abade Odon de Cluny. No ano 910 o monge Bernon (príncipe de família real que renunciara às vaidades do mundo), fundara o célebre mosteiro de Cluny, na França, para a reforma da ordem monástica. Odon, seu glorioso continuador, estendeu a reforma a numerosos mosteiros, com imenso fruto para a Cristandade. O papa Leão VII e o príncipe Alberico II foram grandes entusiastas de Cluny. Em Roma foi restaurado o mosteiro de S. Paulo, e a influência da obra do santo Odon († 941) alcançou até o celebrado Monte Cassino.

Alberico auxiliou muitíssimo o pontífice em favores ao monaquismo são e em suas cartas encontramos frases reverentes e filiais às abadias e cenóbios, até da Alemanha. Curiosas "desforras" da Providência: o orgulhoso filho da dissoluta Marózia transformado em sincero e dedicado paladino da restauração religiosa! Leão VII nomeou legados seus para insistirem com alguns soberanos sôbre a observância de cânones.

ESTÊVÃO VIII (939-942)

ESTÊVÃO VIII (939-942)

Estêvão VIII, papa em julho de 939, era romano, sacerdote dos títulos de S. Silvestre e S. Martinho. Reinou pouco mais de três anos e morreu em outubro de 942. Continuou a obra pacificadora de seu antecessor, acalmando a revolta dos barões franceses rebelados contra o rei Luís IV, o Ultramarino. Enviou com êsse escopo o bispo Dâmaso, que levou calorosas cartas aos rebeldes, exortando-os à paz em nome do pai solícito da Cristandade. Dêste papa conservam-se alguns decretos: concedendo privilégios a favor do mosteiro beneditino de Tolla, em Placência, fundando uma abadia na Lorena, e nomeando Hugo, filho do conde Erberto, arcebispo de Reims, na França. A antiga Sé gaulesa, onde eram sagrados os reis de França, possuía já então aquela fascinação religiosa e histórica, que permaneceu através dos séculos. Êste papa certamente deveu a Aberico II a sua eleição e, confiando ao jovem príncipe o cuidado da administração civil, teve um período de paz. Contudo existe uma crônica, legendária e única, que afirma que êle era alemão, que foi vítima de uma sublevação popular, sendo prêso, batido e horrívelmente mutilado, acabando seus dias escondido num mosteiro. Tal acontecimento não nos é contado pelos contemporâneos; aparece pela primeira vez nos escritos de Martinho Polono (1278) e foi copiado por Barônio. Difìcilmente Alberico teria permitido a escolha de um papa germânico. Houve quem, mais tarde, atribuisse a Alberico êsses maus tratos ao pontífice, mas são simples suposições. A crônica fantasiosa de Martinho Polono inclui até a lenda da papisa Joana (ver Bento III).

MARINO II (942-946)

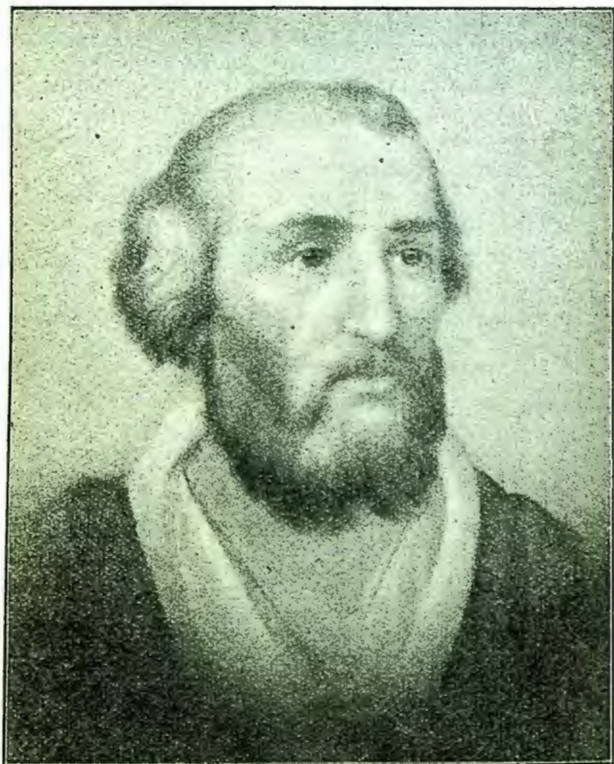
MARINO II (942-946)

Mais um homem "doce e pacífico" foi elevado ao trono pontifício, sob os auspícios de Alberico II. Foi Marino II, que reinou três anos. Favoreceu, também êle, a disciplina religiosa, apoiando-se no excelente molde da vida dos mosteiros. Conserva-se uma sua bula a Sicón, bispo de Cápua; nela repreende êsse antístite por haver permitido que um diácono indisciplinado ocupasse a igreja de S. Miguel do aprazível Monte Tifata — onde os habitantes de Cápua iam divertir-se e dançar. Como a bula intimasse a Sicón "o conhecimento primário das sagradas letras" (os textos das Sagradas Escrituras), alguns autores entenderam mais tarde que o bispo Sicón não sabia ler nem escrever! Marino morreu na primavera de 946 e foi sepultado em S. Pedro. Em seu pontificado o rei Hugo renovou a guerra para retomar Roma ao enteado Alberico. Aliou-se Hugo ao rei Rodolfo II da Borgonha, fazendo seu filho casar-se com a princesa Adelaide, filha de Rodolfo e futura imperatriz Santa Adelaide. Na Lombardia, porém, os povos, cansados de Hugo, revoltaram-se chefiados por Berengário, marquês de Ivréa. Hugo voltou para a Provença e Alberico continuou "patrício" (príncipe) de Roma, num excelente govêrno. No norte da Europa continuava a conversão dos Escandinavos. O rei Haakon, o Bom (938-961), que fôra educado cristâmente na Inglaterra, difundia o Cristianismo em sua pátria, a Noruega ("caminho do Norte"). Na Boêmia (Checoslováquia) o paganismo reagira violentamente: o duque S. Venceslau foi morto, com sua avó Ludmira, a mando de sua própria mãe Drahomira e de seu irmão Boleslau. Com Boleslau II, porém, a Boêmia voltou à fé cristã.

AGAPITO II (946-955)

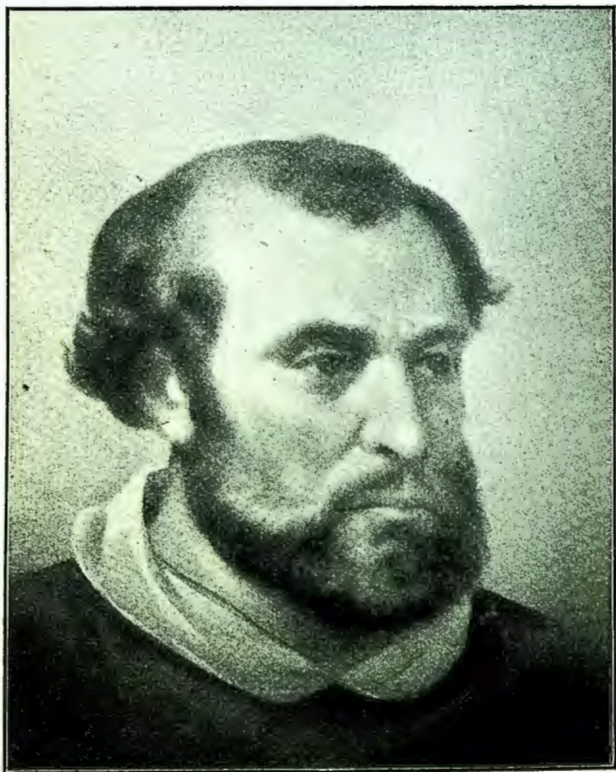
AGAPITO II (946-955)

Com Agapito II, homem prudente e enérgico, que governou dez anos, Roma, retomou a iniciativa de tratar firmemente com países e soberanos. Em 950 morria em Turim o jovem rei Lotário, filho de Hugo de Provença, dizem que de febres, dizem que de veneno por obra de Berengário II, marquês de Ivréa. O certo é que Berengário apoderou-se depressa da coroa lombarda e pretendeu que seu filho Adalberto se casasse com Adelaide, rainha viúva de Lotário. Uniria assim, num reino único, o sul da França e o norte da Italia, e ocupada Roma, proclamar-se-ia imperador. Opôs-se, porém, a jovem viúva Adelaide. Foi então aprisionada numa tôrre do lago de Garda, de onde fugiu com a ajuda do bispo de Reggio e foi abrigar-se no forte castelo do conde Azzo de Canossa. De lá invocou o auxílio do jovem rei germânico Oto I, o qual, com forte exército, desceu à Italia, libertou e desposou Adelaide e foi proclamado rei da Lombardia (951).

Não ousou, entretanto, ir receber a coroa imperial em Roma, onde o papa recusou recebê-lo e onde Alberico, lembrando o antigo orgulho romano, rejeitava um imperador "bárbaro". // Alberico morreu em 954. Impôs ordem e deu paz ao povo; respeitou a autoridade do Papa, fazendo, porém, cunhar as moedas com sua efígie junto à do pontífice. Cometeu afinal um ato imperdoável: sentindo que ia morrer, mandou que o transportassem à basílica de S. Pedro e lá obteve de todos o juramento de que elegeriam papa seu filho Otaviano, após a morte de Agapito!... Assim, depois de uma vida gloriosa, traiu-se o filho de Marózia... // Agapito II morreu em dezembro de 955. "Devia ter vivido muito mais, para o bem de Roma e da Igreja".

JOÃO XII (955-964)

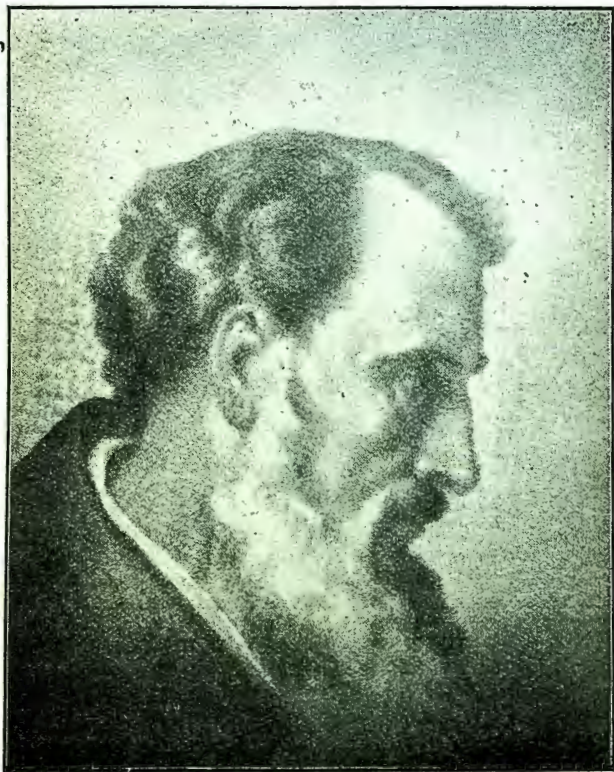
JOÃO XII (955-964)

Prova do bom govêrno do príncipe Alberico II foi a eleição de seu filho Otaviano, elevado ao sólio pontifício com 20 anos de idade. Alberico, próximo a morrer, obtivera dos magnatas romanos o juramento de que elegeriam Otaviano como sucessor do papa Agapito II. O povo romano, saudoso do valoroso e prudente chefe, cumpriu a promessa. Otaviano chamou-se João XII (em memória de seu tio João XI, filho de Marózia). Daí em diante tornou-se uma tradição a mudança de nome dos papas. (Encontram-se exceções, por ex. Adriano VI em 1522 e Marcelo II em 1555). João XII viveu oscilando entre as agitadas facções romanas. Assustado pela ambição de Berengário II, chamou Oto I da Alemanha, a quem coroou imperador do Ocidente, em 962, juntamente com a imperatriz S. Adelaide. Premido pelo partido nacionalista, entregou um ano depois a cidade a Adalberto, filho de Berengário. Oto, indignado, voltou, atacando Roma, e causando grande mortandade. Fêz mais: induziu um sínodo a depor João e eleger o antipapa Leão, e impôs ainda que nenhum papa eleito pudesse ser reconhecido sem a confirmação imperial. João XII fugiu para o sul. Curiosa a correspondência de então, na qual Oto zomba de uns erros de latim, que a pressa fizera Otaviano cometer.

Nova partida de Oto e nova volta de João, cujo partido foi cruel em represálias. Adulador vil de Oto, o cronista Liutprando vitupera o fraco João XII, acusando-o de baixezas incríveis, de haver erguido brindes a Satanás, de ter feito ordenações num estábulo e de terminar sua vida sob golpes de martelo dados pelo demônio! João cuidara da Inglaterra (S. Dustan), da França e enviara missões à Hungria.

BENTO V (964-965)

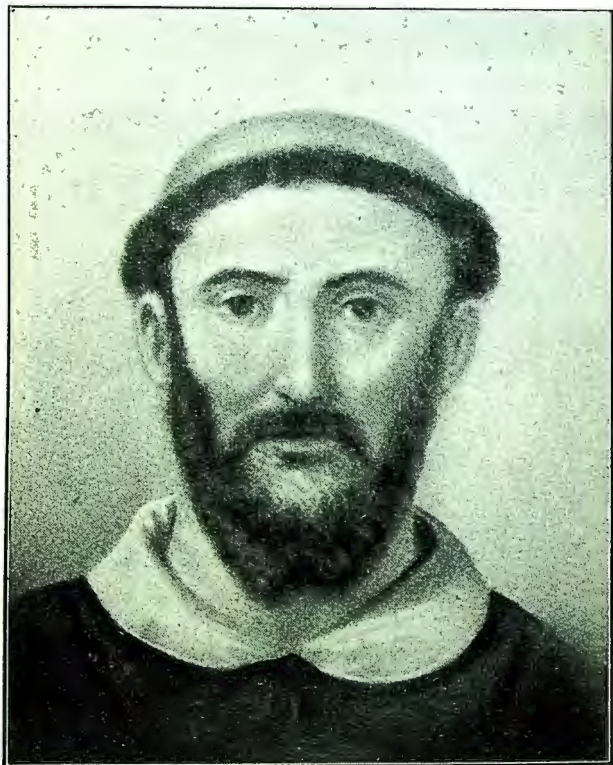
BENTO V (964-965)

Morto João XII, os Romanos não quiseram reconhecer o antipapa Leão. Elegeram um cardeal-diácono romano, homem criterioso e irrepreensível, célebre por sua ciência que lhe valeu o cognome de "Gramático", e que ocupou o sólio papal com o nome de Bento V. O imperador Oto I, que voltava a Roma para punir os partidários do falecido João XII, negou sua aprovação à feliz escolha. O exército imperial aproximou-se em missão punitiva, tudo devastando em sua passagem (o que, aliás, era costume da época). Oto julgava agir dentro de seus direitos, baseado no juramento que os Romanos haviam feito a êle e ao antipapa Leão. Mas Roma queria salvar o resto de liberdade que possuía: o direito de eleger o Sumo Pontífice. Bento V resistiu denodadamente com o povo, mas a cidade teve que ceder à fôrça e à fome. O desventurado papa foi levado como um criminoso ante um tribunal de Oto, que o tratou com benignidade. Recebeu, porém, tratamento brutal do antipapa, que lhe arrancou as insígnias pontificais, pisando-as. Humilde, mas firme, Bento exclamou: "Se pequei em algo, tende misericórdia de mim".

A vitória do Imperador, — um grande soberano, aliás instaurador do Sagrado Império Romano Germânico e das bases da futura grandeza alemã, — foi efêmera e preparou a humilhação de Canossa (1077). Bento V foi exilado para a cidade de Hamburgo, no norte da Alemanha, onde morreu em julho de 966, com grande fama de santidade. Seu corpo foi sepultado na igreja de S. Maria, e em 999 um neto de Oto I mandou transportar os restos mortais para Roma, com a veneração e honras de um Santo.

JOÃO XIII · (965-972)

JOÃO XIII (965-972)

Morto o antipapa Leão, os Romanos elegeram o bispo de Narni, João XIII, em 1-10-965. Esperava-se a paz: sua escolha agradava ao imperador Oto I. João era romano, e seu pai, após enviuvar, havia sido bispo. João fôra educado na igreja e adquirira fama por sua vasta erudição. Conservava a pureza de costumes e apreciava o vigor da disciplina. Logo se indispôs com a turbulenta nobreza romana. Houve uma rebelião, chefiada pelo conde Rofredo e pelo prefeito Pedro. O papa foi prêso e sofreu duras humilhações e zombarias. Acorreu, porém, Oto, e o povo apressou-se em castigar com exagêro os rebeldes. Rofredo foi morto. Pedro, suspenso pelos cabelos à estátua eqüestre de Marco Aurélio; depois montaram-no ao contrário num asno, obrigando-o a agitar-lhe a cauda, a que estava prêsa uma campainha... Assim foi levado "em triunfo" pela cidade. As tropas de Oto e a proteção do papa salvaram a vida ao infeliz prefeito da cidade. O rigor dos oficiais de Oto, porém, aumentou o ódio contra os Saxões. O imperador reconfirmou os direitos da S. Sé sôbre territórios e cidade; jurou defender a Igreja sempre. A seu pedido o papa coroou-lhe o filho Oto II, em Roma, no Natal de 967 e criou dioceses na Saxônia. Por intermédio do pontífice conseguiu o soberano germânico a mão da prendada e culta princesa bizantina Teofania para Oto II (que os Gregos desprezavam como "rei bárbaro"), unindo assim os dois Impérios, do Oriente e do Ocidente, numa paz tranqüilizadora.

João teve parte ativa na conversão da Polônia e da Hungria. // Conservam-se dêle valiosos documentos.

BENTO VI (972-974)

Bento VI, filho de Hildebrando, era um monge romano, de origem germânica. Foi eleito logo após a morte de João XIII, apoiado pelo partido imperial, o que desagradou sumamente à nobreza romana. Consagrado aos 19-1-973, após a confirmação recebida de Oto I. Êste admirável imperador morreu em maio dêsse ano. Ao palácio do "Leão vermelho", como o chamavam, dêsse "rei dos povos", acorriam enviados de todo o mundo conhecido: êle fôra um segundo Carlos Magno. Subiu ao trono imperial Oto II, de apenas 18 anos de idade. Embora apoiado pela inteligência de sua espôsa, a bela e espiritual grega Teofania, e pelos sábios conselhos de sua mãe S. Adelaide, o jovem soberano não possuía ainda o imenso prestígio de que gozara seu pai. Rebeleram-se povos e duques. A sempre inquieta Roma viu-se dominada pelos Crescenzi, descendentes da família da malfadada Marózia. Houve tumultos e o papa foi aprisionado no castelo S. Angelo, onde morreu, após um mês de maus tratos, estrangulado no cárcere (julho de 974), por negar-se a renunciar ao pontificado. Surgiu então eleito, não se sabe como, o diácono Franco, que se chamou Bonifácio VII, e que, após um mês, se refugiou na Côrte de Constantinopla. É por alguns autores considerado papa, e seu medalhão figura na igreja de S. Paulo, em Roma. Por outros, porém, é considerado antipapa irregularmente imposto à Igreja. Bento VI é mais uma vítima do ódio partidário. Sua morte, ou martírio, trouxe a redenção ao seu assassino: Crescenzio fêz-se monge de S. Aleixo e morreu em 984, "no amplexo do Senhor, implorando perdão aos seus execráveis crimes", como se lê em seu epitáfio.

BENTO VII (974-983)

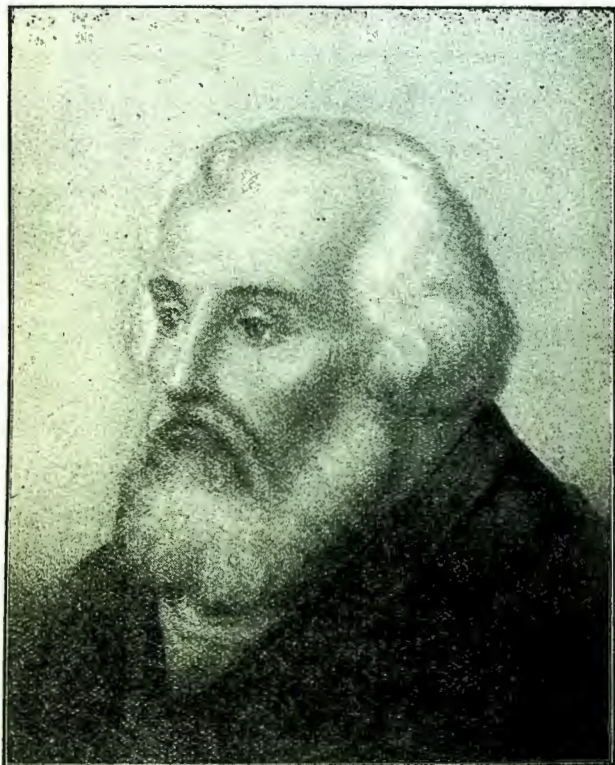
BENTO VII (974-983)

Dono II é o nome que consta em alguns cronistas recentes, como papa. Trata-se de um êrro ocasionado pela confusão do título Dominus (senhor) abreviado em Domnus, aplicado em alguns antigos catálogos ao papa Bento VI. Depois da morte trágica dêste papa e da fuga do antipapa Franco Bonifácio, o clero e o povo romanos elegeram o bispo de Sutri, que se chamou Bento VII. Era da família dos condes Tusculanos. Enérgico e digno, reprimiu os abusos. Fulminou a excomunhão contra o antipapa. Protegeu os pobres e perseguidos. Em diversos sínodos condenou a simonia (compra de postos eclesiásticos). Na Páscoa de 981 recebeu em Roma o imperador Oto II, com sua espôsa Teofania, sua mãe S. Adelaide e sua irmã Matilde, abadessa de Kedlinburg. Recebeu também Hugo Capeto, duque de França (tronco de muitos reis), Conrado, rei da Borgonha, numerosos príncipes e barões.

O jovem Oto, a pedido do papa, moveu guerra aos Sarracenos, que voltavam a devastar o sul da Europa. Bento solicitou ainda seu auxílio para repor na Sé de Milão o bispo Landulfo, expulso por uma insurreição (Oto I havia nomeado Condes todos os bispos, tornando-os senhores feudais na administração civil). Bento VII favoreceu muito os mosteiros. Reedificou o da Santa Cruz de Jerusalém e o confiou aos monges de Cluny. Acolheu o arcebispo Sérgio, de Damasco, expulso pelos Muçulmanos. Enviou zelosos missionários à Hungria e reconstituiu a Igreja de Cartago, isto é, nomeou o clero necessário a essa diocese aniquilada pelos árabes. Bento VII morreu em outubro de 983, em Roma. Sepultado no mosteiro da Santa Cruz.

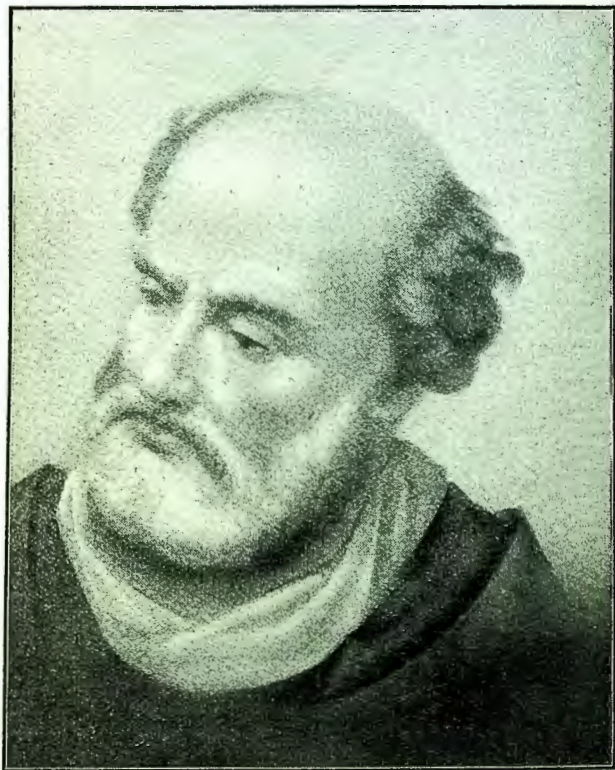
JOÃO XIV (983-984)

JOÃO XIV (983-984)

Oto II influiu sôbre a eleição do papa, indicando o nome de Pedro Canepanova, bispo de Pavia e Chanceler do império, o qual foi bem aceito pelo clero e povo romanos e era bem digno do sólio pontifício. Chamou-se João XIV. O imperador morreu logo depois (7-12-983) aos 28 anos de idade, em Roma, como lhe profetizara o abade Maiolo de Cluny. Chamou junto ao leito de morte seus amigos, distribuiu seus tesouros aos pobres, às igrejas e aos guerreiros que haviam abandonado a pátria em seu seguimento. Em presença dos cardeais e dos bispos recebeu os últimos sacramentos das mãos do papa. Foi o único imperador germânico que morreu em Roma. Seu sepulcro, na basílica de S. Pedro, foi ornado com um mosaico, que representa o Divino Redentor abençoando, entre os apóstolos Pedro e Paulo. É obra de arte daquele século. Oto II deixava uma viúva estrangeira e um filhinho de apenas três anos. Os duques germânicos — alguns, parentes do falecido — pretenderam a coroa. Houve luta em todo o Império. Os partidos romanos aproveitaram-se da confusão. Revoltaram-se os nobres na Cidade Eterna, sob o pretêxto de que João XIV não era romano! O antipapa Bonifácio voltou do exílio em Constantinopla, prendeu no castelo S. Angelo o papa que morreu quatro meses depois envenenado. Cedo, porém, pagou o sacrílego seus crimes: seus próprios partidários rebelaram-se. Bonifácio teve morte violenta, um ano depois, e seu cadáver foi ultrajado pelas ruas da cidade, sendo sepultado, às escondidas, por pessoas caridosas. Uns poucos autores colocam Bonifácio VII no catálogo dos papas, dada a confusão das notícias em tempos tão terríveis.

JOÃO XV (985-996)

JOÃO XV (985-996)

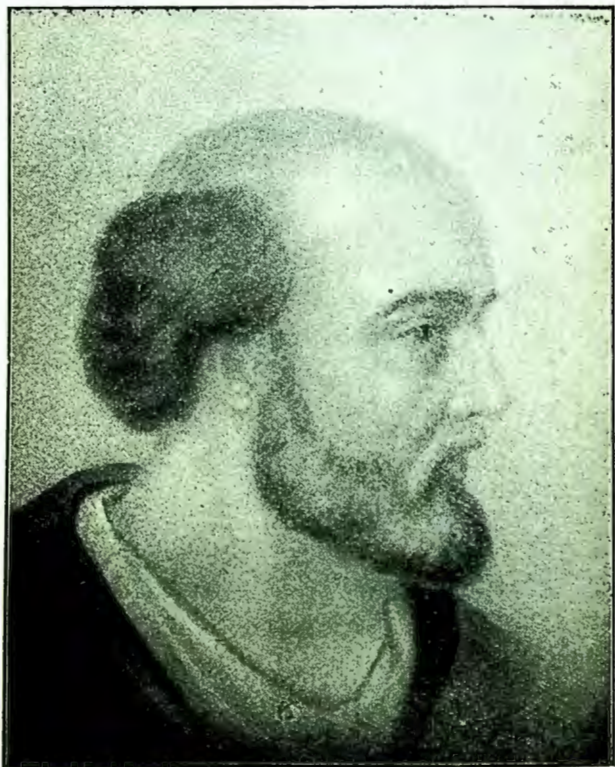
Nos últimos dias, obscuros e tristes, do antipapa Bonifácio, fôra indicado para pontífice um monge João, filho de Roberto. Não foi reconhecido, nem consagrado. Após quatro meses acordaram os partidos e clero na escolha do sacerdote João Leão. Daí a dúvida dos autores (João XV e XVI), cuja maioria, porém, chama a êste de João XV, não contando o primeiro. — Foi consagrado em setembro de 985. Era erudito e piedoso. Procurou defender os direitos da Igreja. Seu epitáfio em S. Pedro chama-lhe: "invencível ao temor e ao lucro, egrégio doutor". O imperador Oto III era muito jovem e estava longe. Então Crescenzio Nomentano, senador em Roma, tornou-se ditador. João XV solicitou auxílio à imperatriz regente Teofania, que veio a Roma (989) e governou em Ravena com o estranho título de "imperator". Ela celebrou o Natal em Roma; uma grande benfeitora dos pobres e dirigida espiritual de S. Adalberto. Morreu na Alemanha em 991. A regência passou a S. Adelaide, avó de Oto III. Rebelou-se Crescêncio, que obrigou o papa a fugir de Roma (995); mas quando se soube que Oto marchava contra a cidade, o povo (sempre volúvel) chamou o pontífice e preparou grandiosas festas ao soberano! João morreu em abril de 996. Fôra fraco no govêrno civil da cidade, mas forte, vigoroso, no trato da Igreja. Conseguiu promover a paz entre Etelredo, rei da Inglaterra, e Ricardo, duque da Normandia (991).

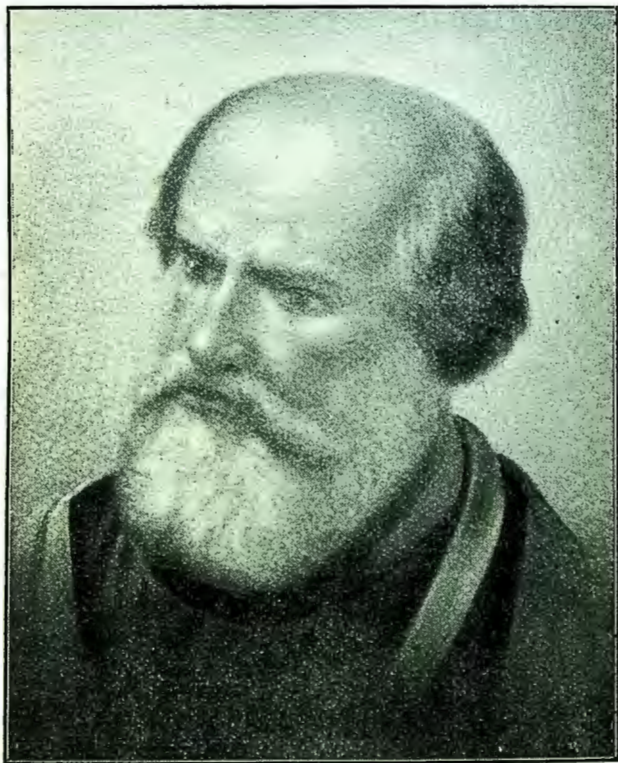
Num sínodo, realizado em Roma, canonizou a S. Ulrico, bispo de Augusta, primeiro exemplo de canonização feita por um papa. Por meio de missões aproximou os povos da Polônia ao Cristianismo. Defendeu os bispos franceses contra o rei Hugo Capeto.

GREGÓRIO V (996-999)

GREGÓRIO V (996-999)

As desordens causadas em Roma por Crescêncio impediram ao clero a eleição de um novo papa. Foi então enviada uma comissão ao imperador Oto III, pedindo a êle, "defensor da Igreja", uma justa intervenção. Oto indicou Bruno, filho do Duque da Caríntia, o qual se chamou Gregório V. Embora muito jovem, Bruno era culto, severo e resoluto. Acompanhou-o luzida comitiva de arcebispos e príncipes. Os Romanos confirmaram com júbilo a escolha. Gregório visou à universalidade da Sé Apostólica. Em 21-5-996, em Roma, coroou imperador a Oto. Os dois jovens, Oto com 16 e Gregório com 25 anos, idearam um belo programa para a Igreja e para o Império, em um sínodo que se seguiu à coroação. Foram anistiados os chefes de passadas rebeliões, ato de bondade pago com ingratidão. Crescêncio tramou contra o papa, que insistia em moralizar a cidade. A nobreza dissoluta aprovou a revolta contra o rigoroso papa alemão.

Crescêncio obrigou Gregório a fugir, exalçou o antipapa Philagathos com o nome de João XVI (mais um nome na lista dos joões!...) e entregou Roma ao imperador grego. Oto III voltou em 998. Gregório foi reposto, Crescêncio executado. São Nilo quis fazer do antipapa um seu monge, mas os próprios soldados do rebelde mutilaram-no na fuga. Gregório V defendeu o arcebispo Arnolfo contra o mal casado rei Roberto de França. Os mais ilustres homens de ciência do tempo gozaram da amizade de Gregório V, do qual se recorda que, em Roma, pregava sempre em três línguas. Morreu em 16-2-999, em idade de apenas 27 anos, envenenado, — suspeita-se, — pelos partidários de Crescêncio.

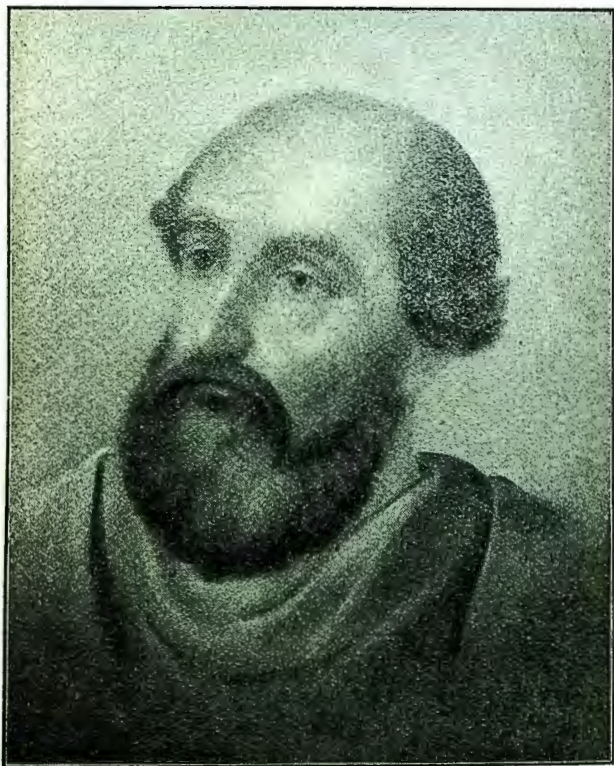
SILVESTRE II (999-1003)

SILVESTRE II (999-1003)

Gerberto de Aurillac, filho de pais muito pobres, nascido na França central, chamou-se Silvestre II. Um gênio admirável de ciência: chamaram-no "o Mago" e houve até quem atribuísse sua sabedoria, extraordinária em seu tempo, a auxílio diabólico! Estudara em Barcelona, onde apreendera vastos conhecimentos dos Árabes em Lógica (escreveu De Rationali et ratione uti), Matemáticas etc... Foi preceptor do filho do rei Hugo Capeto, depois mestre de Oto III e arcebispo de Reims, de onde se retirou em obediência ao Papa. A eleição colheu-o arcebispo de Ravena. Levou à concórdia vários bispos alemães. Ampliou a festa universal de Todos-os-Santos. Conseguiu que Roberto, rei de França, se separasse da ilegítima espôsa Berta e que os bispos usassem de rigor contra a simonia do clero. Os Húngaros, pagãos que assolavam a Europa, converteram-se por intermédio de S. Adalberto (morto mártir na Prússia) e Silvestre proclamou primeiro rei da Hungria a S. Estêvão (1000). Na Rússia, por meio da princesa Olga e de Vladimir, todo o povo se converteu ao Cristianismo. Em Veneza o doge Orséolo I se fêz monge. Oto III, imbuído de misticismo, mandou abrir o túmulo de Carlos Magno († 814), encontrando o corpo conservado, coberto de vestes preciosas, sentado num trono, espada à cinta, coroa à cabeça e cetro à mão! O povo não apreciou essa visita ao túmulo, atribuindo a castigo a morte prematura de Oto, em 1002, aos 22 anos de idade. O papa assistiu-lhe os últimos momentos. A noiva de Oto, princesa grega, viajava para as núpcias. Silvestre morreu em 12-5-1003. Em 1648 seu sepulcro foi aberto: o corpo e os paramentos intactos, perfeitos, desfizeram-se em pó quando tocados. Resta à posteridade sua grande figura.

JOÃO XVII (1003)

JOÃO XVII (1003)

A numeração ordinal dos pontífices encontra sua maior dificuldade ante o nome de João. Já vimos que antes de João XV (985) houvera um candidato a pontífice com o nome indêntico. O sucessor de Silvestre II é geralmente numerado como João XVII, porque alguns autores incluiram nas listas pontificais o nome de João XVI o antipapa Philagathos.

João XVII chamava-se Sicón dei Siconi. Foi consagrado em junho de 1003 e morreu em dezembro. Apenas sete meses de pontificado. Nasceu na diocese de Fermo, a nordeste de Roma. Com a morte de Oto III o Império caiu em desordem e lutas. Em Roma, um João Crescêncio, cujo pai fôra decapitado ao tempo de Oto, assumiu o poder e o conservou à fôrça por dez anos. Estas revoluções eram facilitadas pelo desprêzo que os Romanos ainda votavam a todo estrangeiro, máxime aos alemães. Perdurava por séculos o orgulho romano adverso aos "bárbaros", como ainda chamavam aos valentes povos do Norte, esquecendo-se os "patrícios" que já haviam passado, por sua própria culpa, as grandezas antigas da Cidade por excelência (Urbs). No norte da Italia (Lombardia) foi proclamado rei o marquês Arduino de Ivréa, coroado em Pavia. O novo rei iniciou violenta campanha contra os bispos-condes e contra os pequenos principados. Na Alemanha, após áspera luta, foi reconhecido rei em Mogúncia, Henrique II de Saxônia. A êle, como o futuro imperador, recorreram os oprimidos do Sul do Império e assim se preparava nova guerra na infeliz Península.

Na Suécia o rei Olavo recebeu o batismo e assim o Cristianismo se afirmava no grande país escandinavo.

JOÃO XVIII (1003-1009)

JOÃO XVIII (1003-1009)

Consagrado no Natal de 1003, Pedro Fasan, de família romana, chamou-se João XVIII. Seu pontificado durou mais de cinco anos. Entretanto possuímos poucos documentos dêsse papa. Roma estava em relativa calma, vivendo sob o temor no govêrno civil de João Crescêncio. No norte da Italia as populações sofriam com a guerra que Arduíno rei da Lombardia, provocara com sua ambição contra Henrique II, rei da Alemanha e candidato a imperador. O rei saxão, na primavera de 1004 atravessou os Alpes, derrotou Arduíno e foi aclamado rei da Italia, na capital Pavia. O papa lamentou que os soldados alemães, exacerbados por uma rebelião popular, queimassem bàrbaramente a cidade.

João XVIII ameaçou lançar o interdito ao reino de Roberto de França, que oprimia os bispos de Sens e de Orléans. Consagrou o arcebispo de Magdeburgo, da Alemanha. Concedeu o pálio ao apóstolico bispo Elfegh, de Cantuária, Inglaterra, e enviou S. Bruno a evangelizar a Rússia, onde reinava a dinastia de Rurik, guerreiro normando. Sua obra de paz estendeu-se à Igreja Grega, conseguindo que êsses orgulhosos dissidentes bizantinos reconhecessem a primazia do Romano Pontífice.

Morreu João XVIII em Junho de 1009, na abadia de S. Paulo em Roma, onde se conserva ainda um brevíssimo epitáfio seu. Parece que êste piedoso pontífice, nos últimos meses de sua vida retirou-se a essa abadia, voltando à vida de simples e escondido monge, para, na humildade e no retiro, preparar-se de modo melhor para a morte, que pressentia próxima. Viveu e morreu pacífico no Senhor.

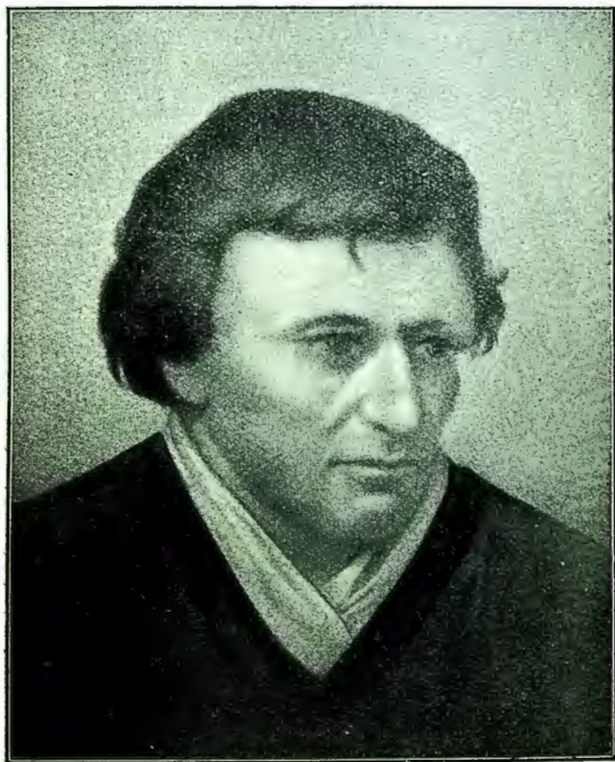
SÉRGIO IV (1009-1012)

SÉRGIO IV (1009-1012)

Sérgio IV era bispo de Albano, favorável aos Condes de Túsculo em contraposição ao prepotente partido de Crescêncio. Os catálogos dizem que procedia de família nobre, filho de Pedro e Estefânia. Assim mesmo, por algum defeito físico, tinha na mocidade o curioso apelido de Bôca de Porco. Não sabemos em que condições foi eleito, pois seu antecessor, João XVIII, se havia retirado a um mosteiro. Sérgio desenvolveu imensa caridade para com os pobres, numa grande fome que assolou a Cidade e os arredores, a ponto de uma arroba de trigo custar cem moedas de prata. O prefeito Crescêncio, o terrível "*Cenci*", procurou manter-se em paz com o pontífice, o qual muito contribuiu para essa pacificação com seu espírito caridoso e paciente. Em 1012 morria "*Cenci*", após uma década no poder. Seu filho e sucessor também morreu logo. Os Crescêncios, outrora um pesadelo e um fardo para os pontífices, desapareceram na sombra do passado. Como êles, muitos outros ditadores, em Roma e alhures, oprimiram a Igreja ou se julgaram onipotentes em seu orgulho e... passaram na mutação contínua dos séculos! O "santo Velho" de Roma, o sucessor de S. Pedro, continua... porque sua fraqueza humana se apóia no poder divino, indestrutível. Sérgio IV foi operoso em prol dos mosteiros. Enviou seus legados à França e à Alemanha, na sua missão de Pastor Universal.

Atribui-se-lhe, sem foros de autenticidade. uma bula incitando os Cristãos a uma Cruzada; seria então a primeira idéia dessas expedições. Morreu no verão de 1012 e foi sepultado em S. João de Latrão, perto do túmulo de Silvestre II.

BENTO VIII (1012-1024)

João Teofilato, descendente dos Condes de Túsculo — família que um século antes havia causado tanto dano à Igreja — brilhou como pontífice, homem de sólidas virtudes, de tenaz energia e de grandiosos ideais. O turbulento partido de Cenci impugnou sua eleição e escolheu um antipapa. Teofilato dominou a rebelião e, para sujeitar os ambiciosos adversários, nomeou comandante da cidade seu irmão Romano (que lhe sucedeu como papa João XIX). // Em 1013 o rei Henrique II, da Alemanha, encontrou-se com Bento em Ravena, celebrando-se um sínodo para melhorar a disciplina eclesiástica. Henrique intitulou-se "Rei dos Romanos"; acolhido com deslumbrantes festas em Roma, foi coroado com sua espôsa S. Cunigunda (1014). O ex-rei Arduíno, abandonado pelos seus condes, por causa de seu temperamento irascível e violento, depôs a coroa sôbre o altar e morreu monge no mosteiro de Frutuária, por êle construído outrora. Foi um herói nacionalista, batalhador, mas cruel († 1015). // Os Sarracenos assolavam as cidades costeiras. Bento promoveu então uma aliança entre Gênova e Pisa — o início da prosperidade marítima dessas cidades. No sul o duque de Cápua, favorável aos bizantinos, assaltou o castelo do Garigliano, propriedade pontifícia, defendido heròicamente por peregrinos normandos. O comandante Dato, prêso e encerrado num saco com serpentes, foi atirado ao mar. Êsse ato de crueldade atraiu as iras dos guerreiros Normandos, que vieram a conquistar o país. // Em 1024 morriam Bento e S. Henrique II. Êste imperador vivera santa vida de irmãos com sua espôsa S. Cunigunda; ambos foram canonizados: êle em 1146, ela em 1200. // Floresciam então as virtudes de S. Odilon de Cluny e S. Romualdo, fundador dos Camaldulenses.

JOÃO XIX (1024-1033)

JOÃO XIX (1024-1033)

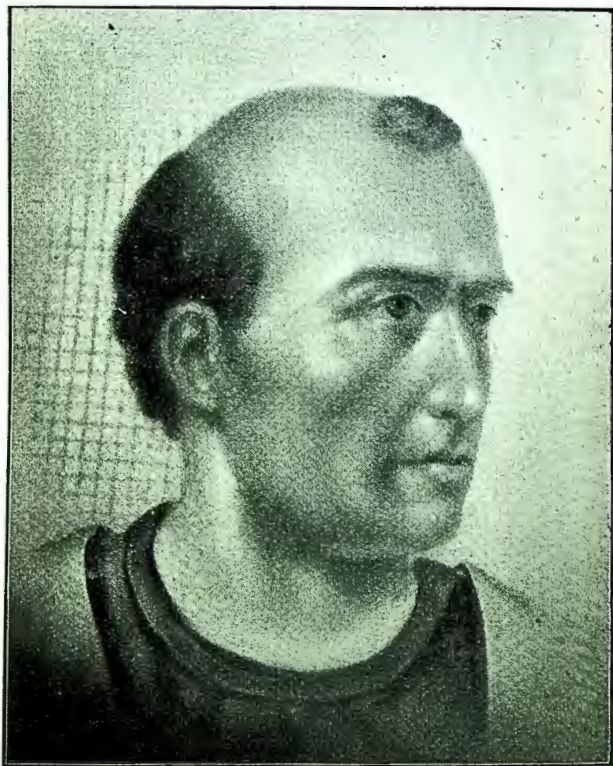
O irmão de Bento VIII chamou-se João XIX. Era governador da cidade e seu nome de família era Romano. Sendo um leigo, sua elevação a papa era severamente interdita. Recebeu, porém, tôdas as ordens sacras e foi consagrado em julho de 1024. Em sua escolha deve ter prevalecido a vontade da família Tuscolana. Entretanto João foi um pontífice irrepreensível e muito digno. Tão severo na administração pública, que os descontentes o acusavam de avareza. Não tinha, entretanto, as altas qualidades de seu irmão Bento VIII. Assim mesmo soube precaver-se contra a astúcia dos Gregos, que lhe enviaram insidiosa embaixada pedindo o título de "ecumênico" (universal) para o patriarca de Constantinopla. No Ocidente, Conrado II de Francônia, eleito rei da Alemanha (1024), fêz-se coroar rei da Italia em Milão, por mãos do poderoso arcebispo Ariberto. Em 1027, na Páscoa, João celebrou em S. Pedro a coroação imperial de Conrado e de sua espôsa Gisela, com extraordinária solenidade, em presença de dois reis, Rodolfo III, de Borgonha, e Canuto, da Inglaterra e Dinamarca. Conrado restabeleceu nos tribunais os princípios do Código de Justiniano... Sôbre os elementos germânicos triunfou afinal o glorioso Direito Romano.

João XIX apoiou os observantes monges de Cluny e quis elevar seu abade, S. Odilon, a arcebispo de Lião. Protegeu eficazmente a Guido d'Arezzo, o engenhoso inventor das novas notas musicais, ut, ré, mi, fá... um magnífico passo da bela Arte da Música, da qual a Igreja sempre foi protetora carinhosa. Opõe-se Ela apenas aos que tentam desviar a Arte para o Mal.

BENTO IX (1033-1048)

BENTO IX (1033-1048)

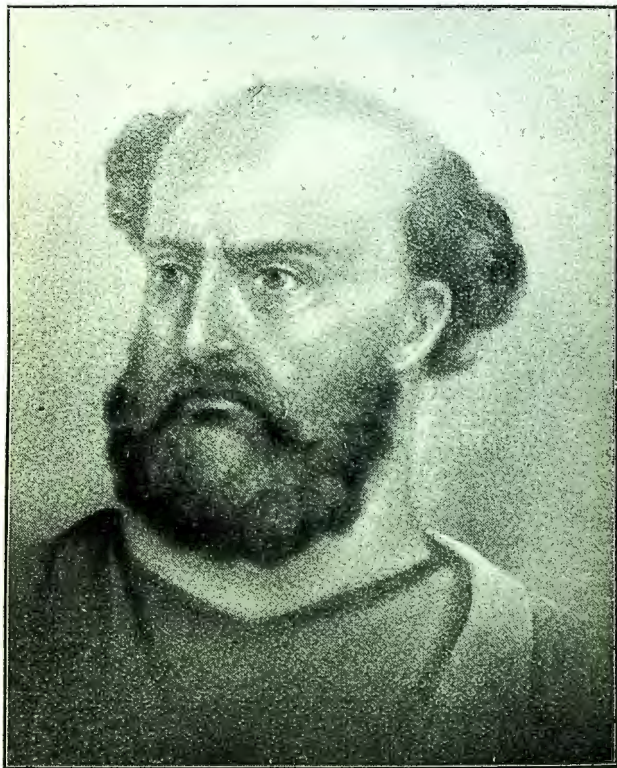
Muito discutido êste Bento IX, Teofilato da família dos Condes Tusculanos, imposto à S. Sé por seus poderosos parentes. Dominava nesse tempo o feudalismo na Europa: cada região, cada cidade, tendia a ser patrimônio de uma família nobre. As dioceses, onde os bispos eram senhores civis também, tornaram-se disputadas pelos senhores feudais para seus filhos, sem escrúpulos, sem consideração à santidade da Igreja. Até em Roma dominou essa ambição desenfreada da nobreza. O conde Alberico III colocou no trono pontifício seu filho Teofilato, com o nome de Bento IX. Era muito jovem, com menos de 20 anos. Há quem lhe dê 12 apenas, idade incrível à recepção e acolhida que recebeu, em 1037, do imperador Conrado II, homem criterioso e sisudo. — Bento IX, imposto pela ambição paterna e contra o espírito da Igreja, teve defeitos graves, mas também inimigos que lhe foram parciais juízes ante a posteridade, acusando-o de crimes monstruosos. Duas vêzes foi expulso por rebeliões — indo uma vez a Cremona, e outra a Marselha, na França. Foi eleito um antipapa, Silvestre III, mas Bento conseguiu depô-lo. Continuando as tristes agitações, um virtuoso arcipreste, João Graciano, mestre do futuro Gregório VII, tentou um recurso extremo. Como era homem muito rico, ofereceu uma grande soma para que o jovem Teofilato se afastasse de Roma. Bom ou mau que tivesse sido Bento IX, o certo é que a Igreja continuava garantida, como a Barca de Pedro quando Cristo nela dormia. Os bispos de França, por ex., conseguiam a lei da "Trégua de Deus", a paz entre os violentos barões, e no Norte, florescia a santidade de reis como S. Olavo da Noruega e S. Canuto da Dinamarca.

GREGÓRIO VI (1045-1046)

GREGÓRIO VI (1045-1046)

O arcipreste romano, João Graciano, assumiu o nome de Gregório VI. A fim de livrar a Igreja de grandes males, oferecera ingente soma para que Bento IX abandonasse pacìficamente o trono pontifício. Êste meio ilícito não impediu que fôsse reconhecido pela parte melhor da Igreja e até pela nobreza, exasperada contra a família dos Condes Tuscolanos. Gregório VI era conhecidíssimo por seus valores morais e intelectuais. Assim, alegraram-se os bons: São Pedro Damião, os monges Cluniacenses e Hildebrando, no futuro um dos maiores Papas, que mais tarde adotou o nome de Gregório VII, em memória de João Graciano. Até os adversários, à falta de acusações, chamavam-no de rude e sem jeito. O estado de Roma era desolador. Gregório VI quis impor ordem e pessoalmente dirigiu uma campanha contra os bandidos. Mas êstes ficavam impunes, escudados na proteção dos nobres. Recorreu, então, a Henrique III, rei germânico, com quem presidiu a um concílio em Sutri. Foram oficialmente depostos o indigno Bento IX, já retirado em seus castelos († 1055) e o antipapa Silvestre III, refugiado num mosteiro. Gregório VI então, para não ser acoimado de simonia (compra de dignidade eclesiástica) renunciou ao pontificado. Recolheu-se a um mosteiro de Colônia (Alemanha), acompanhado pelo fiel Hildebrando. Morreu às margens do Reno, em dezembro de 1047. Discute-se a legitimidade da elevação dêste papa. Provado está que agiu de boa fé ao substituir Bento IX — como se depreende de seu nobre ato de desprendimento ao retirar-se de Roma, sacrificando-se para a paz da Igreja, que não era sua, mas de Cristo.

CLEMENTE II (1046-1047)

O rei Henrique III, embora estrangeiro e odiado por ser alemão, foi recebido em Roma como um alívio. A cidade suspirava por ordem e paz. Para evitar novas lutas entre as orgulhosas famílias "patrícias", propôs para pontífice a Suidger, bispo de Bamberg. Foi o segundo papa alemão e chamou-se Clemente II. Coroado no Natal de 1046 como Papa, impôs a coroa imperial a Henrique e à sua espôsa Inês numa cerimônia grandiosa. Magnífico cortejo levou os soberanos da porta Castelo à basílica de S. Pedro, onde, sentado, esperava-os Clemente. O rei desceu do cavalo, ajoelhou-se e jurou ser justo para com os povos e válido defensor da Igreja. Recebido como "filho adotivo" pelo Papa, entrou na Basílica. A função foi longa e magnificente. Aproveitou-se, porém, Henrique para daí em diante nomear pessoalmente os papas. Seus escolhidos, em número de quatro, foram todos dignos e competentes; entretanto essa interferência imperial era um atentado reprovável e perigoso à liberdade da Igerja.

Clemente II num sínodo puniu de excomunhão a todos os simoníacos. Entre os arcebispos de Ravena, Milão e Aquiléia, decidiu em favor do primeiro a longa questão da preeminência. Protegeu os mosteiros, onde florescia o genuíno espírito religioso. Independente e firme, libertou o govêrno eclesiástico dos nefastos partidos romanos. Acompanhou o imperador ao sul da Italia e à Alemanha, providenciando reformas úteis à religião. Ao voltar, morreu em Pésaro, no mosteiro de S. Tomás, em 9-10-1047. Suspeitou-se ter sido envenenado por emissários do deposto Teofilato ou dos nobres que odiavam seu rigor. Foi sepultado na Catedral de Bamberg, único papa enterrado na Alemanha.

DÀMASO II (1048)

DÂMASO II (1048)

Morto Clemente II, demoraram-se os Romanos, em dúvida se deviam eleger logo outro pontífice ou esperar a opinião do imperador Henrique III. Aproveitou-se dessa delonga o antigo e indigno Teofilato, ex-Bento IX, já deposto. Abandonou seu castelo em Túsculo e, com o apoio do marquês Bonifácio de Toscana, entrou em Roma onde se impôs sacrìlegamente por oito meses. Curiosa a atitude do marquês Bonifácio. Seu avô, Azzo de Canossa, havia acolhido e protegido em seu castelo a fugitiva rainha Santa Adelaide, ao tempo de Oto I. O filho de Azzo, de nome Tebaldo, tornara-se senhor de grandes cidades como Ferrara, Módena, Mântua. O próprio Bonifácio recebera do imperador Conrado o marquesado de Toscana. Casara-se com Beatriz de Lorena, tornando-se um dos senhores mais poderosos de seu tempo. Foi pai da célebre Condessa Matilde de Canossa, mais tarde a intrépida e heróica defensora dos Pontífices. Entretanto, Bonifácio, talvez aspirando à coroa real, favoreceu Bento IX contra o Imperador e o Papa. Foi, porém, pela energia de Henrique III obrigado a conduzir a Roma o novo Pontífice. Era êste Póppon, bispo de Brixen, alemão da Baviera, coroado na basílica de S. Pedro em julho de 1048, com o nome de Dâmaso II. Não permaneceu muito em Roma. Adoeceu devido ao excessivo calor e foi habitar em Preneste, não longe da Cidade Eterna. Lá veio a falecer em 9-8-1048. As "febres romanas", fatais aos estrangeiros não habituados ao calor do verão forte da região, infirmam os boatos de envenenamento ministrado pelo tenebroso partido tuscolano.

Dâmaso II foi sepultado em S. Lourenço, Roma.

19 de abril — S. LEÃO IX (1048-1054) — Confessor

A morte rápida dos últimos pontífices, assustou os bispos alemães aos quais o imperador Henrique III oferecera o pontificado. Na dieta de Worms foi afinal indicado Bruno, bispo de Toul, alemão da família dos Condes de Nordgau. Chamou-se Leão IX, porque as listas contavam o nome do antipapa Leão VIII do ano 965. Tinha 46 anos de idade e era muito estimado em sua diocese como homem culto, piedoso e prudente. Protestou que só aceitaria o alto pôsto, se os Romanos, clero e povo, confirmassem sua indicação. Fêz mais: partiu para Roma em vestes de peregrino, acompanhado pelo monge Hildebrando (mais tarde o grande Gregório VII). Chegou a Roma em 2-2-1049, no inverno, com estupefação do povo ante a novidade de um papa vindo a pés descalços, com o bordão humilde de romeiro. Iniciou logo a renovação da disciplina eclesiástica, coibindo os abusos da simonia e clerogamia. Realizando sínodos percorreu a França, a Alemanha e a Italia, às vêzes acompanhado pelo imperador, indo até Presburgo levar a paz aos Húngaros e Alemães em guerra. No sul da Italia os Normandos, sob o comando de Guilherme Braço-de-Ferro, tornavam-se prepotentes. Leão guerreou-os, mas foi derrotado e prêso. S. Pedro Damião atribuiu essa derrota a uma "repreensão divina" ao papa que fôra ao teatro da guerra. Os guerreiros normandos, porém, ajoelharam-se ante o Pontífice e o trataram com tanta veneração, que se tornaram defensores da S. Sé e juraram combater os Sarracenos. No Oriente apareceu Miguel Cerulário (fabricante de cêra), grosseiro patriarca de Constantinopla, que renovou o cisma de Fóscio, sem ter um mínimo do valor intelectual daquele hábil filósofo. Leão morreu em 19-4-1054.

VÍTOR II (1054-1057)

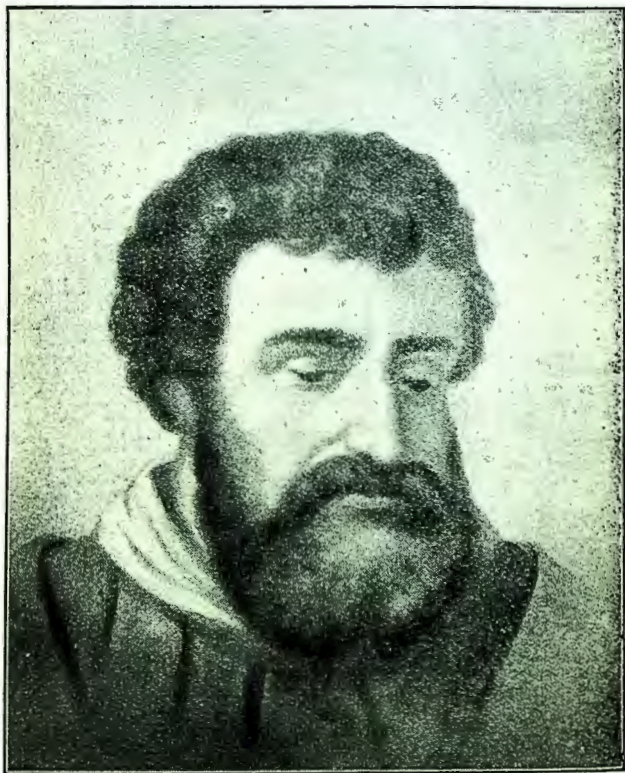
VÍTOR II (1054-1057)

Vítor, segundo de nome, foi o quinto papa alemão. Chamava-se Gebhard. Era bispo de Eichstadt, jovem e pertencia à família dos Condes de Calw. Homem fiel à Igreja e de grande franqueza, declarara-se algumas vezes contra as iniciativas de Hildebrando, então conselheiro dos papas. Entretanto o próprio Hildebrando aconselhou aos Romanos e ao Imperador a escolha de Gebhard, do qual, aliás veio a ser um válido auxiliar na reforma dos costumes. Gebhard aceitou ser papa com a condição de receber confirmação canônica em Roma. Chamou-se Vítor II. Enviou o incansável Hildebrando à França para realizar sínodos e depor alguns intrusos, que a simonia e o interêsse dos príncipes haviam guindado ao episcopado. Vítor soube impor-se aos príncipes. Morto Bonifácio de Toscana, a viúva Beatriz casou-se com Godofredo, duque de Lorena e adversário do imperador. Êste então aprisionou Beatriz e sua filha, Matilde de Canossa, de oito anos, na Côrte germânica de Goslar. O papa Vítor correu à Côrte, onde encontrou moribundo Henrique III. O imperador morreu-lhe nos braços (1056), confiando a seus conselhos a imperatriz Inês e o filhinho Henrique IV. Vítor fez realizar solenes funerais ao falecido, em Espira; presidiu ao congresso dos príncipes em Colônia, para confirmação dos direitos de Henrique IV; voltou para Roma, trazendo a família de Godofredo de Lorena, nomeado governador de Roma. Vítor proibiu ao rei Fernando de Castela (Espanha) assumir o título de imperador, para manter unida a Cristandade. Morreu de febres em Arezzo, em 28-7-1057. O cortejo que levava seu corpo para Eichstadt foi atacado por ladrões em Ravena; voltou, e o papa foi sepultado em Roma.

ESTÊVÃO IX (1057-1058)

Frederico de Lorena (região pertencente então ao império germânico) foi o sexto papa alemão. Leão IX trouxera-o a Roma, criando-o bibliotecário e chanceler. Foi legado pontifício em Constantinopla, onde se opôs às pretensões do patriarca cismático Miguel Cerulário. Tornou-se depois, monge beneditino em Monte Cassino, o célebre mosteiro santificado pela presença do corpo do grande São Bento. Criado abade do mesmo mosteiro, e depois cardeal pelo papa Vítor II, sucedeu-lhe no sólio pontifício, em 2-8-1057, com o nome de Estêvão IX. Não se esperou a confirmação imperial. Hildebrando, seu arcediago, foi enviado à Côrte com a noticia. Estêvão presidiu à eleição do novo abade de Monte Cassino, o monge Desidério, mais tarde papa Vítor III. Estêvão rodeou-se de ilustres conselheiros: Hildebrando ("a cabeça dirigente da Igreja"), S. Pedro Damião ("o coração da Igreja"), que êle forçou a ser cardeal e bispo de Ostia, Anselmo de Baggio (o futuro Alexandre II) e outros. Meditava grandes emprêsas, inclusive unir Ocidente e Oriente numa grande defesa contra os Normandos e os Muçulmanos. Impulsionou a reforma dos costumes. Em seu tempo fundou-se em Milão a chamada Pataria — movimento popular, chefiado pelos mártires S. Arialdo e S. Erlembaldo, para combater o clero corruto e a sociedade decadente. Irmão de Godofredo de Lorena, quis Estêvão acertar seus planos com a ajuda do poderoso duque. Pressentiu, porém, sua morte e mandou ao clero jurar que não se elegeria novo papa sem a presença de Hildebrando, que estava na Alemanha. Morreu em 29-3-1058, em Florença, e foi sepultado na Catedral dessa cidade toscana.

NICOLAU II (1059-1061)

Gerardo, bispo de Florença, era francês, natural da Borgonha. Iniciou seu pontificado com a luta contra os fautores do antipapa Bento X. Eleito em Siena, confirmado pelo concílio de Sutri, foi coroado em S. Pedro de Roma, aos 24-1-1059. Num sínodo, em abril, renovou os decretos contra a simonia, contra o concubinato do clero e regulou, de maneira mais definida, a eleição do papa. A êsse sínodo compareceram 113 bispos e numerosos abades. Foram tomadas medidas que acautelassem os direitos da S. Sé contra a ingerência do Imperador e dos partidos populares na eleição papal. Os cardeais passaram a formar um "Senado Eclesiástico", em contraposição ao Senado Romano, com que os nobres interferiam desastradamente na escolha do sucessor de S. Pedro. Outras excelentes disposições emanou êsse sínodo. No verão de 59, Nicolau visitou Monte Cassino e ajustou um tratado com Roberto Guiscardo, o valoroso duque normando que conquistara o sul da Itália aos Gregos e aos Sarracenos. Recebeu o normando a investidura do Ducado das Apúlias, Calábrias e Sicília, prometendo defender a Santa Sé, seus domínios e a liberdade do Papa. Nicolau mandou destruir castelos e tôrres de alguns nobres rebeldes. — Pacificou a diocese de Milão, aceitando a submissão do arcebispo Guido à reforma eclesiástica e acolhendo as romarias dessa cidade. Realizou concílios em França, por meio de seus legados, e repreendeu Guilherme, duque de Normandia (o futuro Conquistador da Inglaterra) por se haver casado com sua prima Matilde. Em 1061, em Florença, sucumbiu Nicolau II ao demasiado trabalho. Ficava de pé, cheio de vigor, Hildebrando!

ALEXANDRE II (1061-1073)

ALEXANDRE II (1061-1073)

Anselmo de Baggio, bispo de Lucca, fervoroso adepto da Pataria — movimento religioso reformador em Milão, sua pátria, — foi eleito e coroado em 1-10-1061, sob o nome de Alexandre II. As rígidas normas de Nicolau II haviam irritado os nobres ambiciosos, os bispos intrusos e simoníacos e a leviana côrte de Henrique IV. Os simoníacos lombardos apresentaram então ao jovem soberano o nome de Cadaloo, riquíssimo, indivíduo que se apossara do bispado de Parma, para que fôsse nomeado papa com o nome de Honório II. Houve até luta armada entre imperiais, nobreza, Normandos e Godofredo de Lorena.

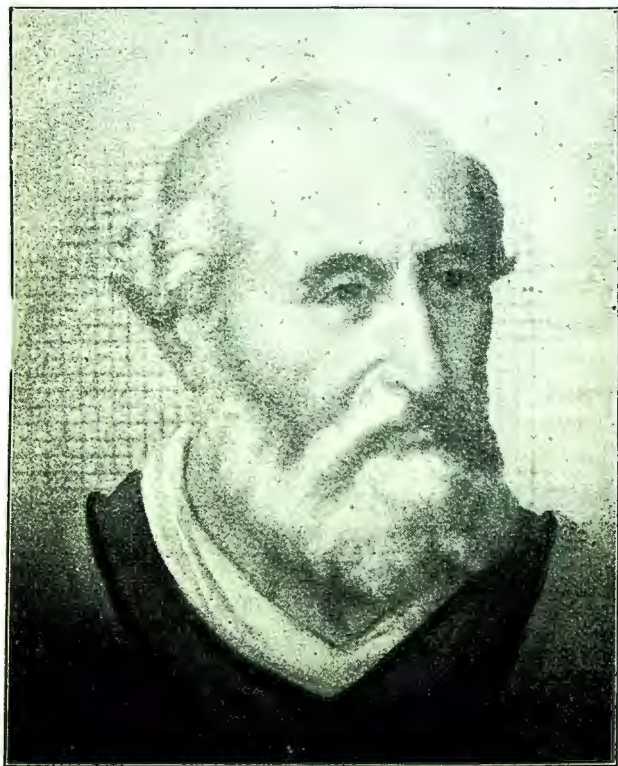
S. Pedro Damião, corajosa e pessoalmente verberou ao antipapa seu enorme pecado e concorreu, com sua eloqüência secundada pela atividade de Hildebrando, para fazer valer os direitos de Alexandre II. Cadaloo morreu em 1072, impenitente. Alexandre reprovou os matrimônios entre consangüíneos e estabeleceu que os clérigos não podiam ser julgados em tribunais civis. Apoiou em Milão a S. Erlembaldo na expulsão de elementos indignos dos postos religiosos. Impediu que o rei Henrique IV abandonasse sua virtuosa espôsa Berta, e excomungou os maus conselheiros do rei. Reorganizou a hierarquia eclesiástica na Inglaterra, conquistada em 1066 por Guilherme de Normandia. Recebeu a homenagem de Swenon, rei da Dinamarca. Por intermédio de Desidério, abade de Monte Cassino, aliou-se aos Normandos e favoreceu as maravilhosas emprêsas de Rogério, irmão do Guiscardo, na libertação da Sicília do jugo muçulmano. Consagrou, numa festa memorável, a basílica de Monte Cassino. Morreu Alexandre em 21-4-1073, em fama de santidade.

25 de maio — S. GREGÓRIO VII (1073-1085) — Confessor

Hildebrando, um dos maiores papas, um dos vultos mais eminentes da História. Nasceu (1020) em Soana, perto de Siena. Pobre. Filho do carpinteiro Bonizone. Estudou no mosteiro de Aventino. Foi seu mestre João Graciano, o futuro Gregório VI, a quem Hildebrando acompanhou no destêrro, e em cuja memória, agradecido, se chamou Gregório VII. Esteve em Cluny e se deixou guiar pelo espírito beneditino dêsse mosteiro. Cinco papas tiveram-no por precioso auxiliar; e os cardeais e o imperador não elegiam pontífice sem sua opinião. Cônscio de sua responsabilidade e de seu caráter, Hildebrando recusou firmemente sua elevação. Ordenado sacerdote e consagrado bispo (era só diácono) em 30-6-73, mostrou-se Pontífice e Rei, afirmando "o império universal da lei de Cristo". Combateu o mau clero e os maus soberanos. Impediu que a Igreja se "feudalizasse". Tratou com todos os príncipes de seu tempo. Sonhou uma Liga Cristã, que libertasse a Palestina. O rei Henrique IV da Alemanha insistia em nomear bispos (questão das investiduras). Foi excomungado e, para não perder o trono, atravessou os Alpes num duro inverno, correu ao castelo de Canosa, onde o papa se refugiara, e implorou um perdão que o salvou de seus duques revoltados. O rei, insincero, moveu depois guerra implacável a Gregório e à valente Condessa Matilde de Canossa, que impedia a passagem às tropas imperiais. Nomeou um antipapa, Guiberto de Ravena, com o nome de Clemente III, pelo qual foi sagrado imperador. Tomou Roma, menos Castelo S. Angelo, onde Gregório se defendeu até ser libertado por Roberto Guiscardo (1084). O grande Papa morreu em Salermo. Suas últimas palavras: "Amei a justiça e odiei a iniqüidade, por isso morro no exílio".

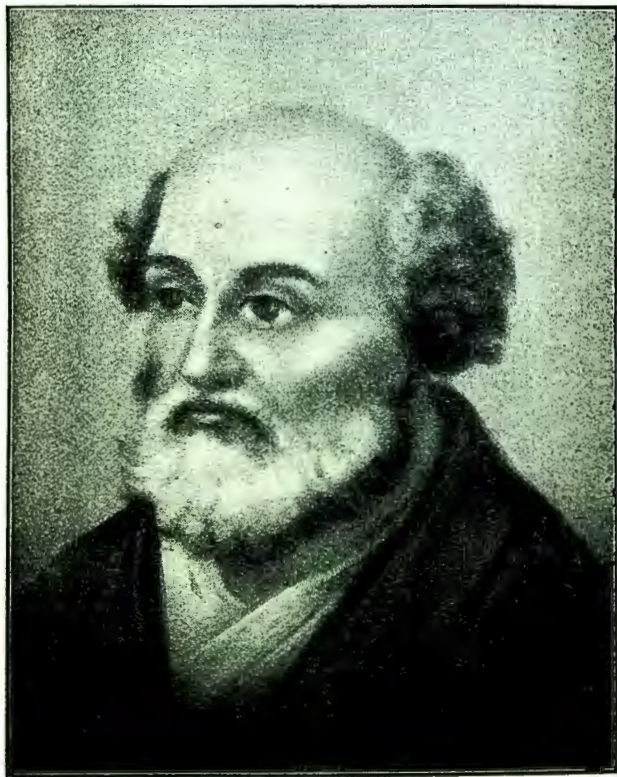
VÍTOR III (1086-1087)

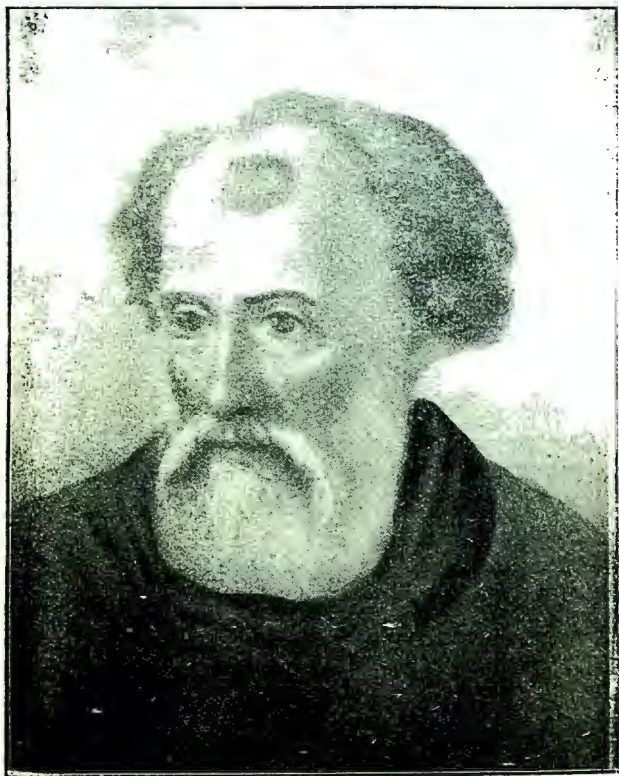
VÍTOR III (1086-1087)

O grande Gregório VII, ao morrer, apontara ao Clero os mais dignos do sólio pontifício. Entre êstes foi escolhido Desidério, abade de Monte Cassino. Fôra auxiliar de vários papas. Celebrizou-se por sua obra imortal em seu mosteiro, cuja basílica construiu. Incrementou a vida monástica e os estudos, aumentando o mérito — freqüentemente olvidado pelos maus — dos monges, que foram os únicos a preservarem as glórias da Literatura antiga. Teve importantes missões junto a soberanos. Receioso e humilde, recusou o sólio um ano inteiro. Só em março de 1087 foi consagrado na basílica de S. Pedro, sob o nome de Vítor III, sob a proteção dos Normandos que expulsaram o antipapa imperial Clemente. Desgostado, voltou logo ao seu querido mosteiro, do qual continuava a ser abade. Henrique IV, vencidos seus inimigos na Alemanha, voltava a agitar Roma, e seu partido abatia os "gregorianos", defensores da independência da Igreja. Apenas a indomável Condessa Matilde resistia ao imperador, em seu inexpugnável castelo de Canossa. A seus rogos, Vítor III retomou o caminho de Roma, de onde logo saiu por doença grave. Em 1087 ainda celebrou um sínodo em Benevento, sua pátria, pois pertencia à família principesca dos condes Marsi, dessa cidade. Nesse sínodo foram proibidas as investiduras leigas (nomeação a postos eclesiásticos, feita por leigos), a simonia e a recepção de sacramentos das mãos dos ministros excomungados. Morreu em 16-9-87, no seu mosteiro. Vítor III permanece na História como o grande abade Desidério.

29 de julho — URBANO II (1088-1099) — Bem-aventurado

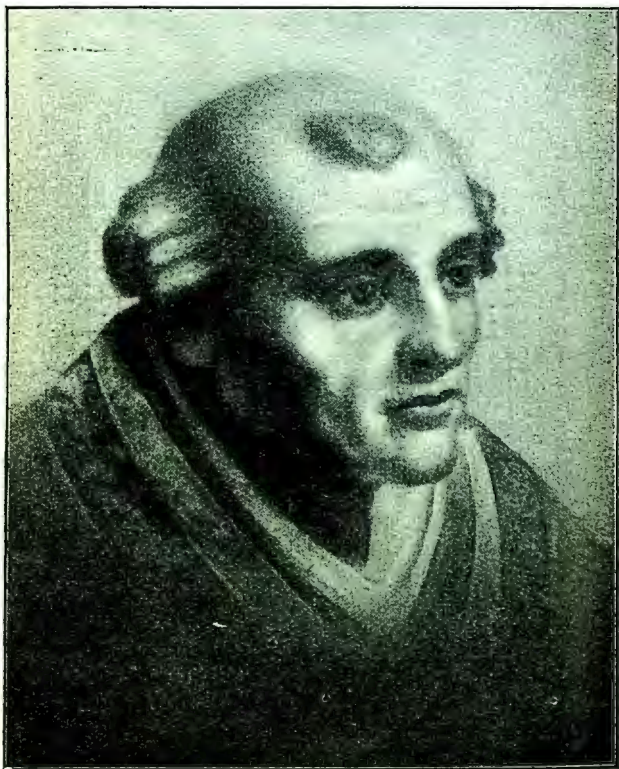
O beneditino francês Oto de Chatillon, bispo de Ostia, discípulo de Romualdo, chamou-se Urbano II. Sua eleição foi realizada em Terracina, porque Roma estava ocupada pelo antipapa Clemente. Fervoroso "gregoriano", insistiu sempre nos direitos da Igreja e estivera prêso por ordem de Henrique IV. Êste, porém, foi derrotado pela Condessa Matilde em Canossa, onde buscaram refúgio seu próprio filho Conrado e sua segunda espôsa, a russa Praxedes, revoltados contra o imperador, que era mau pai e mau marido.

Urbano II foi o papa da 1.ª Cruzada. No concílio de Clermont o brado "Deus o quer" impulsionou mais de meio milhão de guerreiros à conquista da Terra Santa. Godofredo de Bouillon, duque da Baixa Lorena (Bélgica), Boemundo de Taranto, filho de Guiscardo, Tancredo de Siracusa, Raimundo de Tolosa, Roberto da Normandia, Hugo de Vermandois... foram bravos chefes. Vencendo a má vontade do imperador grego Aleixo, os Cruzados ganharam duas grandes batalhas e conquistaram Jerusalém (15-7-1099) aos muçulmanos. Bouillon recusou a coroa de rei, "onde Cristo levara uma de espinhos", Urbano morreu em 29 de junho, antes de receber a grata notícia da conquista. Foi sepultado na cripta de S. Pedro. Grande inteligência, hábil orador, fino diplomata, Urbano foi também sacerdote de grande virtude. Pacificou os filhos do Guiscardo em luta pela herança paterna. Abençoou o casamento da Condessa Matilde, viúva do marquês Godofredo II, com o duque Welf da Baviera. Num sínodo estabeleceu como lei universal a "trégua de Deus", que protegeu os Cruzados, os ausentes e os fracos, os comerciantes e os camponeses. Urbano II teve culto de santo na França, culto confirmado em 1881 por Leão XIII.

PASCOAL II (1099-1118)

PASCOAL II (1099-1118)

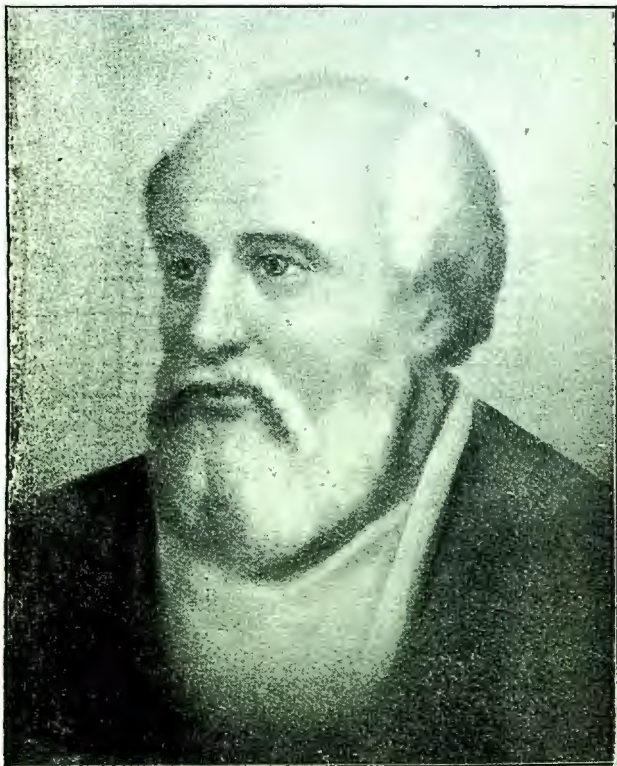
O cardeal Rainério, nativo de Bleda (Viterbo), foi o papa Pascoal II. Fôra monge em Cluny e legado na Espanha. Consagrado em S. Pedro. Teve um pontificado agitadíssimo, que pôs à prova sua paciência. Dizia que, para levantar a quem cai, é preciso curvar-se, mas sem perder o equilíbrio. Foi molestado por imperadores e por quatro antipapas sucessivos! O imperador Henrique IV, que perseguira o Pai da Cristandade, foi perseguido por seus próprios filhos. O mais velho, Conrado, foi envenenado. O mais novo, Henrique V, após ser coroado pelo pai, contra êle se insurgiu de armas em punho, prendeu-o e obrigou-o a abdicar! O antigo adversário de Gregório VII morreu desgostado na guerra contra o filho. Pediu e recebeu os Sacramentos da Igreja. Seu corpo, cinco anos mais tarde, foi absolvido por Pascoal e sepultado na catedral de Espira. Henrique V enganou o papa e a condessa Matilde (que lhe permitiu passagem por suas fortalezas) e foi coroado imperador em Roma. Prepotente, prendeu depois o pontífice por dois meses a fim de lhe arrancar privilégios. Em tôda a Cristandade ergueram-se protestos contra a prisão do Papa. Os bispos de França induziram o arcebispo de Mogúncia (Alemanha) a excomungar o soberano. Êste aprisionou o arcebispo, libertado depois pelo povo. Henrique tentou então um acôrdo. Voltou depois à Itália, mas sua intenção era ocupar os territórios da "Grande Condessa", Matilde de Canossa, falecida em 24-7-15, uma das duas únicas mulheres sepultadas na basílica de S. Pedro (a outra: a rainha Cristina da Suécia). Pascoal, velho e enfêrmo, fugiu de Henrique, mas voltou com o apoio dos Normandos, para morrer em Roma, 21-1-18.

GELÁSIO II (1118-1119)

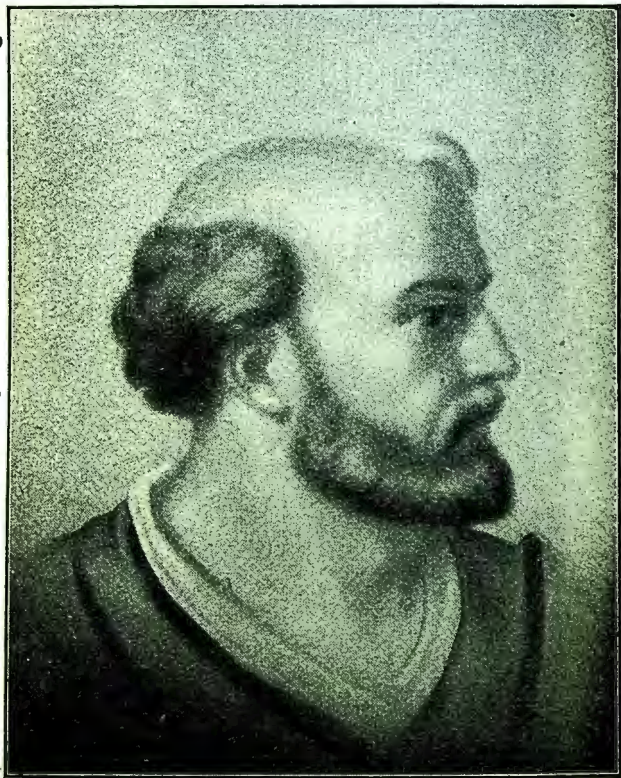
"A vida de Gelásio II, diz Gregorovius, foi mais uma prova de que a posição de um papa, colocado na mais alta posição da terra, é apenas um martírio". João de Gaeta, monge de Monte Cassino, cardeal e Chanceler da Igreja, foi eleito papa com o nome de Gelásio II. Menino ainda, fôra oferecido por seus pais ao glorioso S. Bento, sendo abade Desidério (papa Vitor III). Ocupou cargos importantes. Mostrou-se fiel ao papa Pascoal, sendo um dos poucos que o não abandonaram no exílio e que o sustiveram na luta das investiduras. Chamado de seu Monte Cassino, foi eleito num conclave realizado no mosteiro do Palatino. Conhecida sua escolha, o partido imperial, chefiado por Cencio Frangipani, atacou à noite o mosteiro e arrombou as portas. Cencio agarrou o velho pontífice pelo pescoço, atirou-o ao chão, pisoteou-o, proferindo as mais obscenas injúrias. Foi Gelásio encarcerado, com pesadas correntes. O povo, porém, libertou-o pela manhã, festejando-o carinhosamente. Veio, então, Henrique V, o qual, ante a firme recusa do papa em lhe conceder "privilégios" abusivos, elegeu o antipapa Burdino, de Braga. Gelásio, apesar da idade, teve que fugir para Cápua, por mar, por terra, primeiro a pé e depois carregado pelos cardeais. Protegido pelos Normandos, viajou para a França, onde foi recebido como um santo. Morreu no mosteiro de Cluny, vestido de pobre monge, no duro chão, perdoando aos seus algozes, 29-1-19. Floresciam, então, os mosteiros. O abade Roberto de Solesmes fundava os Cisterciences (1098), ampliados pela adesão de S. Bernardo em Claraval (1112) e alhures. S. Bruno de Colônia fundara a Chartreuse (Cartuxa) em 1084.

CALISTO II (1119-1124)

CALISTO II (1119-1124)

Bem diverso do infeliz Gelásio II foi seu sucessor, o francês Guido de Borgonha, sob o nome de Calisto II. Era filho do Conde Guilherme "Cabeça Corajosa", emparentado com o rei da França e com o Imperador. Fôra legado de Pascoal II na Inglaterra. Como bispo de Vienne (França) condenara as investiduras leigas e excomungara Henrique V, mesmo sem esperar a confirmação do papa. Eleito em Cluny pelos cardeais, que acompanharam o desterrado Gelásio, foi confirmado por Roma, onde o receberam com festas extraordinárias: o povo esperou-o muito longe da cidade, com flores e hinos. Esgotados os meios pacíficos com Henrique V, que elegera um antipapa, Calisto reuniu um sínodo em Reims, com a presença do rei de França. Lançou então a excomunhão contra o imperador; os 430 prelados presentes, em sinal de assentimento, atiraram ao chão seus círios, pisando-os e apagando-os. Henrique V, ameaçado por seus príncipes, tornou-se conciliador. Em 1122 a Concordata de Worms pôs fim à questão das investiduras: a Igreja respeitaria os direitos (civis) do Imperador e êste, os direitos (religiosos) da Igreja.

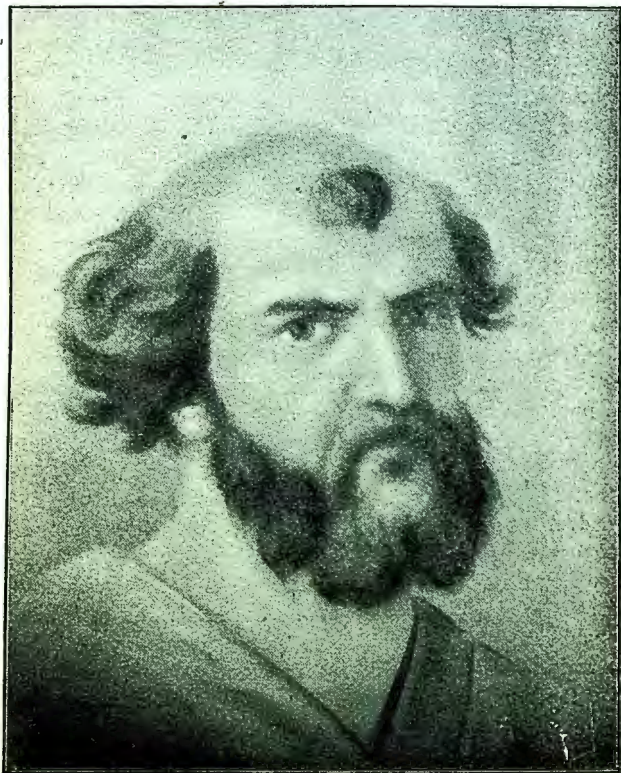
O cardeal de Ostia readmitiu Henrique na Igreja, deu-lhe o beijo da paz e a S. Comunhão. O papa escreveu belíssima carta ao imperador. Realizou depois em Roma o 9.º Concílio Ecumênico, 1.º Lateranense, com 300 bispos, estabelecendo ótimas normas: contra a simonia e o concubinato, contra usurpações leigas e casamentos proibidos, contra os falsários e os bandidos, a favor das Cruzadas, dos peregrinos e dos pobres. Êste enérgico e sábio pontífice faleceu em 13 de dezembro. Henrique V seguiu-o meses depois e foi sepultado em Espira, junto ao pai.

HONÓRIO II (1124-1130)

HONÓRIO II (1124-1130)

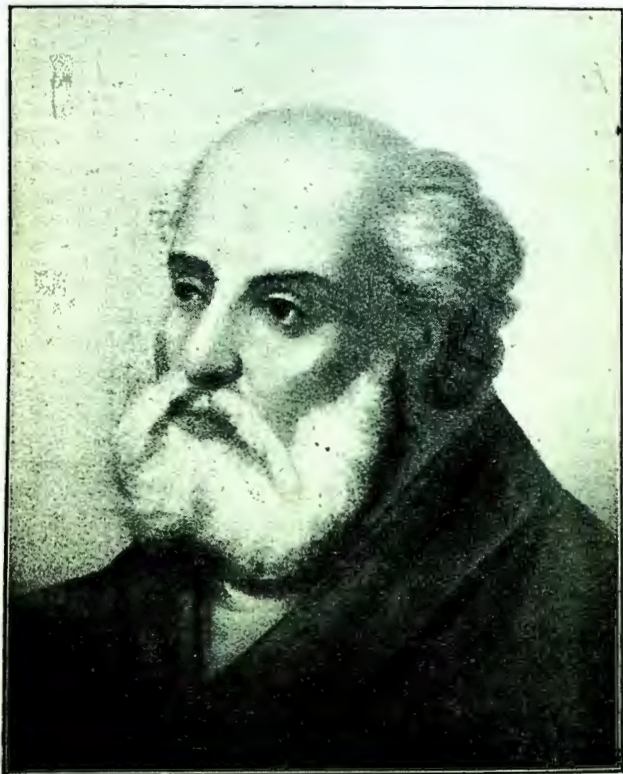
A morte de Calisto II privou a Igreja de um homem cuja firmeza era necessária nos tempos férreos de então. Em seu lugar, por divergência dos partidos, foram eleitos dois candidatos, Tebaldo Boccadipecora (bôca de ovelha). que se chamou Celestino II e o nosso Honório II, que era Lamberto, bispo de Ostia. Tebaldo, receando ser antipapa, renunciou humildemente. Lamberto, de família pobre, nativo de Imola (perto de Bolonha), acompanhara o papa Gelásio no exílio e fôra habilíssimo ministro de Calisto II na concordata de Worms, que pôs fim à questão das investiduras. A morte do imperador Henrique V deixara a Igreja em paz. Seu sucessor foi o rei Lotário, da Saxônia, o qual enviou uma embaixada a Roma, para obter a aprovação do Papa! Como se haviam mudado os tempos! Mais tarde Conrado de Hohenstaufen disputou a coroa a Lotário, e o papa excomungou o rebelde, como promotor de guerra injusta (1027). Honório foi árbitro entre os herdeiros do duque das Apúlias e exigiu que se respeitassem os direitos do cruzado Boemundo II, que militava na Palestina. Pacificou as cidades de Pavia, Cremona e Novara que guerreavam Milão. Resolveu questões religiosas na França, Inglaterra, Espanha, Escandinávia e nos grandes mosteiros de Cluny e Monte Cassino. Ocupou-se do caso do filósofo Abelardo (célebre por suas cartas a Heloísa) no sínodo de Sens. — Auxiliou S. Ildeberto de Tours e S. Noberto, fundador dos Premonstratenses, e outros homens de santidade, que pregavam a vida regular. — Em 1128 aprovou a Ordem dos Templários, destinada a proteger os peregrinos que iam a Jerusalém. Com S. Bernardo esforçou-se por auxiliar as Cruzadas. Morreu, virtuoso e sábio, em 13-2-30.

INOCÊNCIO II (1130-1143)

INOCÊNCIO II (1130-1143)

Agonizava ainda Honório II e duas famílias de Roma lutavam pela sucessão. Os Frangipani apoiavam os cardeais, cuja maioria elegeu Gregório Papareschi, com o nome de Inocêncio II. Possuía o eleito grandes dotes: integérrimos costumes, fé profunda e vivo zêlo pela santidade da Igreja. Desempenhara, com brilhantismo, importantes missões na França e na Alemanha. Tal homem seria intolerável aos maus. A família de Pierleoni — judeus convertidos — moveu os descontentes. Foi nomeado um antipapa com o nome de Anacleto II. Havia êle estudado em Paris e em Cluny, mas era acusado de ser escravo do dinheiro. Anacleto ganhou o forte apoio de Rogério II, duque da Sicília, promovendo-o a rei. Com as armas dos Normandos manteve-se oito anos num triste cisma. Inocêncio II foi reconhecido como verdadeiro papa por S. Bernardo, por S. Norberto, por Luís VI, rei de França, e por numerosos sínodos de bispos.

Em 1131 o papa encontrou-se com o rei francês em Orléans, depois com Henrique, rei da Inglaterra, em Chartres. Do papa receberam a coroa imperial, em Liège, o rei germânico Lotário e sua espôsa Rikenz. Assinou Inocêncio tratados com os reis de Aragão e de Castela. Lotário depois acompanhou o papa a Roma, mas não conseguiu que o pontífice amigo cedesse às suas excessivas pretensões. Inocêncio opôs-se também às exigências de Rogério II, que lhe moveu guerra e o aprisionou, mas afinal voltou às pazes com o papa que o reconheceu como rei da Sicília. Recebido triunfalmente em Roma, Inocêncio presidiu ao 10.º Conc. Ecumênico, 2.º Lateranense (1139). Provou, porém, a amarga ingratidão dos Romanos e morreu em 24-9-43, ouvindo o rumorejar do povo que proclamava a república.

CELESTINO II (1143-1144)

Guido de Castellis, de nobre família toscana, cardeal do título de S. Marcos, foi eleito na basílica Lateranense e consagrado em 26-9-44, com o nome de Celestino II. Eleição pacífica. Tinha vasta cultura. Fôra discípulo do célebre Abelardo e legado de Inocêncio II na França. Por meio de S. Bernardo — o oráculo da Igreja nesse século — recebeu a submissão de Luís VII, rei francês, que fôra excomungado por Inocêncio por ter interferido injustamente numa controvérsia entre bispos. O movimento das Cruzadas trouxera grandes modificações sociais. O Oriente absorveu parte da nobreza. O comércio floresceu. Cresceram cidades independentes, com uma burguesia ciosa de liberdade. Formavam-se os municípios e as associações de classe. Roma, cosmopolita, capital da Europa de então, estava sob essa influência política. De tal situação aproveitou-se Arnaldo de Bréscia, clérigo que pregava a violência como arma para obter as reivindicações populares. Arnaldo foi partidário fanático de Abelardo, que em Paris se defrontava com S. Bernardo, mas que afinal morreu em paz no mosteiro de Cluny (1142). Luís VII expulsou Arnaldo, de Paris. O rebelde passou pela Suiça, indo para Roma, em 1144, recomendado à bondade do papa pelo abade de Reichersberg. Mostrou-se, porém, mal agradecido, incitando o povo a excessos.

Celestino II governou cinco meses. Morreu em 8 de março, no mosteiro de Palladio. Com êste pontífice têm início as chamadas "profecias de S. Malaquias", arcebispo de Armagh, na Irlanda († 1148), com previsões dos futuros papas até o fim do mundo. Julga-se que são mera invencionice do século XVI. (Ver Gregório XIV, no ano de 1590).

LÚCIO II (1144-1145)

LÚCIO II (1144-1145)

Também Lúcio II reinou apenas alguns meses. Chamava-se Geraldo, era de Bolonha e cardeal da igreja da Santa Cruz de Jerusalém, em Roma. Inocêncio II nomeara-o chanceler e bibliotecário. Eleito em 14-3-44. Seu antecessor recusara-se a reconhecer os alegados direitos de Rogério II, rei da Sicília, adquiridos à fôrça no tempo de Inocêncio. Os Normandos, até então fiéis vassalos da S. Sé, atacaram o Estado Pontifício e devastaram a Campânia. Do Império Germânico não podia Lúcio receber auxílio: Conrado III lutava com seus súditos. O norte da Itália via o crescer das "Comunas", municípios independentes — sendo Milão o principal. Os Romanos sentiram-se atraídos para a nova forma de govêrno. Atiçados por Arnaldo de Bréscia, elegeram "patrício" a Giordano, irmão do antipapa Pierleoni. Em 1144 repristinaram o "Senado Romano", e as antigas iniciais S. P. Q. R. (Senatus Populus Que Romanus) voltaram a imperar nos documentos. Contou-se "nova era" dêsse ano em diante.

A par dessas atividades políticas, os exaltados iniciaram outras: foram assaltadas as casas dos nobres e dos cardeais, depredadas as igrejas, exigida ao papa a renúncia às suas regalias e a todos os bens materiais da Igreja etc... Houve tumulto e luta. Lúcio, paternalmente, correu ao Capitólio para apaziguar os ânimos, mas foi atingido por uma pedra, morrendo na igreja de S. Gregório em 15-2-1145.

Zeloso, havia cuidado com muito carinho da Igreja em países longínquos por meio de numerosos legados e erigira numerosos mosteiros na Alemanha e na Itália.

8 de julho — EUGÊNIO III (1145-1153) — Bem-aventurado

Um humilde monge cistercience foi papa com o nome de Eugênio III. Era abade do mosteiro de S. Vicente, em Roma. Chamava-se Pedro Bernardo. Era de Pisa. Houvera sido, em Claraval, discípulo de S. Bernardo, que lhe dedicou livros e conselhos admiráveis. Nem era cardeal, e sua eleição foi isenta de qualquer partidarismo. Eleito em 15-2-1145. Roma, entretanto, continuava agitada. O novo Senado exigia que o papa renunciasse a seus direitos sôbre a cidade. Eugênio foi obrigado a retirar-se para Farfa, onde foi sagrado. Residiu oito meses em Viterbo. Em Roma os exaltados, interessados na apropriação dos bens da Igreja, aproveitam-se das exortações demagógicas de Arnaldo de Bréscia. Êste clérigo revoltado pregava a pobreza à Igreja, exigia que ela "voltasse à vida apostólica" e invectivava contra os maus eclesiásticos. Tinha alguma razão em certos postulados, mas suas palavras violentas levaram os fanáticos a excessos: até os pobres peregrinos e romeiros foram roubados de seus parcos haveres! Nestas dificuldades, Eugênio viajou pela França e pela Alemanha, conseguindo impulsionar a 2.ª Cruzada, pregada por S. Bernardo. Tomaram a cruz Luís VII e Conrado III, reis daqueles países. A desunião entre os chefes a traição dos bizantinos e as doenças fizeram fracassar esta nova Cruzada (1148). Eugênio cuidou da pureza da fé. Realizou vários sínodos, convertendo hereges. Visitou pessoalmente a vidente S. Hildegarda, abadessa de Monte Rupert.

Em 1152 voltou a Roma, como mediador entre as facções. Acolheu com estima os enviados do novo rei germânico Frederico I, o Barba-Roxa. Eugênio teve um ano de paz em Roma. Morreu em Tívoli, 8-7-53, e foi sepultado com grandes honras em S. Pedro. O grande S. Bernardo, seu mestre, morreu um mês depois.

ANASTÁCIO IV (1153-1154)

ANASTÁCIO IV (1153-1154)

Sucessor de Eugênio III foi Conrado, filho do nobre romano Bento. Eleito aos 12 de julho de 1153, escolheu o nome de Anastácio IV. Fôra cônego regular e prior do convento de S. Anastácio, donde talvez a escolha de seu nome como pontífice. Em 1126 fôra nomeado cardeal bispo de Santa Sabina. Era, portanto, de idade avançada quando ascendeu ao sólio pontifício. Morreu em 3 de dezembro de 1154. Havia sido um dos eleitores de Inocêncio II, e ficara na Itália como seu vigário (substituto), quando os tumultos obrigaram êsse pontífice a fugir de Roma para a França.

Sua eleição realizou-se sem perturbações, e Anastácio conseguiu agradar a todos por sua conhecida e longa vida virtuosa. Aproveitou-se êle dessa paz para cuidar dos assuntos religiosos com mais atenção. Questões eclesiásticas e vida monástica ocuparam seu breve pontificado. O rei Frederico Barba-Roxa nomeou para arcebispo de Magdeburgo um tal Wickmann. Êste veio pomposamente a Roma para receber o pálio das mãos do papa. Anastácio então mandou que êle retirasse de cima do altar, a insígnia, "se julgava legítima em Deus sua nomeação". Wickmann recusou... Anastácio confirmou Guilherme, arcebispo de York (Inglaterra), e enviou o cardeal de Albany (futuro Adriano IV) como pacificador à Suécia e à Noruega, com ótimos resultados. Sob a proteção do Papa floresciam então as Escolas por tôda a Europa. Célebre ao tempo de Anastácio, a Escola de Direito de Bolonha, com 12.000 alunos, base da futura Universidade, fundada por Werner sob a proteção da Condessa Matilde.

ADRIANO IV (1154-1159)

ADRIANO IV (1154-1159)

Nicolau Breakspear (quebra-lança), o único papa inglês, eleito por unanimidade em 4-12-54, escolheu o nome de Adriano IV. De família muito pobre, nasceu em Langley, Albany, Inglaterra. — Despedido de um convento por rigorismo, emigrou jovem para a França. Estudou no mosteiro de S. Rufo, em Avinhão. Eleito Abade em 1137, exigiu rígida observância. Uma comissão de monges descontentes foi a Roma queixar-se com Eugênio III. O papa, que conhecia o virtuoso, lhes disse: "Voltai, que Nicolau não é mais vosso abade: é o meu cardeal de S. Albany". Adriano IV reprimiu a fúria dos sequases de Arnaldo de Bréscia, que haviam até assassinado um cardeal. Lançou, pela primeira vez na História, o interdito (suspensão de cerimônias religiosas) à própria Roma! O povo, na Semana Santa, obrigou os rebeldes à submissão. — Frederico Barba-Roxa aproveitou-se dos tumultos romanos para escravizar as cidades organizadas em municípios livres. Antes, porém, quis aparentar religiosidade. Veio a Roma onde foi coroado imperador. Mandou executar o turbulento Arnaldo de Bréscia: — enforcado, queimado e as cinzas atiradas ao rio Tibre. O orgulhoso chanceler imperial, Reinaldo de Dassel, influiu malignamente no ânimo de Frederico, levando-o a atacar as cidades revoltadas contra os injustos governadores, e a romper com papa Adriano que defendia as cidades.

O chanceler chegou a alterar, na tradução, uma carta do papa, tornando-a ofensiva ao imperador. Adriano resistiu à perseguição. Junto a outros reis, porém, foi acatado pacificador. Morreu em Anagni, 1-9-59. Em seu pobre testamento recomendou à caridade das esmolas da diocese de Cantuária sua velha mãe, que lá vivia humildemente.

ALEXANDRE III (1159-1181)

ALEXANDRE III (1159-1181)

"Um dos homens mais beneméritos da Idade Média, — diz Voltaire — ressuscitou os direitos dos povos e reprimiu os crimes dos reis". Alexandre III chamava-se Rolando Bandinelli, de Siena, insigne jurista e teólogo, professor na Universidade de Bolonha, duas vêzes legado de Adriano IV, cardeal de S. Marcos e chanceler da Igreja. Adversário de Frederico Barba-Roxa, sua eleição foi contrastada pelo partido imperial. O candidato vencido, Otaviano, arrebatou-lhe o manto papal e, apressado, vestiu-o às avessas, para correr pela basílica (apoiado por soldados de Frederico) e proclamar-se vencedor! O imperador pretendeu apoiar êsse louco ridículo, perseguiu as cidades livres, arrasou Milão! Os fugitivos fundaram a cidade de Alexandria, em honra ao seu protetor papa Alexandre, sob cujos auspícios fundou-se também a Liga Lombarda. O Barba-Roxa favoreceu três antipapas, mas foi derrotado na batalha de Legnano (1176). Seus duques ameaçaram abandoná-lo. Então Alexandre obteve o tratado de Veneza, com liberdade para as cidades, perdoou ao imperador, que se lhe tornou amigo, concedeu generosamente altos cargos aos antipapas depostos e ampla anistia a todos. Sempre o grande Pai da Cristandade!

Após sua vitória, Alexandre celebrou o 11.º Conc. Ecumênico, o 3.º Lateranense, com mais de 300 bispos de todo o mundo. Estabeleceu-se a maioria de dois terços de votantes para eleição do papa. Proibiram-se os duelos, os torneios perigosos e a escravização. Condenou-se a heresia dos Cátaros. O papa impôs penitência a Henrique II, da Inglaterra, pela morte do arcebispo S. Tomás Becket; abençoou Afonso, rei de Portugal; confirmou a Ordem da Certosa; canonizou S. Bernardo... Morreu em 30-8-1181.

LÚCIO III (1181-1185)

LÚCIO III (1181-1185)

Nasceu em Lucca o bispo de Ostia e Velletri, cardeal Ubaldo Allucingoli, papa sob o nome de Lúcio III. Os três papas anteriores haviam-lhe confiado missões importantes na França, na Alemanha e na Sicília. Tratara com príncipes e soberanos e tinha muita experiência, aliada à virtude e piedade. Sofreu com a rebeldia dos habitantes de Roma, explorados por agitadores políticos. Os Romanos odiavam a cidade de Túscolo. Assediaram-na, cometendo atos de barbárie. Lúcio interferiu em favor de Túscolo, que era a perseguida. Os Romanos, então, depredaram as igrejas e atacaram o clero em sua cidade. Lúcio retirou-se para Verona, onde veio encontrá-lo o imperador Barba-Roxa, já readmitido à Igreja. Êste imperador estivera outrora com forte exército às portas de Roma combatendo o papa Alexandre III. Deus humilhara seu orgulho: a peste devastou horrìvelmente suas tropas; morreram seus mais valorosos duques e seus mais dedicados bispos simoníacos. O Barba-Roxa, até então invencível, pedira a paz. Lúcio III conseguiu pacificar as cidades da Lombardia com o imperador, respeitando-se os direitos dos Municípios.

Frederico desforrou-se destas perdas no norte, conseguindo no sul o casamento de seu filho Henrique com Constância de Altavilla, herdeira do reino de Sicília e Apúlias. Lúcio absolveu o rei da Inglaterra da censura imposta por Alexandre III, mas não morreu em paz com o imperador. Recusou ceder os direitos da Igreja sôbre a herança que lhe deixara a Condessa Matilde; não reconheceu o arcebispo de Tréveris, arbitràriamente nomeado por Frederico, e se negou a coroar o príncipe herdeiro sem o consentimento dos eleitores. Morreu Lúcio em Verona e foi sepultado na catedral dessa cidade.

URBANO III (1185-1187)

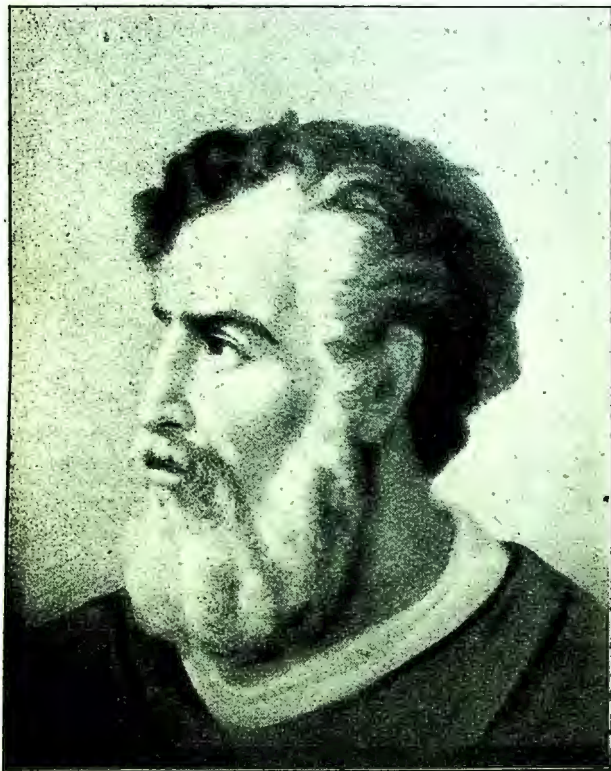
Huberto Crivelli, milanês, da família dos condes de Domo e Lovello, cardeal de S. Lourenço, foi eleito papa Urbano III, em 25-11-85, no mesmo dia da morte de Lúcio III, e em Verona. Era arcebispo de Milão e conservou, como papa, essa diocese. Havia estudado em Bolonha, fôra arcediago de Burges e feito cardeal por Alexandre III. Tendo sido auxiliar dêste grande papa, sua escolha foi mal recebida por Frederico Barba-Roxa. O imperador usurpou os bens deixados à Igreja pela Condessa Matilde, dispôs arbitràriamente de conventos de freiras, deixou a leigos a percepção dos dízimos, expulsos bispos nomeados pelo papa... Pretendendo absorver tôda a Itália, casou seu filho Henrique com a herdeira do reino da Sicília. O papa censurou os bispos que haviam celebrado a cerimônia e coroado Henrique.

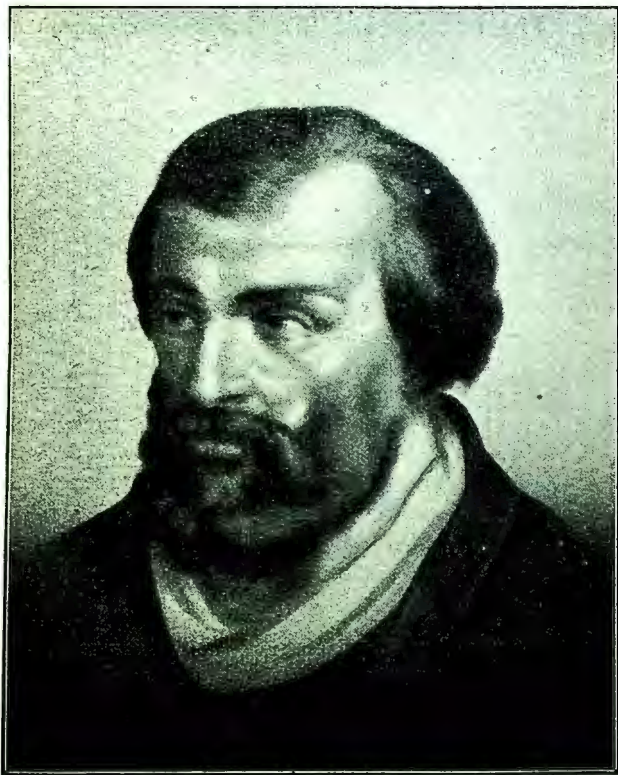
A situação tendia a piorar, quando caiu sôbre a Europa a notícia desoladora: Jerusalém, a cidade santa, conquistada com tantas fadigas e sangue dos Cruzados, sucumbira aos ataques do célebre sultão Saladino! O reino cristão da Palestina durara 88 anos. Em Hattin, perto de Tiberíade, os muçulmanos haviam esmagado o bravo mas imprudente e desunido exército dos cavalheiros cristãos. Comoveu-se a Cristandade em lágrimas de brio e de tardio arrependimento! Esqueceram-se as questões particulares e Frederico Barba-Roxa jurou dirigir uma Cruzada. Urbano III morreu em Ferrara, onde foi sepultado. Morreu de dor pelos desastres na Terra Santa; foi-lhe porém poupada, por falta de tempo (faleceu em 10 de outubro) a notícia do mais triste desastre, a queda de Jerusalém, ocorrida em 3 de outubro dêsse ano de 1187.

GREGÓRIO VIII (1187)

O sucessor de Urbano III foi Alberto de Mora, nascido na cidade de Benevento. Chamou-se Gregório VIII. Foi eleito em Ferrara, onde seu antecessor havia falecido. Homem culto, antigo professor em Bolonha, legado pontifício na Hungria e na Inglaterra, chanceler da Igreja, escrevera algumas obras de valor. Reformou o estilo usado nos documentos pontifícios. Fundou em S. André de Benevento um instituto de cônegos regulares, ditando-lhes um regulamento rico de espírito religioso e de prudentes conselhos. Gregório possuía a rara condição de ser benquisto ao imperador. Tentou pois uma conciliação entre o Barba-Roxa e a Igreja. Escreveu-lhe cartas amistosas e recebeu uma embaixada imperial. As condições da Igreja eram gravíssimas. Gregório programou radicais reformas na cúria romana e no clero em geral. Escreveu aos bispos, recordando-lhes o dever de se manterem em contínua correspondência com Roma, para renovação da disciplina eclesiástica e da santidade de costumes.

Gregório, apesar da avançada idade, viajou até Pisa, para reconciliar essa cidade com a república de Gênova e animá-las à planejada Terceira Cruzada. Êle, de fato, ordenou orações públicas e proclamou a "Trégua de Deus" por sete anos, a fim de que os barões cristãos olvidassem suas questões e lutas particulares e pensassem sèriamente na reconquista do Santo Sepulcro de Cristo na Terra Santa. Passando por Lucca, seu séquito abriu o túmulo do antipapa Otaviano, que se intitulara Vítor IV, e atirou os osssos fora da Igreja. Ato compreensível naqueles tempos, mas sempre reprovável. Morreu Gregório, em Pisa, em 17-12-87.

CLEMENTE III (1187-1191)

CLEMENTE III (1187-1191)

O romano Paulo Scolari, bispo de Palestrina, foi eleito papa, em Pisa, no dia 19-12-1187. Coroado no dia seguinte na catedral daquela cidade, chamou-se Clemente III. Conseguiu restabelecer a paz entre o papado e a república romana. Desde os tempos de Arnaldo de Bréscia que os Romanos combatiam o poder temporal dos papas, obrigando-os a um contínuo e longo exílio. A população da cidade reconhecia afinal que o govêrno paternal do pontífice trazia mais sossêgo e paz que os turbulentos "patrícios". Clemente foi recebido com grande júbilo em Roma. Deu posse ao Senado no Capitólio, cunhou moeda e restaurou os muros da cidade. Empenhou-se logo em prol da Cruzada. Felipe Augusto de França e Henrique II da Inglaterra reconciliaram-se e decidiram participar da emprêsa. O rei inglês morreu nos preparativos, mas seu filho Ricardo continuou a arregimentar fôrças. Frederico Barba-Roxa também partiu para a Terra Santa. Excelente chefe militar, levou 100.000 homens bem organizados. Apesar da oposição do imperador grego Isaque Ângelo, atravessou a Anatólia e a Armênia, porém afogou-se no rio Salef (1190) por imprudência. Suas tropas continuaram a viagem, desanimadas. Assim mesmo, unidas aos franceses e ingleses, conquistaram Ptolemaide, chamada São João de Acre, a maior fortaleza muçulmana. Desavieram-se, porém, os reis Felipe e Ricardo Coração de Leão e a 3.ª Cruzada não teve o êxito que se esperava de reis de exércitos tão poderosos. O espírito independente dos senhores medievais não permitia uma ação conjunta eficiente. Ricardo deixou nome legendário na Palestina. Clemente III morreu em março de 1191.

CELESTINO III (1191-1198)

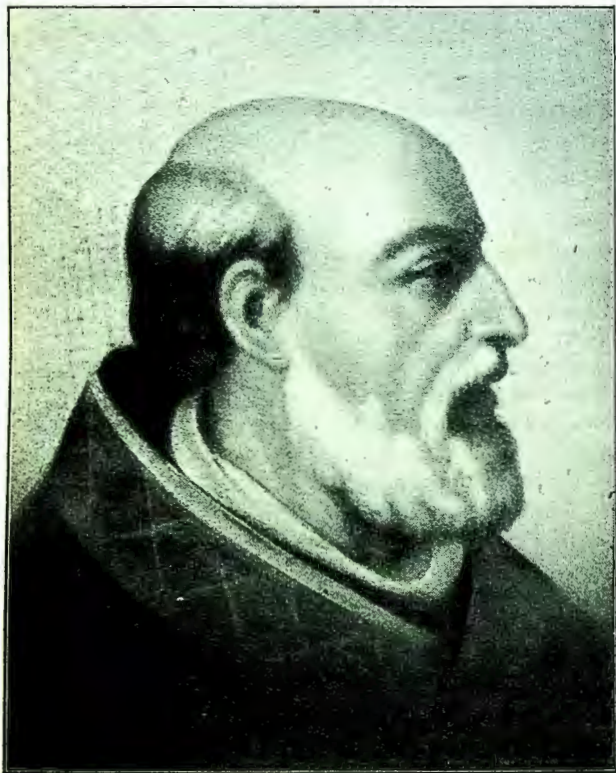
CELESTINO III (1191-1198)

Jacinto Bobo, da rica família dos Orsini, foi eleito papa e sagrado em Roma, com o nome de Celestino III e com a idade de 85 anos. Morreu em 8-1-1198 com 92 anos. — Estava então em Roma o imperador germânico. No dia seguinte à sua coroação, 14 de abril, Celestino coroou o soberano, Henrique VI, e sua espôsa Constância. O imperador, porém, manchou seu govêrno logo de início: permitiu aos Romanos a destruição da rival cidade de Túsculo (cidade de M. Túlio Cicero), que foi arrasada, sendo seus habitantes dizimados. Os que escaparam construiram depois palhoças (*frasche*), donde o atual nome de Frascati. — Henrique pretendeu conquistar a Sicília aos parentes de sua espôsa, mas uma epidemia abateu seu exército, e a imperatriz, aprisionada, só foi restituída à liberdade pela interferência enérgica do papa. Voltou mais tarde Henrique e conseguiu conquistar o sul da Itália à custa de atrocidades, — inclusive cegar o jovem e legítimo soberano, enquanto procurava iludir o papa com as promessa de uma Cruzada. Permitiu que seu súdito, o duque Leopoldo da Áustria, prendesse e conservasse no cárcere o glorioso Ricardo Coração de Leão, rei da Inglaterra, que voltava da Terra Santa! O papa Celestino excomungou Leopoldo e ameaçou o imperador. Êste morreu aos 32 anos de idade, após ver fracassados seus ambiciosos planos. O papa foi também inflexível com Felipe Augusto da França, que se separara da infeliz rainha Ingeburg e até obtivera divórcio num sínodo de bispos aduladores do rei. Celestino consagrou belas igrejas em Roma. Protegeu mosteiros. Favoreceu as Ordens Militares: Templários, Hospitalários e Teutônicos. Canonizou S. João Gualberto, fundador de Valeumbrosa.

INOCÊNCIO III (1198-1216)

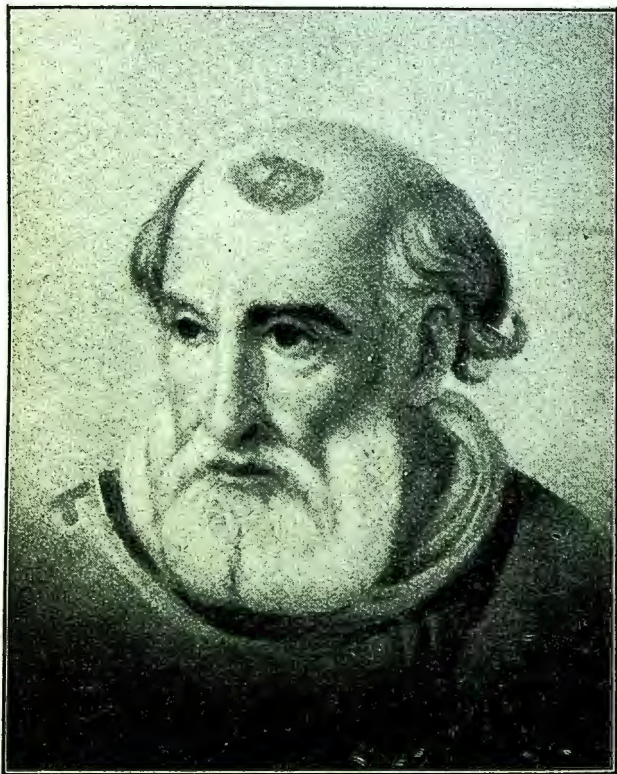
INOCÊNCIO III (1198-1216)

O cardeal Lotário Conti, dos condes de Segni, obteve votação unânime para se tornar, aos 38 anos de idade, o célebre papa Inocêncio III (8-1-98). Nasceu em Anagni. Formou-se em Teologia em Paris, e em Direito por Bolonha. Seu programa: reavivar o sentimento religioso, extirpar abusos, pacificar os príncipes, salvar a Igreja no Oriente. Começou por reformar a Côrte Pontifícia. Recenseou o povo. Favoreceu as classes média e pobre. Impôs-se em Roma. // No Império Germânico pôs fim à grande guerra civil: — Oto IV casou-se com a filha do adversário e foi coroado em Roma. Tendo, porém, sido perjuro, foi excomungado, deposto e substituído por Frederico II, por decisão do papa. // Na França Felipe Augusto viu-se obrigado a readmitir a legítima e abandonada espôsa Ingeburg. // O mau rei inglês, João Sem-Terra, submeteu-se ante a excomunhão que lhe faria perder o trono. O barões inglêses tiveram então a *Magna Charta* (leis e liberdade). // Na Espanha o papa desfez o casamento de Afonso IX com uma parenta, negou o divórcio impetrado por Pedro II de Aragão e auxiliou a vitória de Navas de Tolosa (1212), na qual os reis cristãos quebrantaram para sempre o poderio árabe. // No Oriente Inocêncio viu com indignação a 4.ª Cruzada transformar-se na ambiciosa conquista de Constantinopla (1204). E viu com tristeza perder-se miseramente a imprudente Cruzada das Crianças (milhares de meninos que a esmo partiram).

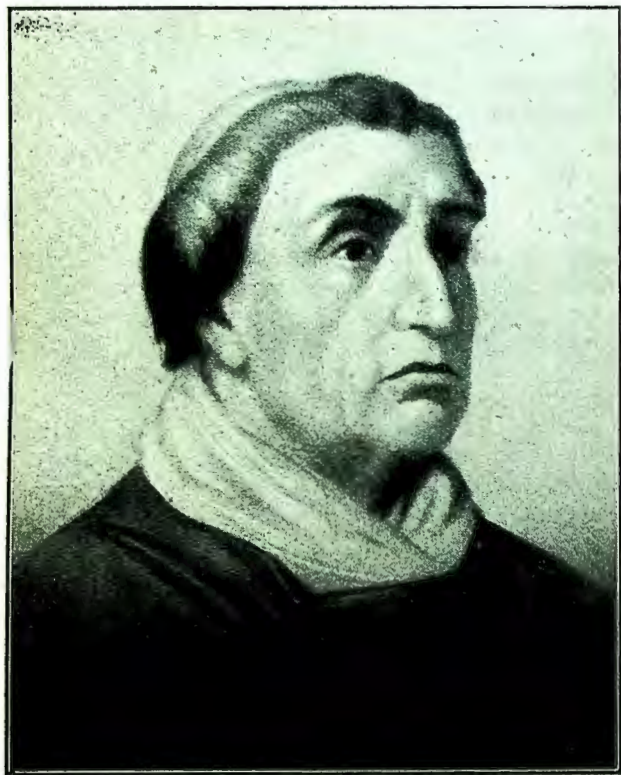
Combateu os hereges Albigenses no Sul da França. Aprovou as emprêsas dos grandes Santos, Domingos de Gusmão e Francisco de Assis, colunas da Igreja. Celebrou o 12.º Concílio Ecumênico, 4.º Lateranense, com 1200 conciliares. // Morreu o grande pontífice em Perúgia, aos 16-6-1216.

HONÓRIO III (1216-1227)

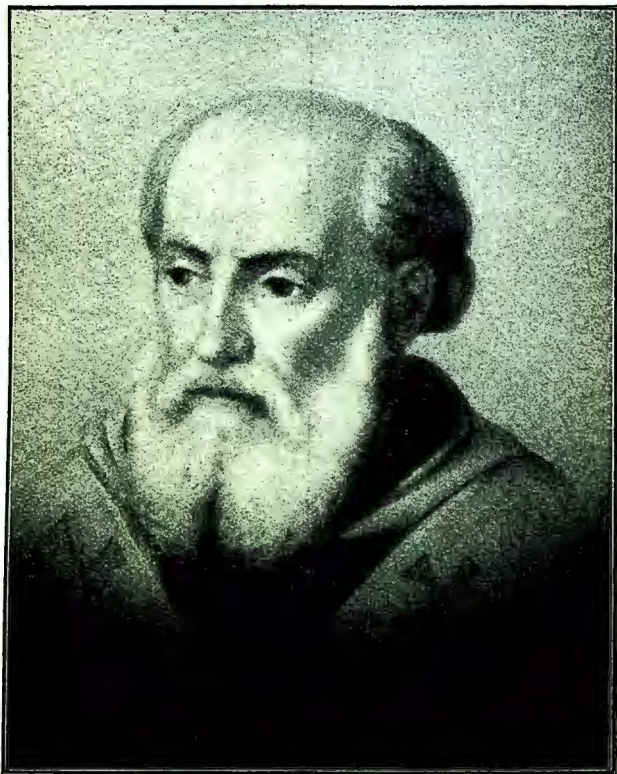
HONÓRIO III (1216-1227)

O romano Cencio Savelli, filho de Amalarico, foi eleito em Perúgia, 18-7-1216, chamando-se Honório III. Como administrador da Câmara Apostólica, o cardeal Savelli organizou o "libro dei Censi", — precioso registro de rendas, de documentos de doações e privilégios, — o "Ordo Romanus", ritual para as cerimônias da coroação de papa e de príncipes etc... Honório já estava muito idoso. Era venerado por todos. Continuou com zêlo as realizações de Inocêncio III. Coroou em Roma dois imperadores: Pedro de Constantinopla e Frederico II da Germânia — Oriente e Ocidente! Na 5.ª Cruzada (1218) Leopoldo da Austria e João de Brienne, rei de Jerusalém, venceram o sultão do Egito, mas o imperador Frederico faltou ao jurado auxílio e apenas negociou umas vantagens transitórias para os Cristãos na Terra Santa (1229).

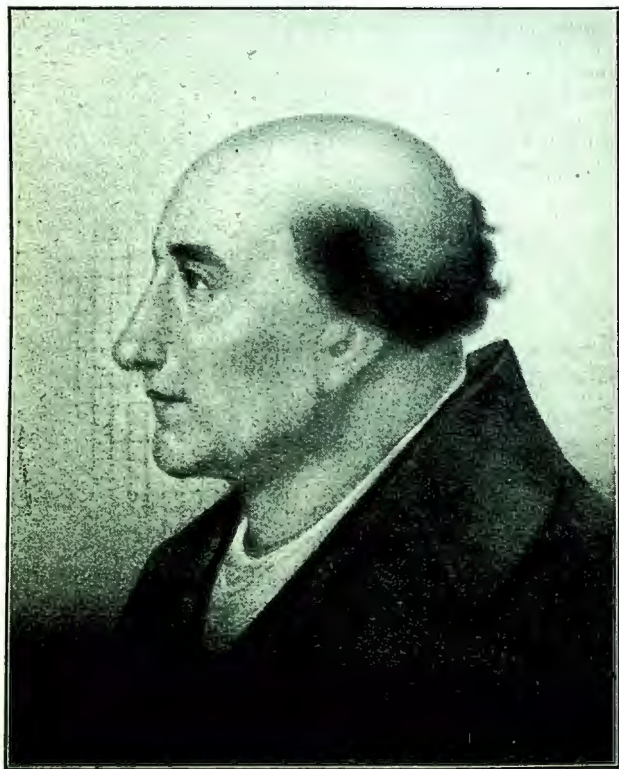
Honório pacificou nova e cruel guerra entre Gênova e Pisa e libertou os prisioneiros. Com zêlo fomentou a difusão do Cristianismo por meio dos reis Henrique III da Inglaterra, Valdemar da Dinamarca e Henrique da Suécia. Enviou legados à Polônia e à Rússia. Exortou com sábios conselhos a São Fernando, rei de Castela, na luta contra os Mouros para a libertação da Espanha. Defendeu a integridade do matrimônio no caso de Bela da Hungria. Aprovou a Ordem dos Pregadores (22-12-1216), de S. Domingos de Gusmão, a quem deu o título de "mestre do Palácio". Sancionou em 29-11-1223 a Regra da Ordem dos Frades do "Poverello" Francisco de Assis († 1226). Dominicanos e Franciscanos foram válido apoio à Igreja, e o nome de Honório III só por êsses atos mereceria a memória dos séculos. Morreu o pontífice em 18-3-27, sendo sepultado em S. Maria Maior (Roma).

GREGÓRIO IX (1227-1241)

GREGÓRIO IX (1227-1241)

Em 19-3-1227 foi eleito em Roma o papa Gregório IX. Chamava-se Ugolino, era cardeal bispo de Ostia, da família dos Conti, de Anagni. Era parente de Inocêncio III, de quem foi digno êmulo em grandes emprêsas. Tinha 83 anos e morreu quase centenário. Eleito, escreveu logo ao imperador Frederico II lembrando-lhe o juramento feito de partir para a Cruzada e a necessidade de mudar sua vida dissoluta. Frederico tentou iludir o Pontífice, contemporizando; entrementes se apropriava de terras alheias e destruía as heróicas cidades livres do norte da Itália, auxiliado pelo sanguinário Ezzelino. E os Cruzados pereciam! O papa convocou um concílio, mas Frederico mandou prender, em alto mar, 300 bispos franceses e inglêses, e assediou pessoalmente Roma! Então o velho pontífice mandou realizar uma solene procissão com a relíquia da Santa Cruz, e o povo, empolgado de um súbito entusiasmo, correu às armas e repeliu o exército imperial. Entretanto, quando o príncipe Henrique se rebelou contra Frederico, o papa defendeu os direitos do pai e soberano, e excomungou o filho revoltoso. Em 21-8-41 descansou o indomável pontífice, enfrentando ainda, apesar dos seus 98 anos, o inimigo em armas. Foi autor das célebres "Decretais". Organizou, contra os herejes, os tribunais da Inquisição, confiando-os aos Dominicanos. Aprovou algumas obras de Aristóteles como subsídio à filosofia cristã. Apoiou a reforma dos Cluniacenses e confirmou a Ordem dos Mercedários (redenção dos cativos). Canonizou S. Francisco de Assis (16-7-28), S. António de Pádua (30-5-32), S. Domingos (13-7-34) e S. Isabel de Turíngia (maio de 35). Enérgico, Gregório defendeu o rei da Inglaterra contra seus barões e manteve os direitos da Igreja até contra o Santo Rei, Luís IX de França.

CELESTINO IV (1241)

O imperador Frederico II, então todo-poderoso na Europa, anunciou jubiloso a morte de seu antagonista, o papa Gregório IX. Êsse júbilo bem demonstra o valor da Sé de Pedro, pois o papa falecido era um inerme ancião, quase centenário. O papa falecido havia convocado um concílio. O imperador fizera atacar as naves genovesas que transportavam centenas de prelados. Morreram alguns no combate naval e outros nas prisões. Foram libertados apenas os franceses, em vista da enérgica intervenção de S. Luís IX da França. Frederico assediava ainda Roma. Morto Gregório, o imperador permitiu aos cardeais presos que tomassem parte no conclave, sob a condição de voltarem à prisão — o que os eleitores fizeram conscienciosamente. O Senado romano, receando a continuação da guerra, encerrou os cardeais no Mosteiro de Septigônio para uma rápida eleição. Assim mesmo houve demoradas discussões entre "gregorianos", decididos a resistirem ao imperador, e os moderados, que propunham um acô-r do. Após a clausura forçada, em que morreu um cardeal velho e doente, foi eleito o também doente e velho Godofredo, milanês, filho de João Castiglioni, e sobrinho do papa Urbano III. O eleito assumiu o nome de Celestino IV. Havia sido monge cisterciense em Altacomba, onde escreveu a História do Reino da Escócia. Fôra depois cardeal de São Marcos e bispo de Sabina. Velho e enfêrmo, escolhido talvez por isso mesmo para se ganhar tempo, morreu dezessete dias depois, sem haver sido coroado. Foi sepultado na basílica de São Pedro. Não teve tempo de cuidar do problema urgente da libertação e independência do govêrno pontifício na assediada Roma.

INOCÊNCIO IV (1243-1254)

INOCÊNCIO IV (1243-1254)

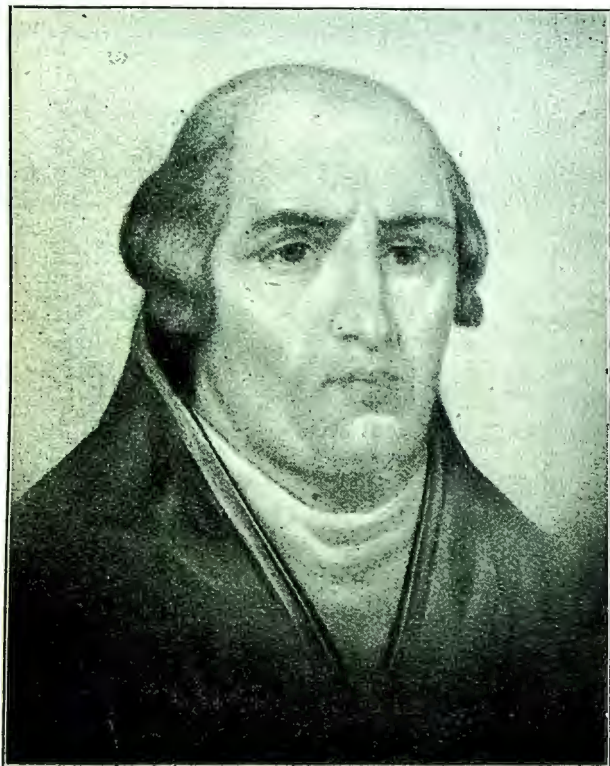
À morte de Celestino IV a Santa Sé ficou vaga por quase dois anos, porque o imperador Frederico II retinha presos vários cardeais e cercava Roma. Só em 25-6-1243, em Anagni, foi eleito o cardeal Sinibaldo dei Fieschi, genovês, conde de Lavagna, que escolheu o nome de Inocêncio IV. Estudara Direito em Bolonha e foi um dos maiores juristas de seu século. Caráter firme, exigiu do imperador que libertasse os prelados presos e anulou as nomeações feitas por Frederico. Prevenindo uma emboscada do partido imperial, fugiu para a França, onde reuniu (1245) no imponente 13.º Conc. Ecumênico, 1.º Lugdunense, reis, bispos e príncipes. A fuga do pontífice comoveu o mundo cristão e vibrou duro golpe na dignidade do imperador, o qual então enviou representantes que o defendessem no concílio. O papa, nessa reunião, lamentou os pecados do Clero, a mísera condição dos Cristãos na Palestina, a ferocidade dos Tártaros que haviam invadido a Hungria, as lutas contra Frederico e os pecadores em geral. Pregou a Sexta Cruzada, à qual apenas S. Luís, rei de França, deu completo apoio: rumou para o Egito, derrotou os Muçulmanos, ocupou Damieta, mas caiu prisioneiro por imprudência de seus afoitos barões (6-4-1250). Impressionou fortemente os inimigos por sua santidade. Livre, resgatou milhares de cristãos na Terra Santa. Frederico II continuou suas atrocidades, morrendo em 1250; confessou-se ao arcebispo de Palermo e foi sepultado na catedral dessa cidade. Inocêncio enviou missões aos Mongóis. Aprovou a Ordem dos Silvestrinos e os Servos de Maria de Florença. Confirmou aos Eslavos o uso da língua nacional nos ofícios divinos. Morreu em Nápoles, 7-12-1254.

ALEXANDRE IV (1254-1261)

O cardeal Reinaldo, dos condes de Segni, de Anagni, sobrinho de Gregório IX, foi eleito papa com o nome de Alexandre IV, em Nápoles, onde morrera seu antecessor Inocêncio IV. — Homem integérrimo, mas debilitado pela avançada idade, não teve a energia necessária ao seu tempo. Não conseguiu dominar uma rebelião contra o prefeito de Roma e partiu para Anagni. No norte da Itália o terrível e feroz Ezzelino morria mìseramente. No sul, Manfredi, descendente de Frederico II, usurpava o trono da Sicília a seu sobrinho Conradino e era excomungado por Alexandre, mas tomava vingança hostilizando em Roma o papa, que morreu em Viterbo, 25-5-1261.

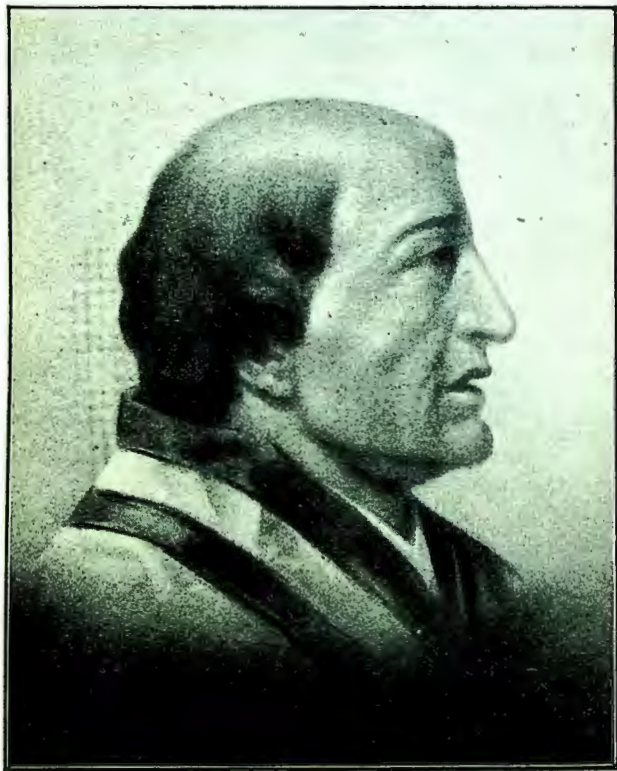
Fenômeno curioso dêsses tempos: a seita dos Flagelantes. Um terror estranho espalhou-se pelo centro da Itália: bandos de escaveirados devotos, semi-nus, atravessavam as cidades e os campos, flagelando-se a sangue, pregando a penitência e invocando a misericórdia divina. Surgiram também teorias e práticas religiosas extravagantes como a dos "Apocalípticos". Até o 7.º Geral dos Franciscanos escreveu um livro, condenado por extremista. Alexandre IV, porém, defendeu os Mendicantes Franciscanos. Como cardeal havia pregado nos funerais da Fundadora das Clarissas (11-8-1253); como papa, canonizou-a: — Santa Clara, de Assis. Grande foi a atividade dêste papa pelas Missões e pela união da Igreja Grega; estava em tratativas com o imperador bizantino Teodoro para o bom govêrno dos católicos na Rússia, quando faleceu. Nota-se a boa vontade de todos os Papas em fazer voltar as ovelhas dispersas ao Rebanho de Um só Pastor.

URBANO IV (1261-1264)

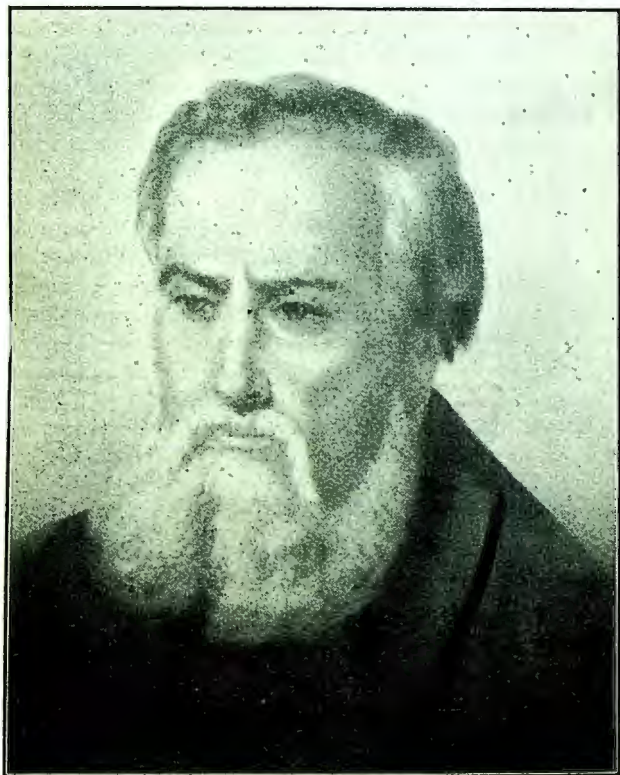
Reunidos em Viterbo, os cardeais eleitores escolheram um eclesiástico francês, não cardeal: Jacques de Troyes, natural da Champanha (França). De família paupérrima, Urbano IV jamais se envergonhou de ser filho de um sapateiro, recordando muitas vêzes a bondade de Deus que o elevara ao pontificado. Com esfôrço estudou em Paris. Foi arcediago de Liège, arcebispo de Verdun e patriarca de Jerusalém em 1255. Nunca estêve em Roma. Tôda a Itália dividia-se então em dois partidos: Guibelinos imperiais e Guelfos, nacionalistas, pontifícios. Entre os dois partidos interferiu o astuto Carlos de Anju, muito diferente, em caráter, de seu irmão S. Luís de França. Iludiu Carlos ao papa, apontando-lhe as visíveis desgraças da luta civil e fratricida. Conseguiu assim, impulsionado pela ambiciosa espôsa Beatriz de Provença, apresentar-se como campeão da paz na Itália... para fundar um reino em proveito próprio.

Urbano IV foi escolhido como arbitro por Afonso de Castela (Espanha) e Ricardo de Cornalha (Inglaterra), pretendentes à coroa imperial da Alemanha. Enquanto, porém, atendia a essa importante pendência, faleceu o papa aos 2-10-64 em Perúgia, em cuja catedral foi sepultado. Urbano, sábio e prudente, recomendou aos tribunais da Inquisição normas de justiça e moderação. Em 1264, nos últimos meses de seu pontificado, coroou sua vida com a instituição, para a Igreja Universal, da festa do Corpo de Deus (Corpus Christi). O devoto ofício dessa festa, e particularmente os magníficos hinos, foram escritos por S. Tomás de Aquino, o excelso e profundo Mestre, "o mais sábio dos Santos e o mais santo dos Sábios".

CLEMENTE IV (1265-1268)

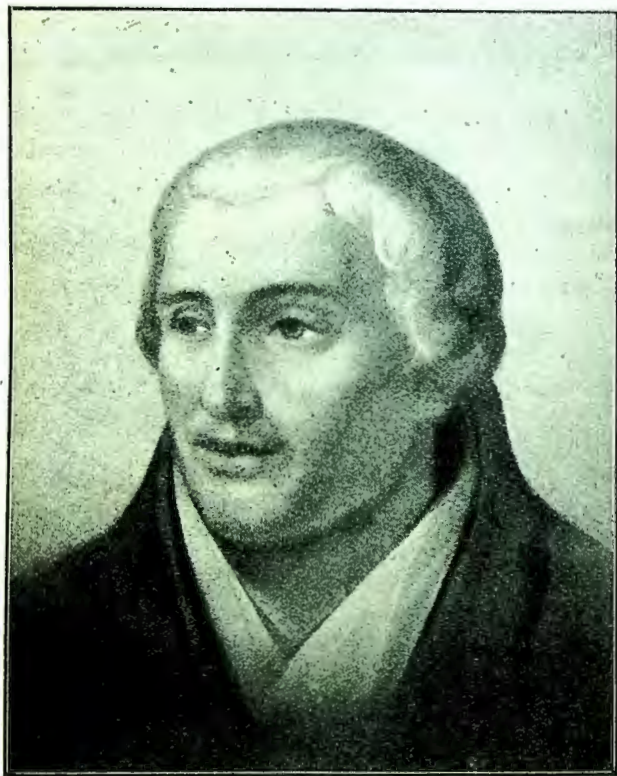
Outro francês, Guy Le Gross Foucauld de Saint Gilles, da Provença, no pontificado. Estava ausente por ser legado pontifício. Foi eleito e coroado em Perúgia. Chamou-se Clemente IV. Havia sido magistrado do rei Luís IX de França. Era excelente jurista. Enviuvando, fêz-se eclesiástico. Foi bispo de Puy, arcebispo de Narbona e, em 1262, cardeal de S. Sabina. Já idoso e amante da paz, Clemente aceitou a tiara com relutância. Opôs-se ao rei usurpador Manfredi e apoiou Carlos de Anju na conquista do sul da Itália. Manfredi morreu em combate. Seu sobrinho, o jovem e infortunado Conradino de Suábia, acorreu da Alemanha e, contra os conselhos do papa, proclamou-se rei da Sicília e em Roma foi aclamado imperador. Vencido, porém, em Tagliacozzo (1268), fugiu, foi traído pelo romano João Frangipani e vendido a Carlos. O indigno irmão de S. Luís mandou decapitar o jovem Conradino, de 16 anos, neto de imperadores, o qual morreu cristâmente, como um bravo, lamentando apenas a suadade que sofreria sua mãe!

Outras crueldades do rei Carlos de Anju granjearam-lhe um ódio implacável e duradouro e causaram imensa amargura ao papa Clemente, que calculara mal as conseqüências de seu decisivo apoio ao impassível Anju, surdo às exortações do pontífice. Clemente tentou resolver a questão da coroa imperial germânica, disputada pelos dois reis eleitos, Ricardo de Inglaterra e Afonso de Castela, mas não teve tempo, morrendo em Viterbo, 29-12-1268. Foi sepultado na igreja dos Dominicanos, onde sempre residira. Com suas bênçãos ainda combatiam Cruzados na Terra Santa.

10 de janeiro — GREGÓRIO X (1272-1276) — Bem-aventurado

À morte de Clemente IV a Europa estava em grande fervor religioso, empanado por grave crise política. O Império tinha dois pretendentes em luta. À Itália repugnava Carlos de Anju. Roma tumultuava. A França curvava-se ante o tremendo golpe da morte de S. Luís IX, que sucumbira de peste, com seu exército, na conquistada Túnis, final melancólico da 7.ª e última Cruzada. A Hungria e a Rússia eram devastadas pelos Tártaros. Na Espanha continuava a luta de reconquista contra os Árabes. // Nessas circunstâncias, após três anos de vacância, foi eleito papa Teobaldo Visconti, de Piacenza. Achava-se então em S. João de Acre com seu amigo o príncipe Eduardo da Inglaterra. Acompanhado pelo Anju, recebeu a coroa papal em Roma e adotou o nome de Gregório X. Pacificou o Império, aconselhando nova eleição, em que surgiu escolhido o conde Rodolfo, tronco da poderosa dinastia dos Habsburgo. Recriminou a cruel política de Carlos de Anju, rei da Sicília. Convocou o 14.º Concílio Ecumênico, o 2.º em Lião, com a presença de reis, príncipes e 500 prelados. Realizou então com o imperador Miguel Paleólogo a união da Igreja Grega. Batizou três embaixadores do Grão Khan dos Tártaros. Estabeleceu que se procedesse ràpidamente à eleição do papa, na cidade onde houvesse falecido o anterior pontífice. Para tal seriam os cardeais encerrados (conclave); impor-se-lhes-ia um jejum progressivo para apressar a escolha. // Gregório convidou S. Boaventura, geral dos Franciscanos, para o Concílio, do qual o Santo foi oráculo e orador notável († 15-7-74). Convidou também o grande S. Tomás de Aquino, o qual porém, morreu em viagem, em Fossanova, aos 7-3-74. Gregório faleceu em Arezzo, 10-1-1276, em cuja catedral foi sepultado, venerado como santo.

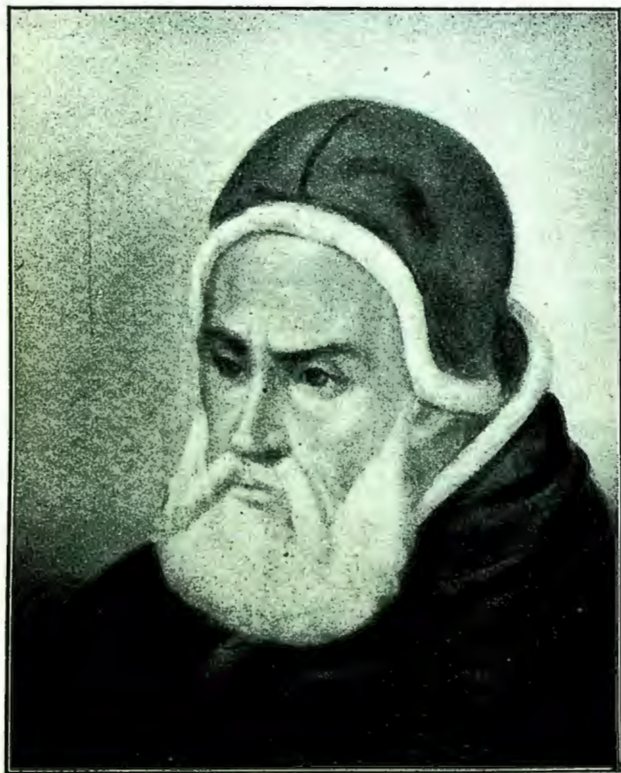
22 de junho — INOCÊNCIO V (1276) — Bem-aventurado

22 de junho — *INOCÊNCIO V* (1276) — **Bem-aventurado**

Em Arezzo, cidade toscana ao norte de Roma, foi eleito em 21-1-1276 o dominicano francês Pedro de Tarantásia, da Savóia, consagrado em Roma sob o nome de Inocêncio V. Tinha 51 anos de idade. Era de família nobre e ilustre. Entrara muito jovem na Ordem dos Pregadores, da qual foi o primeiro Sumo Pontífice. Amigo dos grandes mestres Alberto Magno e Tomás de Aquino, escreveu obras filosóficas, teológicas e bíblicas. Sucedeu a S. Tomás como regente da Universidade de Paris; foi depois provincial e Superior Geral dos Dominicanos. Gregório X nomeou-o arcebispo de Lião, a fim de serenar as discórdias nessa cidade. Foi depois arcebispo de Óstia e cardeal decano do Sacro Colégio.

No grande concílio de Lião mostrou sua doutrina e foi férvido partidário da união da Igreja Grega. Pronunciou o elogio fúnebre de S. Boaventura, morto durante o concílio, e assistiu Gregório X na morte. Como papa, Inocêncio IV pretendeu abrandar o rei Carlos de Anju por meio de infrutíferas concessões, que irritaram Rodolfo de Habsburgo, imperador germânico. Recebeu o papa os legados gregos do concílio de Lião, procurando restabelecer a paz no Oriente. Protegeu Afonso X na gloriosa luta dos Cristãos contra os Mouros na Espanha. Culto e virtuoso, Inocêncio foi regído na disciplina monástica e eficiente protetor das Ordens religiosas. Pena ter a morte truncado seu promissor govêrno. Faleceu em Roma, aos 22 de junho de 1276, deixando fama de grande saber e de acrisoladas virtudes, que lhe valeram fama de santo entre o povo. Leão XIII confirmou-lhe o título de Bem-aventurado.

ADRIANO V (1276)

ADRIANO V (1276)

Ottobono dei Fieschi, de Gênova, velho cardeal diácono, chamou-se Adriano V. Sua eleição durou dezoito dias. O rei Carlos de Anju achava-se então em Roma e muito se empenhou em fazer eleger um pontífice que lhe fôsse favorável. Os cardeais estiveram reunidos em rigidíssimo conclave. Entretanto o Anju teve artes em mandar emissários que procuravam amenizar o jejum dos seus simpatizantes e assim influir na eleição. Apesar dessa insistência do rei, ou por isso mesmo, foi escolhido um notório adversário de Carlos. Em 11 de julho foi elevado ao sólio pontifício o cardeal Ottobono. Era descendente dos condes de Lavagna e sobrinho de Inocêncio IV, que o havia nomeado cardeal. De 1265 a 1267 fôra legado pontifício na Inglaterra, encarregado de recolher os dízimos para a Cruzada. Lá também desempenhou-se com brilho da espinhosa missão de reconciliar o rei Henrique III com seus revoltados barões.

Ottobono, eleito no palácio lateranense, se chamou Adriano por ser diácono da igreja de S. Adriano. Era velho e estava adoentado. Retirou-se por isso para Viterbo, acossado pelos calores do verão romano, fatal a tantos pontífices e príncipes. Esperava melhorar de saúde e voltar a Roma, para ser ordenado sacerdote, sagrado bispo e coroado papa, pois recebera apenas a ordem maior de diácono. Piorou, porém, e morreu em Viterbo mesmo, aos 18 de agôsto, sendo sepultado na igreja dos Frades Menores, após um pontificado de apenas um mês e meio. Foi, pois, um papa que nunca celebrou a S. Missa. A Providência permitiu pontificados longos e breves, quase a recordar à Cristandade que, atrás da frágil humanidade dos papas, paira eterna a divindade de Cristo.

JOAO XXI (1276-1277)

Nascido em Lisboa, Portugal, o papa João XXI chamava-se Pedro Juliano. Foi apelidado o "Clérigo Universal" por seus escritos e acusado de magia por cronistas ignorantes, por motivo da sua grande ciência. Pela numeração modificada após a morte de João XIV e pelo acréscimo do antipapa Philagathos chamado João, nota-se na lista dos papas a falta de um João XX ou XXII, que seria o nosso. No português Pedro Juliano os contemporâneos louvaram as Virtudes e admiraram a sabedoria. Estudou em Paris. Ensinou medicina em Siena. Escreveu obras filosóficas acêrca da lógica aristotélica. Foi deão de Lisboa; em 1273, arcebispo de Braga, e depois cardeal bispo de Túscolo. Coroado papa em 20 de Setembro. Trabalhou muito pela paz. Procurou conciliar o imperador Rodolfo de Habsburgo com o rei Carlos de Anju. Ameaçou de excomunhão a Afonso X de Castela e Felipe III de França, que estavam prestes a se guerrearem. Tentou incitar os príncipes cristãos a nova Cruzada. Amigàvelmente tratou com os longínquos soberanos dos Tártaros e recebeu os embaixadores extraordinários do imperador bizantino Miguel Paleólogo, firmando a união das Igrejas do Oriente e do Ocidente. Sua autoridade influiu junto ao rei da Inglaterra para melhor tratamento aos súditos. Defendeu os direitos da Igreja contra seu antigo soberano, o rei de Portugal. Solicitou ao bispo de Paris informações sôbre doutrinas averroístas que se inflitravam naquela Universidade tão célebre.

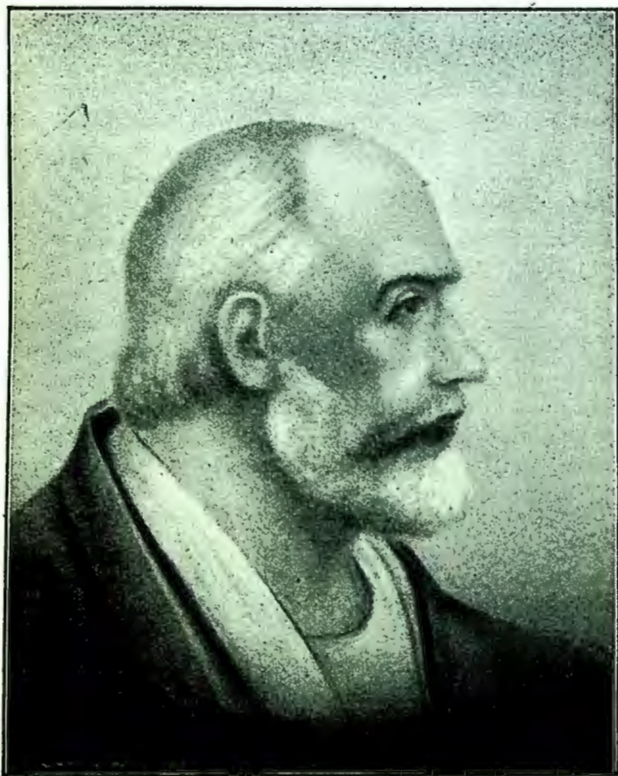
Morreu João XXI em Viterbo, 20-5-77, vítima do desabamento de uma sala de seu palácio. Foi sepultado na catedral de Viterbo o celebrado papa português.

NICOLAU III (1277-1280)

NICOLAU III (1277-1280)

Morto o papa português, a S. Sé permaneceu vaga por meio ano. Os cardeais não chegavam a um acôrdo, por causa das intrigas do rei Carlos de Anju, que desejava um pontífice dócil aos seus planos ambiciosos. Os habitantes de Viterbo, onde se reuniam os cardeais, impacientaram-se, prenderam os votantes em rigoroso conclave e começaram a destelhar o palácio. Finalmente, em 25 de novembro, foi eleito João Caetano Orsini, romano, coroado em 26 de dezembro na basílica de S. Pedro. Adotou o nome de Nicolau III. Era filho do senador Matteo, da poderosa família Orsini.

Cardeal da igreja de S. Nicolau, fôra protetor da Ordem Franciscana e inquisidor-mor. Servira a oito papas e participara da eleição de sete. Conseguiu a paz entre Carlos de Anju e Rodolfo de Habsburgo. Êste imperador restituiu ao Papa os domínios da Igreja, de que se haviam apossado seus antecessores, Barba-Roxa e Frederico II.

Não previu Nicolau as conseqüências funestas do precedente que abriu no govêrno civil da Igreja. Não se fiando, e com razão, dos turbulentos nobres romanos, Nicolau nomeou parentes seus para o govêrno dos territórios pontifícios. É, pois, acusado de ser o fundador do "nepotismo", praga oriunda da fraqueza humana, que, por séculos, causou graves danos à Igreja de Deus. Por êsse motivo Dante Alighieri, na Divina Comédia, coloca êste pontífice no seu "Inferno". Exagêro, sem dúvida, do grande poeta, mas recriminação acertada aos frutos da imprevidência de Nicolau. Êste pontífice, porém, foi extremado em zêlo pelas missões no Oriente Grego e na Tartária, sendo celebrado também pela santidade de vida. Morreu em Viterbo, aos 22 de agôsto. Sepultado no Vaticano.

MARTINHO IV (1281-1285)

MARTINHO IV (1281-1285)

O sucessor de Nicolau III chamou-se Martinho IV, porque depois de S. Martinho I houve dois papas chamados Marino I e II. Como havia fácil confusão de nomes (Marinus e Martinus), êste nosso papa foi numerado IV. Era francês e chamava-se Simão de Brie. Sua eleição foi tumultuosa e trágica. Os partidários do rei Carlos de Anju assaltaram o palácio do conclave, em Viterbo, maltrataram os cardeais Orsini, parentes de Nicolau III, e envenenaram o inglês Roberto de Cantuária. As iniqüidades dos franceses excitaram violenta revolta, que explodiu, no sul, de uma rixa banal, nas conhecidas "Vésperas Sicilianas", em 1282, com grande mortandade dos invasores franceses em tôda a Itália. O reino da Sicília ofereceu-se então ao rei Pedro de Aragão, chamando assim à Península os espanhóis. Rogério Lauria derrotou a esquadra francesa em Malta, e Carlos perdeu o reino. Em Roma os Orsini clamavam pela desforra. O papa, acusado, por ser francês, de amizade ao odiado rei Carlos, pouco conseguiu com seus veementes apelos à paz e contra o derramamento de sangue. A guerra de meio século entre Gênova e Pisa terminou então com a batalha naval de Melória, uma das maiores da Idade Média. Coube a vitória aos genoveses comandados por um Dória, célebre família de almirantes. O papa Martinho empenhou-se em libertar Carlos, o Coxo, filho do Anju e prisioneiro dos aragoneses.

Em 28-3-1285 morreu Martinho IV em Perúgia e foi sepultado na catedral dessa cidade. Foi acusado de haver aplicado demasiadas censuras eclesiásticas e favorecido ao rei Carlos de Anju. É certo, porém, que agiu em boa-fé, procurando, ao conservar a autoridade constituída, que se evitasse a cruel guerra, início da secular luta entre franceses e espanhóis pela posse da Itália.

HONÓRIO IV (1285-1287)

HONÓRIO IV (1285-1287)

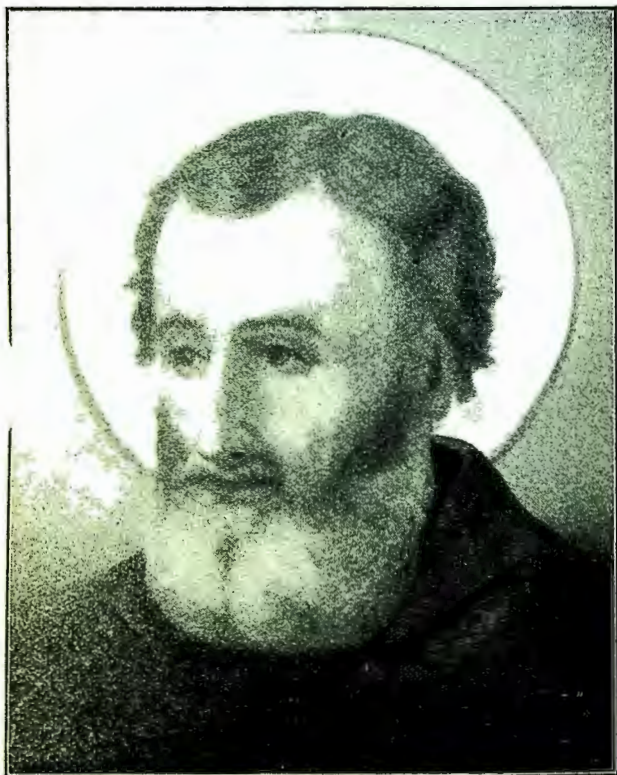
Jacó ou Tiago Savelli foi eleito pontífice em 2-4-1285. Adotou o nome de Honório IV em memória do seu glorioso parente, Honório III. Era filho do senador Lucas Savelli e da condessa Joana de Santa Fiora. Sua eleição foi tranqüila, pois já havia morrido, em janeiro, o rei Carlos de Anju, o ambicioso rei da Sicília. Honório era já idoso e doentio. A custo podia celebrar a missa. Seu irmão Pandolfo, paralítico, era governador de Roma. Caso extraordinário o dêstes dois irmãos, velhos e doentes! Possuíam ambos excepcional aptidão para o govêrno religioso e civil. Roma gozou dois anos de perfeita paz e rara prosperidade! Honório conseguiu que Eduardo V da Inglaterra e Rodolfo da Alemanha interferissem para minorar-se a devastação produzida pela guerra entre franceses e aragoneses na Sicília e em Nápoles. Com sábios conselhos incitou a sociedade à fraternidade cristã, mas combateu os nobres prepotentes. Defendeu a santidade do matrimônio, obrigando Ladislau IV, rei da Hungria, a readmitir a legítima espôsa. Criou na Universidade de Paris um Curso Poliglota, destinado a facilitar a conversão dos Muçulmanos, dos Eslavos e dos Orientais. (Os missionários, máxime os franciscanos, penetravam então terras longínquas, até a Etiópia, até a misteriosa China... Por meio dos missionários o célebre Marco Polo enveredou para o Império Celeste dos amarelos).

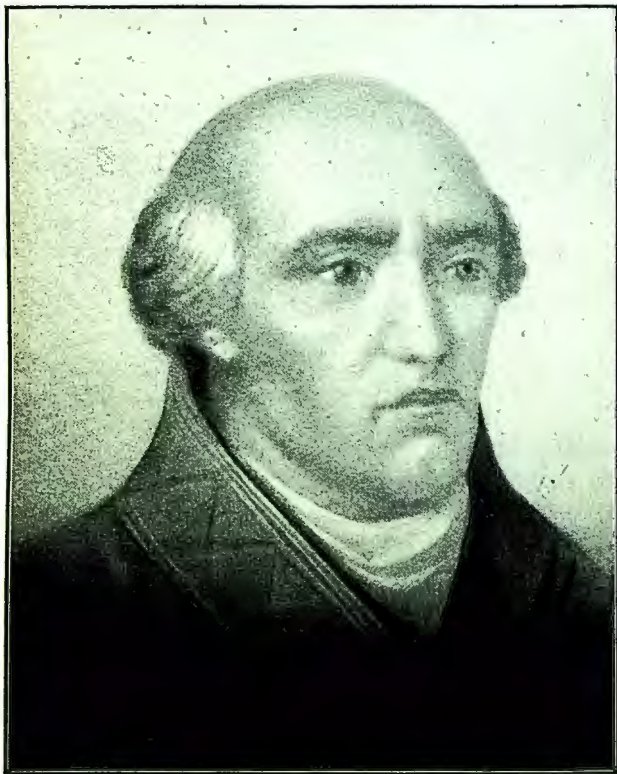
Honório proibiu a fundação de novas ordens religiosas sem a licença da S. Sé. Condenou o êrro dos "frades apostólicos", místicos fanáticos. Confirmou e estimulou a Ordem dos Carmelitas, difundida por S. Simão Stock e aprovada em 1226 por Honório III. O nosso pontífice morreu em 3 de abril no Aventino, Roma. Sepultado no Vaticano; transferido mais tarde para Aracoeli, junto ao túmulo de sua progenitora.

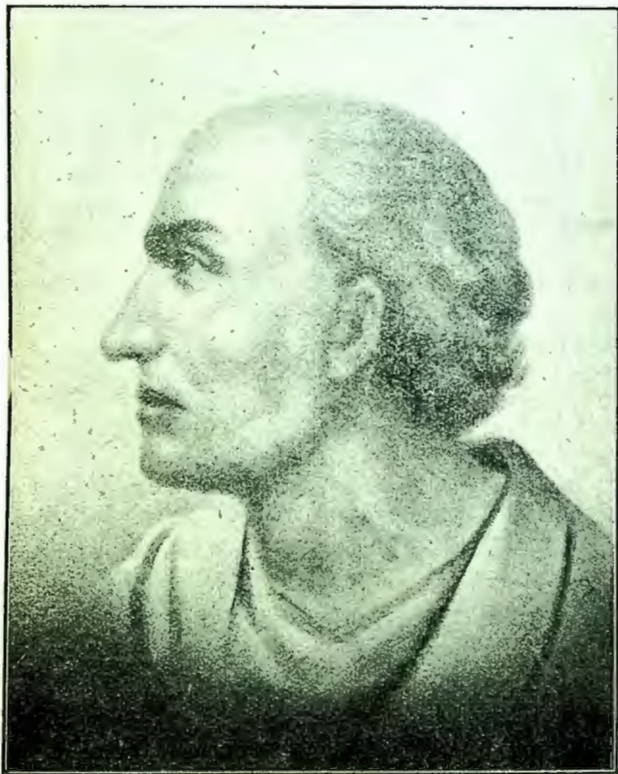
NICOLAU IV (1288-1292)

NICOLAU IV (1288-1292)

Demoraram-se os cardeais na escolha do sucessor de Honório IV. O verão fôra muito maligno em Roma: um calor excessivo, seguido de uma febre pestilencial, atacou e devastou a cidade. Morreram seis cardeais! Os demais fugiram com grande maioria da população. Do desfeito conclave permaneceu apenas um eleitor, cuidando de doentes e desafiando a morte, à espera dos colegas. Era êste Frei Jerônimo de Áscoli, cardeal bispo de Palestrina. Foi êle eleito pelos que regressaram. Chamou-se Nicolau IV. De família muito pobre, fizera-se frade do glorioso S. Francisco de Assis e fôra Geral da Ordem. O primeiro papa franciscano. "Religioso de muita piedade, teve em mira apenas pacificar o mundo, vencer as heresias, armar nova cruzada e propagar o império de Cristo".

Continuava a guerra pela posse da Sicília e de Nápoles, quando chegou a triste nova da queda de Ptolemaide (S. João de Acre), 1291 — a última fortaleza cristã na Terra Santa. Nicolau insistira com os príncipes cristão por auxílio à praça, mas pregou no deserto. A ambição prendia-os em guerras com os vizinhos. Os nobres romanos digladiavam-se na luta entre as famílias Orsini e Colonna. Honório IV protegeu a fundação das Universidades de Montpellier e Macerata, as escolas públicas de Pádua e concedeu privilégios à Universidade de Portugal (Lisboa-Coimbra). Embelezou basílicas com mosaicos e obras de arte. Reprovou a vida licenciosa de Ladislau da Hungria e dos barões inglêses. Nomeou bispos para a Etiópia (Abissínia), Pérsia e Marrocos. Morreu em 4-4-92, no palácio que construíra perto da igreja de S. Maria Maior, em Roma.

19 de maio — S. CELESTINO V (1294) — Confessor

As lutas entre os Orsini e os Colonna, as epidemias e outros males, afugentaram de Roma os cardeais eleitores, por 27 meses! Afinal o velho cardeal Latino mostrou aos colegas as cartas de um piedoso eremita, que os ameaçava com os castigos divinos se deixassem a Igreja sem Pastor por mais tempo! Êsse eremita chamava-se Pedro Morrone. Foi êle escolhido por unanimidade para papa. Era um asceta, fundador de monges. Uma vistosa procissão foi buscá-lo ao seu áspero retiro nos montes. O velho eremita, de 72 anos, em sua mísera e gloriosa túnica, foi trazido em brilhante montaria, cujas rédeas eram seguras por dois reis: Carlos II de Anju e seu filho! Coroado em agôsto, chamou-se Celestino V. O santo homem, porém, não se adatava ao cargo, que aceitara sob o temor de contrariar a vontade de Deus. Deixou-se iludir pelo rei de Nápoles, nomeou 13 cardeais indicados pelo rei, prodigalizou privilégios e cargos. Assustado, depôs em público consistório, nas mãos de seus eleitores, o elevado encargo. Fugiu depois humildemente para as penedias desertas de Morrone, onde fôra tão feliz. Seu sucessor, porém, Bonifácio VIII, temendo muito justamente que o santo, mas desavisado monge, fôsse utilizado pelos fautores de desordens, mandou encerrá-lo com alguns de seus frades no convento do Monte Fumone. Os inimigos de Bonifácio, os que pretendiam aproveitar-se da inexperiência do santo eremita, acusaram seu sucessor dos maiores crimes contra o inócuo Celestino, que morreu em 19-5-96 e foi sepultado em Áquila. Seu epitáfio diz bem: "colocado no mais alto trono da terra por imprudência dos eleitores, voltou ao pó que o vento eleva aos céus pelo mérito de sua retidão e humildade". S. Celestino V foi canonizado por Clemente V em 5-5-1313.

BONIFÁCIO VIII (1294-1303)

Celestino V depôs a tiara, intimidado pela responsabilidade. É calúnia vil que o Cardeal Caetani, à noite, simulando voz celeste por meio de um porta-voz, o aterrorizasse induzindo-o à renúncia. Bento Caetani foi eleito, aos 61 anos de idade, por 23 cardeais, em Nápoles. Acompanhado por dois reis até Roma, lá foi coroado com o nome de Bonifácio VIII. Nasceu em Anagni. Formou-se em Direito. Legado do papa a fim de evitar o duelo entre os reis Carlos I de Anju e Pedro de Aragão. Como papa, pacificou reis e nações. Iniciou a comemoração do "Jubileu", Ano Santo. O primeiro, em 1300, foi maravilhoso, atraindo a Roma quase dois milhões de peregrinos de tôda a Cristandade. Cimabue, Dante Alighieri, Giotto..... foram humildes peregrinos. Bonifácio, porém, sofreu muito. Repreendeu abusos, não poupando nem os cardeais nem a nobreza, o que lhe valeu libelos difamatórios. Dante Alighieri, exilado de Florença, 1301, por um partido que apoiava o papa, colocou no seu "Inferno" a Bonifácio e a S. Celestino V (êste porque renunciara...). Petrarca, ao invés, elogia-os. Êste papa sustentou heróica luta contra Felipe, o Belo, rei de França, que pretendia sujeitar a Igreja. Em 1297 Bonifácio canonizou S. Luís IX, avô de Felipe, mas êste continuou em suas absurdas pretensões. Irritado com a firmeza do pontífice, insuflou Felipe uma rebelião. Sciarra Colonna e Nogaret, seus partidários, invadiram Anagni e o primeiro esbofeteou o velho Bonifácio VIII. O povo romano, indignado, acorreu em armas e levou triunfalmente a Roma o papa. Êste, porém, doente e sensível, morreu em 11-11-1303. Teve defeitos humanos, mas seus inimigos ocultaram — era natural — suas virtudes, seus méritos e sua heroicidade em defender os direitos de Deus.

7 de julho — BENTO XI (1303-1304) — Bem-aventurado

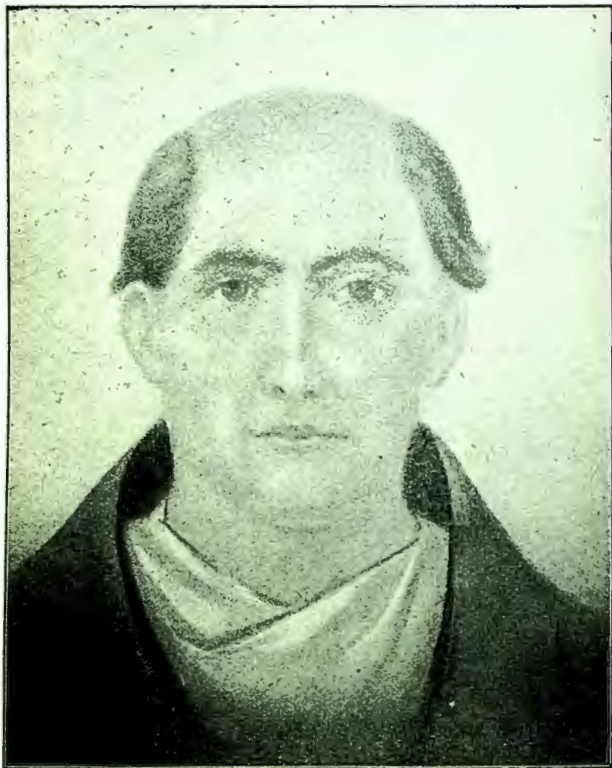
Do conclave de um só dia saiu eleito Nicolau Bocassino, o fiel cardeal que restara impertérrito ao lado de Bonifácio VIII na hora da amargura. Esta eleição desagradou ao rei de França, Felipe, o Belo. O novo papa chamou-se Bento XI, para não se confundir com o antipapa João de Velletri (1060), que se intitulara Bento X. Nasceu Bocassino em Treviso, perto de Veneza, filho de um escrivão. Era dominicano, fôra Superior geral de sua Ordem e legado pontifício na Hungria. Homem muito equilibrado e virtuoso, quis um programa de paz e justiça. Perdoou muito, menos aos culpados da afronta sacrílega ao seu antecessor, em Anagni, aos quais excomungou com a bula *Flagitiosum scelus*.

Um mês depois morria Bento XI em Perúgia, em julho de 1304, de um mal rápido e violento, aos 64 anos de idade. Consta que foi assassinado, ou melhor, martirizado, a mando de Guilherme Nogaret e Sciarra Colonna, os dois nobres excomungados pela bula. (Um pajem, disfarçado em servente das Freiras de S. Petronila, teria levado ao pontífice uns belos figos envenenados, como se fôssem um respeitoso presente da abadessa). A igreja dominicana de S. Herculano, em Perúgia, acolheu os restos mortais de Bento XI. Sua retidão, sua ciência e a santidade de sua vida prometiam um feliz e profícuo pontificado. Era venerado por todos por suas virtudes. Não quis um dia receber sua velha mãe, porque ela se apresentara luxuosamente vestida. Escreveu Bento XI excelentes obras sôbre a Sagrada Escritura: Sermões e Comentários sôbre o Evangelho de S. Mateus, Salmos, Livro de Jó e Apocalipse.

Foi inscrito como Bem-aventurado no Martirológio por Bento XIV.

CLEMENTE V (1305-1314)

Bertrand de Goth, arcebispo de Bordeaux, francês de nascimento mas súdito inglês, foi eleito papa com o nome de Clemente, em Perúgia, onze meses após a morte de Bento XI. Foi coroado em Lião, 14-11-1305, numa festa enlutada por um desabamento que ocasionou a morte do irmão do papa. Deixou-se Clemente influenciar pelo rei Felipe, o Belo, que dêle exigia a condenação da memória de Bonifácio VIII, a abrogação das bulas *Clericis Laicos* e *Unan Sanctam*, a nomeação de cardeais franceses e a supressão da Ordem dos Templários. Clemente cedeu nos dois últimos pontos. Os Templários, frades-cavaleiros, possuíam imenso patriotismo na França (em Paris seu edifício, o Templo, transformado depois em prisão, encerrou mais tarde o infeliz Luís XVI na Revolução Francesa). Alguns templários haviam degenerado. Felipe acusou-os a todos de crimes monstruosos e de heresia.

O Grão-Mestre Jacques Molay e 56 irmãos morreram como bravos na fogueira, protestando sua inocência e clamando pelos nomes de Jesus e de Maria. Felipe, "fervoroso de zêlo pela fé" (!) ocupou logo todos os bens da Ordem. Satisfez sua ambição, mas não seu rancor. Exigiu a reunião do 15.º Conc. Ecumênico, (em Viena) o qual, porém, embora ressalvando a "boa-fé" do rei, pronunciou-se pela ortodoxia do falecido Bonifácio. Felipe mandou apagar o nome do antigo papa de todos os rescritos, monumentos e leis. Êstes atos do rei francês atraíram a malevolência de muitos contra o papa francês, especialmente em Roma, onde jamais lhe perdoaram haver transferido a Sede Pontifícia para a França. Clemente sofreu muito com isso e com as prepotências de Felipe. Morreu em Roquemaure (20 de abril), seguido logo na tumba pelo rei. O ingente tesouro que havia acumulado para a cruzada foi saqueado.

JOÃO XXII (1316-1334)

JOÃO XXII (1316-1334)

João XXII chamava-se Jacques d'Euse. Francês. Filho de um sapateiro de Cahors. Muito feio e pequeno. Emigrara para Nápoles, onde se empregara como criado de um mestre dos filhos do rei Carlos I. Estudou então, formou-se em Direito, tornou-se professor na Universidade e mestre dos filhos de Carlos II (dos quais um foi o rei Roberto e outro, S. Ludovico, franciscano). Amava a Itália, mas não julgava conveniente voltar a Roma, convulsionada pela luta entre Guibelinos e Guelfos, e hostil aos franceses. Residiu sempre em Avinhão. Iniciou lá a construção do grandioso palácio-castelo, de onde, por 18 anos, raramente saiu, apenas para ir à vizinha Catedral. João XXII aliou à vasta doutrina uma atividade surpreendente, um zêlo admirável pela salvação das almas e uma grande piedade. Fêz propagar pelo mundo a Festa da SS. Trindade, a devoção ao S. Rosário segundo a instituição de S. Domingos, e a récita do Ângelus. Em 1323 elevou aos altares o grande Mestre S. Tomás de Aquino, do qual, como homem culto, o papa era férvido admirador. Reordenou a administração da Igreja Universal. Criou a Chancelaria Romana, o Tribunal da Santa Rota (rotativo, juízes por turno). Completou a compilação das "leis Clementinas" do Corpus Juris. Fundou a Universidade de Cambridge (Inglaterra). Sustentou acirrada luta com o imperador Luís, o Bávaro, o qual, contrariado, apoiou o movimento separatista, uma verdadeira seita, a dos "Fraticelli", dentro da gloriosa Ordem Franciscana. O Bávaro nomeou um antipapa, depois recebeu em Roma a coroa das mãos do leigo Sciarra Colonna. Mais tarde o antipapa, arrependido, peregrinou até Avinhão, onde pediu e recebeu generoso perdão do Vigário de Cristo.

João XXII morreu santamente em 4-12-1334.

BENTO XII (1334-1342)

Os cardeais franceses prevaleceram ainda na escolha do novo papa, eleito em 20 de dezembro de 1334 e coroado na igreja dos Dominicanos em Avinhão. Chamou-se Bento XII. Era êle o cardeal francês Jacques Fournier, monge cisterciense, chamado "o cardeal branco", porque conservava o hábito branco de sua Ordem. Canonista e teólogo, piedoso e austero, amava muito a justiça. Preferia deixar vacante qualquer sede, a nomear algum desconhecido, talvez indigno. Seus parentes continuaram pobres e na humilde condição de que eram. Não podendo habitar em Roma, construiu o gigantesco Palácio de Avinhão, "estranha mescla de fortaleza e de claustro, de cárcere e de palácio, reflete bem o seu tempo", diz von Pastor.

Bento criou a Universidade de Grenoble. Procurou pacificar a Itália por meio de legados. Conseguiu conciliar Afonso XI de Castela e Afonso IV de Portugal, e unir êsses dois reis cristãos na defesa contra os Mouros. Viu, porém, com grande mágoa, iniciar-se a grande luta entre a Inglaterra e a França, a chamada Guerra dos Cem Anos. Protestou enèrgicamente contra a prepotência do imperador germânico Luís, que promoveu o divórcio entre Margarida do Tirol e João de Boêmia, a fim de torná-la sua nora e apossar-se de seus domínios (1342). Bento XII resolveu a controvérsia sôbre a "visão beatífica", causa de discussão prolongada e acirrada entre Dominicanos e Frades Menores. Acrescentou a terceira coroa à Tiara, espécie de mitra usada pelos Papas. (S. Símaco colocara a primeira coroa e Bonifácio VIII, a segunda). Bento viveu e morreu santamente. Sofreu com edificante resignação dolorosa enfermidade († 25 de abril). Foi sepultado em magnífico sarcófago na Catedral de Avinhão.

CLEMENTE VI (1342-1352)

CLEMENTE VI (1342-1352)

O beneditino Pedro Roger de Beaufort foi papa em Avinhão sob o nome de Clemente VI. De família nobre, vivera na Côrte francesa. Modificou, pois, o ambiente em seu novo palácio. À auteridade de Bento XII sucedeu o esplendor de uma côrte magnificente. A festa da coroação, conta-nos "Introitus et Exitus" (Arquivo Vaticano) consumiu: 219 bois, 914 cabritos, 1023 carneiros e 13.502 galináceos; e para iluminação 10 quintais de cêra... Sua liberalidade, porém, estendeu-se aos pobres e necessitados. Em 1348 escureceu o mundo uma nuvem gélida de horror: a Peste Negra, o mais devastador flagelo depois do Dilúvio, assolou a Humanidade. Na Europa matou mais de um têrço da população! O papa organizou socorros, despendeu na França meio milhão de florins de ouro e em Nápoles, quase quatro milhões. Em 1350 Clemente concedeu, a pedido dos Romanos, o Jubileu, ao qual acorreram o rei Luís da Hungria, S. Brígida da Suécia, S. Catarina de Siena, o poeta Petrarca... Roma, com a ausência do Papa, tornara-se desolada. A população baixara a 25 mil habitantes. Percorria, então, a Itália, chefiando uns 10 mil fanáticos, chamados "os Flagelantes", um tal frei Venturino, que iniciou estranha Marcha sôbre Roma. Os Romanos aplaudiram-no quando êle reclamou a volta do pontífice, apuparam-no, porém, quando pregou contra o Carnaval de Roma. Apareceu então o extraordinário jovem Cola di Rienzo. Filho de um taverneiro, dominou Roma. Governou bem a princípio; tornou-se tirano depois. Expulsou os nobres. Declarou Roma capital do mundo. Intimou os reis a comparecerem a seu tribunal. Cingiu a cabeça com sete coroas, dizendo-se pleno dos sete dons do Espírito Santo...

Abandonado pelo povo, fugiu para a Alemanha.

INOCÊNCIO VI (1352-1362)

INOCÊNCIO VI (1352-1362)

À morte de Clemente VI, os cardeais apressaram a eleição do sucessor, com o justo receio da intromissão do rei de França, João II, que viajava para Avinhão. O escolhido foi Estêvão Aubert, de humilde família, francês da diocese de Limoges, e que adotou o nome de Inocêncio VI. Fôra professor de Direito em Tolosa, e bispo de Ostia. Severo e justo. Simples e econômico. Proibiu o luxo aos eclesiásticos. Suprimiu as comendas indignas. Cuidou com rigor de que os prelados atendessem aos seus deveres e residissem em suas dioceses. Protegeu os literatos; convidou para seu secretário o grande poeta Petrarca. Foi medianeiro de paz entre a França e a Inglaterra, empenhadas na Guerras dos Cem Anos. Procurou a conversão dos Gregos cismáticos por meio do célebre carmelita Pedro Tomás. Restabeleceu a ordem nos Estados Pontifícios. Fêz libertar Cola de Rienzo, o antigo tribuno popular romano; reenviou-o ao govêrno da cidade de Roma, mas o jovem excedeu-se de novo e terminou sua aventura trucidado pelo povo, que outrora o idolatrara.

Grande auxiliar dêste papa foi o cardeal espanhol Gil Alvarez Albornoz. Antigo professor de Direito, ex-oficial do exército, fizera-se eclesiástico. Hábil na diplomacia e na guerra, Albornoz governou a Itália por 15 anos com a arte de um estadista e com a fimeza de um general. Suas leis "as Egidianas", duraram séculos! Albornoz ainda levou suas tropas até Avinhão, ameaçada pelos "Rutuários", bandidos que assolavam o vale do Rôdano. O papa então circundou Avinhão de poderosas muralhas. Inocêncio VI morreu em 22-9-62, com fama de santo. É elogiado até por modernos historiadores protestantes. Foi sepultado na Cartuxa de Villeneuve, por êle fundada.

19 de dezembro — URBANO V (1362-1370) — Bem-aventurado

O beneditino francês Guilherme Grimmoard de Mende era abade de S. Vítor, em Marselha. Escolheram-no os eleitores, apesar de não ser cardeal, para se tornar o papa Urbano V, em vista de seus reconhecidos méritos. Fôra professor de Direito em duas Universidades, e legado pontifício. Como papa legou-nos o exemplo de atividade admirável. Ótimas suas reformas na Cúria. Protegeu as Universidades e ordenou que os estudantes usassem vestes iguais, a fim de se poupar humilhação aos pobres. Confiado na feliz gestão de Albornoz na Itália, cogitou logo da volta da Sé papal para Roma. Visitado pelo imperador Carlos IV em Avinhão, combinou com êle essa volta, tão solicitada por muitos, por Petrarca, por S. Brígida, princesa da Suécia, pelo franciscano frei Pedro, filho do rei Jaime de Aragão...

Opunham-se os franceses. O rei Carlos V enviou até o "mestre" Nicolau Oresme, o qual tentou provar de modo enfatuado ao papa "que Avinhão estava no centro da Terra", devendo por isso ser a sede papal... Em abril de 67 Urbano partiu de Avinhão. Seguiu de Marselha numa imensa esquadra dos príncipes cristãos. Acolhido em Roma, no mês de outubro, foi visitado pelos imperadores Carlos IV do Ocidente e João Paleólogo do Oriente. Infelizmente havia falecido o enérgico cardeal-general Albornoz. Os pequenos príncipes italianos reiniciaram os distúrbios, auxiliados pela desenfreada soldadesca das "companhias" mercenárias. Urbano V, desgostoso, voltou para a França, contra os rogos de S. Brígida, que lhe predisse morte próxima longe de Roma. De fato, morreu o papa dois meses depois, em Avinhão — de modo tão santo e se lhe atribuiram tantos milagres, que foi logo pedida sua canonização.

GREGÓRIO XI (1370-1378)

GREGÓRIO XI (1370-1378)

Em um só dia de conclave foi eleito o cardeal Pedro Roger, dos condes de Beaufort, sobrinho de Clemente VI, o último papa francês. Não contava ainda quarenta anos, mas era doentio e de uma palidez notável. Simples diácono, foi ordenado sacerdote, sagrado bispo e, no dia 5 de janeiro de 1371, coroado papa com o nome de Gregório XI. Tôda a Itália estava em ebulição e desordem pela ausência dos Papas, e em desespêro pelas vexações dos governadores franceses. Florença tomou as armas. Gregório, tímido e irresoluto, confiou a repressão a Malestroit, um "capitão de companhias", que, com seus milhares de Bretões mercenários, devastou o país. Indignadas, insurgiram-se as demais cidades.

Foi então que uma Santa, pobre filha de um tintureiro, sem nenhuma instrução, salvou o Papa. Reconstruiu o que um rei, Felipe o Belo, desfizera! Santa Catarina de Siena interferiu entre os beligerantes. Viajou de cidade em cidade. Apartou exércitos. Ditou cartas maravilhosas de sabedoria e fé ao Papa e aos príncipes. Sofreu muito. Quiseram queimá-la viva, como herege ou feiticeira. Afinal venceu! O doentio e fraco Gregório XI, francês, papa em Avinhão, deixou corajosamente a França, voltou para Roma (17-1-1377), pondo um fim ao malfadado "Cativeiro de Babilônia" como foi chamado êsse ingrato período avinhonense. Acolhido com indescritível júbilo e maravilhada devoção por todos os lugares por onde passou: Marselha, Gênova, Pisa — foi Gregório recebido triunfalmente em Roma. Piorando na doença, foi aconselhado a regressar a Avinhão, mas a morte impediu êsse mal. Faleceu êle em 27-3-78, em Roma e foi sepultado na igreja de S. Maria Nova.

URBANO VI (1378-1389)

URBANO VI (1378-1389)

À morte de Gregório XI estavam presentes em Roma 16 cardeais: 9 franceses, 4 italianos e o espanhol Pedro de Luna. O povo, receando um papa que voltasse para Avinhão, clamava nas ruas "Vogliano romano o almanco italiano". Acordaram então os cardeais na escolha de Bartolomeu Prignani, arcebispo de Bari. Não era cardeal, mas sendo italiano e súdito francês poderia contentar a todos. O papa entrou em Roma, de pés descalços, numa solene procissão. Foi entronizado na Páscoa, 10 de abril de 78, com o nome de Urbano VI. Em Avinhão residiam seis cardeais, que reconheceram o novo eleito. Urbano, porém, que era homem integérrimo de costumes, zeloso, austero, tinha um gênio forte, violento. Desgostou logo a todos pelos seus modos ásperos.

Recordando a tradicional doçura e afabilidade dos pontífices, os romanos apelidaram-no de Inurbano I. Em Nápoles foi pior. Sob influência francesa da rainha Joana, os descontentes elegeram como antipapa a Roberto de Genebra, de 36 anos, poderoso parente de famílias reais, mais guerreiro que religioso, apelidado de "o massacrador de Cesena". Residiu em Avinhão, sob o nome de Clemente VII. A cristandade, mal informada, dividiu-se, dando início ao triste Grande Cisma, no qual, porém, ficou mais uma vez patenteada a proteção de Deus à sua Igreja combalida pela fraqueza humana. Grande foi a confusão. Dois pontífices, depois três. Numa diocese dois bispos, num mosteiro três abades... Dividiram-se os países (França, Inglaterra, Alemanha), as Universidades (Paris, Bolonha, Praga)... Pressagiava-se o fim do mundo. S. Catarina, apoiando Urbano, escreveu cartas patéticas aos reis e pontífices. Urbano morreu em Roma, 15-10-89. Virtuoso e sincero, seu grande mal foi sua rude aspereza.

BONIFÁCIO IX (1389-1404)

BONIFÁCIO IX (1389-1404)

À morte do rude Urbano VI, os cardeais elegeram o napolitano Pedro Tomacelli, de apenas 30 anos de idade. De vida impoluta, afável, bondoso, concedeu anistia geral. Fortificou Roma. Extirpou abusos. Propôs generosa reconciliação ao antipapa de Avinhão, mas foi firme em declarar que o único papa era o de Roma. A Universidade de Oxford (Inglaterra) só reconhecia o pontífice romano. A Universidade de Paris "a terceira potência da Europa, após o Papado e o Império", tentou pôr um fim ao Cisma. João Gerson exortou os fiéis à prece. O povo e o clero realizaram procissões de penitência. Foram propostas várias soluções; que encontravam a oposição tenaz do rei da França e da côrte de Avinhão. Morto o antipapa em 1394, o cardeal Pedro de Luna se fêz eleger pelos cardeais avinhonenses, chamando-se Bento XIII "para ser uma bênção", dizia êle. Era espanhol. Indispôs-se logo com o rei de França, seu fautor, e viveu prisioneiro cinco anos.

Bonifácio celebrou o Jubileu de 1400. Singular nesse Ano Santo o aparecimento em Roma dos "Brancos Flagelados": movimento estranho, místico duvidoso, produto da exasperação e do sofrimento geral. Populares de ambos os sexos e de tôdas as idades, com mantos e capuzes brancos, marchavam aos milhares, flagelando-se e pedindo a Deus "paz e misericórdia". Fato admirável: por onde passavam êles, cessavam as guerras, as famílias se reconciliavam, os criminosos mudavam de vida... Até bispos e príncipes aderiram fervorosamente ao movimento, que levou a Roma 120 mil peregrinos, acolhidos bondosamente por Bonifácio. Êste morreu em 1.º de outubro, talvez da epidemia que assolou a Europa e na qual, como sempre, a caridade cristã foi heróica.

INOCENCIO VII (1404-1406)

INOCÊNCIO VII (1404-1406)

O cardeal Cosme Miglioratti, de Sulmona (Itália Central), eleito em Roma, chamou-se Inocêncio VII. De caráter nobre, virtuoso, instruído. Avançado em anos. Não se deixou iludir pelas falsas propostas do antipapa Pedro de Luna, de Avinhão, que se intitulava Bento XIII, e que pretendia ocupar Roma. Não teve paz, assim mesmo. Suas boas intenções foram prejudicadas pelo rei Ladislau, de Nápoles — onde a rainha Joana, que vendera aos Papas a cidade de Avinhão por 80 mil escudos, mas que favorecera sempre os antipapas, foi morta por ordem do próprio filho, assassinado logo depois, êle também!

O rei Ladislau facilitou à nobreza seus tumultos, na cidade de Roma, que êle cobiçava; impediu a realização de um concílio, em que o papa pretendia estudar o remédio a muitos males da cristandade, inclusive a atuação de alguns maus soberanos. Inocêncio viu-se obrigado a transferir-se para Viterbo, de onde excomungou Ladislau. Meses mais tarde, de volta a Roma, Inocêncio sofreu muito pelas iniqüidades cometidas por um seu sobrinho, Luís Miglioratti, a quem tratava com muita indulgência. Êste seu parente, violento e sanguinário, no afã de defender o tio cometeu atrocidades, inclusive a execução sumária de onze cidadãos que haviam insultado o pontífice, porque não terminava o Cisma.

Mérito de Inocêncio foi reedificar a Universidade de Roma e, com bula de 1.º-10-1406, ordenar que nas Universidades se ensinassem, oficialmente, além da Teologia e do Direito, a língua e a literatura gregas, a medicina, a retórica, a lógica... Foi, pois, um fautor do incipiente Humanismo. Inocêncio morreu piamente, em Roma, aos 6-11-1406.

GREGÓRIO XII (1406-1417)

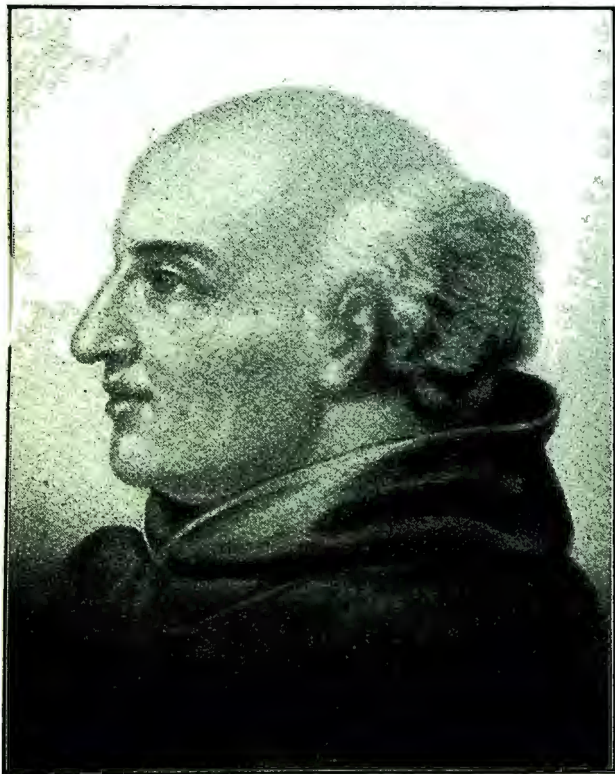
GREGÓRIO XII (1406-1417)

Após a morte de Inocêncio VII, o conclave em Roma escolheu o cardeal Ângelo Corrário, veneziano, de 80 anos de idade. O eleito era de elevada estatura e de incrível magreza. Chamou-se Gregório XII. Generosamente trabalhou pela pacificação, propondo ao antipapa, Pedro de Luna, que ambos renunciassem. As tratativas fracassaram ante a má fé do adversário. Os reis e príncipes insistiam pela solução do triste cisma. Então alguns cardeais e numerosos bispos de ambas as "obediências" (chamavam-se assim as regiões que acatavam as decisões de um ou de outro pontífice) reuniram-se em Pisa, num concílio inválido por lhe faltar a autorização do Papa. Declararam depostos Pedro de Luna e Ângelo Corrário, e elegeram Pedro Filarges, de 70 anos de idade, nativo da ilha de Cândia ou Creta, com o nome de Alexandre V. Errou o pseudo-concílio sobrepondo-se ao pontífice: viu-se logo a prova disto no agravar-se da situação, pois então houve três papas! O rei Luís II de Anju afastou Gregório, pela fôrça, e levou a Roma Alexandre V, o qual, porém, morreu logo depois em Bolonha. O rei fêz então eleger o ambicioso Baltasar Cossa com o nome de João XXIII. Êste reconheceu logo Luís II como rei de Nápoles (!), renovou os decretos do pseudo concílio de Pisa contra o papa Gregório XII e o antipapa Pedro de Luna, mas desgostou logo seus sequazes. A confusão era tremenda. Deus suscitou então Sigismundo, rei da Hungria e imperador germânico, que em 1415 reuniu em Constância 2000 representantes do Papa, do Clero e dos príncipes. Os dois antipapas, por si mesmos, deram sobejas provas de sua má fé. Gregório XII, porém, para o bem da Igreja, renunciou à tiara, aprovou e agradeceu ao Concílio num documento em que assinou humildemente "Ângelo, cardeal". Morreu aos 90 anos.

ALEXANDRE V (1409-1410)

ALEXANDRE V (1409-1410)

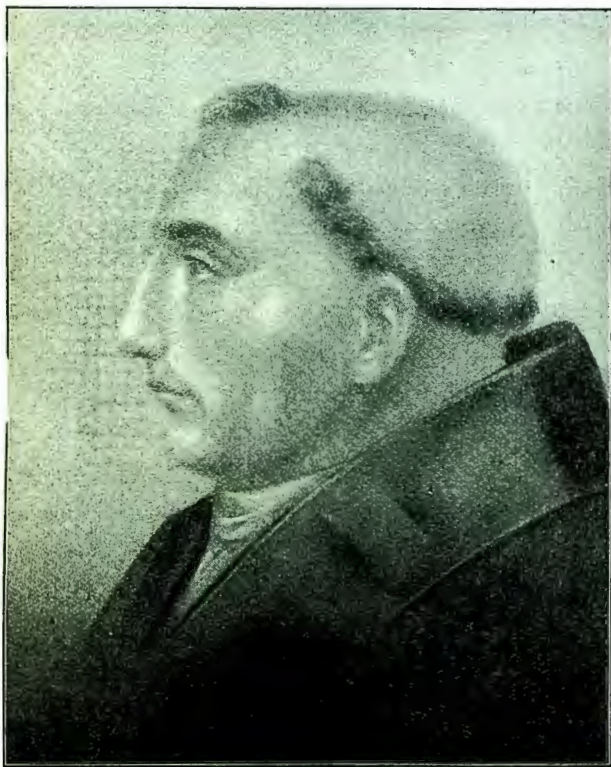
Alexandre V é por muitos considerado antipapa. Há quem julgue sua eleição inválida, porque Gregório XII era o papa legítimo; há quem a julgue apenas ilícita, dadas as dúvidas que pairavam no ambiente do Cisma e a boa vontade de muitos, que desejavam a necessária e urgente pacificação da Igreja. A maioria considera-o não-papa. O certo é que seu nome consta das listas pontifícias, seu retrato figura entre os medalhões da basílica de S. Paulo (Roma), e mais tarde um sucessor de seu nome intitulou-se Alexandre VI. Chamava-se Pedro Filarges, veneziano da ilha de Cândia ou Creta. Mendigo na infância, recolhido por um frade franciscano, estudara depois em Oxford e em Paris. Foi arcebispo de Milão. Contava 70 anos de idade, quando o escolheu o conciliábulo de Pisa — onde se haviam reunido 24 cardeais, 4 patriarcas, 180 bispos ou representantes, 4 Superiores de Ordens, deputados de 13 Universidades etc... Sua escolha tinha em mira afastar o Papa Gregório XII e o antipapa Pedro de Luna. Gregório não podia, e Pedro de Luna não queria, aceitar tal imposição... Houve então "três papas".

Alexandre V viveu em boa-fé. Enviou legados a tôda a Cristandade. Seu desejo de conciliação era sincero: "que houvesse um só rebanho sob um só pastor". Entrou em Roma levado pelo rei Luís II de Anju, pretendente ao Reino de Nápoles. Alexandre morreu piedosamente em Bolonha, em 3-5-1410, talvez envenenado por seus partidários desgostosos de sua retidão. Foi sepultado na igreja bolonhesa de S. Francisco, num sepulcro muito artístico. A vida dêste mendigo abandonado, que galgou o sólio pontifical, faz-nos recordar que é Deus quem sustém Sua Igreja acima dos reis da terra.

JOÃO XXIII (1410-1417)

Como sucessor de Alexandre V foi eleito o cardeal napolitano Baltasar Cossa, por influência do rei Luís de Anju, no ano 1410, durante o Grande Cisma, em que houve até três papas. Levado a Roma pelas armas do rei Ladislau de Nápoles, chamou-se João XXIII. Não foi papa legítimo. Seu nome e seu retrato figuram nos catálogos e nos medalhões, por causa das dúvidas de então. Em 1415 realizou-se em Constança um grande concílio, sob a proteção do piedoso imperador Sigismundo. João para lá se dirigiu com magnificente cortejo. Vendo-se, porém, alvo de justas recriminações, fugiu disfarçado. Retratou-se depois de seu êrro, viveu dignamente como cardeal e morreu em 1419, sendo sepultado em Florença. O outro antipapa, Pedro de Luna, que se intitulava Bento XIII, perseverou no cisma, embora o imperador Sigismundo tivesse ido pessoalmente procurá-lo na Espanha! Morreu em 1424, na sua "Côrte pontifícia", nomeando novos "cardeais".

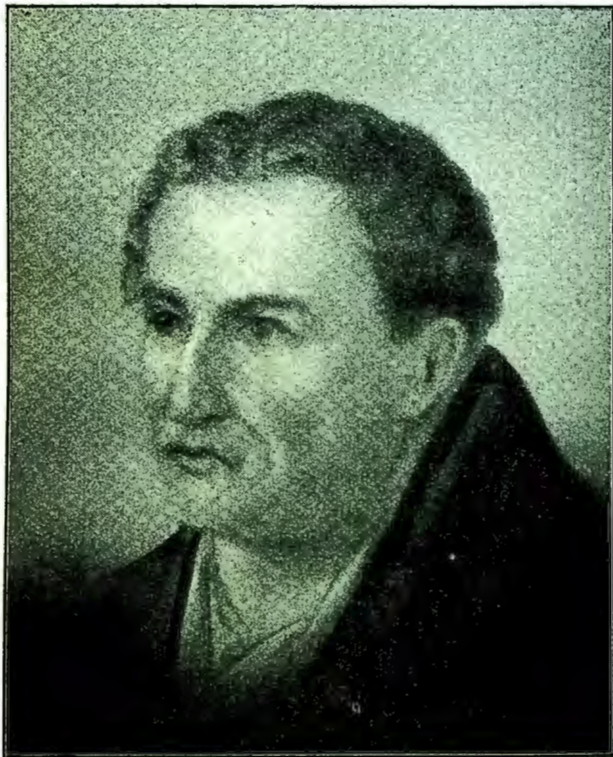
Quadro dos pontífices dessa época:

Papas de Roma	**Antipapas de Avinhão**	**Antipapas de Pisa**
Urbano VI 1378-89	Clemente VII 1378-94	Alexandre V 1409-10
Bonifacio IX 1389-04	Bento XIII 1394-24 (Pedro de Luna dep. em Pisa dep. em Constança impenitente † 1424)	João XXIII (Baltasar Cossa dep. em Constança arrependido † 1419)
Inocêncio VII 1404-06		
Gregorio XII (dep. em Pisa abd. em Constança † 1417)		

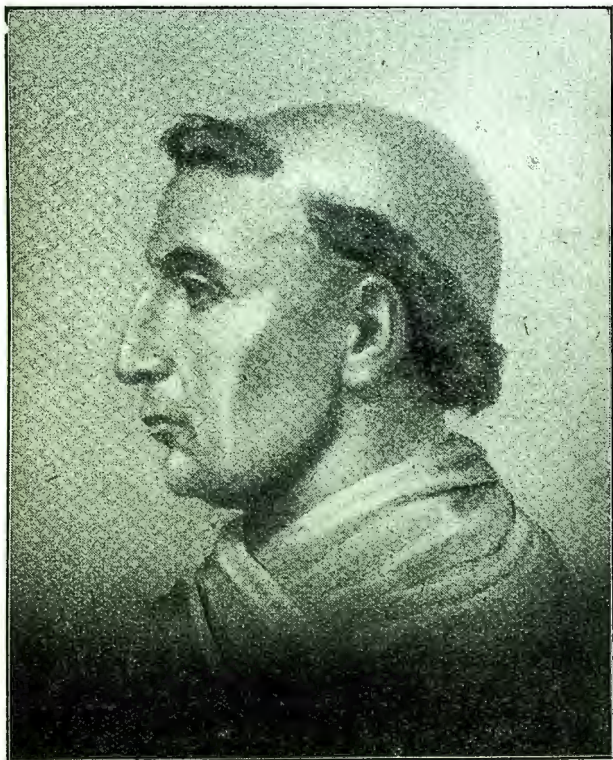
Gregório XII aprovou o concílio e depois abdicou. Foi eleito Martinho V, que pôs fim ao cisma, residiu em Roma e foi reconhecido como único Pontífice. (1417).

MARTINHO V (1417-1431)

MARTINHO V (1417-1431)

O concílio de Constança, que aceitara a renúncia de Gregório XII e depusera os antipapas João XXIII e Bento XIII, elegeu Oto Colonna, de ilustre família romana. Chamou-se Martinho V. Coroado na catedral de Constança. O imperador Sigismundo ia a pé guiando-lhe o cavalo, na procissão. Em Roma foi recebido com indescritível júbilo. Tôda a Cristandade exultou com o fim do Cisma, cujos nefastos efeitos já se faziam sentir. O concílio condenou as heresias do inglês Wicleff (1324-1384), professor em Oxford, e seus discípulos João Huss e Jerônimo de Praga. Êstes foram condenados em seus êrros pelas universidades e pelos bispos, mas suas pregações nacionalistas inflamaram os Checos, inimigos do jugo alemão. Executados por ordem do govêrno, foram causa de terrível guerra civil-religiosa.

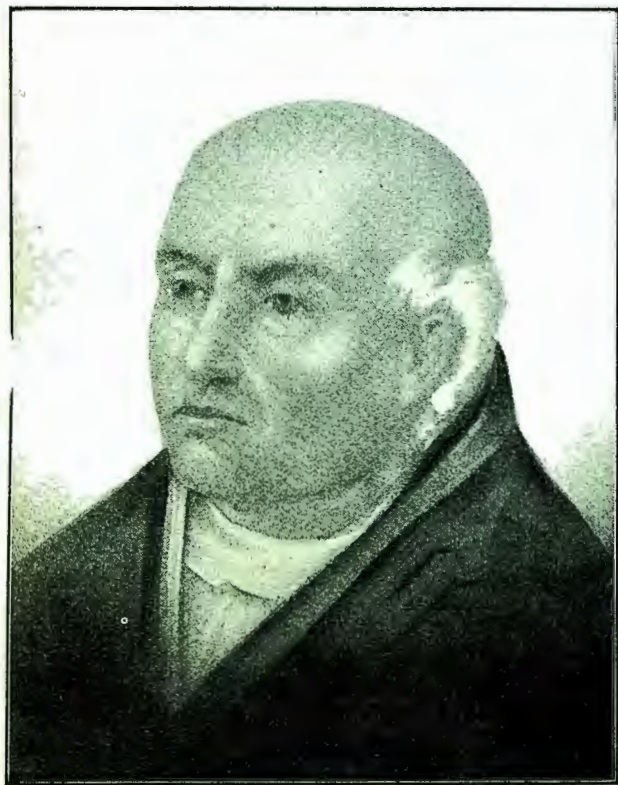
Martinho V restaurou Roma e limpou o Estado Pontifício de bandidos. Introduziu a oferta da "rosa de ouro" a príncipes cristãos beneméritos. Por sua ordem Bernardino de Siena fez em Roma pregações, que se tornaram célebres pela "guerra às vaidades": a grande queima de cartas de jôgo, máscaras, enfeites de Carnaval etc... Reanimou a devoção à SS. Eucaristia e aprovou congregações pias, por ex., as Oblatas de S. Francisca Romana. Convocou os concílios de Pavia e Basiléia. Em 29-5-1431 Santa Joana d'Arc, a heroína da França, era martirizada em Ruão. Os inimigos impediram que seus apelos chegassem ao Sumo Pontífice, mas a Igreja glorificou a Santa, admirável na vida e na morte. Martinho morreu em 20-2-1431. Foi acusado de ter concedido excessivos favores a seus parentes, mas foi chorado por todos e apelidado "*Temporum suorum felicitas*", felicidade de seu tempo.

EUGÊNIO IV (1431-1447)

Gabriel Condulmaro, de Veneza, sobrinho de Gregório XII e bispo de Siena, foi coroado papa na escadaria da basílica de S. Pedro, em 11-3-1431. Chamou-se Eugênio IV. Quando jovem, distribuíra aos pobres 20 mil ducados de seu patrimônio e se fizera Agostiniano. Era porteiro de seu convento, quando, acompanhando um peregrino, ouviu dêle: "Serás cardeal e papa, e terás muitas adversidades". Eleito, quis renovar a Côrte romana, acarretando assim perseguição aberta por parte dos Colonnas, parentes de Martinho V. Como o concílio de Basiléia exorbitasse de suas atribuições, o papa transferiu-o para Ferrara e Florença. Uns poucos conciliares rebeldes que afirmavam a supremacia do concílio sôbre o pontífice, apoiados por Carlos VII da França, elegeram então na pessoa do piedoso príncipe Amadeu VIII de Savóia um candidato, que se chamou Félix V e que foi o último dos 36 antipapas. Em 1437 morrera, sentado no trono, o imperador germânico Sigismundo, até a velhice "o mais belo príncipe de seu tempo". Outro alemão, João Guttenberg, criava um império imortal: a Imprensa.

Em Roma os Colonnas tumultuavam e o papa Eugênio teve de fugir, disfarçado em frade, no fundo de uma barca, pelo Tibre, e sob pedradas... Voltando mais tarde, encontrou Roma tão abandonada que os lobos escavavam os cemitérios! Eugênio recebeu em Roma os enviados gregos e realizou a união das Igrejas do Ocidente e Oriente (1439), de duração efêmera, em vista da contumácia bizantina — o que constristou até a morte o sofredor pontífice. Faleceu êle em 23-2-1447, exclamando: "Gabriel, Gabriel, quão melhor teria sido permaneceres humilde frade no teu mosteiro"...

NICOLAU V (1447-1455)

NICOLAU V (1447-1455)

O cardeal Tomás Parentucelli, nascido de uma paupérrima família de Sarzana (ao sul de Gênova), arcebispo de Bolonha, eleito papa, chamou-se Nicolau V. Contava 49 anos de idade. Culto e virtuoso. Introduzira-se em Roma o estranho costume de o povo saquear o palácio do cardeal eleito; desiludiram-se os assaltantes da pobre casa de Tomás. Nicolau acolheu com a máxima generosidade Amadeu VIII de Savóia, que fôra antipapa por dez anos sob o nome de Félix V; nomeou-o cardeal e se lhe fêz amigo. Por meio do Card. Carvajal assinou uma Concordata com o imperador germânico, de quem era secretário o célebre Enéias Piccolomini, mais tarde papa Pio II. Nicolau proclamou o Ano Santo de 1450, grandioso, com mais de um milhão de peregrinos, enlutado porém por uma catástrofe na ponte do castelo S. Ângelo e pela peste.

Em 1452 coroou Frederico III da Alemanha e sua espôsa, Leonor de Portugal. Foi a última coroação imperial em Roma. No Oriente a situação piorava. Os gregos rejeitaram a união das Igrejas. Preferiam o turbante turco à tiara papal. Com o turbante veio a cimitarra muçulmana. Em 29-5-1433 o último imperador bizantino, Constantino Dracosés, tombava heròicamente ante a igreja de Santa Sofia, na qual entrava a cavalo o sultão Maomé II. Nicolau V pouco sobreviveu à infausta notícia. Foi êste papa ativo promotor da Renascença literária e artística da Itália. Acolheu e protegeu os melhores artistas do tempo. Mereceu o título de pai do Humanismo. Fundou a Biblioteca Vaticana, à qual doou 5 mil códigos. Tinha o projeto de construir a atual Basílica de S. Pedro. Seu movimento de proteção às artes foi oportuno: chegavam foragidos a Roma artistas e literatos da vencida Bizâncio.

CALISTO III (1455-1458)

CALISTO III (1455-1458)

Afonso Borja, espanhol da Catalunha, foi eleito em abril de 1455. Chamou-se Calisto III. De professor na Universidade de Lérida, passara a arcebispo de Valença e conselheiro do rei Afonso V de Aragão. Apesar dos seus 78 anos de idade, Calisto empreendeu com vigor e admirável energia a luta contra os Turcos. Constantinopla, a maravilhosa rainha do Oriente, havia caído em 29-5-1453. Dentro da esplêndida igreja de Santa Sofia — a obra prima do tempo de Justiniano — o sultão Maomé II, a cavalo, bradara: "Alá é Deus e Maomé é seu Profeta". Os príncipes europeus, egoìsticamente, não se moviam. Afonso V de Aragão usava o dinheiro, recolhido para a cruzada, em guerrear a cidade de Gênova! Maomé II ocupou os países balcânicos e, com 150 mil homens, sitiava Belgrado, ameaçando o coração da Europa. O papa armou exércitos e esquadras. S. João de Capistrano pregou junto às tropas do valente Huníade, que conquistou estrepitosa vitória, em 1456, detendo as hordas destruidoras da civilização.

Calisto III, grato ao Céu, instituiu a festa da Transfiguração de Cristo e ajudou o príncipe Skanderberg, o herói cristão da Albânia na luta gloriosa contra os invasores islamitas. O glorioso pontificado de Calisto III teve uma grave mácula: favoreceu uma praga, que afligiu a Igreja por séculos — o "nepotismo", isto é, a demasiada proteção a parentes. Assim, por ex., nomeou seu sobrinho Rodrigo (o futuro Alexandre VI) cardeal aos 25 anos, conservando-o leigo e oficial das tropas. A morte de Calisto serviu por isso de pretexto para tumultos em Roma contra "os Catalães". Morreu Calisto em 6-8-58, no dia da festa da Transfiguração, por êle mesmo instituída.

PIO II (1458-1464)

PIO II (1458-1464)

Enéias Sílvio Picolomini coroado na basílica Vaticana em 3-9-1458, chamou-se Pio II. Nascera em 19-11-1405 em Corsigano de Siena, de uma família nobre que contava 18 filhos. Poeta e orador, foi secretário do cardeal Capranica e embaixador de Frederico III, imperador da Alemanha, para acompanhar a futura imperatriz Leonor, irmã do rei de Portugal. Em jovem, Enéias levara vida de Côrte, leviana mesmo. Participara do concílio de Basiléia, contrário ao Papa. Mudou, porém, de vida. Arrependeu-se ante Eugênio IV e se fêz eclesiástico. Vemos o orador, o diplomata, o humanista, depois bispo e cardeal, legado pontifício na Boêmia, na Áustria, na Hungria. Eleito papa, chorou ao recordar seu passado de moço e exclamou: "Repudiai a Enéias e acolhei a Pio II". Escreveu obras importantes. Esboçou uma colossal Cosmografia, deixada incompleta. Protegeu literatos e cientistas. Fundou três Universidades, inclusive a de Basiléia (Suíça). Foi magnífico incentivador do progresso cultural do Ocidente. Levado pelo espírito da época, favoreceu os parentes e sua terra natal. Apesar de ter pouca saúde, empenhou-se com ardor na cruzada contra os Turcos, para salvar a Europa. Tentou até comandar pessoalmente a esquadra cristã, junto à qual morreu em 14 de agôsto de 1464. Deixou um vasto e belo programa. Começara a reforma eclesiástica. Protestou contra a incipiente escravização dos Negros aprisionados na África, e contra injustas perseguições aos Judeus. Na Côrte pontifícia foi de costumes sóbrios e exemplares. Elevou aos altares sua mais gloriosa conterrânea, a admirável Santa Catarina de Siena.

PAULO II (1464-1471)

Os cardeais reunidos no conclave de 1464 apresentaram uma "capitulação": todos juraram que o eleito se obrigava a convocar um Concílio Ecumênico, promover a cruzada contra os Turcos e cercear o nepotismo. Foi eleito Pedro Barbo, de 48 anos de idade, rico veneziano, sobrinho de Eugênio IV. Escolheu o nome de Paulo II. Agradaram ao povo de Roma suas providências rápidas e práticas para a alimentação, policiamento e diversões. Construiu o palácio Venezia, (séculos mais tarde residência de Benito Mussolini). Paulo II reformou a Cúria e demitiu os inúteis, pseudo literatos e pseudo artistas. Com êsse ato granjeou inimigos. O escritor Platina, em sua Vida dos Papas, atacou-o injusta e acrimoniosamente, chamando-o "bárbaro e inimigo da cultura". Paulo reprimiu as sangrentas lutas entre as famílias nobres de Roma. Auxiliou muito os príncipes Matias Corvino, húngaro, e Skanderberg, albanês, na patriótica e memorável campanha contra os Maometanos, que haviam conquistado a ilha de Negroponte e serrado vivo o heróico defensor, o veneziano Paulo Erizzo. Recebeu o papa, no Natal de 1468 a visita do imperador Frederico III. Nesse mesmo ano, como uma bênção de Deus a enfervorar as almas, apareceu a primeira edição do precioso livro "Imitação de Cristo", atribuído a vários autores. Paulo II estabeleceu que o Ano Santo se concedesse cada quarto de século. Concedeu aos cardeais o uso do barrete vermelho.

Paulo era bondoso, embora de aspecto triste, pois sofria muito de asma; aproveitava as noites insones passando-as em oração. Morreu de repente em 27-7-1471. Sua divisa era: *Benefac, Domine, bonis et rectis corde.*

SISTO IV (1471-1484)

SISTO IV (1471-1484)

Francisco Della Róvere foi eleito papa com o nome de Sisto IV, num rápido conclave. Filho de um pescador, nascera em Celle de Savona, perto de Savona. Frade franciscano, professor nas Universidades de Pavia e Bolonha, governara, como superior geral, a sua Ordem. Escrevera um opúsculo em defesa do dogma da Imaculada Conceição de Maria. Ficou enleado, porém, no ambiente do seu tempo. Favoreceu o nepotismo: nomeou cardeais e príncipes e muitos sobrinhos seus, dos quais apenas um, o futuro Júlio II, mostrou-se digno. Opôs-se Sisto a Lourenço de' Médici, senhor de Florença, vendo por isso seu nome envolvido na conjuração da família de' Pazzi, em que pereceu o irmão de Lourenço. Êste, por sua vez, mandou enforcar o arcebispo de Pisa. A invasão terrificante da Itália pelo sultão Maomé selou a paz entre Florença e o papa.

Excluindo-se sua fraqueza ante a deplorável vida de seus sobrinhos, Sisto IV realizou esplêndido govêrno. Celebrou o Ano Santo de 1475 com grandiosidade. Favoreceu as Ordens Religiosas. Canonizou S. Boaventura, em 1482. Construiu a magnífica e celebrada Capela Sistina. Reorganizou a Biblioteca Vaticana. Seu nome está ligado à Inquisição espanhola, a qual infelizmente foi usada por civis para fins políticos ou por ignorância e fanatismo da época, ocasionando reprováveis abusos (embora se deva lembrar que há muito exagêro em certos autores que "exploraram" êsses abusos). A Sisto IV, protetor de cientistas, literatos e artistas, erigiram os amigos um sepulcro monumental. Nêle, porém, figuram apenas motivos das artes e das ciências, nada de sinais cristãos! Errônea compreensão da Renascença!

INOCÊNCIO VIII (1484-1492)

INOCÊNCIO VIII (1484-1492)

João Batista Cibo chamou-se Inocêncio VIII. Foi eleito por cardeais impregnados do espírito da época: em sua maioria eram êles leigos e mundanos, quase sempre representantes de reis ou de famílias nobres, alheios portanto ao bem da Igreja. Comprometeu-se pois Inocêncio, antecipadamente, com seus eleitores, — o que lhe trouxe a pecha de simonia e de ser "entre os papas de nome Inocêncio o menos glorioso". Nascera em Gênova e estudara em Pádua. Fôra magistrado, casara e tinha diversos filhos. Movido pelos conselhos do arcebispo de Bolonha, renunciara à vida mundana que levava, fêz-se eclesiástico. Foi bispo de Savona e Molfetta. Aos 52 anos, papa. Procurou pacificar Roma, revoltada contra os parentes de Sisto IV. Inocêncio era douto, humilde e bondoso, foi porém condescendente demais com seus filhos e sobrinhos. Para atrair Lourenço de' Médici, "o Magnífico", de Florença, nomeou cardeal seu filho João de'Médici, o futuro Leão X, jovem demais. Como todos os príncipes de seu tempo, Inocêncio primou em estimular os artistas e literatos. Não conseguiu entretanto auxiliar a luta contra os Turcos, embora conservasse em Roma o refugiado príncipe Djem (Zizim), que se revoltara contra seu irmão, o sultão Bajazé II. Êste, para tornar propício o papa, enviou a Inocêncio a Santa Lança, suposta relíquia com a qual Longino atravessara o peito de Cristo na Cruz. Inocêncio concedeu aos reis de Espanha, Fernando e Isabel, o título de "reis católicos", após a gloriosa conquista de Granada, último reduto mouro na Ibéria (2-1-1492). O pontífice genovês faleceu em 25-7-92. Dias depois, outro genovês, Cristóvão Colombo, do pôrto de Palos fazia-se ao mar para a conquista de um Novo Mundo.

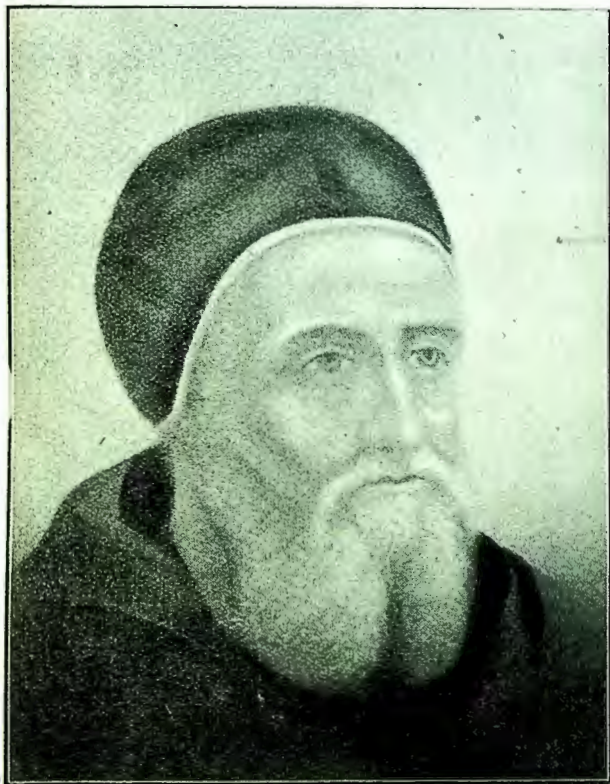
ALEXANDRE VI (1492-1503)

ALEXANDRE VI (1492-1503)

Rodrigo Lenzuol Borja, espanhol de Játiba (Valença), sobrinho de Calisto III, eleito na capela Sistina, adotou o nome de Alexandre VI. Contava 61 anos de idade. Era de grandes dotes naturais, clarividente, diplomata, sóbrio no comer e infatigável no trabalho. Seu passado, porém, não o recomendava. Militar, aventureiro, possuía de sua vida mundana, quatro filhos crescidos na depravação geral de uma época em que, com as artes, "*renascera* o paganismo e na qual tudo o que era belo era considerado bom"!... // Condenou Jerônimo Savonarola, o frade que revolucionara Florença com sua prédicas moralizadoras, mas, ao depois, invadira o campo político e se tornara um revoltado e fanático († 1498). // Turvam a vida de Alexandre VI os atos de seus filhos (atos explorados por romancistas): César Borja, a quem o papa amava e temia, foi o herói do "Príncipe" de Machiavelli, impôs sua férrea e traiçoeira política aos barões italianos, tornando odioso o nome paterno — e Lucrécia Bor ja, vilmente caluniada, que foi exemplar espôsa como duquesa de Ferrara. // Pelos "Arquivos Secretos do Vaticano", destemidamente franqueados aos estudiosos por Leão XIII, vê-se que Alexandre VI errou como homem (S. Pedro negou três vezes a Cristo), errou como príncipe ("o meu Reino não é dêste mundo"), jamais, porém, errou nos ensinamentos da Igreja como Papa, Vigário de Cristo, o Qual Cristo, dormindo na Barca de Pedro, sustentava-a contra as tempestades da Renascença paganizante e a favor de "homens de pouca fé". // Alexandre VI pacificou Portugal e Espanha, com a célebre "linha meridiana" que separava as Descobertas — o que levou o rei de França a perguntar em que artigo do seu testamento Adão repartira a Terra entre portuguêses e espanhóis.

PIO III (1503).

Em 1503 falecia Alexandre VI, papa Borja, aos 72 anos de idade, em 18 de agôsto, mês célebre pelas enfermidades que o calor úmido provocava em Roma. Como ao mesmo tempo adoecia gravemente César Borja, cronistas houve que atribuíram a morte do pontífice a veneno, acrescentando os malévolos que se tratava de veneno preparado para outrem! Muita fantasia, muito romance. Seu sucessor o cardeal de Siena, Francisco Todeschi Piccolomini, após receber a sagração episcopal, foi coroado solenemente na escadaria da basílica de S. Pedro. Chamou-se Pio III, em memória de seu tio Pio II. Sua eleição causou grande júbilo. Era homem religioso, de grande bondade, muito caritativo, de vida exemplar. Esperava-se um pontificado oposto ao precedente. Pacífico, Pio III suportou a presença de César Borja, agora abandonado e ameaçado por todos, o qual, gravemente enfêrmo mas ainda perigoso, se entrincheirara no Castelo S. Ângelo e se apossara do tesouro pontifício.

Pio III fôra eleito doente também e veio a falecer santamente no dia 18 de outubro, sem um mês de pontificado. "Por nossos pecados nós não o merecíamos", escreveu Sigismundo Tizio. Pio abençoara a obra apostólica, evangelizadora, dos missionários, que levavam com sacrifício, com abnegação, a fé cristã às Índias Ocidentais e Orientais, pelas luminosas rotas de Colombo e Vasco da Gama, envolvendo o Globo no civilizador abraço de Nosso Senhor Jesus Cristo. Franciscanos e Dominicanos eram os principais atletas de Deus nessa propagação do Evangelho; havia, porém, muitas outras ordens e associações religiosas nessa emprêsa, às quais viriam em breve juntar-se os gloriosos filhos de Santo Inácio.

JÚLIO II (1503-1513)

JÚLIO II (1503-1513)

Num conclave de poucas horas foi eleito o cardeal Juliano Della Róvere, de 61 anos, natural de Albissola (Gênova), de família pobre e sobrinho de Sisto IV. Muito enérgico e de costumes irrepreensíveis no sólio pontifício. Soube conter e até prender o poderoso duque Valentino, César Borja, morto mais tarde (1507) em combate na França. Lutou para restabelecer os Estados Pontifícios contra o poder dos barões que audazmente haviam até executado os enviados do papa. Júlio II comandou seu exército e expugnou cidades em pleno inverno, expulsando as tropas da poderosa República de Veneza e do próprio rei de França, Luís XII, que invadira a Itália. Sua atividade guerreira, embora desinteressada, patriótica, e justificada pelos costumes do tempo, foi sempre criticada. Sob inspiração de Luís XII, seus inimigos reuniram um pseudo concílio em Pisa, que pretendeu depor o papa; mas Júlio desfez o conciliábulo e convocou, em 1512, o 5.º Conc. Lateranense, 18.º Ecumênico.

Incrementou a cultura e as artes. Roma tornou-se a capital artística do mundo: Miguelângelo, Rafael, Bramante, a quem confiou a construção da nova basílica de S. Pedro, são nomes que imortalizam o pontificado de Júlio II. Sua figura moral, enérgica, expressiva, de chefe, é bem simbolizada na estátua do "Moisés", de Miguelângelo, estátua que impõe respeito e admiração através dos séculos. Papa Júlio II, o batalhador que teve a energia de César Borja sem seus vícios e traições, morreu em 21-2-1513, aos 72 anos de idade, meditando grandiosos planos, que certamente levaria a cabo se mais vivesse. "Mais príncipe que papa, foi o homem necessário à salvação do pontificado numa época de prepotência" (Von Pastor).

LEAO X (1513-1521)

João de Médici, de 38 anos de idade, filho de Lourenço, o Magnífico, duque de Florença, tornou-se papa aos 11-3-1513. Chamou-se Leão, nome de vários pontífices santos. De família nobre, de gênio pacífico, é chamado o "Salomão pontifício". Generoso ao extremo, magnificente com os artistas, deu seu nome à época — "o século de Leão X". Era manso, sóbrio, exemplar, de belo exterior. Deixou-se, porém, levar pelo renascente espírito pagão, dedicando-se muito às artes e pouco à religião, e não procurou realizar, como prometera, a reforma da Igreja "na cabeça e nos membros". Cuidou da paz com Francisco I de França, após a vitória dêste em Marignano, (1515) "a batalha dos gigantes". Houve contra o pontífice uma conjuração, punida com o rigor daqueles tempos. // Leão não deu suficiente atenção ao movimento protestante, iniciado pelo frade agostiniano alemão, Martinho Lutero, contra a pregação das indulgências feita pelo dominicano Tetzel. O violento ódio que transparece dos escritos e dos atos de Lutero não recomenda a sua "reforma". Entretanto de reforma cristã, não luterana, necessitava a faustosa côrte de Leão X. Sob a aparência de Arte, o Paganismo ressuscitava em Escultura, Poesia e Teatro como nas demais côrtes. Daí um aumento de materialismo. Abstraindo-se dessa infiltração pagã que tentava sufocar o pensamento cristão, o mérito de Leão X consiste em ter sido o maior Mecenas dos artistas de valor de seu tempo, quando floresceram Rafael Sanzio, Miguelângelo Buonarroti, Leonardo da Vinci...

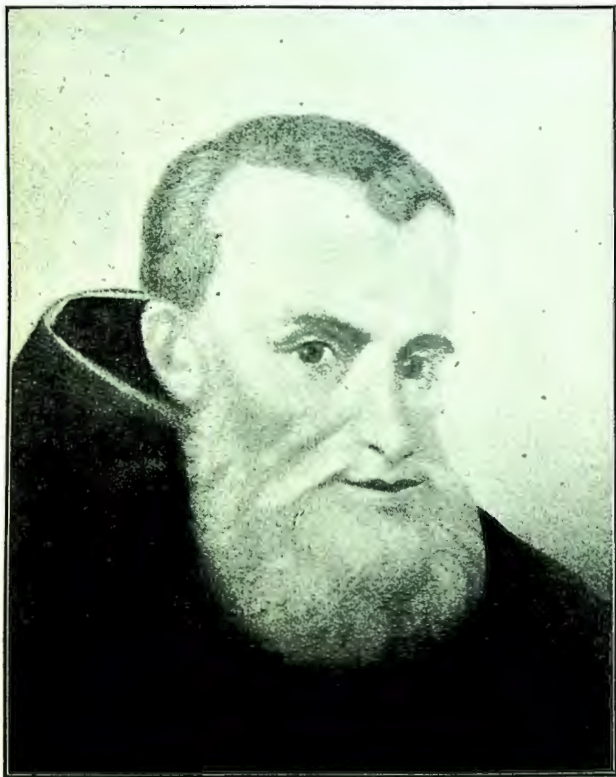
Apesar de seus pendores para a "moda" geral do Renascimento, Leão X foi irrepreensível, sóbrio, justo. Morreu aos 46 anos "tendo-se confessado devotìssimamente" (carta de Castiglione ao marquês de Mântua). // Na História da Igreja, em Leão X, os fulgores do príncipe foram fatais ao Pontífice.

ADRIANO VI (1522-1523)

ADRIANO VI (1522-1523)

Adriano Florenz Boyers, filho de um carpinteiro de Utrecht (Holanda), elevado ao sólio pontifício em 9-1-1522, tinha 61 anos de idade. Não quis mudar seu nome: chamou-se Adriano VI. Pobre órfão, lutara desde os primeiros anos para estudar. Formou-se na Universidade de Louvain, da qual chegou a ser vice-chanceler. Foi depois preceptor do imperador Carlos V, bispo de Tolosa e regente da Espanha com o grande cardeal Ximenes. O sério Carlos V ao receber a nova da eleição saltou exclamando: "Mestre Adriano é papa!" O eleito, porém, que estava ausente de Roma, disse: "Se é verdade, é uma tristeza". Adriano, conhecido por sua imparcialidade, foi homenageado por todos os reis cristãos. Imponente esquadra levou-o da Espanha à Itália. Em Roma, assolada pela peste, deu logo o papa mostras de sua caridade. Proibiu depois despesas e pompas na sua coroação. Edificou os bons com sua vida de asceta. Afastou os parasitas, cortesãos, falsos poetas, bufões... Ganhou com essas medidas sábias a antipatia de muitos aproveitadores. Perseguiu-o o "Pasquim". (Numa velha estátua, um alfaiate corcunda e mordaz, chamado Pasquino, afixava outrora críticas ao Govêrno — e o costume havia continuado). Adriano sofreu com o progresso do Protestantismo que convulsionava a Alemanha, com a invasão dos Turcos que devastavam a Hungria e com a estúpida guerra entre Francisco I e Carlos V. Quis aplicar justas reformas. Morreu, porém, em 14 de setembro de 1523. À casa de seu médico alguns adversários de suas reformas aplicaram o letreiro: "Salve, libertador da Pátria". Adriano, porém, num pontificado longo, teria sido por suas firmes virtudes um "libertador da Igreja".

CLEMENTE VII (1523-1534)

Chamou-se Clemente VII o florentino cardeal Júlio de' Médici, primo de Leão X. Era jovem, culto, protetor das letras, ciências e artes. Foi, porém, "o mais infeliz dos Papas". A Alemanha incendiava-se na reforma de Lutero, cujos adeptos, protestando na Dieta de Espira (1529), foram chamados *protestantes*. O rei da Inglaterra, Henrique VIII, exigia seu absurdo divórcio. O sultão Solimão II esmagava o bravo exército húngaro em Mohacs (1526), sitiava Viena e ameaçava a Europa. Na Itália digladiavam-se os exércitos de Francisco I de França e de Carlos V imperador da Alemanha e rei da Espanha. Em 24-2-25 os imperiais aprisionaram Francisco I em Pavia. Temendo, então, o demasiado poder de Carlos V, contra êle uniram-se os govêrnos. Clemente favoreceu essa Liga. E eis a precipitarem-se sôbre a mísera Itália as tropas mercenárias dos "lansquenetes". Seus chefes morreram: o luterano Frundsberg de apoplexia, ao repreender suas tropas, e o renegado Condestável de Bourbon, em combate; assim os fanáticos luteranos entraram desenfreados na Cidade, acompanhados pelos bandidos que seguiam o exército. O saque de Roma (maio de 1527) foi um dos mais repugnantes episódios da História: roubo, incêndio, sangue, violências inauditas. Idade, sexo, conventos, Igrejas, sepulturas, nada foi respeitado. A Capela Sistina, tão artística, foi transformada em cocheira... Só a peste afugentou os brutos, que se diziam reformadores... Clemente refugiou-se em Orvieto. Conseguiu depois a Paz das Damas, entre franceses e imperiais. Coroou Carlos V em Bolonha (1529) e foi à França para o casamento do filho de Francisco I com sua sobrinha Catarina de' Médici. Aprovou a fundação dos excelentes Capuchinhos, ramo Franciscano. Morreu Clemente em 25-9-1534, aos 56 anos.

PAULO III (1534-1549)

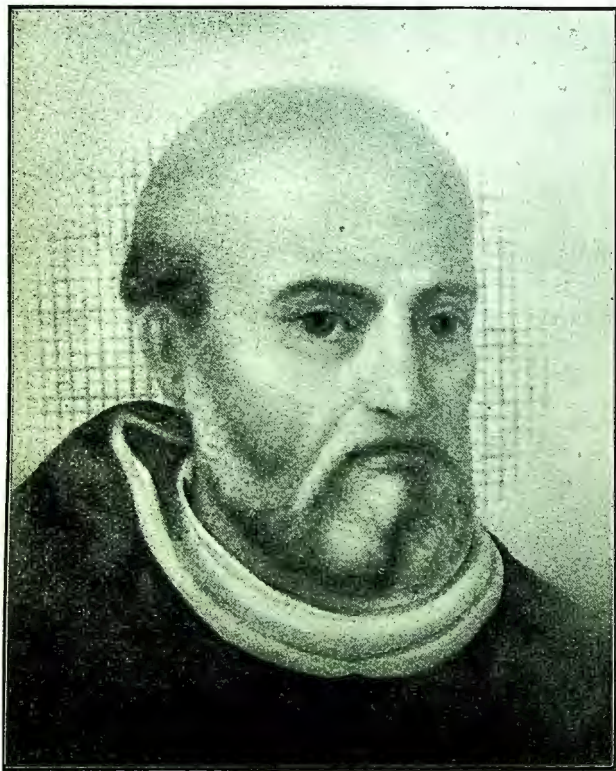
PAULO III (1534-1549)

Um conclave de poucas horas elegeu o cardeal Alexandre Farnese, de 67 anos de idade. Chamou-se Paulo III. Roma alegrou-se, pois havia 103 anos que não elegia um pontífice nativo da Cidade Eterna. // Alexandre, que na mocidade fôra leviano, mudou radicalmente de vida em 1513 ao se fazer eclesiástico. Sacerdote em 1519. Descontado seu nepotismo, teve um pontificado dos mais benéficos. Encarou com firmeza o caso do divórcio de Henrique VIII, da Inglaterra, que repudiara Catarina de Aragão, mandara matar três das outras cinco espôsas e fizera muitos mártires (seu ministro S. Tomás More, o arcebispo S. João Fisher...) // Paulo III procurou unir Francisco I e Carlos V na luta contra os Turcos. Carlos venceu os infiéis em Túnis (1535), libertando 20 mil escravos cristãos, mas o rei de França, para combater o rival, aliou-se ao Sultão!

O protestantismo de Lutero, Calvino, Melanchton, crescia com a proteção dos príncipes que se apossavam dos bens da Igreja, e com a convivência do mau clero que se libertava do celibato. O próprio Lutero casou-se com uma freira. // Paulo III convocou afinal o desejado e célebre Concílio de Trento (1545-63), interrompido por guerras e pela peste, mas que deu vigoroso impulso à verdadeira Reforma. // Paulo III foi o verdadeiro protetor das artes e das letras, excluindo delas o paganismo. Patrocinou homens como Copérnico, Miguelângelo, Sangallo e outros gênios. Deus abençoou-o com a dádiva celeste da Companhia de Jesus, fundada em 1540 por S. Inácio de Loiola, o santo general. A Companhia expandiu-se pelo mundo inteiro "ad majorem Dei gloriam", dando santos, sábios e missionários (como Nóbrega e Anchieta no Brasil): os padres jesuítas, os mais bravos — por isso mesmo os mais combatidos — soldados de Cristo.

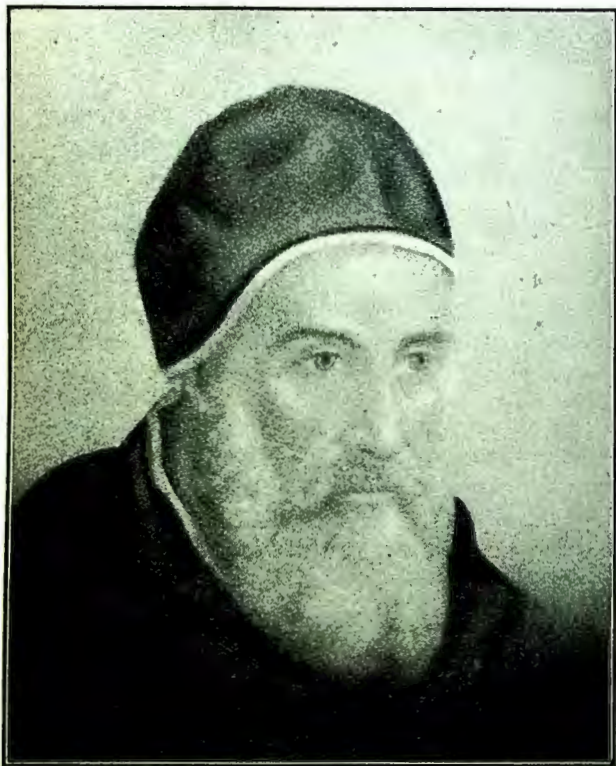
JÚLIO III (1550-1555)

Várias as opiniões dos 47 cardeais reunidos no conclave de 1550. Muitos votos obteve o cardeal inglês Reginaldo Pole. Finalmente foi eleito João Maria del Monte, bispo de Palestrina, ex-presidente do 1.º período do Concílio de Trento. Escolheu o nome de Júlio III. Era toscano e de idade avançada. Eleito papa, mudou de tal forma seu gênio colérico que, dizia-se, não conseguia dormir à noite, quando passava o dia sem conceder favores. Celebrou o Ano Santo de 1550. Criou (bula *Super Spécula*) a diocese da Bahia, a primeira no Brasil, 25-2-1551, nomeando seu malogrado 1.º bispo, D. Pedro F. Sardinha. // Júlio III cuidou lôgo da reforma eclesiástica e da paz entre os reis. O francês Henrique II continuava a guerra de seu pai contra Carlos V, e o papa empenhou-se em pacificá-los. Reiniciou o Concílio de Trento, em abril de 51, o 2.º período, (da XI à XVI sessão) no qual se tratou da Eucaristia e da disciplina episcopal. Convidou inùtilmente os protestantes. Suspendeu-se o Concílio em abril de 52, porque os príncipes reiniciaram a guerra religiosa, com o apoio do traidor Maurício de Saxônia, que quase aprisionou o imperador Carlos V. // Júlio III muito trabalhou para reconduzir a Inglaterra à união da fé, por meio da rainha Maria Tudor, filha da repudiada Catarina de Aragão. Enviou-lhe o cardeal Pole. Maria, porém, por uns chamada a Católica e por outros a Sanguinária, casou-se, por motivos políticos, com Felipe II de Espanha, 18 anos mais moço. Êste casamento desagradou aos inglêses, e a rainha conseguiu apenas um união efêmera com a Igreja. //

Nosso papa morreu em 23-3-55, amargurado por seus ingratos parentes, mas confortado pelas notícias da brilhante propagação da fé por meio da Companhia de Jesus nas Índias, no Japão e na China (S. Francisco Xavier e outros).

MARCELO II (1555)

MARCELO II (1555)

O cardeal Marcelo Cervini teve brevíssimo pontificado: 23 dias, de 9 de abril a 1.º de maio de 1555. Entretanto era um dos pontificados mais promissores. Não quis mudar seu nome, costume que se vinha observando desde João XII (955) com a rara exceção de Adriano VI (1522). Chamou-se, pois, Marcelo II. Era a figura mais respeitável do S. Colégio: naqueles tempos os trêfegos Romanos tinham o péssimo costume de fazer apostas sôbre quem seria eleito papa; os entendidos apostaram ùnicamente em Cervini por ser o expoente máximo do partido reformador. Marcelo quis sua coroação realizada sem pompas, religiosamente, na Semana Santa, e determinou que o dinheiro destinado às festas fôsse aplicado em esmolas aos pobres. // Pesava tanto sua responsabilidade que dizia recear muito, depois de eleito papa, perder o Céu!

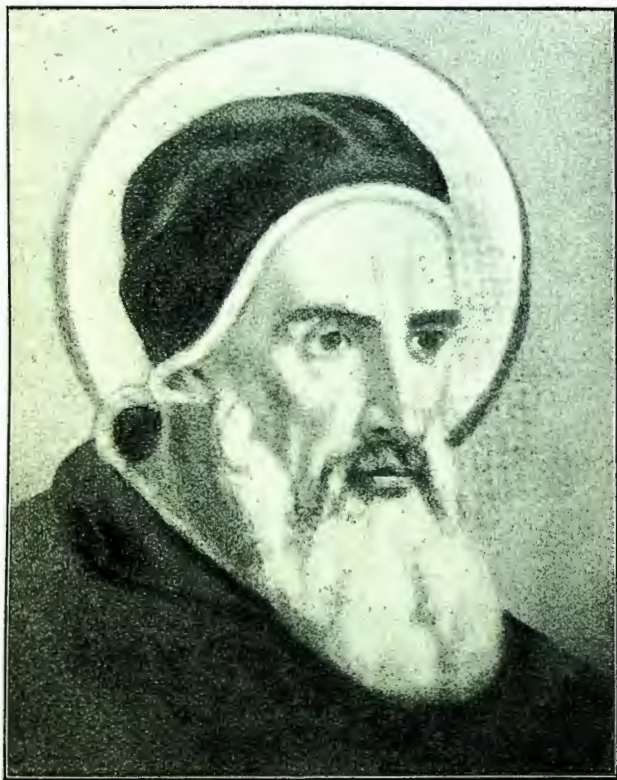
Inimigo do nepotismo, não permitiu aos seus numerosos parentes nem mesmo morar em Roma. Reduziu de tal forma a mesa, que da côrte papal se afastavam os comensais. Na Semana Santa acompanhou de pés descalços as procissões. // Tentou apaziguar a enervante guerra entre o rei de França e o Imperador, guerra que ensangüentava a Europa já por 40 anos. // Para acabar com abusos, resolveu suprimir tôda música nas igrejas. Foi então que Pedro Luís Palestrina, maestro da basílica Vaticana, compôs a célebre *Missa in honorem PP. Marcelli II*, a seis vozes, com a qual provou poder a maravilhosa Arte da Música incentivar a piedade e a devoção. E o Papa, que tão bem sabia orar, inspirado por Deus, cedeu. E os templos tiveram um excelente modêlo da música-prece para os futuros monumentais Oratórios e Missas, para os deliciosos Motes e Cânticos.

PAULO IV (1555-1559)

PAULO IV (1555-1559)

João Carlos Caraffa, de nobre família de Nápoles, chamou-se Paulo IV em 23-5-1555. Contava já 80 anos de idade, mas era robusto. Estivera, quando jovem, nas Côrtes da Inglaterra e da Espanha. Bispo de Chieti (Theates), renunciara ao bispado para, unido a Caetano de Thiene, fundar a Ordem dos Teatinos, admirável por sua observância. Paulo III nomeou-o cardeal e arcebispo de Nápoles (1536). De memória prodigiosa, poliglota de valor, versadíssimo em S. Tomás, de costumes inatacáveis, rigoroso mesmo. Reorganizou a Inquisição. Teve, porém, a infelicidade de confiar em parentes, que favoreceram a França em guerra contra a Espanha. Esta venceu em S. Quintino, célebre vitória que deu origem ao Mosteiro do Escurial, construído por Felipe II em memória de S. Lourenço, por ter sido ganha a batalha em 10 de agôsto, dia dêsse santo. Roma foi então ocupada pelo espanhol Duque d'Alba, o qual, aliás, tratou o pontífice com a máxima deferência. Em 21-9-58 morreu no mosteiro de S. Justo, o grande Carlos V, "sôbre cujos domínios jamais se punha o sol". Renunciara em favor de seu irmão Fernando e de Felipe II, seu filho. Quatro dias antes morria Maria, a Católica, infeliz rainha da Inglaterra. Sua irmã Isabel logo depois rompia com Roma e a filha de Ana Bolena firmava a Igreja Anglicana. Maria era filha de legítimo matrimônio, símbolo da herança Apostólica; Isabel, fruto de uma paixão pecaminosa e expoliadora, sucedia-a... Paulo IV teve seus dias amargurados ao conhecer, êle tão rigoroso, os desmandos de seus sobrinhos. Confessou pùblicamente sua dor, expulsou os parentes, castigou monges indignos, fêz prender até o inocente cardeal Morone. Expirou em 19-8-1559, tendo-se confessado humildemente ao P. Laynez, Geral dos Jesuítas, e pedido perdão a todos.

PIO IV (1559-1565)

PIO IV (1559-1565)

João Ângelo Médici, eleito no Natal de 1559, com o nome de Pio IV, contava 62 anos, nascera em Milão de humilde família. Manso e bondoso. Favoreceu os sobrinhos, um dos quais, porém, foi o admirável S. Carlos Borromeo, cardeal aos 22 anos e inesquecível arcebispo de Milão. Os tribunais da Roma de então obscureceram o nome de Pio IV, com o rigor na condenação dos Caraffas, da família de Paulo IV (o duque João matara a espôsa e subiu ao patíbulo com outros nobres seus parentes). É glória indiscutível de Pio IV haver encerrado o Concílio de Trento, o "*duc in altum*" do Mestre, que desencalhou a Barca de Pedro e a lançou ao mar alto. De 15-1-62 a 4-12-1563 durou o 3.º e último período do Concílio. Em lágrimas de emoção foi encerrado. Tratou dos Livros Santos e da Tradição, do pecado original, da justificação, dos deveres e dos direitos dos bispos (residência e jurisdição), dos Sacramentos, do Índice dos livros proibidos, das obrigações sacerdotais, do divórcio, da bigamia, do celibato e da virgindade, do Purgatório, do culto aos Santos, das relíquias, das imagens, das indulgências, do jejum, das festas e da vida religiosa etc... Foi o Concílio uma reafirmação da doutrina católica, excluindo dúvidas e indecisões, num só bloco de ensinamentos, monolítico, sem fendas, indestrutível. Os protestantes foram convidados: — recusaram. Em 1546, já iniciado o Concílio, morrera Lutero, e em 1564, Calvino, deixando ambos, após si, dissensões, lutas e sangue em seus países e, por compreensível herança, uma eterna subdivisão entre seus sequazes, fragmentados, ante a grande Rocha de Simão Pedro. // Pio IV morreu, em 3-12-1565, nos braços de S. Carlos Borromeo e de S. Felipe Néri. Repousa seu corpo na igreja de S. Maria dos Anjos, em Roma.

5 de maio — S. PIO V (1566-1572) — Confessor

Num excelente conclave 53 cardeais elegeram o piedoso dominicano Miguel Ghislieri, nascido aos 17-1-1504 em Boscomarengo (Alessandria). Chamou-se Pio V, em sinal de respeito ao seu antecessor, do qual divergira outrora em sua habitual franqueza. Fôra Geral da Inquisição, bispo de Sutri e Nepi, e cardeal sob Paulo IV. Abraçando o são princípio de que o Concílio de Trento devia reformar a Igreja "na cabeça e nos membros", levou vida rígida e santa. Dormia sôbre pobres palhas, jejuava freqüentemente; afastou de Roma, sob pena de morte, um seu sobrinho relapso. Aboliu costumes mundanos de funcionários da sua Cúria. Proibiu em Roma as touradas e o uso de máscaras. Dava audiência semanal de dez horas à gente pobre. Fundou os montepios, para subtrair os pobres à usura dos Judeus. Abriu estradas, reformou aquedutos. Mandou traduzir e difundir o Catecismo Tridentino. Reformou o Breviário e o Missal romanos. // Abençoou os príncipes favoráveis à reforma tridentina. Concedeu a Cosme de' Médici, da Toscana, o título de Grão-Duque, e aos príncipes da Casa de Áustria (para não suscitar ciúmes), o de Arquiduques...

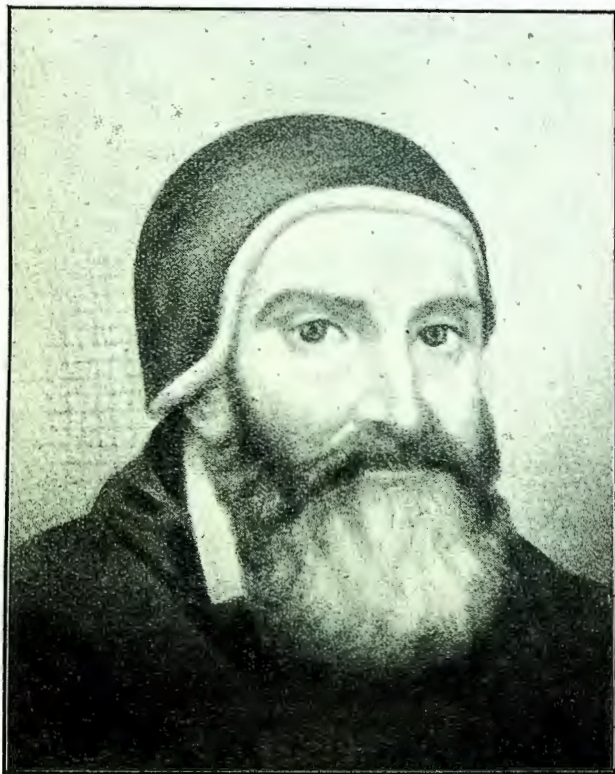
Insistiu sôbre o valor da bula "*In coena Domini*", que condenava os crimes dos soberanos e era por êles mal aceita. Excomungou a rainha Isabel da Inglaterra, que impunha o cisma à nação e cujo govêrno perseguia cruelmente os católicos, expoliando-os de seus bens materiais e de seus direitos à prática de sua religião. // Uniu os católicos na gloriosa vitória de Lepanto (7-10-71), dos 243 navios sob D. João de Áustria contra os 283 dos muçulmanos. Em oração, S. Pio teve visão da batalha; acrescentou às Ladainhas de N. Senhora e invocação "*Auxilium Christianorum*". Morreu em 1-5-1572.

GREGÓRIO XIII (1572-1585)

Hugo Boncompagni, de 70 anos, nascido em Bolonha de modesta família, foi o notabilíssimo papa Gregório XIII, eleito em 14-5-72. Até a idade de 36 anos fôra professor de jurisprudência. Tendo perdido a espôsa, mudou-se para Roma; fêz-se eclesiástico. Elevado a bispo, estêve no Concílio de Trento, como companheiro de S. Carlos. Eleito papa, destinou a soma a ser gasta na festa de coroação, ao hospital de S. Felipe e a dotes para moças pobres. Nomeou, pela vez primeira, um Secretário de Estado, o Card. Gallio de Como. Favoreceu muito os estudos, criando ou ampliando colégios para as várias nacionalidades: Colégios Romano, Germânico, Grego, Inglês, Húngaro etc... base da atual Universidade Gregoriana em Roma, onde o papa assistia a aulas do jesuíta Francisco Suarez. Dotou seminários na Europa e escolas no Japão, de onde quatro príncipes vieram a Roma numa viagem de três anos. Célebre o Calendário Gregoriano, (reforma do de Júlio César) em que trabalharam por dez anos os melhores astrônomos e matemáticos da época — uma prova da dedicação da Igreja à Ciência. Iniciou-se o novo calendário em 5-10-82, dia da morte da grande S. Teresa.

Aos primeiros meses dos pontificado de Gregório, deu-se na França a matança de huguenotes na célebre "Noite de S. Bartolomeu" (24 de agôsto), por precipitação culposa da rainha Catarina de' Médici. O papa foi injustamente incriminado, porque se rejubilou com o "fracasso do atentado contra o rei", como informaram a êle. Mandou mesmo cantar *Te Deum* e cunhar medalha, na certeza de que a mortandade (aliás exagerada propositadamente por alguns escritores) fôra apenas a repressão em defesa da vida do soberano francês. Gregório tornou mundial a festa de N. S. do Rosário. Morreu aos 84 anos, no dia 10 de abril de 1585.

SISTO V (1585-1590)

O menino Félix Peretti, guarda de porcos, chegou a ser papa aos 63 anos. Sisto V em um só lustro de pontificado imortalizou seu nome. Nascera de pais pobres em Grotte a Mare (Marcas) em 13-12-21. Humilde, sempre recordou sua origem. Piedoso, fizera-se franciscano. Jovem, pregador de fama, encontrara-se em Roma com S. Inácio de Loiola, S. Felipe Néri, S. Félix... Teólogo no Concílio de Trento. Cardeal em 1570. É uma figura legendária. No centro da Itália havia então uns 20 mil bandidos, ex-soldados, chefiados por nobres! Sisto limpou seus Estados dessa praga! Sua justiça era tal que afirmavam: "Papa Sisto não perdoa em Cristo!" Dentro dessa ordem, concedeu festas grandiosas e teatros públicos ao povo, liberdade aos Judeus e paz geral. Exigindo honestidade dos funcionários, restabeleceu as finanças, diminuiu os impostos, remodelou a cidade, construiu grandioso aqueduto, criou a Tipografia Vaticana, ampliou a Biblioteca e as universidades. Ergueu na praça S. Pedro o imenso obelisco, que os imperadores romanos haviam trazido do Egito dos Faraós, e na base do qual Sisto mandou gravar: "Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat!" Nessa ocasião, contam quando as amarras cediam, um barqueiro, rompendo o silêncio imposto sob pena de morte, gritou: "Molhem as cordas" e as cordas, molhadas, resistiram. // Sisto incrementou a produção da sêda, com cujo imposto criou asilos para os indigentes. Reprovou a Isabel da Inglaterra a morte de sua prima Maria Stuart; ameaçou expulsar o embaixador de Felipe II, porque êste se tornara exigente; trabalhou para converter o chefe huguenote, o futuro Henrique IV de França. Ativo até o fim, Sisto morreu trabalhando, em 26-9-1590. Permanece a memória do notável caráter de quem foi um grande Papa e um grande Rei.

URBANO VII (1590)

Muito observante das prescrições da Igreja, Sisto V mantivera sempre o número de cardeais bem aproximado ao máximo estabelecido de 70. À sua morte, havia 67 membros do S. Colégio. Reuniram-se 54 no conclave de 15-9-1590. Dividiam-se em dois grupos: os "gregorianos", elevados ao cardinalato por Gregório XIII, e os "sistinos", nomeados por Sisto V. A todos animava a vontade sincera de se escolher um bom pontífice. Foi por isso eleito João Batista Castagna. Chamou-se Urbano VII. Nascera em Roma, de família genovesa. Douto e virtuoso, foi sacerdote aos 32 anos, depois arcebispo de Rossano na Calábria e cardeal em 1583.

De coração muito compassivo, seu pensamento correu logo aos pobres. Como presente de sua coroação, distribuiu seus bens de família aos indigentes e aos hospitais fundados por seus antecessores. Reuniu os párocos de Roma, ordenando-lhes fizessem listas dos necessitados. Providenciou que se melhorasse e se barateasse o pão na cidade. Mostrou-se logo inimigo do nepotismo, negando-se a nomear para cargos públicos seus parentes que haviam acorrido numerosos e esperançosos à Côrte pontifícia. Todos aguardavam, pois, um govêrno magnífico dêste santo homem. Urbano tinha 69 anos. Gozava de ótima saúde. Mas foi atacado pelas febres de verão, violentas e fatais em Roma. Tôda a cidade se comoveu à notícia de sua enfermidade. Fizeram-se preces públicas com a função das Quarenta Horas. Mas o pontífice, resignado à vontade de Deus, expirou em 27-9-1590, após 13 dias apenas de pontificado. Entre outras disposições caridosas, legou, de sua herança paterna, 30 mil escudos em dotes às moças casadouras.

GREGÓRIO XIV (1590-1591)

Por dois meses prolongou-se o conclave de 1590, hostilizado pela influência dos embaixadores de alguns soberanos, máxime do rei da Espanha. Nessa ocasião apareceram as famosas "Profecias de S. Malaquias", um documento que afirmava ter êsse santo bispo de Armagh (Irlanda), profetizado a vida dos futuros 111 papas, a começar de Celestino II (1143) até o fim do mundo no ano 2000. Assim, Pio XI seria Fides intrépida, Pio XII Pastor angelicus. Seguindo-se: Pastor et nauta, Flos florum, De medietate lunae, De labore solis, De gloria olivae e finalmente Petrus II, o último pontífice. Essa profecia foi forjada em 1590 por alguns que desejavam a eleição do cardeal Simoncelli, a quem caberia o dístico *De antiquitate Urbis*, pois era natural de Orvieto (*Urbs vetus*). Foi, porem, eleito Nicolau Sfondrato, de Milão. Teve um pontificado de 10 meses. Estudara em Pádua. Amigo de S. Carlos Borromeo e de S. Felipe Néri, o popular santo, fundador do Oratório. O cardeal Nicolau Sfondrato chamou-se Gregório XIV.

Enganado por parentes, quis guerrear o huguenote Henrique IV candidato ao trono de França. Mostrou sua caridade, corajosa e ativa, nos socorros prestados às vítimas da peste que assolou Roma e na qual morreu (21-6-1591) o angélico jovem jesuíta S. Luís de Gonzaga, dos marqueses de Castiglione e a quem sua feliz mãe ainda pôde venerar nos altares como bem-aventurado. Em 16 de outubro morria Gregório XIV, abatido pelo cansaço. Curioso o "tratamento" que os médicos "tolos ou ladrões" (como lhes chama um cronista) aplicaram ao pontífice: "remédios feitos de pó de ouro e de pedras preciosas esmagadas". O papa, depois de dar a mão a beijar a todos os presentes, morreu como vivera: santamente.

INOCÊNCIO IX (1591)

INOCÊNCIO IX (1591)

João Batista Facchinetti, bolonhês, eleito papa em 29-10-1591, contava 72 anos de idade. Douto e conhecedor da Côrte Romana. Formado na Universidade de Bolonha, era muito estimado por seu profundo saber e por suas acrisoladas virtudes. // Infelizmente, às muitas qualidades intelectuais e morais não correspondia a saúde. Magríssimo, pálido, sempre adoentado, Inocêncio IX, como se chamou o eleito, muito trabalhou nas poucas semanas de seu pontificado. Mandou vir alimentos para a cidade. Ordenou severa repressão ao banditismo. Subdividiu a Secretaria de Estado. Procurou caridosamente ganhar Henrique IV de França e convertê-lo. Em 30 de dezembro, após peregrinar por sete igrejas de Roma, faleceu santamente. Os Romanos, jocosos como todos os habitantes das capitais, haviam-no apelidado "*Clínicus*", por causa de suas doenças; mas choraram sentidamente a morte de um pai tão bondoso, prestativo e que lhes queria muito bem. Deixou vários escritos, entre os quais uma réplica "*Adversus Machiavellum*". // Inocêncio IX foi mais um pontífice santo, fruto das bênçãos de Deus ao Concílio Tridentino. E com êle outros gloriosos santos: o florentino S. Felipe Néri, — o santo da alegria divina — o médico S. António Maria Zacaria, o fidalgo S. José Calasans, o anjo dos doentes S. Camilo de Lellis, S. Carlos fundador das Oblatas de S. Ambrósio, S. Ângela Merici das Ursulinas...

Os Jesuítas com S. Pedro Canísio e seu Catecismo, com o duque S. Francisco de Borja, com seus missionários, doutores e mártires por todo o mundo... S. Vicente de Paulo, de luminosa e comovente ação na brilhante Côrte de França, instituia mais tarde os Lazaristas e as inesquecíveis Irmãs da Caridade... Frutos opimos do Tridentino! A verdadeira reforma cristã!

CLEMENTE VIII (1592-1605)

CLEMENTE VIII (1592-1605)

No conclave de 1592 tardavam os eleitores a um acôrdo, quando faleceu o cardeal Della Rôvere. Foi assistido piedosa e incansàvelmente pelo colega Hipólito Aldobrandini. Sôbre êste convergiam os votos. Chamou-se Clemente VIII. Nascido em Fano, a nordeste de Roma, fôra legado pontifício na Polônia. // "De grandes méritos, costumes ilibados, alta cultura", mostrou logo seu valor. Na França, após o assassínio do duque de Guise e do rei Henrique III, os católicos relutavam em aceitar o Bourbon, por ser huguenote. Mas Henrique IV de Navarra — o Bourbon — abjurou a heresia. É lenda que houvesse dito a sério "Paris vale bem uma missa", porque sua conversão foi sincera e seus filhos foram educados por êle no Catolicismo. Clemente VIII, aconselhado por S. Felipe Néri e por Barônio, absolveu o rei da excomunhão imposta por Sisto V. Voltou a paz à França e Henrique IV concedeu liberdade de religião pelo Edito de Nantes (1598). Nesse ano morria Felipe II, de Espanha, religiosamente, mas atacado por horrível moléstia, dizendo ao filho: "Vê, príncipe, como acabam as grandezas dêste mundo". // Ao tempo de Clemente houve em Roma dois julgamentos de sensação: o da jovem e bela parricida Beatriz Cenci e o de Giordano Bruno, ambos condenados à morte. Giordano tornou-se mais tarde (1898) "*herói*" para os anticlericais. Frade rebelde, agitador imoral, insultava até as Universidades, a começar pela de Oxford, que chamou de "constelação de ignorantes, monturo de asnos e porcos..."

Clemente VIII foi valioso amigo do poeta Torquato Tasso. Festejou o Ano Santo de 1600, dos mais concorridos e belos. Terminou e decorou o Palácio Vaticano (sala do Conclave e Sala Clementina). Recusando descansar, como recomendavam os médicos, faleceu em 3 de março de 1605.

LEÃO XI (1605)

LEÃO XI (1605)

Um fidalgo da alta nobreza, Alexandre Otaviano de' Médici, obteve maioria de votos entre os 62 cardeais do conclave que se seguiu à morte de Clemente VIII. Era primo de Cosme, Grão-Duque da Toscana, e de Maria de' Médici, rainha de França. Justo e imparcial, escreveu logo ao rei da Espanha, adversário dos Médici, assegurando-lhe a sua amizade de pai comum de tôda a Cristandade. Chamou-se Leão XI. Nascera em Florença, cidade da qual era arcebispo, após ter sido bispo de Pistoia. Sua eleição teve uma santa garantia, a de contar no conclave com a presença de três astros do Sacro Colégio: os cardeais Barônio, oratoriano, Belarmino, jesuíta e Frederico Borromeo, da família de S. Carlos. Leão contava 70 anos de idade. Gregório XIII nomeara-o cardeal em 1583. // Ao contrário de seu antecessor, Leão assumiu atitude firme contra o nepotismo. Algumas pessoas importunavam-no pedindo nomeasse cardeal a um seu sobrinho; o pontífice não mais quis ver essas pessoas em sua Côrte. // De eminentes virtudes, pertencia àquele grupo de cardeais que observavam à risca as prescrições do abençoado Concílio de Trento. // Era muito popular pela liberalidade tradicional da nobre família dos Médici, que já dera à Igreja os pontífices Leão X, Clemente VII, parentes do Magnífico Lourenço. Leão XI assumiu o nome papal em recordação do seu antigo e brilhante parente. Foi coroado no Vaticano em 10 de abril e tomou posse em S. João de Latrão no dia 17. Mas nesse mesmo dia adoeceu e em nada mais pensou senão em se preparar para "a coroação celeste". Faleceu em 27-4-1605, com 26 dias de pontificado. Contam que S. Felipe Néri e S. Madalena de' Pazzi, que muito o estimavam, lhe haviam predito outrora que seria papa e... por pouco tempo.

PAULO V (1605-1621)

PAULO V (1605-1621)

O ex-advogado romano Camilo Borghese, de 23 anos, foi o cardeal eleito com o nome de Paulo V. Vivera modestamente entre livros. Belo no corpo e na alma: alto, majestoso, exemplar como um santo. Confessava-se cotidianamente antes da Missa. Seu único defeito foi o nepotismo, aliás moderado, porque elevou seus parentes na sociedade, mas não permitiu nenhuma ingerência dêles nos negócios da Igreja. Usou de firmeza com a República de Veneza, cujo govêrno usurpara os direitos eclesiásticos. Vendo inúteis seus esforços suaves, Paulo V lançou por fim o interdito (proibição de funções religiosas) a toda a poderosa república. O govêrno dos Doges proibiu a leitura e a execução do interdito, sob pena de morte, mas os Jesuítas (1606), os Capuchinhos, os Mínimos e os Teatinos defenderam valorosamente o Papa e foram expulsos. O govêrno veneziano contou então com o favor do teólogo Paulo Sarpi. Pela intercessão do ex-huguenote Henrique IV de França, Veneza a gloriosa adversária dos Turcos, voltou às pazes com a Santa Sé. // Na Alemanha a Liga Católica respondia com armas iguais à guerra dos Protestantes, derrotando-os na Montanha Branca (1620) por meio de Tilly. // Os católicos inglêses eram perseguidos sob o pretexto da "Conjuração da Pólvora" (atentado contra o Parlamento). Na França o rei Henrique IV era assassinado pelo fanático Ravaillac (1610). Dêsses dois reprováveis atos aproveitaram-se os inimigos para acusar os Jesuítas.... Paulo V pôs à disputa teológica sôbre a graça e a predestinação, entre Jesuítas com Molina e Suarez e os Dominicanos com S. Tomás de Aquino. Canonizou S. Carlos Borromeo. Deixou trabalhos magníficos em Roma, de Bernini e outros artistas de valor. Seu nome é recordado principàlmente na Basílica de S. Pedro. Morreu em 28-1-1621.

GREGÓRIO XV (1621-1623)

GREGÓRIO XV (1621-1623)

Alexandre Ludovisi, de 67 anos, filho de uma nobre família de Bolonha, onde êle se formara em Direito, chamou-se Gregório XV. Havia sido núncio. Conhecera então o embaixador francês Lesdiguières, protestante, que em tom dúbio lhe dissera: "Vós sereis papa". Ao que Ludovisi respondeu sério: "E obterei vossa conversão". Ludovisi foi papa e Lesdiguières converteu-se ao catolicismo. Com a bula *Aeterni Patris* (1621), Gregório estabeleceu mais firmes normas para a eleição dos pontífices: voto secreto, exclusão de estranhos etc... Outra sua grande benemerência foi a fundação da *De Propaganda Fide*, direção geral das Missões e que trouxe grandiosos frutos à Igreja.

Acompanhou com angústia o desenrolar-se da Guerra dos Trinta Anos, luta político-religiosa que devastou a Alemanha (1618-1648). Derrotado o eleitor palatino pelo notável Conde João Tilly, o papa salvou da destruição a biblioteca da Universidade de Heidelberg, recolhendo, por doação imperial, 3.500 códigos e mais de 50 mil preciosos livros. — Em uma só festa Gregório XV canonizou: S. Isidro de Madri, o Lavrador; S. Inácio de Loiola, fundador dos Jesuítas; S. Francisco Xavier, jesuíta apóstolo do Extremo Oriente; S. Felipe Néri, o santo da alegria; S. Teresa de Jesus, a admirável reformadora carmelita (fevereiro de 1622). Estendeu a tôda a Igreja a simpática festa de S. Joaquim e S. Ana, pais de Nossa Senhora. Gregório foi o primeiro ex-aluno dos jesuítas a ascender ao sólio pontifício. Morreu em 8-7-1623, aos 70 anos, sendo sepultado na igreja de S. Inácio. Seu epitáfio proclama: "*Lugendus semper quod imperasset parum*", lamentável para sempre por ter governado pouco tempo.

URBANO VIII (1623-1644)

URBANO VIII (1623-1644)

Com o nome de Urbano VIII ocupou o trono pontifício o cardeal Maffeo Barberini, de 56 anos de idade. De uma família de comerciantes de Florença. Ex-aluno dos Jesuítas. Bispo de Espolêto. Legado em Bolonha. Literato exímio, deixou elegantes poesias e foi o Mecenas de poetas e escritores. Fundou a Biblioteca Barberiana, a Academia romana que hospedou Mílton, autor do "Paraíso perdido". Suarez dedicou bons livros seus a êste papa. Os Jesuítas de Antuérpia começavam a monumental "Acta Sanctorum" com João Bollando. S. Vicente de Paulo fundava (1624) os Lazaristas (Missões e Clero). Urbano erigiu na Basílica de S. Pedro o sepulcro da gloriosa Condessa Matilde († 1115) e o Altar papal, de 28 ms. de altura, com zimbório de bronze de 64 toneladas, trabalho artístico de Bernini. Disciplinou o processo de beatificações e canonizações, reservando à S. Sé o declarar quem é digno de culto sôbre os altares. Canonizou S. Isabel, rainha de Portugal. Reduziu a 34 os dias santificados. Conferiu aos cardeais o título de Eminentíssimos (antes Ilustríssimos).

Urbano sofreu com a rebelião de seu súdito o duque Farnese de Castro e com a guerra na Alemanha, onde os Protestantes receberam o auxílio do célebre Gustavo Adolfo, rei da Suécia († 1632) e a ajuda decisiva do cardeal Richelieu em proveito da França. Ao tempo de Urbano a Inquisição instaurou contra o sábio astrônomo Galileo Galilei o moroso processo, em que se digladiaram teólogos que pretendiam ser cientistas e cientistas que pretendiam ser teólogos. Galileo, vencido mas não convencido, ("eppur si muove", teria dito) não foi maltratado, como se diz: teve por mansão o palácio do duque de Florença e morreu como bom católico, assistido filialmente por Irmã Celeste, em 1642. Urbano VIII morreu em 29-7-1644.

INOCÊNCIO X (1644-1655)

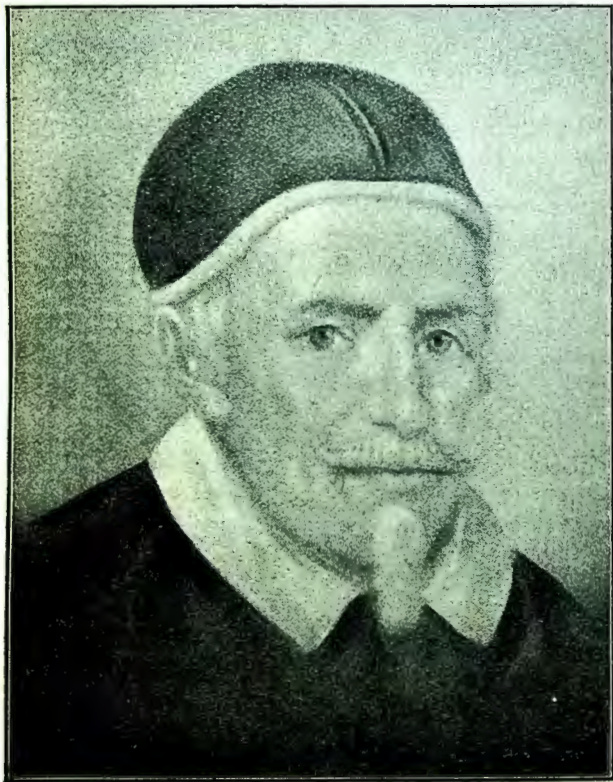
INOCÊNCIO X (1644-1655)

O romano João Batista Pamphili, com 49 votos sôbre 55 votantes, foi eleito papa, apesar da oposição do rei de França, Luís XIV. Chamou-se Inocêncio X. Contava 70 anos de idade. A festa de sua coroação foi grandiosa pela rivalidade de festejos entre os embaixadores espanhol e francês. Êste até fêz correr "fontes de puro vinho" ao povo romano! Inocêncio concedeu demasiada influência à família de seu irmão: a ingerência de sua gananciosa cunhada Olímpia Maidalchini trouxe malquerenças ao velho e virtuoso pontífice. O Ano Santo de 1650 foi celebrado com aquela suntuosidade que era mal do século de Luís XIV. Por exemplo: como "peregrino", o embaixador de Espanha visitou Roma com 300 carruagens douradas, cada uma com séquito de dezenas de cavaleiros, lacaios etc...

Inocêncio protestou contra certas cláusulas do Tratado de Vestefália (1648) que pôs fim à arrasadora guerra dos Trinta Anos na Alemanha, mas que sancionou na prática, o princípio "cuius regio eius religio", obrigando os súditos à religião do príncipe. Na Inglaterra o rei Carlos I era decapitado, 1649, sob as ordens do ditador Oliver Cromwell, o qual, puritano fanático, devastou a católica e nobre Irlanda, 1653. Na França e na Bélgica disputava-se acremente sôbre o livro "*Augustinus*" de Cornélio Jansen, bispo de Yprès, defendido por Pascal, Arnaul e Madre Angélica do convento de Port-Royal. — Inocêncio condenou essa heresia, "jansenista". Embelezou muito Roma, utilizando-se de artistas de valor. Morreu aos 81 anos de idade, em 14 de janeiro de 1655. Seus parentes, enriquecidos e ingratos, pelos quais êle sofrera, nada quiseram gastar com seu funerais... Mais tarde, um filho de seu sobrinho, erigiu-lhe belo sepulcro na igreja de S. Inês.

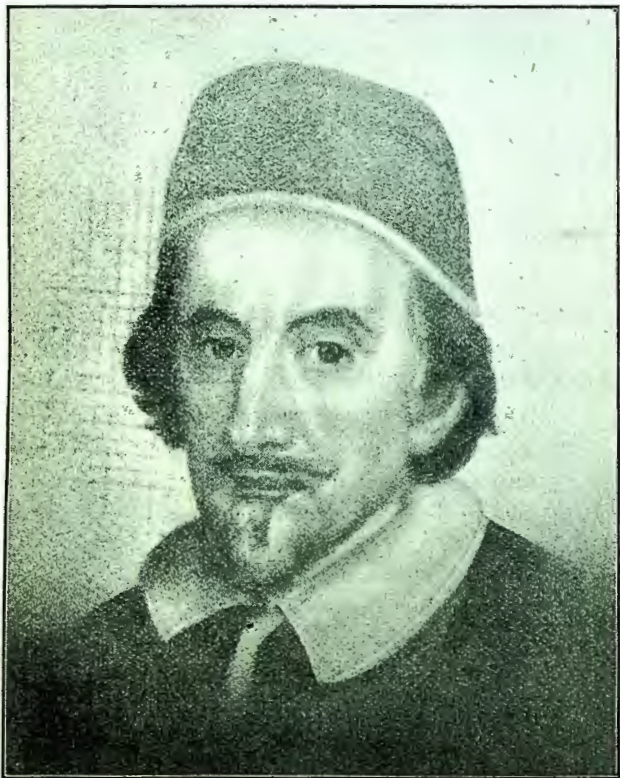
ALEXANDRE VII (1655-1667)

ALEXANDRE VII (1655-1667)

Fábio Chigi, de Siena, com 65 anos de idade, iniciou seu pontificado em 7-4-1655, com o nome de Alexandre VII. Por humildade recebeu a homenagem dos cardeais, empunhando um grande crucifixo. Guardava em seu quarto um caixão fúnebre, para relembrar sempre as vaidades dêste mundo. Foi heróico na peste que, em 1656, ceifou 15 mil vidas em Roma. // Em 1655 acolhera a rainha Cristina da Suécia. Era filha e herdeira do grande rei protestante Gustavo Adolfo, vencedor dos católicos da Alemanha. Possuía vasto saber. Estudou o catolicismo, em parte com o jesuíta português A. Macedo. Rainha aos 18 anos, enérgica e ativa, renunciou após dois lustros de reinado. Partiu incógnita da Suécia. Depositou coroa e cetro no Santuário de N. Senhora de Loreto. Sincera em sua fé, protetora dos literatos (patrona da Arcádia), terminou piamente seus dias em Roma (1689), tendo lutado muito contra seu temperamento imperioso e bizarro. Com a condessa Matilde é ela uma das duas únicas mulheres sepultadas em S. Pedro. É sua a frase: "Como se pode ser cristão, sem ser católico?" // Alexandre VII sofreu a prepotência do orgulhoso Luís XIV de França. Houve uma rixa entre guardas Corsos (pontifícios) e soldados do enfatuado embaixador francês Créqui. No tumulto foi disparado um tiro contra a carruagem da embaixatriz, morrendo um seu criado. O Rei-Sol ocupou Avinhão e, sob ameaça de guerra, exigiu que o Cardeal Chigi, sobrinho do papa, fôsse apresentar desculpas em Paris e que em Roma se erigisse uma pirâmide expiatória! // O papa Alexandre canonizou S. Francisco de Sales e S. Tomás de Vila Nova. Aprovou a fundação dos rigorosos Trapistas. Morreu em 29-5-1667. Seu estupendo sepulcro é obra de Bernini, o genial construtor da característica colunata, que circunda a Praça S. Pedro.

CLEMENTE X (1670-1676)

CLEMENTE X (1670-1676)

Passava dos 80 anos de idade o cardeal Emílio Altieri quando os colegas o elegeram papa. Escolheu o nome de Clemente X, por veneração a seu antecessor. O embaixador de Veneza, Grimani, escreveu ao Doge: "o papa eleito é um santo velho, um anjo, humilde de coração, sincero, benéfico, indulgente"... Na França, dividindo bispos, nobres e religiosos, fervia a disputa Jansenista. Dessa divisão aproveitava-se o Govêrno para pretender o direito de "*regalia*", ou seja, perceber as rendas das dioceses vagas e nomear novos prelados. Pior ainda: Luís XIV, atacando a Holanda, impedia que o imperador germânico socorresse a Polônia ameaçada pelos Turcos. Só o Papa auxiliou com ingentes somas o bravo rei polonês João Sobiescki, o sólido baluarte da Europa cristã. Clemente canonizou solenemente cinco santos: S. Rosa de Lima, peruana, a primeira Santa da América, S. Francisco de Borja, o piedoso duque de Cândia que se fizera jesuíta, S. Felício Benício e S. Caetano.

Em 1675 celebrou o Ano Santo. Apenas 300 mil peregrinos acorreram a Roma para o Jubileu, por causa das guerras de Luís XIV que incendiavam a Europa. Com a assistência de muitos príncipes, o idoso pontífice tomou parte nas cerimônias com admirável piedade. Erigiu uma bela Cruz no Coliseu, antigo e imenso anfiteatro pagão, santificado pelo sangue de muitos mártires dos primeiros séculos do cristianismo. Clemente morreu em 15-7-1676, aos 86 anos de idade. Está sepultado em S. Pedro, perto da capela do SS. Sacramento.

INOCÊNCIO XI (1676-1689)

INOCÊNCIO XI (1676-1689)

O jurisconsulto Bento Odescalchi, de Como (Lombardia), com 65 anos de idade, eleito papa, adotou o nome de Inocêncio XI. Cardeal aos 34 anos. Legado na assolada Ferrara, abençoaram-no os pobres. Lutou para elevar o nível moral da sociedade, combatendo abusos e a mundanidade da época. Uniu os cristãos na decisiva batalha de Viena de Áustria, onde o rei João Sobiescki quebrou para sempre o poderio turco (1683). O vencedor, parodiando César, escreveu ao Papa: "*Veni, vidi, Deus vicit*" (Vim, vi, Deus venceu). A seguir os cristãos libertaram também a Hungria do secular jugo dos infiéis. Inocêncio estabeleceu então a festa do S. Nome de Maria. Na França, porém, Luís XIV valia-se das dissensões teológicas acêrca do "*quietismo*", para favorecer o "*galicanismo*", movimento favorável à independência do clero francês. Aparentando zêlo, êsse monarca revogou injustamente o Edito de Nantes (1685), que concedia liberdade religiosa, e perseguiu os protestantes, exasperando-os com as violências das "dragonades" (caçadas militares). Inocêncio excomungou o orgulhoso rei. Entretanto, um Santo francês, João Batista de la Salle, fundava em 1680 a utilíssima Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs.

Na Inglaterra Jaime II fazia cessar a perseguição, mas êsse rei católico viu-se deposto por seu genro Guilherme de Orange e pela própria filha Maria, que haviam abraçado o protestantismo. Inocêncio, angustiado por tantos sofrimentos, morria em 12 de agôsto de 1689, aos 78 anos de idade e aos 13 de pontificado. Em 1676 elevara a arcebispado a Sé da Bahia, no Brasil (D. Gaspar Barata de Mendonça) e criara as dioceses do Rio de Janeiro e de Olinda, e em 1677 a do Maranhão. Êste santo pontífice mereceu êstes versos: Morto é Innocenzo e tal morì qual visse: Saggio, santo, pietoso, invitto e forte.

ALEXANDRE VIII (1689-1691)

ALEXANDRE VIII (1689-1691)

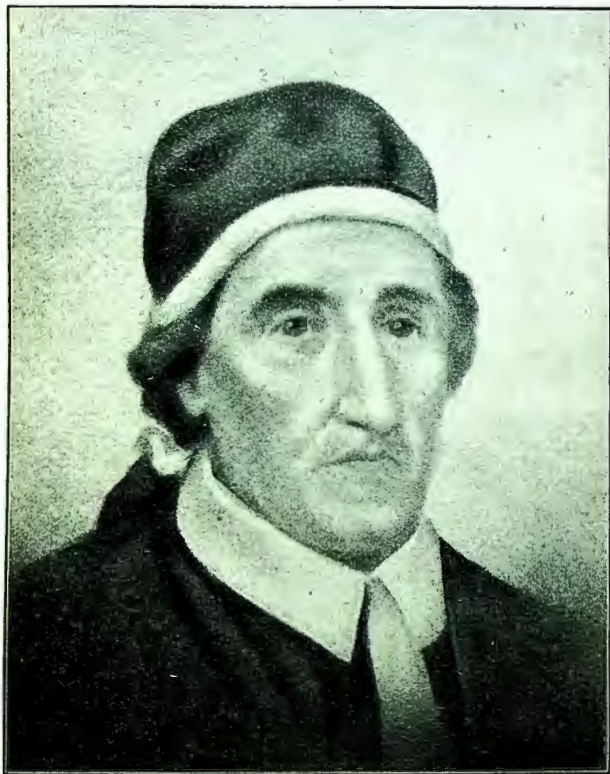
No conclave de 1689 os quarenta e sete votantes elegeram por unanimidade o cardeal veneziano Pedro Ottoboni. Contava 79 anos de idade o novo pontífice, chamado Alexandre VIII. Seu pontificado, breve mas profícuo, ficou tristemente iluminado pela fogueira da guerra que ardia na Europa. Alexandre ganhou a estima da população de Roma: solícito pelo bem de seus súditos, melhorou a máquina administrativa, os impostos, promoveu a prosperidade. Não confiando em estranhos, buscou apoio para seu govêrno nomeando parentes seus, que, aliás, lhe foram ingratos. Felizmente Alexandre VIII encerra a lista dos papas nepotistas. Procurou a paz religiosa na França. Usou de condescendência com Luís XIV, o qual, por sua vez percebendo que perdia prestígio, substituiu seu arrogante embaixador em Roma, restituiu à S. Sé a cidade de Avinhão e apoiou o papa na repressão do jansenismo.

Alexandre, pouco antes de morrer, condenou novamente os atentados contra a fé, mas escreveu ao rei francês uma carta muito paternal. Êste papa auxiliou sua cidade natal, Veneza, com dinheiro e com sete galeras tripuladas por dois mil homens para a libertação das cidades da Albânia em poder dos muçulmanos. Enriqueceu a Biblioteca Vaticana, comprando com seus bens de família, a preciosa coleção da rainha Cristina da Suécia († 1689). Concedeu aos agricultores venda livre e direta do trigo, assim favorecendo aos mais pobres. Encerrou Alexandre sua carreira imortal em 1.º de fevereiro de 1691. Seu grandioso monumento sepulcral no Vaticano é de autoria de Arrigo de San Martino.

INOCÊNCIO XII (1691-1700)

INOCÊNCIO XII (1691-1700)

Do conclave de 1691, interrompido, aliás, por um incêndio, saiu eleito António Pignatelli, arcebispo de Nápoles. Chamou-se Inocêncio XII. Forte e vigoroso nos seus 76 anos de idade. A Igreja muito lhe deve: com a bula *Romanum decet Pontificem* extirpou a secular praga do Nepotismo. Emanou sábios decretos sôbre o uso da veste talar, sôbre a visita canônica e exercícios espirituais ao Clero, sôbre a disciplina dos religiosos etc... Introduziu o piedoso costume de se acompanhar o S. Viático. Instituiu asilos para os pobres, eliminando a mendicância das ruas. Atendeu carinhosamente aos flagelados dos terremotos e da peste. Encerrou as questões com a França de Luís XIV e o caso do "Quietismo". Êste êrro, proveniente da interpretação dada por M. Molinos às palavras de S. Agostinho: "Ama a Deus a faze o que quiseres", desencadeou acesas polêmicas, que envolveram grandes valores quais Bossuet e Fénelon. Roma, estudada cuidadosa e longamente a questão, reprovou o livro "Máximas dos Santos" de Fénelon. O humilde e nobre arcebispo, preceptor do príncipe herdeiro de França, pùblicamente se retratou.

Muito trabalhou Inocêncio em prol das Missões no Canadá, na Pérsia e na Abissínia. Contra os Muçulmanos o príncipe Eugênio de Savóia, "êsse padréco" como o alcunhara por desprêzo Luís XIV, obteve estupendas vitórias, que eliminaram do mundo o secular perigo turco. Carlos II da Espanha, sem herdeiros próximos, recorreu ao pontífice pedindo seu parecer de Pai comum da Cristandade sôbre a sucessão. O papa iniciou o Ano Santo de 1700, mas faleceu em 27 de setembro. Foi o último pontífice a usar barba, costume reintroduzido em 1527 por Clemente VII, durante o assédio de Roma.

CLEMENTE XI (1700-1721)

Clemente XI chamava-se João Francisco Albani. Possuía grande erudição; aos vinte anos admitiram-no em seu grêmio os literatos da Academia da rainha Cristina, que formavam a fina flor da literatura de então. Eleito aos 51 anos, recusou a tiara. Adoeceu até. Submeteu-se ante as conclusões de uma comissão de Teólogos. Excelente pontífice. Viveu, entretanto, numa época ingrata. Tremenda guerra ocasionava a disputa da coroa do falecido Carlos II da Espanha. Luís XIV e o imperador Leopoldo envolveram tôda a Europa nessa luta (1701-1714), como os demais conflitos, prejudicial a todos. Empenhou-se o papa em impedir e em minorar tamanha desgraça. Clemente negou ao rei das Duas Sicílias o antigo e dúbio "direito sículo" (ser representante do Papa). O rei Vitório Amadeu expulsou então 3000 sacerdotes. O pontífice lançou o interdito à ilha. Só em 1719, sob Carlos VI, regularizou-se a questão.

Na França os jansenistas ainda perturbavam a paz da Igreja, agora secundados pelo oratoriano Pascásio Quesnel, cujo livro teve o apoio do Parlamento e do arcebispo Noailles de Paris. Com a bula "*Unigenitus*", 1713, o papa condenou o Quesnelismo. Os atingidos pela bula apelaram para um concílio ecumênico; foram cognominados "*apelantes*". Clemente XI morreu em 1721, no dia de S. José, do qual era muito devoto. Canonizou S. Pio V papa, e S. André Avelino. Seu nome fulgura, também, entre os pontífices protetores das artes e das letras. Enriqueceu as bibliotecas e museus com livros antigos e obras de arte. Ordenou excavações arqueológicas nas Catacumbas. Matemáticos e astrônomos gozaram de sua especial proteção. Fundou a Academia Clementina para pintores, escultores e arquitetos. // Em 1719 criou a diocese de Belém do Pará, no Brasil.

INOCÊNCIO XIII (1721-1724)

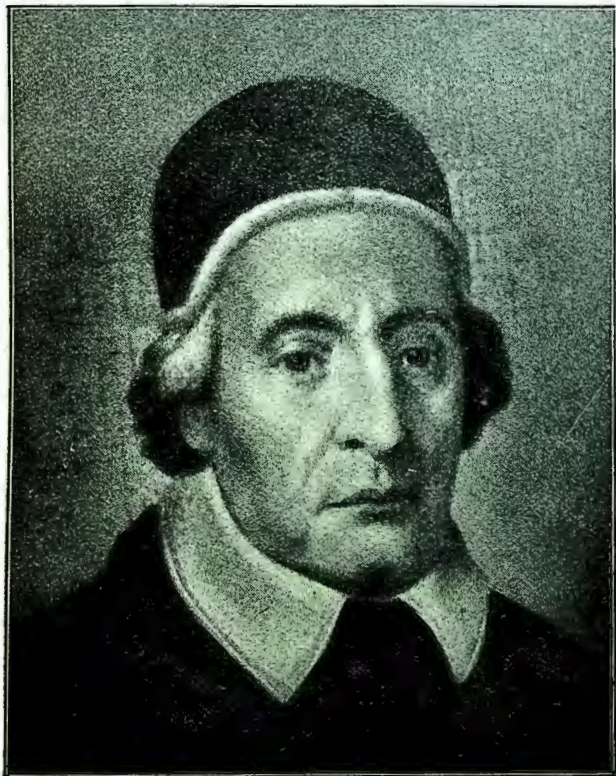
INOCÊNCIO XIII (1721-1724)

Os Romanos exultaram quando souberam eleito papa seu concidadão, Miguel Ângelo Conti, de tradicional família que dera à Igreja vários pontífices, inclusive o grande Inocêncio III. Havia meio século que se não elegia um cardeal nativo de Roma. O novo papa, eleito em 8 de maio, completara os 66 anos de idade. Estivera 12 anos em Portugal, como núncio. Espírito conciliador, procurou ganhar os fautores da heresia jansenista, reforçada então pelas simpatias dos galicanos (partidários da independência da Igreja francesa). O rei português D. João V pretendeu recusar a nomeação do núncio Bighi; depois exigiu que o mèsmo Bighi permanecesse em Portugal e fôsse nomeado cardeal... Coisas do absolutismo real que imperava então na Europa. Inocêncio teve bastante paciência. Também do Oriente vieram desgostos ao Vigário de Cristo. Várias ordens religiosas desaprovavam os métodos usados pelos jesuítas nas Missões: os chamados "*ritos chineses* e *malabáricos*", ou seja, adatações, não essenciais, do culto cristão à mentalidade dos povos da China e da Índia. O caso foi explorado pelos jansenistas contra seus fortes adversários, os Jesuítas.

O Geral da Companhia de Jesus defendeu brilhantemente a atuação dos seus missionários. Aproveitou-se, entretanto, dessa dolorosa disputa o novo imperador da China, Iong-tching, açulado pelos comerciantes holandeses, protestantes, para desencadear terrível perseguição aos cristãos. Centenas de milhares foram mortos na China e no Japão. Floridas comunidades desapareceram. Apenas algumas famílias, por um milagre de Deus, conservaram através dos séculos sua fé, mesmo sem a assistência sacerdotal, até nossos dias. Inocêncio XIII morreu de febre maligna em 7-3-1724. "Sua moderação pode servir de exemplo aos sucessores", diz Muratori.

BENTO XIII (1724-1730)

Pedro Francisco Orsini era filho primogênito do duque Fernando de Gravina. Aos 18 anos renunciou aos seus direitos ducais, para entrar no convento dos Dominicanos em Veneza. De nada valeram as súplicas e ameaças de seus parentes para afastá-lo da vocação. Sua vida foi tão edificante, que sua mãe, sua irmã e dois sobrinhos ingressaram em conventos. Professor e orador famoso, cardeal aos 23 anos de idade, arcebispo de Benevento, tornou-se célebre por seu heroísmo em socorrer os habitantes da cidade abalada por dois terremotos. Eleito papa, o humilde cardeal Gravina-Orsini, só aceitou a tiara por imposição do Superior Geral de sua Ordem "em nome da santa obediência". Chamou-se Bento XIII. "Um santo", diziam todos. Visitava diàriamente os hospitais. Acompanhava a procissão de Corpus Christi a pé. Tinha predileção pelas funções da Semana Santa. Proibiu que lhe falassem de joelhos. Coibiu o jogo a dinheiro. Curioso o fato de ter êle abolido a "pena de excomunhão", que Inocêncio X havia imposto a quem tomasse rapé na basílica Vaticana (havia outrora um exagêro ridículo na "moda" do rapé).

Inocêncio criou a Congregação dos Seminários, em prol das vocações eclesiásticas. Celebrou o Ano Santo de 1725, com piedade e alegria. A quem lhe observava que seus 80 anos não lhe permitiam a fadiga das prolongadas funções, respondia que "um papa deve morrer com o pluvial aos ombros" // Êste pontífice canonizou S. Luís de Gonzaga, S. Estanislau Kostka, S. João Nepomuceno, mártir do segrêdo da confissão, S. João da Cruz, S. Turíbio e outros. Morreu em 21-2-1730. Seus admiradores erigiram-lhe um esplêndido monumento, que sua humildade certamente rejeitaria.

CLEMENTE XII (1730-1740)

Os soberanos europeus quiseram influir no conclave de 1730. Resultou dessa descabida pretensão que os cardeais, indignados, elegeram um papa pouco simpático a tôdas as Côrtes. Excelente a escolha do cardeal Lourenço Corsini, de nobre família de Florença. Chegara aos 79 anos de idade e ficou cego aos 81, mas era robusto. "Purpurado veterano nos assuntos do govêrno, de vida exemplar, de modos principescos". Adotou o nome de Clemente XII. Sereno e imparcial, permitiu o julgamento e a prisão de Nicolau Coscia, que havia sido elevado ao cardinalato indignamente, por dolo. O novo papa repreendeu com energia o rei Carlos Emanuel III do Piemonte, porque conservava prêso seu pai abdicatário. Resolveu bondosamente a questão do núncio Bighi com D. João V de Portugal. Estimulou Felipe V da Espanha na reconstruiu monumentos, colégios etc... Morreu aos 90 anos. o rei Carlos III e o Imperador, que disputavam a posse do reino das Duas Sicílias e devastavam a Itália.

Durante êste pontificado S. Afonso de Ligório fundou a preciosa Congregação do SS. Redentor, 1732, os beneméritos "Redentoristas". Previu o papa Clemente os perigos da nova seita, a Maçonaria. Apareceu ela em Londres, 1717, constituiu-se em Grande Loja, 1723, passou à França, 1725, à Itália, 1733, a todo o mundo... Clemente condenou-a pela bula *In eminenti*, 1738, e vários papas mais tarde renovaram a condenação. Êste ativo papa defendeu a independência da minúscula República de S. Marino. Organizou museus; reconstruiu monumentos colégios etc... Morreu aos 90 anos.

BENTO XIV (1740-1758)

BENTO XIV (1740-1758)

Próspero Lambertini, de Bolonha, papa com o nome de Bento XIV: "uma das melhores cabeças que a tiara tem coroado". Eleito com 50 votos entre 51 votantes! Continuou sua vida simples de antes. Às vezes saía cedo do palácio, sòzinho. para celebrar em alguma igreja de sua devoção. À volta, entretinha-se a conversar com a gente humilde do povo pelas ruas. Relacionou-se com os maiores sábios e artistas de seu tempo, católicos e não-católicos. Cuidou de trabalhos arqueológicos. Fundou academias. Compilou o "*Bullarium*". Escreveu diversos tratados. Corrigiu o Martirológio. Deu sábia orientação ao *Index* dos livros proibidos (1718). Enviou cartas a tôdas partes da Terra. Com a bula *In eminenti* pôs fim à questão dos ritos malabáricos e chineses, unificando o culto (1742). Ocupou-se dos cristãos Armênios, Coptos, Maronitas, Melquitas etc... Confirmou o culto a S. Benedito, o glorioso santo prêto. No Brasil criou em 1745 os bispados de S. Paulo e de Mariana (Minas) e proibiu, sob excomunhão, que se escravizassem os índios.

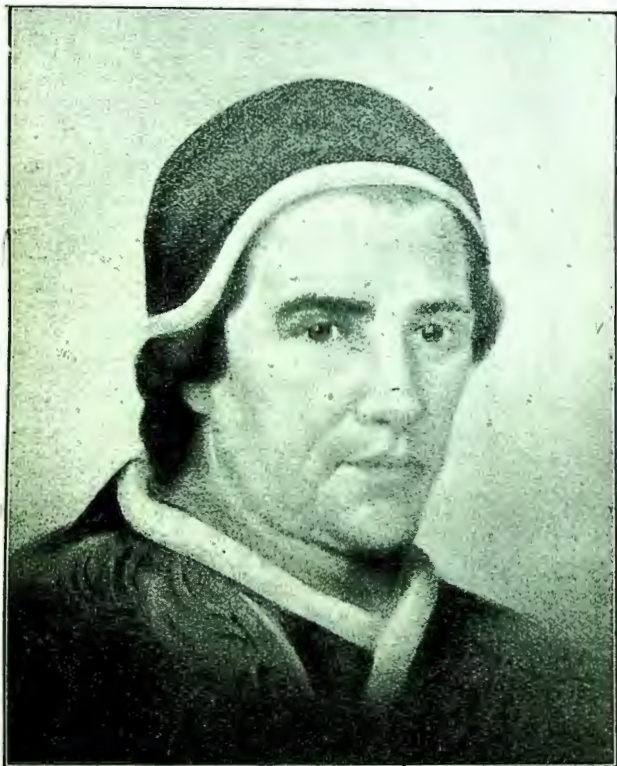
Reduziu o número de festas religiosas. Defendeu a indissolubilidade do matrimônio. Tratou benèvolamente os protestantes, a fim de atraí-los à Igreja. Assinou "concordatas" com vários soberanos: com o rei da Prússia, reconhecendo-o como tal, com a imperatriz Maria Tereza da Áustria, que qualificava o papa de "o sábio por excelência", com D. João V de Portugal, a quem concedeu o título de Rei Fidelíssimo. Enviou ao marquês de Pombal o cardeal Saldanha, para examinar as queixas do ministro contra os Jesuítas. Bento XIV morreu santamente, aos 83 anos de idade, em 3-5-1758. O filho do protestante Lord Walpole erigiu em Londres um monumento a Bento XIV, saudando-o: "Monarca sem favoritismo, papa sem nepotismo, censor sem amargor, doutor sem orgulho".

CLEMENTE XIII (1758-1769)

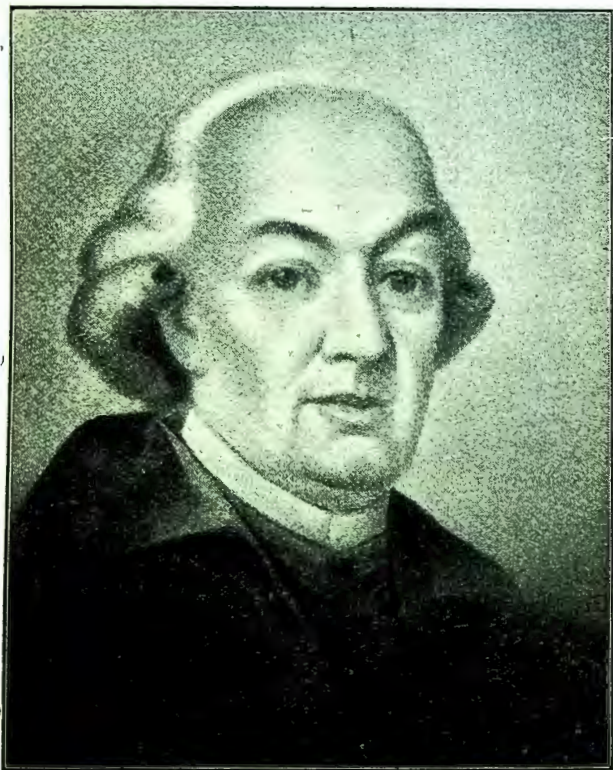
CLEMENTE XIII (1758-1769)

Clemente XIII, o nome escolhido pelo cardeal Carlos Rezzonico, de 64 anos de idade. Nascera em Veneza. Sua velha mãe agonizava durante o conclave; soube da elevação do filho horas antes de expirar. // Pacífico e bondoso, embora firme no cumprimento do dever, Clemente escreveu logo cartas afetuosas aos soberanos da Europa, empenhados na lutuosa guerra dos Sete Anos (1756-63). // O novo papa, veneziano, conseguiu extinguir a velha animosidade entre sua pátria e Roma. // Socorreu com generosidade o povo na carestia de 1764, acolhendo 14 mil pessoas. Obrigou os latifundiários a plantarem suas terras. Mandou velar nos museus as obras artísticas de realismo exagerado. Coibiu abusos de copistas inescrupulosos, que se serviam dos Arquivos romanos. Reprovou (1764) o livro em que o Hontheim (Febronius) atacava a soberania do Papa.

A negação de tôda religião, pregada sob a capa de racionalismo por Voltaire, Rousseau e outros, desencadeou a perseguição aos grandes batalhadores da Igreja, os Jesuítas. Em Portugal o marquês de Pombal implicou-os num atentado contra o fraco rei D. José; mandou queimar o Padre Malagrida (velho de 72 anos) e expulsou brutalmente os demais, também do Brasil, onde eram os únicos mestres, a base da instrução! Perseguiam-nos em França o ministro Choiseul e a marquesa de Pompadour; na Espanha o conde Aranda; no reino de Nápoles o ministro Tannucci; no ducado de Parma o chanceler Tissot... Até os cavalheiros de Malta, em sua maioria portuguêses, rejeitavam os gloriosos inacianos! Só o Papa os defendia (bula *Apostolicum pascendi munus*). // Clemente XIII morreu em 2-2-1769, amargurado pela importuna insistência dos soberanos da família Bourbon, inimigos dos Jesuítas.

CLEMENTE XIV (1769-1774)

CLEMENTE XIV (1769-1774)

João Vicente António Ganganelli era o nome de família do papa Clemente XIV. Nasceu em Rímini. Filho de um médico. Aos 18 anos vestiu o hábito franciscano, sob o nome de frei Lourenço. Estudou em Roma. Pregador de nomeada. Nomeado cardeal por Clemente XIII em 1759. Sua eleição realizou-se num prolongado conclave de três meses com 179 escrutínios! É falso que houvesse sido eleito "para suprimir a Companhia de Jesus". Certo, porém, que era bem visto pelos governos adversos aos Jesuítas. Mais certo ainda que, embora premido pelas circunstâncias, êle contemporizou quatro anos. Só em 1773 publicou o breve *Dominus ac Redemptor noster*, com o qual extinguiu a Companhia. Os soberanos Bourbons de França, Espanha, Nápoles e Parma não permitiam a permanência dos inacianos em seus países. Sebastião J. de Carvalho e Melo, conde de Oeiras e marquês de Pombal, já os expulsara das terras lusitanas. O Geral, P. Lourenço Ricci, louvàvelmente não admitia modificações essenciais na constituição jesuítica: "*sint ut sunt aut nos sint*". Prêso no castelo S. Ângelo, morreu octogenário em 1775, protestando, com humilde firmeza, a inocência de sua amada e gloriosa Companhia. Foi legítima a supressão? Sim, porque a Santa Sé tem o direito de suprimir o que instituiu. Foi prudente e oportuna? Muitos o negam.

A Companhia foi um novo Jonas atirado ao mar a fim de aplacar a tempestade e, salvo por Deus, continuar sua admirável missão. Na Prússia protestante e na Rússia cismática foram os jesuítas acolhidos com distinção. Só os ímpios se rejubilaram. Clemente não terminou vítima de remorso nem de vingança, como alguém afirmou. Faleceu plàcidamente com os SS. Sacramentos em 22-9-1774, de uma doença pulmonar contraída numa procissão em dia chuvoso.

PIO VI (1775-1799)

PIO VI (1775-1799)

João Ângelo Braschi, de Cesena, completara 57 anos ao ser eleito com o nome de Pio VI. Formara-se advogado aos 17 anos. Aos 38 ordenava-se sacerdote. Em 1773 Clemente XIV criara-o cardeal. Eleito papa, foi sagrado bispo e coroado em 22-2-1775. A paz dos anos iniciais de seu pontificado permitiu-lhe realizar obras de utilidade pública e de caridade. Reorganizou museus. Saneou os pântanos Pontinos, causa de febres malignas. Sofreu com a intromissão de alguns soberanos em assuntos da Igreja. José II, da Áustria, por exemplo, passou à História alcunhado *"o rei-sacristão"*, por perseguir conventos e religiosos, sob o manto de proteção. O papa, numa tentativa de modificar o ânimo dêsse príncipe, empreendeu até Viena uma viagem, apostólica e triunfal.

Pouco conseguiu das Côrtes, mas sôbre estas desabou a tormenta da Revolução Francesa. Tombaram os tronos, expulsaram-se ministros onipotentes, caíram cabeças de nobres e de revolucionários. A deusa Razão, representada por uma prostituta revolucionária entronizada no altar mor da catedral de Notre Dame, cedia seu "império" à revolucionária guilhotina... O Homem-sem-Deus tornou-se o Monstro. Foram imolados o bondoso Luís XVI, a nobre Maria Antonieta, o poeta André Chenier, o sábio Lavoisier, príncipes, bispos, sacerdotes, nobres e burgueses... milhares de franceses (e por último a maioria dos chefes da revolução). Das mais ilustres vítimas, Pio VI. Ocupada e saqueada Roma, os franceses levaram brutalmente o *"cidadão-papa"*, como o chamavam, através da Itália, em longa e penosa viagem até Valence, na França, onde morreu em 29-8-1799. Perdoou, como o Divino Mestre, aos seus algozes. Superara os 81 anos de idade e os 24 de pontificado, o mais longo até então depois do de S. Pedro. Foi um verdadeiro mártir.

PIO VII (1800-1823)

PIO VII (1800-1823)

À morte de Pio VI muitos ateus juravam que se sepultara o Pontificado. De acôrdo, porém, com o que deixara determinado Pio VI, os cardeais reuniram-se em Veneza. Eram 34. Elegeram regularmente o beneditino Barnabé Chiaramonti, de 58 anos, natural, também êle, de Cesena. Piedoso e afável. Filho de uma santa mãe, a Venerável Condessa Joana. Pio VII tornou-se memorável por sua luta contra o Colosso do século... Napoleão Bonaparte, orgulhoso mas inteligente, compreendeu que a França exigia a volta à sua religião. Por isso em 1802 concertou com o Papa uma Concordata, prejudicada pelos dolosos "artigos orgânicos". Em 1804 coroou-se Imperador dos Franceses, com a presença de Pio VII, que viajou até Paris, na esperança de apagar os vestígios da impiedade revolucionária. Mas Napoleão pretendeu dominar a Igreja, nomear bispos, levar o pontífice à sua política de guerras. Ante a natural recusa do Pai da Cristandade, o Corso ocupou os Estados Pontifícios, prendeu Pio VII e seu secretário o card. Consalvi. O papa esteve prêso em Savona e depois em Fontainebleau. O gênio vencedor de Marengo, Wagram, Austerlitz, ante o qual tremiam reis e povos, não conseguiu dobrar a vontade do velho e inerme monge Barnabé. Dizem que Napoleão zombara afirmando que a excomunhão não faria cair as armas das mãos de seus soldados. Entretanto o frio desarmou seu Grande Exército na campanha da Rússia, onde os soldados não conseguiam segurar os fuzis. Batido em Lípsia e em Waterloo, Napoleão acabou seus dias, 5-5-1821, na ilha longínqua de S. Helena, confortado pela Fé de sua infância. Por êle interessou-se apenas Pio VII, que também acolheu em Roma a velha mãe de seu inimigo. Pio VII entrara na Cidade Eterna em 25-5-1814. Restabeleceu a Companhia de Jesus. Faleceu em 20-8-23, aos 82 anos de idade e 23 e meio de pontificado.

LEÃO XII (1823-1829)

LEÃO XII (1823-1829)

Com o nome de Leão XII subiu ao sólio pontifício o cardeal Aníbal Della Genga, de 63 anos, nascido no castelo de Osimo, perto de Ancona. Alegou contra sua eleição seu precário estado de saúde. Ao outro candidato, seu grande amigo card. Castiglioni, predisse que seria seu sucessor. Alto, majestoso, um belo homem, mas também muito modesto e simples, Leão XII era admirado por todos. Renovou o costume de se dar refeição diária a doze pobres em seu palácio. Determinou que o dinheiro a ser gasto na festa de sua coroação, fôsse distribuído em vales de carne e pão aos pobres de Roma, em dotes a cem moças casadouras e em diminuir certos impostos. Procurou extinguir o banditismo no centro da Itália e a embriaguez em Roma. Mas sua bondade cerceou as medidas enérgicas que se faziam mister. No ano de 1800 não se havia celebrado o Ano Santo, por causa das guerras. Em 1825 o papa publicou o jubileu. Acorreram a Roma peregrinos em número superior a meio milhão. O pontífice visitou, de pés descalços, as Basílicas e subiu de joelhos a Escada Santa (Relíqua do palácio de Pilatos). Reintegrou os Jesuítas no Colégio Romano, com grandes e merecidos elogios.

Renovou a condenação da Maçonaria e de seus afins, os Carbonários, concedendo, porém, ampla anistia aos que renunciassem à seita.

Assinou felizes concordatas com príncipes alemães e com Guilherme I da Holanda, protestantes.

Piedosamente morreu Leão XII em 5 de fevereiro de 1829, recitando, lúcido e calmo, as orações dos agonizantes. Em 1826 criara as dioceses de Goiás e Cuiabá, no Brasil.

PIO VIII (1829-1830).

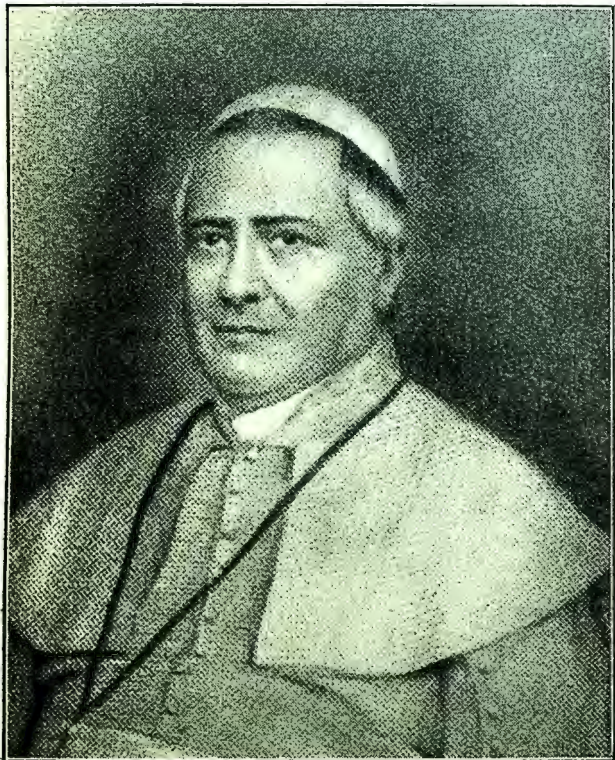
PIO VIII (1829-1830)

Francisco Xavier Castiglioni obteve 47 votos dos 50 participantes do conclave de março de 1829. Chamou-se Pio VIII. Contava 67 anos de idade. Nascera de família nobre, em Cíngoli, perto de Ancona. Laureado em Bolonha, colaborador das "*Institutiones Juris Canonici*", gozava fama de excelente jurista. Estudioso, era autoridade também em arqueologia e numismática. Quando bispo, estivera prêso, por se negar a obedecer a Napoleão Bonaparte. O novo papa, no dia de sua coroação, comutou as penas de todos os presos políticos (Carbonários). Pio escreveu belas encíclicas sôbre os males da época: indiferença religiosa, desrespeito ao matrimônio, propaganda protestante e atividade maçônica. Aprovou a elevação de Luís Felipe ao trono de França; tinha em vista a paz do povo francês. Pio VIII alegrou-se com o progresso do catolicismo nos Estados Unidos da América do Norte. Nesse país a sincera e honesta liberdade religiosa, permitida pela Constituição, favoreceu os católicos. Realizou-se o 1.º Concílio de Baltimore. Na Inglaterra os perseguidos católicos obtiveram a "igualdade de direitos" (1829). Na Oceânia — Austrália e Nova Zelândia — nesses confins da Terra, os Beneditinos iniciavam prósperas missões. Pio VIII atuou com êxito em favor dos católicos Armênios, oprimidos pelos Russos cismáticos e pelos Turcos maometanos. Insistiu para que no Brasil se extinguisse a escravidão negra. Em 1830 a católica Bélgica separava-se da então protestante Holanda e fazia prosperar a vida religiosa. Êste papa resolveu de modo satisfatório a questão dos casamentos mistos (católicos com protestantes) na Prússia. Faleceu em 20 de novembro de 1830. Seu sepulcro na basílica Vaticana apresenta quatro figuras sugestivas: Cristo, Pedro, Paulo e Pio VIII.

GREGÓRIO XVI (1830-1846)

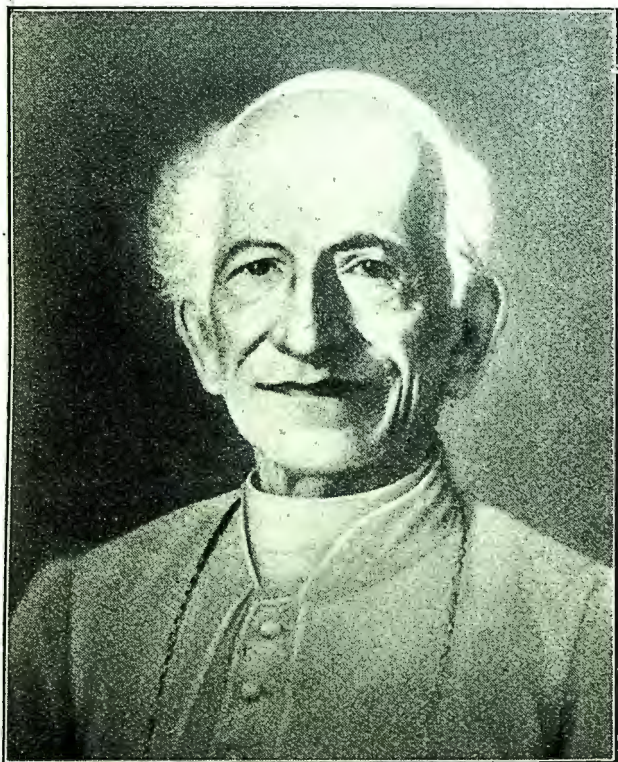
Mauro Cappellari, de 65 anos, nascido em Belluno, ao norte de Veneza, assumiu o nome de Gregório XVI. Era religioso da Ordem dos Camaldulenses, de que fôra Superior em 1823. Cardeal em 1825 e prefeito da De Propaganda Fide. Douto, carinhoso com os livros, escondera dos invasores napoleônicos a valiosa biblioteca do claustro de S. Miguel. Feito papa, ampliou os museus e deu valioso impulso aos estudos arqueológicos. Estimulou G. Moroni, autor do "Dicionário de Erudição", obra colossal em 103 volumes. Executou obras públicas de valor e utilidade, inclusive a pavimentação de estradas. // Padeceu o bondoso pontífice por causa dos revolucionários. Aproveitaram-se êstes do sôpro de novidades políticas que perpassava pela Europa. Exploraram hàbilmente o sentimento nacionalista de unificação da Itália. Proclamaram a República. Depuseram vários duques. Entre os agitadores encontravam-se os ingratos sobrinhos de Napoleão, cuja família só achara guarida junto ao Papa! O republicano Mazzini fundou o partido anti-clerical "Jovem Itália".

A Áustria, em defesa de seus domínios, impôs pelas armas uma ordem efêmera à península.

Gregório XVI reprovou os erros de Lamennais na França e de J. Hermes na Alemanha. Apoiou as instituições de caridade do discutido filósofo A. Rosmini. Do pontífice obtiveram caloroso apoio as Missões em todo o mundo. Instituiu 500 bispados. Defendeu com energia os oprimidos católicos da Polônia e recebeu em Roma a visita do Czar Nicolau I da Rússia. Canonizou vários santos, entre êles o doutor da Igreja, S. Afonso de Ligório, fundador dos prestimosos apóstolos das "Santas Missões", os Padres Redentoristas. Gregório XVI faleceu santamente em 1-6-1846, aos 81 anos de idade.

PIO IX (1846-1878)

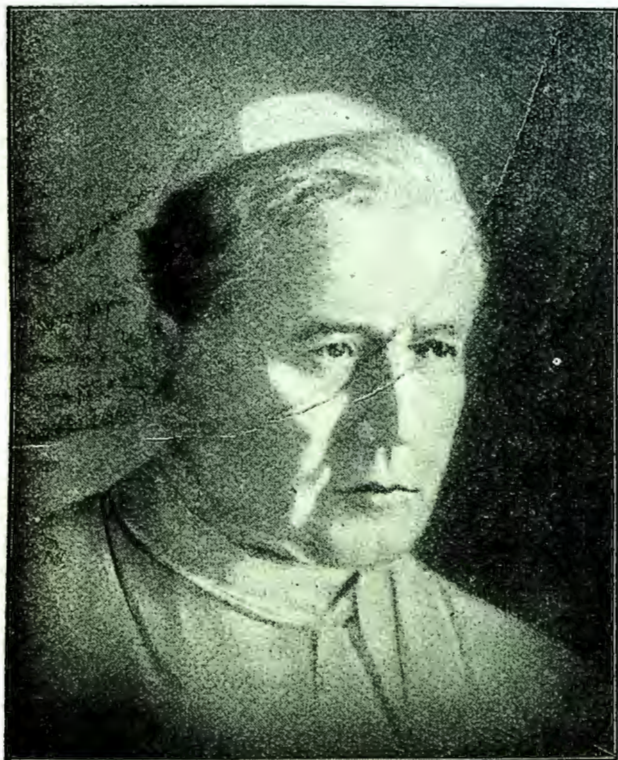
PIO IX (1846-1878)

O conde João Maria Mastai Ferretti, de Sinigaglia, chamou-se Pio IX em 16-6-1846. Seu pontificado, o mais longo depois do de S. Pedro, durou quase 32 anos. Estêve na América (1823), diplomata no Chile. Arcebispo de Espolêto, salvara a vida de revolucionários, inclusive do futuro Napoleão III. Acolhida com tanto júbilo sua eleição pelos liberais que se cantava: — "O Dio, o Dio, l'Itália é un pollaio, tutti gridan: Pio, Pio"...

Queriam que o Papa fôsse o presidente da Itália. Para tanto era preciso destronar os outros príncipes...E o firme "*non possumus*" de Pio, transformou o entusiasmo em ódio. Revoluções. Perseguições. Ê apunhalado Iossi, ministro papal. Pio refugia-se em Gaêta. Vitório Emanuel, rei do Piemonte, com Napoleão III vence a Áustria; com Garibaldi destrona o rei de Nápoles. Esmaga os heróicos voluntários pontifícios de Lamoricière, em Castelfidardo. Ocupa tôda a Itália, menos o Lázio, defendido agora pelos franceses (1860). Garibaldi é derrotado duas vêzes, mas a Alemanha vence a França (1870) e Roma, então, desguarnecida, bombardeada, cai nas mãos de Vitório. // O Céu compensou-lhe os sofrimentos terrenos com glórias celestes: a proclamação do dogma da Imaculada Conceição (1854); a publicação do *Syllabus* a alertar os fiéis contra erros insidiosos; as aparições de N. Senhora em Lourdes (1858); o Concílio Vaticano (1870), com 740 bispos, que proclamou o dogma da Infalibilidade do Papa; novo vigor na Igreja etc... Provas solenes de presença de Cristo na Barca de Pedro. Em 1869 aprovou a Pia Sociedade Salesiana, fundada por S. João Bosco, de quem foi protetor e grande amigo. // Pio IX morreu em 7-2-1878, aos 86 anos. Os anticlericais pretenderam atirar seu corpo ao rio, como se pudessem, com isso, apagar a glória luminosa de Pio IX, o Grande!

LEÃO XIII (1878-1903)

LEÃO XIII (1878-1903)

O cardeal camerlengo Joaquim Pecci deu os três golpes rituais com o martelo de prata na fronte do falecido Pio IX, chamando: "João, João, João". Recolheu então o "anel do Pescador". Doze dias depois recolhia também a tiara, eleito papa com o nome de Leão XIII. "*Lumen de coelo*", luz do Céu, mestre do povo cristão, inteligência rara, subiu ao sólio pontifício no centenário daquele Voltaire que acoimara a Igreja de ignorante e lhe predissera o próximo fim... // Leão XIII nasceu em Carpineto (2-3-1810), filho dos Condes Pecci. Aluno dos Jesuítas e da Academia dos Nobres. Doutor, de várias láureas, aos 21 anos. Núncio na Bélgica. Por 32 anos arcebispo de Perúgia. // Célebres suas encíclicas: — *Aeterni Patris*, que inculca os estudos filosóficos e aponta o mestre — S. Tomás (que brilho nas Universidades de Roma, Lovaina, Friburgo, Washington!...); — *De Matrimonio Christiano;* — *De secta Massonum*, sôbre a Maçonaria (1884); — *De Principatu* e *De libertate humana*, aos soberanos e aos povos; — *Providentissimus Deus*, sôbre os estudos bíblicos (1893) etc...

A mais conhecida é a *Rerum Novarum* (15-5-1891), admirável programa social, que mostra a lúcida previdência do Pontífice na solução dos problemas operários. // Leão foi escolhido árbitro na questão das Ilhas Carolinas, entre a Espanha e a Alemanha. Neste país a Igreja triunfou da árdua luta pela cultura — *Kulturkampf* — provocada pelo chanceler Bismarck. // Leão protegeu literatos e artistas. Teve por Secretário de Estado o valioso Cardeal Rampolla. Recebeu provas de estima de todo o mundo, inclusive dos soberanos da Inglaterra e da Alemanha. Em 1888 enviou à Princesa Isabel do Brasil a *rosa de ouro*, cumprimentando-a pela libertação dos escravos. // O ano jubilar de 1900 viu em Roma mais de meio milhão de peregrinos. // Leão nomeou 146 cardeais em seu longo pontificado. Morreu em 20-7-1903, aos 93 anos de idade.

PIO X (1903-1914) Bem-aventurado

José Sarto, o bem-aventurado Pio X, era filho de um humilde carteiro de Riese (Treviso, ao norte de Veneza). Nasceu em 2-6-1835. Modesto pároco por muitos anos. Bispo de Mântua em 1884. Patriarca de Veneza em 1895. O cuidado das almas e os estudos sagrados eram a sua preferência. Eleito papa, sua família continuou na pobreza: em seu testamento Pio endereçou aos Cardeais o pedido de uma esmola mensal às suas irmãs velhinhas. // No conclave de 1903 o car. Puzyna de Cracóvia apresentara o absurdo *veto* de Francisco da Áustria à escolha do nome do Card. Mariano Rampolla, julgado francófilo. Pio X deu nova constituição aos conclaves, impedindo para o futuro a repetição de tão grave atentado. // Seu lema: "*Instaurare omnia in Christo*". Encorajou cientistas; codificou o direito canônico; criou o Instituto Bíblico; ordenou a revisão da Vulgata; reformou o missal e o breviário. Protegeu a música sagrada de seu tempo (L. Perosi e outros grandes maestros). A importante encíclica *Pascendi Dominici gregis*, 1907, condenou os erros do Modernismo, movimento anti-católico que, partindo de Kant e de Hegel, leva ao racionalismo e idealismo de A. Harnak, Renan etc...

Pio X alegrou-se com os progressos católicos na Alemanha, na Inglaterra e na América (no Brasil criou 22 bispados e 7 arcebispados). Confortou os religiosos duramente perseguidos na França (1905) e em Portugal (1910). // Pio X, o belo e suave pontífice, de coração muito sensível, morreu de angústia, em 20 de agôsto de 1914, envidando esforços para impedir a I Guerra Mundial. "Morreu um Santo", diziam todos. Comprovados seus milagres, foi, com júbilo universal, beatificado por Pio XII, em 3-6-1951. Notável a beleza física, imperecível a beleza moral do Papa da Eucaristia, do Papa da Crianças.

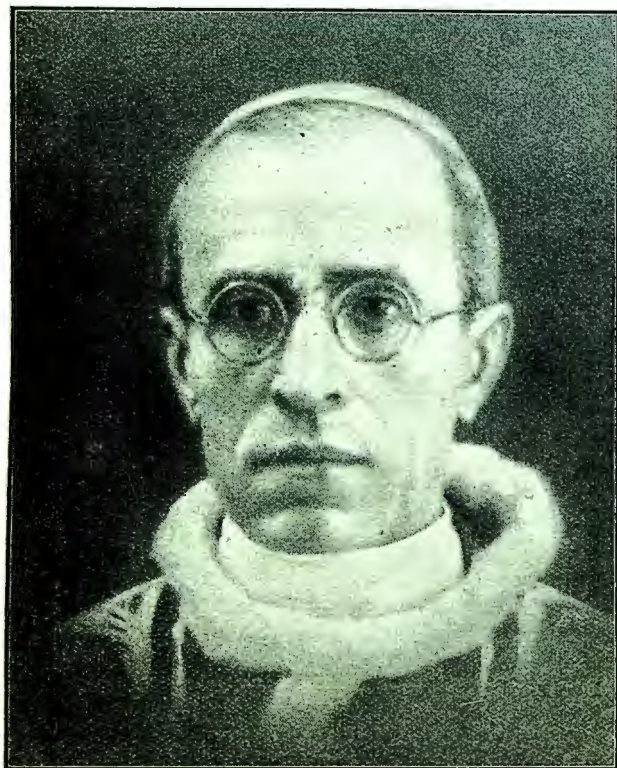
BENTO XV (1914-1922)

BENTO XV (1914-1922)

Bento XV, apelidado "o papa da guerra" pela sua admirável caridade, chamava-se Tiago. Filho dos marqueses Della Chiesa, nasceu em Pegli (Gênova). Formou-se em Direito: civil, canônico e internacional. Sacerdote no Natal de 1878. Arcebispo de Bolonha em 1907, cardeal em junho de 1914. Em 3 de setembro, eleito Papa. A êle se aplica o dístico: "*Religio depopulata*". A guerra devastava o mundo. O Papa empregou tôdas as suas fôrças em minorar os sofrimentos morais e físicos causados pela desumana conflagração. Impediu represálias, trocou prisioneiros, socorreu feridos, repatriou exilados... A fátua e inútil Sociedade das Nações, fundada sem a cooperação da Religião, fracassou miseramente. Mas a Turquia muçulmana erigiu em Constantinopla (1919) uma estátua a Bento XV, agradecida à caridade do Papa ("*Ao grande pontífice... benfeitor dos povos sem distinção de raça ou de religião... agradecido, o Oriente*"). O número de Nações que mantinham representantes junto ao Vaticano, ascendeu de 14 a 27, inclusive a Inglaterra (após três séculos e meio de afastamento de Roma!). O govêrno da França, que recebera durante a guerra sobejas provas do patriotismo heróico dos católicos (por ex., o grande Marechal Foch era irmão de um jesuíta) reatou as relações diplomáticas com a S. Sé. // Bento XV em 1915 concedeu a celebração de três missas no dia de Finados. Em 1917 promulgou o novo *Codex Juris Canonici,* trabalho importantíssimo. Tomou parte na celebração dos Centenários de S. Jerônimo, da Ordem Terceira Franciscana, de S. Domingos de Gusmão, de Dante Alighieri e de Palestrina. Acrescentou às Ladainhas de N. Senhora a invocação "Rainha da Paz". Canonizou solenemente S. Joana d'Arc, a heroína francesa, e S. Margarida Alacoque, a santa da devoção ao S. Coração de Jesus. Faleceu Bento XV em 22-1-1922.

PIO XI (1922-1939)

PIO XI (1922-1939)

Ambrósio Damião Aquiles Ratti, o papa Pio XI, nasceu em Desio, ao norte de Milão, em 31-5-1857. Filho de industriais. Robusto. Denodado alpinista. Laureado em Direito e em Teologia. Poliglota. Dedicou-se, por 30 anos, às bibliotecas Ambrosiana e Vaticana. Núncio na Polônia e, após cinco meses como cardeal-arcebispo de Milão, eleito papa em 5-2-22. Assinou concordatas com diversos países. Criou a Comissão de Socorros à Rússia, devastada pela guerra. Ocupou-se da questão operária. Combateu o ateísmo da teoria comunista. Intercedeu pela paz na guerra do Chaco (Paraguai x Bolívia). Confortou os católicos perseguidos no México de Calles. Resolveu a *questão romana* dos Estados Pontifícios e de Roma, ocupados em 1870 pelo govêrno italiano: pelo Tratado de Latrão foi reconhecida como estado independente a Cidade do Vaticano. Ergueu sua voz em favor dos judeus, que sofriam perseguição na Alemanha de Hitler. Fundou a Ação Católica, de âmbito mundial. Impulsionou de modo admirável as Missões, foi realmente "*Fides Intrepida*". Consagrou pessoalmente os primeiros seis bispos chineses e um japonês. Maravilhosas as Exposições em Roma: Missionária em 1925 e da Imprensa Católica em 1936. Benzeu pessoalmente mais de 30 mil pares de recém-casados. Canonizou 34 santos, entre os quais S. Teresa do Menino Jesus — a santinha de Lisieux —, S. João M. Vianney — o celebrado Cura d'Ars —, S. João Bosco — fundador dos Salesianos —, S. Bernadette Soubirou de Lourdes, S. João Eudes, S. Tomás More e S. João Fischer da Inglaterra... // Pio XI incrementou os estudos e as ciências: em todo o mundo seminários, e em Roma os Institutos Bíblico, Oriental e Arqueológico, a Academia de Ciências, o Observatório Astronômico, a Estação de Rádio montada por G. Marconi etc... Morreu Pio XI amargurado na previsão de nova guerra mundial. Foi o Papa da Paz, o Papa da Ação Católica, o Papa das Missões.

PIO XII (1939...)

PIO XII (1939...)

Eugênio Pacelli nasceu em Roma, em 2-3-1876. Em seu 63.º aniversário natalício chamou-se Pio XII. Laureado em teologia e direito. Prefeito de "S. Ivo", associação de advogados para defesa gratuita dos pobres. Sacerdote em 1899. Arcebispo de Sardi e núncio na Baviera (tomou posse no dia da 1.ª aparição de N. Senhora de Fátima) em 1917. Sua habilidade nas horas trágicas de guerra guindou-o a núncio em Berlim (1925). Estimava-o o velho von Hindenburg. O órgão da Liga Evangélica elogiou "a dignidade e perícia do Núncio, futuro cardeal, provável papa"... Cardeal em 16-12-29. Secretário de Estado e Camerlengo. Legado ao Congresso Euc. de Buenos Aires. Estêve no Brasil (1934), em cujo Parlamento discursou em português. Legado na França e na Hungria. Visitou os Estados Unidos, recebido com festas excepcionais. // Eleito papa num conclave de 62 cardeais. Os Romanos deliraram: após 213 anos tinham finalmente um papa nascido em Roma! // Os govêrno não ouviram seus apelos de paz ("Pelo sangue de Cristo... escutem-Nos os fortes para que se não tornem fracos na injustiça"...). A II Guerra Mundial dilacerou o coração do pontífice. Serviu, entretanto, para pôr em evidência o seu valor: Roma foi salva ùnicamente pelo Papa; os prisioneiros, os judeus, os prófugos, os perseguidos, tiveram todos guarida no coração de Pio XII. E o Ano Santo de 1950, com mais de 3 milhões de peregrinos, foi o mais brilhante até hoje. E as dezenas de beatificações (por ex., de Pio X) e canonizações (v. gr., Antonio M. Claret, Maria Goretti, M. Mazzarello...) atestaram o fulgor divino da Igreja. Desapareceram exércitos, tombaram poderosos chefes, ruíram tronos e nações... No turbilhonar das vicissitudes humanas permanece impávida a Rocha de Pedro! De lá nos vem, suave e firme, verdadeira, divina, a voz do Vigário de Cristo: — "Dai glória a Deus nas alturas e haverá paz na terra aos homens de boa vontade".

ELENCO CRONOLÓGICO DOS PAPAS

Pág.

Pág.

ELENCO ALFABÉTICO DOS PAPAS

Pág.

Pág.

OBRAS CONSULTADAS

Allard — Storia delle persecuzione, Firenze, 1931.

Boulenger A. — Historie Générale de l'Église, Lyon, 1935.

Blunt J. H. — History of English Reformation, London, 1868.

Câmara Cardeal — Apontamentos de História Eclesiástica, Ed. Vozes, Petrópolis, 1942.

Cantu C. — História Universal, Ed. das Américas, São Paulo, 1950.

Chantrel F. — Histoire Générale de l'Église, Paris, 1872.

Civiltà Cattolica (La) — Rivista, Roma.

Duchesne L. — Histoire encienne de l'Église, Paris, 1906.

Fliche-Martin — Histoire de l'Église, Paris, 1938-1949.

Goud Anthelmo — Biographias dos Sumos Pontifices, Ed. Salesiana, Niterói, 1902.

Gregorovius F. — Geschichte der Stadt Rom im Mittelalter, Stuttgart, 1859-1872.

Grisar H.— S. J. — Geschichte Roms und der Papste, Freiburg, 1901.

Guiraud J. — L'inquisition au Moyen Age, Paris, 1935 e 1938.

Hauck-Herzog — Realenzyclopadie fur Protestantische Theologie, Leipzig, 1896-1913.

Hefele-Knoppler — Konziliengeschichte, Tubingen, 1855-1874.

Hergenrother J. — Handb. d. allg. Kirchengeschichte, Freiburg, 1876-1880.

Leclercq — Les Martyres, Tours, 1921-1922.

Lee Carleton — Source book of English History, 1900.

Lehmann J. — S. V. D. — O Brasil Católico, Juiz de Fora, 1943.

Leite Serafim — S. J. — História da Companhia de Jesus no Brasil, Lisboa-Rio de Janeiro, 1938-1950.

Llorca B. — S. J. — Manual de História Eclesiástica, Barcelona, 1942.

Magalhães Basílio — História do Brasil, Liv. Alves, Rio, 1942.

Marx J. — Manuale di Storia Ecclesiastica, Firenze, 1913.

Migne — Patrologias Cursus completus, Paris, 1844-1866.
Mourret F. — Historie générale de l'Église, Paris, 1921.
Mourret et Carreyre — Précis d'Histoire de l'Église, Paris, 1930.
Muratori L. — Annali d'Italia, Lucca, 1762-1764.
Pastor (Ludovicus von) — Geschichte der Papste seit dem Ausgang des Mittelalters bis jetzt, Freiburg, 1885-1933.
Revue des questione historiques — Paris.
Revue d'histoire ecclésiastique — Louvain.
Rivista Storica Italiana — Torino.
Romag D. — O. F. M. — Compêndio de História da Igreja, Petrópolis, 1939.
Roumanie L. — S. J. — Martirológio Romano, Ed. Paulinas, São Paulo, 1948.
Ruiz Amado — S. J. — Curso de História, Barcelona, 1915.
Saba A. — Storia della Chiesa, Utet, Torino, 1938-1943.
Saba-Castiglioni — Storia dei Papi, Utet, Torino, 1939.
S. João Bosco — Le Vite dei Papi, "Opera e scritti", vol. 2.º SEI, Torino, 1932.
Storia Politica d'Italia, Vallardi, Torino, 1910.
Todesco L. — Corso di Storia della Chiesa, Torino, 1938-1942.
Weiss — R. Amado — Historia Universal, Barcelona, 1927-1932.

Êste livro foi composto e impresso em Abril de 1952, na GRÁFICA MERCÚRIO S. A. Al. Cleveland, 303 - S. Paulo para a Editôra das Américas